

A woman in a white wedding dress is shown from the waist up, holding a large bouquet of yellow flowers. She is looking down at the bouquet. The background is a soft, out-of-focus light color.

GRH

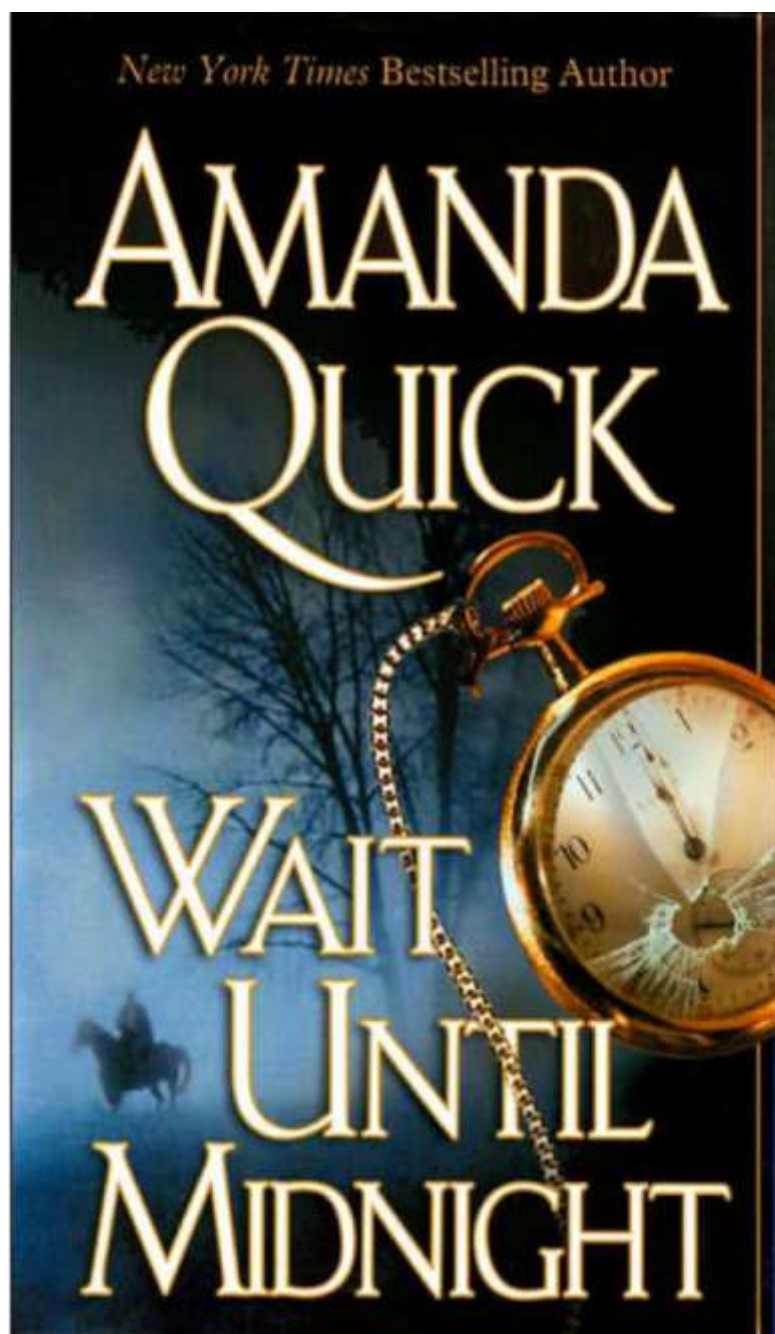
Romances Históricos

*Tradução/Pesquisa: GRH
Revisão Inicial: Jory K.
Revisão Final: Ana Júlia
Formatação: Ana Paula G.*



Amanda Quick

Ao Chegar a Meia-Noite



Resumo

Na Londres vitoriana, a jovem viúva Caroline Fordyce publica por capítulos suas bem – sucedidas novelas de mistério. Enquanto escreve a última delas, **O Cavaleiro Misterioso**, Caroline tem problemas para definir o personagem do vilão; por isso quando Adam Hardesty, um homem da alta sociedade londrina, apresenta – se numa manhã em seu estúdio para interrogá – la sobre uma sessão de espiritismo que a jovem assistiu na noite anterior, e depois da qual se encontrou morta a médium que a oficiava, a dura fisionomia do indivíduo dá a Caroline a ideia exata de como descrever seu personagem.

Seu «cavaleiro misterioso», entretanto, esconde um segredo: o motivo que o levou a revistar a casa da médium morta e que o instiga agora a continuar investigando o caso é a busca de um diário íntimo perdido que se for divulgado, revelaria sombrios segredos sobre seu passado familiar. Espantosamente, o habitual desinteresse de Adam pelos assuntos do coração se vê de repente questionado diante da forte atração que exerce sobre ele a jovem e bela escritora, sua principal suspeita.

Logo ambos descobrirão que têm em comum mais do que acreditam enquanto entram em uma complexa trama de mortes, poderes psíquicos e fraudes financeiras em que deverão aprender a confiar um no outro, mesmo que nada seja o que pareça.



RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Amanda Quick

Amanda Quick é um dos pseudônimos da reconhecida escritora Jayne Ann Krentz, que também assina algumas de suas obras como Jayne Castle, Jayne Bentley, Amanda Glass ou Stephanie James. Desde que iniciou no mundo da literatura em 1979, publicou mais de uma centena de novelas que alcançaram vendas milionárias.

Licenciada em História, a escritora é uma acérrima defensora da novela romântica a qual qualifica de gênero com sua própria linguagem e idiossincrasia, ao mesmo tempo em que afirma sentir—se muito feliz escrevendo novelas sobre as fantasias favoritas das mulheres.

Dentre sua extensa obra publicada cabe citar *Sedução* (1990), *Rendição* (1990), *Escândalo* (1991), *Entrevista de amor* (1991), *A imprudente* (1992), *Fascinação* (1992), *Engano* (1993), *O perigo da paixão* (1993), *A amante* (1994), *Amor mágico* (1995), *As armadilhas do amor* (1996), *Os anéis de Afrodite* (1998), *Não devo te amar* (1999), *Segredos* (2000), *Um passado sombrio* (2001) e *Não olhe para trás* (2002).



Comentário Revisora Inicial Jory K.

História muito gostosa, cheia de suspense, reviravoltas, e claro, um grande amor. Como fã desta escritora, só posso dizer que achei PERFEITA. Espero que gostem tanto quanto eu.

Comentário da Revisora Final Ana Júlia

O livro é interessante, gostoso de ler, que te prende do início ao fim com uma trama muito bem elaborada, que envolve um mistério sobre as mortes de duas “médiuns” que leva ao encontro de nossos heróis, ambos com um passado que gostariam de apagar, e determinados a encontrar o verdadeiro assassino... É um romance policial divertido que espero que gostem tanto como eu... Boa leitura.

Prólogo

Nos últimos anos do reinado da rainha Victória...

Assombrosa Exibição de Poderes Psíquicos

Por Gilbert Otford

Correspondente do The Flying Intelligencer

A senhora Fordyce, renomada escritora, fez recentemente uma emocionante demonstração de seus poderes psíquicos em um ambiente íntimo, diante de um público reduzido e exclusivamente feminino.

Quem assistiu descreveu uma cena fascinante. A estadia estava escura, e reinava uma atmosfera muito dramática. A senhora Fordyce estava sentada em uma mesa, sozinha, iluminada por um único abajur, e dali respondia às perguntas e fazia observações de caráter pessoal sobre muitas das senhoras presentes.

Uma vez finalizada a exibição, a opinião generalizada era que a única explicação possível para a insólita capacidade da senhora Fordyce de responder corretamente ao que lhe perguntavam, é que possui faculdades psíquicas extraordinárias. A precisão surpreendente de seus comentários sobre as mulheres que se encontravam na sala, desconhecidas para ela, causou uma profunda impressão.

Depois, a senhora Fordyce se viu rodeada de pessoas que lhe solicitavam que levasse a cabo sessões de espiritismo em suas casas. Também lhe propuseram que entrasse em contato com o

senhor Reed, presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas, para que efetuassem umas provas na Wintersett House, sede da associação. Ela declinou todos estes convites e deixou claro que não ofereceria mais nenhuma amostra, nem exhibições de seus poderes.

Quem estuda estes fenômenos sustenta de uma maneira geral, que o uso das faculdades psíquicas produz uma tensão considerável nos nervos, que de acordo com a natureza, são mais frágeis nas mulheres que nos homens.

O senhor Reed declarou a este correspondente que a preocupação pela saúde de seus nervos é a única razão para que uma espírita profissional se mostre relutante em realizar demonstrações. Explicou que a inata delicadeza emotiva e a modéstia que caracterizam uma autêntica dama contribuem para que qualquer mulher dotada, tanto de faculdades psíquicas, como de um agudo sentido de decoro, resista a fazer ostentação de seus poderes em público.

Capítulo 1

O rosto da médium morta era uma mancha apagada e fantasmagórica sob o véu ensanguentado.

Em vida, tinha sido muito bonita. A saia longa e pesada do vestido azul marinho, estava amassada em torno de suas pernas torneadas, vestidas em meias brancas. O atizador de ferro com que o assassino lhe tinha destroçado a parte posterior do crânio estava jogado no chão, a poucos centímetros.

Adam Hardesty cruzou a pequena e sombria estadia, fazendo um esforço por cruzar a barreira invisível formada por aquele aroma tão peculiar e frio que emana da morte. Agachou—se junto ao corpo e sustentou a vela no alto.

Através do fino véu, viu o brilho das contas azuis que adornavam o colar que Elizabeth Delmont usava, combinando com o par de brincos pendurado em suas orelhas. No chão, junto a seus dedos pálidos e inertes, havia um relógio de bolso quebrado. O cristal que cobria a esfera estava em pedaços, e os ponteiros haviam ficado detidos para sempre, marcando as doze da noite.

Hardesty tirou o seu próprio relógio de bolso de suas calças e deu uma olhada. Eram duas e dez. Se o relógio, que se encontrava sobre o tapete, houvesse se quebrado no transcurso da violenta resistência, que ao que parecia aconteceu na estadia, Delmont tinha sido assassinada há pouco mais de duas horas.

Um broche de luto, decorado com esmalte negro, descansava sobre o corpete apertado e de formas rígidas, do vestido azul. Era

como se alguém tivesse deixado o alfinete ali, deliberadamente, em uma macabra paródia de respeito fúnebre.

Hardesty pegou o broche e o virou para ver seu dorso. A chama da vela iluminou uma pequena fotografia: o retrato de uma mulher loira, com um véu e um vestido branco. A dama não aparentava mais de dezoito ou dezenove anos. Algo na expressão triste e resignada de seu rosto formoso e sério dava a impressão de que não tinha muitas ilusões com a perspectiva do seu casamento. Sob o retrato havia um cachinho de cabelo loiro abaixo de um cristal bisotado.

Hardesty estudou a imagem da mulher durante um bom tempo, memorizando todos os detalhes visíveis na diminuta fotografia. Quando terminou colocou cuidadosamente, de novo, o broche sobre o corpete de Delmont. Possivelmente, a polícia o consideraria uma pista útil.

Ao levantar—se, virou devagar sobre seus saltos e percorreu com os olhos a estadia em que tinham assassinado Elizabeth Delmont. Parecia que uma tempestade tinha passado por ali, deixando atrás de si uma esteira de destruição. A mesa grande de centro estava derrubada, o que deixava a descoberto um estranho mecanismo instalado embaixo. Sem dúvida Delmont empregava o artefato oculto para fazer com que o pesado objeto de madeira flutuasse e se inclinasse no ar. As pessoas crédulas que contemplavam o espetáculo interpretavam estes fenômenos como sinais da presença de espíritos.

Ao lado da mesa havia duas gavetas bem embaixo do tampo. Ambas estavam abertas. Hardesty se aproximou e provou a fechá—

las. Tal como suspeitava, quando se encontravam fechadas, passavam totalmente despercebidas.

Deslizou as pontas dos dedos pela borda da mesa quadrada em busca de outras gavetas que estivessem engenhosamente escondidas. Mas não encontrou nenhuma.

Havia muitas cadeiras atiradas no chão e bugigangas das mais diversas esparramadas sobre o tapete, entre elas uma flauta, um trompete, sinos e um carrilhão.

Uma haste telescópica, uma lousa e alguns cadeados se amontoavam junto a um armário próximo. Hardesty recolheu um dos cadeados e o examinou a luz da vela. Demorou só alguns segundos para encontrar a mola oculta que podia ser acionada para abri—lo sem necessidade da chave.

Ao lado de uma cadeira viu um braço cadavérico que parecia ter sido amputado com perícia à altura do cotovelo. Ainda tinha a mão de linhas elegantes, acoplada. Ele a empurrou suavemente com a ponta do sapato.

Cera de abelha, concluiu; modelada com toda minúcia, das brancas unhas até as raias da palma.

Hardesty era um cético e não participava absolutamente do furor que causava a investigação psíquica. Mesmo assim, era muito consciente de que quando os jornais publicassem a notícia do assassinato da médium, seriam muitos os que acreditariam que Delmont tinha morrido pelas mãos de espíritos perigosos vindo do “Além”, invocados por ela.

Com relação aos escândalos, ele tinha uma única norma que seguia rigorosamente: Não se envolva em nenhum. A última coisa que lhe interessava era que a morte de Delmont tivesse muita

ressonância nos jornais, mas ao que parecia, já era muito tarde para evitar. Só lhe restava esforçar—se para impedir que seu nome aparecesse nos artigos.

Gravou em sua mente o resto da sala de sessões espirituais, pois supunha que era o lugar da casa onde provavelmente, ela escondia seus segredos. Ele encontrou mais três compartimentos ocultos, um na parede e dois no chão, mas não encontrou o menor vestígio do diário.

Quando terminou subiu as escadas, entrou no quarto de Elizabeth Delmont e examinou metodicamente todas as gavetas e o roupeiro.

Foi inútil. O único objeto que captou seu interesse foi um pequeno catálogo intitulado “*Segredos dos Médiuns*”. Entre os numerosos itens disponíveis havia várias partes artificiais de corpos, confeccionadas para simular aparições de fantasmas, espelhos com truques e um curioso artefato composto de arames e polias que produzia a ilusão de levitação. A empresa garantia aos clientes em potencial que todas as transações seriam concluídas na mais estrita confidencialidade e com absoluta discrição.

Desceu as escadas e avançou pela penumbra do corredor com a intenção de sair da casa pela porta da cozinha. Havia feito tudo o que podia. Era impossível explorar cada lugar em busca de outro compartimento secreto ou esconderijo.

Ao passar junto ao sombrio salão vislumbrou uma mesa entre a coleção de móveis maciços.

Entrou, cruzou o tapete com motivos decorativos vermelhos e negros e abriu rapidamente as gavetas. O diário não se encontrava em nenhuma delas, mas colocada descuidadamente em um

compartimento, havia uma folha de papel com uma lista de nomes e endereços. A data do dia anterior e as palavras «às nove em ponto» estavam escritas na parte superior.

Hardesty estudou a lista durante uns segundos antes de pensar que, provavelmente, tinha ante si os nomes das pessoas que tinham assistido à última sessão de espiritismo de Elizabeth Delmont.

Um deles estava sublinhado várias vezes. Parecia—lhe vagamente familiar, mas não conseguia lembrar onde tinha ouvido o nome. Isto, por si só, era alarmante. Geralmente, possuía uma memória excelente. Esta qualidade se revelou muito útil nos velhos tempos em que averiguava intrigas e segredos alheios para ganhar a vida.

Agora se movia em ambientes mais seletos, porém alguns hábitos jamais se modificam. Nunca esquecia um nome, um rosto ou um boato. A informação lhe dava poder na selva deslumbrante e traiçoeira da alta sociedade, do mesmo modo que lhe tinha ajudado a sobreviver nas ruas de Londres em sua juventude.

Concentrou—se no nome sublinhado e tentou evocar uma imagem, uma impressão ou inclusive uma intriga banal. Uma lembrança fugaz aflorou em sua mente. Estava quase certo que Julia ou Wilson tinham mencionado o nome de passagem. Quando falavam de algo relacionado com um artigo do jornal. Não era um artigo do Time, disso estava seguro. Lia—o sem falta, todos os dias. Concluiu que a informação devia proceder de um dos jornais menos respeitáveis, o tipo de publicação que enchia suas páginas com reportagens mórbidas, com sucessivos crimes violentos e escândalos sexuais, para vender mais exemplares.

Hardesty não tinha prestado muita atenção naquele momento, porque a pessoa nomeada não pertencia ao mundo relativamente pequeno dos ricos e privilegiados, sua reserva de caça particular.

Um terrível choque arrepiou o pelo da parte posterior do seu pescoço.

«Sra. Fordyce. Corley Lane, 22.»

Não voltaria a esquecer desse nome.

Capítulo 2

O cavalheiro misterioso estava envolto em uma capa invisível feita de intriga e sombra. Havia algo emocionante, inclusive um pouco inquietante, na imagem que oferecia, de pé, imponente, na porta do pequeno escritório de Caroline Fordyce. Ou, ao menos isso, pareceu a ela. Estremeceu com um misto de espera e curiosidade.

Era apenas nove horas da manhã e ela jamais tinha visto Adam Grove em sua vida. Uma dama dotada de sentido de decoro, jamais teria recebido este homem em sua casa; certamente não a essa hora, pensou ela. Mas uma observância muito restrita das normas do decoro se traduzia em uma existência muito pouco interessante. Ela sabia bem: tinha sido insuportavelmente decorosa durante os últimos três anos e as coisas lhe pareceram com isso, mortalmente aborrecidas no número 22, da Corley Lane.

—Sente—se, senhor Grove. —Caroline ficou de pé diante de sua mesa e se aproximou da janela que dava para o jardim. Ficou de costas a cálida luz daquela manhã ensolarada, de tal modo que esta iluminava o visitante com maior claridade. — Conforme me informou minha governanta, veio falar—me de um assunto que considera de vital importância para você e para mim.

Em efeito, tinha sido a expressão «de vital importância» o que tinha avivado seu interesse e a tinha impulsionado a indicar à senhora Plummer que acompanhasse Grove ao seu gabinete. Que palavras tão deliciosamente sinistras, pensou com alegria. A frase

«de vital importância» parecia levar em si a promessa de um incidente extraordinário.

Ninguém jamais havia se apresentado no número 22, da Corley Lane, com notícias «de vital importância», com a única exceção, em todo caso, da jovem filha do peixeiro que na semana anterior tinha aconselhado discretamente à senhora Plummer que cheirasse o salmão antes de comprá-lo, porque estava passado. A garota lhe explicou que seu pai tinha enfeitado o pescado com alguma substância concebida para dissimular o fedor de podre. A moça acrescentou que não queria levar sobre sua consciência o envenenamento de todos da casa. «Como se eu me deixasse enganar por semelhantes artimanhas», tinha replicado à senhora Plummer, destilando desdém com cada palavra.

Esta era a natureza das notícias de vital importância naquela casa.

Com toda probabilidade, o visitante surpresa daquela manhã não demoraria a descobrir que lhe tinham dado o endereço errado e levaria consigo a notícia de vital importância para outro lado, pensou Caroline. Entretanto, no ínterim, propôs—se aproveitar ao máximo aquela amena interrupção de sua rotina.

—Obrigado por me receber, em que pese eu ter vindo sem prévio aviso, senhora Fordyce. — disse Adam Grove da porta.

«Deus do céu » pensou ela. A voz daquele homem era cativante, grave e profunda, e gotejava segurança, calma e virilidade. Outro sussurro de sua consciência lhe percorreu o corpo. Mas desta vez, encerrava uma mensagem de advertência. Tinha a sensação de que Grove era uma pessoa dotada de uma força de

vontade formidável; alguém que costumava alcançar seus objetivos, talvez a qualquer preço.

De repente Caroline teve um golpe de inspiração tão fulminante como um relâmpago de verão. Adam Grove era exatamente o que ela estava procurando toda a manhã. Era perfeito.

Deu uma olhada à folha de papel e a pluma que havia sobre sua mesa, perguntando—se se devia atrever—se a tomar apontamentos. Não queria intimidar Grove, nem queria que ele saísse de sua casa tão cedo. Ele não demoraria a perceber seu engano por si só e partiria em busca do domicílio correto. Enquanto isso, esta era uma oportunidade única, e ela não pensava desperdiçá—la. Possivelmente, ele não se daria conta se ela se limitasse a rabiscar uma ou outra observação no transcurso da conversa.

—Naturalmente, achei conveniente ouvir as notícias de vital importância que você me traz — disse, deslizando com a maior naturalidade possível entre a mesa e a sua cadeira.

—Não teria me apresentado a essa hora se o motivo de minha visita não fosse revestido da máxima urgência. — ele assegurou.

Ela se sentou, tomou a pluma e lhe dedicou um sorriso tranquilizador.

—Tenha a bondade de tomar assento, senhor.

—Obrigado.

Ela o observou cruzar a sala e sentar—se na poltrona que lhe tinha indicado. Quando o viu a luz, Caroline pôde examinar de perto sua jaqueta e suas calças de corte impecável. Apertou a pluma com mais força.

«Tome cuidado», pensou. Este homem pertence a outro mundo; não ao reino invisível que suscitava o interesse de tantos investigadores psíquicos, e sim, ao ambiente muito mais perigoso da alta sociedade. Nesse círculo os ricos e poderosos impunham suas regras e tratavam sem a menor consideração, a quem considerava seus inferiores na escala social. Fazia três anos, Caroline tinha vivido uma experiência desastrosa com um homem que transitava em ambientes privilegiados. Graças a isso, tinha aprendido uma lição que se propôs a não esquecer, por mais misterioso ou enigmático que fosse o senhor Adam Grove.

Estudou—o com atenção, tentando não fazê—lo de forma muito descarada. Grove era viril, esbelto e musculoso. Seus movimentos eram contidos e moderados, porém elegantes e suaves. Dava a impressão de que podia reagir rapidamente a uma ameaça ou um perigo, mas que mantinha sua força e sua vontade sob um controle absoluto. Impregnava a atmosfera do lugar onde estavam de uma energia e uma vitalidade masculina impossíveis de passar despercebidas.

Não havia dúvida: ele era o modelo perfeito para o personagem de Edmund Drake.

Escreveu rapidamente, «carrega a atmosfera de vitalidade masc.», sem lhe dar importância, como se estivesse elaborando a lista de compras.

Decidiu também tomar algumas notas sobre a forma de vestir de Grove. Era elegante e distinta, e ao mesmo tempo bem diferente da moda masculina da época, que dava lugar a combinações tão escandalosas como a de camisas de bolinhas com calças xadrez.

Grove estava vestido dos pés a cabeça nos tons mais profundos e escuros de cinza. Sua camisa era a única exceção. Era de um branco impoluto. Tinha o colarinho dobrado para baixo, no novo estilo «de pontas abertas», de aspecto muito mais confortável que os rígidos, ainda os mais usados. Atou sua gravata com um preciso e simples nó.

Agora Caroline compreendia por que havia custado tanto a decidir como vestir Edmund Drake. Estava tentando enfiá—lo em uma dessas calças de listras muito chamativas e em uma dessas camisas com estampas brilhantes que ela tinha visto recentemente, em alguns cavalheiros que se vestiam na última moda. Um traje tão teatral e chamativo não combinava absolutamente nada com ele.

Ela anotou «jaqueta e calças cinza escuro» sem baixar a vista para o papel.

Grove estava sentado em uma poltrona, em frente à lareira.

—Vejo que a interrompi enquanto despachava sua correspondência da manhã. Reitero—lhe minhas desculpas.

—Não tem importância, senhor. —Sorriu—lhe do modo mais reconfortante que pôde. —Só estou anotando algumas coisas para não me esquecer de uns pequenos detalhes dos quais devo me ocupar mais tarde.

—Entendo.

O cabelo de Grove também era ideal para Edmund Drake, pensou ela. Era muito escuro, quase negro, e ligeiramente salpicado de prata nas têmporas. Usava—o curto e rente à cabeça. O homem não tinha sucumbido ao furor que causavam os bigodes e os cavanhaques, mas Caroline conseguia ver uma sombra de barba nas

superfícies marcadas dos ângulos de seu rosto, sinal de que não havia se barbeado essa manhã. Que curioso.

Os adereços e o penteado de Edmund Drake não eram os únicos elementos que teria que trocar para dar ao personagem um ar mais sinistro. Ela compreendeu em seguida que se enganou ao descrevê-lo como arrojado. Agora via com clareza que seus traços deviam apresentar as mesmas linhas assustadoramente ascéticas que sulcavam o rosto de Adam Grove. Em resumo: Drake deveria converter—se em um homem moldado pelo fogo intenso de um passado difícil e turvo.

Apontou rapidamente as palavras «feições severas».

De onde estava sentado, era impossível que Adam Grove visse o que ela tinha escrito, pois a parte posterior da mesa em estilo rococó talhada com motivos ornamentais, o impedia, mas Caroline intuía que ele a observava. Deteve—se e elevou a vista com um sorriso radiante.

Ficou gelada no ato ao ver que a impaciência e uma fria inteligência tinham transformado os olhos de Grove em espelhos de cor verde escura. «Olhos como esmeraldas. Brilham na escuridão?»

—Mais anotações para seus assuntos pessoais, senhora Fordyce?

No gesto daquela boca levemente torcida, não havia o menor sinal de cortesia.

—Sim. Rogo—lhe que me desculpe.

Apressou—se a deixar a pluma sobre a mesa.

Agora que a luz batia em cheio sobre Grove, ela pode ver as rugas que denunciavam uma fadiga sombria nas comissuras de seus

lábios e olhos. Ainda era muito cedo. A que se creditaria esse ar de sutil esgotamento?

—Gostaria de uma xícara de chá? —perguntou ela com suavidade.

Ele se mostrou surpreso pelo oferecimento.

—Não, obrigado. Devo partir em seguida.

—Entendo. Então, talvez fosse melhor me contar exatamente o que o trouxe aqui, senhor.

—Perfeitamente. —Fez uma pausa para assegurar—se de que lhe prestava toda sua atenção. —Imagino que você conhecia uma mulher chamada Elizabeth Delmont, estou correto?

Por um instante ela ficou com a mente em branco. Ao cabo de uns segundos, recordou a quem pertencia esse nome.

—A médium da Hamsey Street? —perguntou.

—Sim.

Caroline se reclinou em seu assento. De todos os assuntos que ele poderia falar—lhe, este era o último que ela se esperava. Apesar de que os médiuns, as sessões de espiritismo e o estudo dos poderes psíquicos pareciam exercer uma tremenda fascinação sobre o país inteiro, não conseguia entender que um cavalheiro do temperamento de Adam Grove levasse a sério semelhantes assuntos.

—Conheço—a, sim. —respondeu devagar. —De fato, por casualidade, ontem à noite assisti uma sessão de espiritismo em casa da senhora Delmont, junto com minhas tias. —vacilou antes de acrescentar: — Por que pergunta?

—Elizabeth Delmont morreu.

Aturdida, Caroline o olhou em silêncio durante uns segundos.

—Como diz?

—Assassinaram—na em algum momento depois que finalizou a sessão de ontem à noite. — adicionou ele com muita serenidade.

—Assassinada... —Tragou saliva – Tem certeza?

—Eu mesmo encontrei seu corpo pouco depois das duas da manhã.

—Você encontrou o corpo? —Demorou um instante em recuperar—se do estupor causado por tão inquietante revelação — Não o entendo.

—Alguém lhe esmagou o crânio com um atizador de lareira.

Caroline sentiu que seu estômago gelava. De repente, se perguntou se a decisão de receber um cavalheiro misterioso que assegurava ter descoberto o cadáver de uma mulher assassinada era afinal de contas, sensata. Olhou de esguelha a campainha que havia junto a mesa. Talvez tivesse chegado o momento de chamar à senhora Plummer.

Entretanto, quando estendia o braço sub—repticiamente para o cordão para alertar à governanta, sucumbiu sem remédio a seu vício mais enraizado: o da curiosidade.

—Posso lhe perguntar que fazia você em casa da senhora Delmont a essas horas tão inoportunas? —inquiriu.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela compreendeu que tinha ido longe demais. As bochechas se tingiram de vermelho. Só havia uma explicação possível para o fato de que um homem

rico e ostensivamente viril como Adam Grove visitasse Elizabeth Delmont às duas da manhã.

A senhora Delmont era uma mulher muito formosa, dotada de uma figura espetacular e umas maneiras sensuais que tinham encantado o senhor McDaniel, o ancião viúvo que figurava entre os assistentes à última sessão. Sem dúvida a médium produzia um efeito similar em muitos outros cavalheiros.

—Não, senhora Fordyce, Elizabeth Delmont não era minha amante. — esclareceu Adam, como se tivesse lido seu pensamento — De fato, nunca a tinha visto antes de ontem à noite. Quando a vi, já era muito tarde para apresentações.

—Entendo. — Lutou por reprimir o rubor e tentou adotar uma aparência mundana. Apesar de tudo, supunha—se que era viúva, uma dama com certa experiência da vida. — Desculpe—me, senhor Grove. A conversa tomou um rumo estranho. Não tinha a menor ideia de que a senhora Delmont tivesse morrido.

—«Assassinada» é a palavra que empreguei. —Adam a escrutinou com o olhar pensativo — Você disse que esta conversa se desviou do caminho previsto. Diga—me, o que você imaginava que fosse o motivo de minha visita?

—Para lhe ser justa, tinha certeza de que você havia se confundido de casa. — reconheceu ela.

—Nesse caso, por que não pediu a sua governanta que comprovasse se eu tinha o endereço correto? —perguntou ele com uma lógica um tanto deprimente.

—Confesso que sentia curiosidade por conhecer a natureza das notícias que você trazia. —Estendeu os braços — Dificilmente alguém nos visita para tratar conosco de assuntos de vital

importância, entende? Na realidade, não lembro ter recebido uma só visita assim, desde que nos mudamos para cá, há três anos.

— “Mudamos?”

—Vivo com minhas duas tias. Saíram. Tia Emma e tia Milly acreditam firmemente na importância dos passeios diários a passo rápido.

Adam franziu o cenho.

—Não vi seus nomes na lista de assistentes. Diz você que a acompanharam à sessão de ontem à noite?

Caroline não gostava do rumo que estava tomando a conversa. Começava a ter a impressão de que ele a estava interrogando.

—Sim. —respondeu agora com extrema cautela — Não queriam que eu saísse sozinha de noite. A senhora Delmont não viu problema com a presença.

—Por que você assistiu à sessão? Realmente acredita que Elizabeth Delmont se comunicava com os espíritos?

Adam não se incomodou em dissimular seu desdém por semelhante ideia.

Seu sarcasmo a irritou. Sentiu—se obrigada a defender—se.

—Recordo—lhe senhor — disse com decisão— que muitas pessoas eminentes, educadas e respeitáveis tomam o espiritismo e outros temas psíquicos muito a sério.

—Que bando de idiotas.

—Fundaram—se numerosas associações e clubes dedicados ao estudo dos fenômenos psíquicos e à investigação dos casos citados pelos médiuns. Existem várias publicações periódicas especializadas na matéria. — inclinou—se sobre a mesa e pegou o

número do “*Novo Amanhecer*” que tinha recebido no dia anterior— Como esta, por exemplo. Publicada pela “*Sociedade de Investigações Psíquicas*”, e lhe asseguro que os artigos são bem documentados.

—Sim, são bobagens bem documentadas. —Fez um gesto de desdém com a mão — É óbvio para qualquer pessoa com uma mente lógica, que todos aqueles que asseguram possuir poderes psíquicos são enganadores e farsantes.

—Você tem todo o direito de pensar o que quiser — repôs ela — mas com o devido respeito, devo lhe dizer que sua opinião não é própria de uma mente aberta, nem curiosa.

Ele esboçou um sorriso forçado.

—E você, senhora Fordyce? Tem uma mente aberta? Leva a sério tudo isso, sobre manifestações, vozes de espíritos e as pequenas batidas na mesa?

Sem levantar—se da cadeira, ela ergueu as costas.

—Por falar nisso, eu mesma levei a cabo algumas investigações por minha conta.

—E descobriu algum médium que possa considerar genuíno? Como à senhora Delmont, por exemplo?

—Não. — reconheceu ela, mas reagia a lhe ceder terreno — De fato, não acredito que seja possível comunicar—se com os espíritos.

—Alivia—me ouvir isso. Renova minha impressão inicial sobre sua inteligência.

Ela o fulminou com o olhar.

—Me deixe lhe recordar, senhor, que o campo da investigação psíquica se expande com rapidez. Ultimamente

começa a abranger um amplo leque de fenômenos além da invocação de espíritos. Embora não acredite na capacidade dos médiuns para comunicar—se com fantasmas ou espectros, não me atreveria a descartar completamente a possibilidade de que possuam outros poderes psíquicos.

Os olhos verdes de Adam se contraíram ligeiramente nas comissuras, dando a sua expressão uma aparência de perigosa sagacidade.

—Se não acredita que os médiuns sejam capazes de ficar em contato com o mundo dos espíritos, por que assistiu ontem à noite à sessão em casa de Elizabeth Delmont?

Não havia a menor dúvida: definitivamente, ele a estava submetendo a um autêntico interrogatório. Ela dirigiu os olhos novamente para a campainha.

—Não é necessário que chame sua governanta para que a salve. — assegurou com secura — Não pretendo lhe fazer nenhum mal. Mas sim, eu gostaria de obter algumas respostas.

Caroline franziu o cenho.

—Você fala como um policial, senhor Grove.

—Tranquilize—se, senhora Fordyce. Dou—lhe minha palavra de que não tenho relação alguma com a polícia.

—Então que diabos faz você aqui, senhor? O que é o que quer?

—Informação. — respondeu ele simplesmente — Por que você assistiu à sessão?

«Que inquisitorial», pensou ela.

—Já lhe disse. Estive estudando os fenômenos psíquicos. — disse — Por mais que você pense o contrário, considera—se um campo de investigação legítimo.

Ele sacudiu a cabeça indignado.

—Truques e jogos de salão. Nada mais.

Caroline decidiu que agora cabia a ela fazer as perguntas. Colocou as mãos enlaçadas sobre a mesa e adotou uma postura que esperava denotasse firmeza e autoridade.

—Lamento ouvir que a senhora Delmont foi assassinada — disse serenamente— mas não compreendo por que está tão interessado nas circunstâncias de sua morte. E mais, se a senhora Delmont e você não mantinham... Como dizer... Uma relação íntima, por que você foi a sua casa às duas horas da manhã?

—Só lhe direi que tinha minhas razões para visitar Elizabeth Delmont a essa hora e que se tratava de um assunto extremamente urgente. Agora que morreu, não tenho outro remédio que descobrir a identidade de seu assassino.

Ela ficou atônita.

—Propõe—se caçá—lo você mesmo?

—Assim é.

—Tenho certeza que isso é assunto da polícia, senhor.

Ele encolheu os ombros.

—Eles realizarão suas pesquisas naturalmente, mas duvido muito que encontrem o assassino.

Ela separou as mãos e voltou a tomar a pluma.

—Isso é muito interessante, senhor Grove. Mais ainda, é fascinante. — Escreveu «decidido e implacável» no papel — Vejamos se entendi tudo bem. Você está levando a cabo uma

investigação sobre a morte da senhora Delmont, e veio me perguntar se tenho algum dado relacionado com seu assassinato.

Ele observou a pluma que se deslizava rapidamente.

—Isso resume bastante bem a situação.

«Veja, um incidente extraordinário», pensou ela. Poucos incidentes eram mais extraordinários que este.

—Lhe contarei com muito prazer tudo o que eu me lembrar, senhor, se você me explicar primeiramente, seu interesse no caso.

Ele a escrutinou como a um espécime biológico pouco comum que tivesse aparecido inesperadamente e que fosse muito difícil de classificar. O tiquetaquear do relógio de pé ouvia—se no meio do silêncio.

Ao fim de um longo momento, ele pareceu chegar a uma conclusão.

—Muito bem. —disse— Responderei a algumas de suas perguntas, mas em troca, devo lhe pedir encarecidamente que mantenha absoluto sigilo sobre tudo que vou lhe dizer.

—Sim, é obvio. —Ela rabiscou a palavra «reservado».

Ele levantou—se da cadeira antes mesmo que ela tivesse percebido que ele havia se movido.

—Que demônios...?

Sobressaltada pelos seus movimentos repentinos, ela soltou um grito afogado e deixou cair à pluma.

Com grande rapidez ele diminuiu o espaço que os separava, e com um gesto rápido estendeu a mão e agarrou a folha de papel de cima da mesa.

«Como pude acreditar em seu cansaço?», pensou ela. E, inclusive, cheguei a me compadecer dele!

—Senhor... —Tentou lhe arrebatá-lo o papel — Tenha bondade de me devolver isso agora mesmo. O que acredita que está fazendo?

—Só quero dar uma olhada em sua lista de recados pendentes, senhora. —Conforme repassava a página com rapidez, seu semblante se endurecia por momentos— «Jaqueta e calças cinza escuro»? «Feições severas»? Que diabos ocorre aqui?

—Duvido que minhas anotações lhe interessem em absoluto, senhor.

—Acabo de lhe afirmar que esta questão é confidencial. Poderia dar lugar a um escândalo. No que diz respeito a isso, eu sigo uma regra muito restrita.

—Tem uma regra referente aos escândalos? —perguntou ela com o cenho franzido— E qual é?

—Prefiro evitá-los.

—Como todo mundo, não? —Incapaz de recuperar o papel, Caroline se defendeu atrás de um altivo aprumo— Acredite—me, senhor, que eu tampouco abrigo o menor desejo de ver—me envolvida em um escândalo, e certamente não tenho intenção de falar de suas investigações fora desta casa.

—Então por que achou necessário anotar estes comentários?

A indignação se apropriou dela.

—Simplesmente estava pondo em ordem meus pensamentos.

Ele examinou o que ela tinha escrito.

—Ou muito me engano ou algumas dessas características fazem referência a meu traje e a cor de meus olhos, não é senhora Fordyce?

—Pois...

—Exijo—lhe que me explique por que pôs suas observações por escrito. Maldição, senhora, se o que pretende é me converter em um dos assuntos de seu diário...

—Asseguro—lhe que não tenho a menor intenção de mencioná—lo em meu diário.

Não lhe custou absolutamente fazer esta afirmação, por que basicamente era a mais pura verdade.

—Então devo concluir que você está envolvida totalmente neste assunto da médium assassinada. — murmurou ele dessa vez com uma voz aveludada e ameaçadora.

Isto a horrorizou.

—Isso não é correto.

—Não encontro outra razão lógica para que você tome notas tão pessoais. Se você não está tomando notas de nossa conversa para seu diário, só posso deduzir que o faz com o fim de redigir um relatório para seu cúmplice.

—Meu cúmplice! —Ela ficou em pé de um salto, desorientada e de repente muito assustada— Isto é intolerável, senhor. Como se atreve a insinuar que estou implicada em um assassinato?

Adam lhe colocou o papel diante do nariz.

—Então, como se explica a sua necessidade de deixar provas desta entrevista?

Ela se esforçou por tranquilizar—se e pensar com clareza.

—Não tenho que lhe dar explicações, senhor Grove. Muito pelo contrário. Recordo—lhe que é você quem invadiu minha casa.

Esta acusação o irritou visivelmente.

—Diz como se tivesse entrado à força. Não é assim. Você indicou a sua governanta que me deixasse entrar.

—Só porque você lhe havia dito que se tratava de um assunto de vital importância para os dois. — ficou muito ereta — Mas o certo é que a morte prematura da senhora Delmont parece ser de vital importância apenas para você, senhor Grove.

—Nisso se engana, senhora Fordyce.

—Tolices. — respondeu ela com firmeza, segura de sua posição. — Não tenho nenhum interesse nas circunstâncias que rondam o assassinato de Elizabeth Delmont.

Adam arqueou as sobrancelhas, mas ficou calado.

Um silêncio tenso se apoderou do ambiente durante dois ou três segundos.

—Claro que, salvo por uma curiosidade muito natural e a inquietação normal que se espera de uma pessoa que acaba de saber de um crime espantoso. — acrescentou Caroline com suavidade.

—Pelo contrário, senhora Fordyce, estou convencido de que seu interesse neste caso vai muito além da simples curiosidade ou de uma inquietação pontual.

—O que quer dizer? —inquiriu ela — Antes de ontem à noite nem a conhecia. Não planejava voltar a vê-la jamais. Recordo—lhe também que minhas tias e eu não fomos às únicas pessoas presentes na última sessão de Delmont. Havia mais duas — um homem e uma mulher. Acredito que ela se chamava Howell, e ele McDaniel.

Adam se dirigiu para a janela e ficou ali contemplando o jardim. Apesar de seu ar fatigado, seus ombros robustos e de contorno elegante mantinham uma postura severa e inflexível.

—Ambos são anciões, com um físico mais bem frágil. — replicou ele cansado — Não acredito que nenhum dos dois possuísse a força ou a determinação necessária para esmagar o crânio de uma pessoa mais jovem e vigorosa com um atizador, e menos ainda para derrubar uma mesa pesada e umas tantas cadeiras.

Ela titubeou.

—Você falou com eles?

—Não havia necessidade de falar com eles em pessoa. Realizei com discrição umas pesquisas e observações nas ruas onde vivem. Estou convencido de que nenhum, nem outra estão envolvidos neste assunto.

—Bem, suponho que é bastante improvável. — admitiu ela.

—Me conte o que ocorreu no transcurso da sessão de espiritismo – ele perguntou em voz baixa.

—Não ocorreu grande coisa. —Estendeu as mãos— Só os típicos golpes e batidas na mesa, uma ou duas manifestações de espíritos, algum conselho financeiro do Além...

—Conselho financeiro? —perguntou ele com repentina brutalidade.

—Sim, ao senhor McDaniel lhe comunicaram que brevemente se apresentaria uma excelente oportunidade de investimento. Nada fora do normal. Os espíritos asseguram aos presentes em uma sessão espírita que estão a ponto de receber uma herança inesperada ou de cobrarem uma dívida inesperada.

—Entendo. —voltou—se devagar e a olhou com uma expressão que teria combinado perfeitamente no rosto do próprio

diabo – Quer dizer que foi assim que veio a baila o assunto de dinheiro, então não?

Ela apertou o apoio da cadeira com tanta força que os nódulos de suas mãos ficaram brancos. Ficou sem ar. Este homem ajudaria à polícia para que ela e suas tias fossem denunciadas por assassinato?

Agora sabia que as três corriam um grave perigo. Eram inocentes, mas a Caroline não cabia a menor dúvida de que, se um cavalheiro tão evidentemente poderoso e bem situado como Adam Grove, as acusasse de serem homicidas, elas se encontrariam em uma situação desesperadora.

Depois de pensar com rapidez, decidiu que não tinha outra opção a não ser fugir de Londres imediatamente. Sua única esperança era desaparecer de novo, como tinham feito há três anos. Tentou lembrar quanto dinheiro em espécie havia na casa. Assim que Adam Grove partisse, enviaria à senhora Plummer a procura do horário dos trens. Quanto tempo elas levariam para fazer as malas?

As negras sobrancelhas de Adam se juntaram formando uma linha grossa.

—Está bem, senhora Fordyce? Parece a ponto de desmaiar.

De repente a raiva que sentia se impôs sobre seu medo.

—Você lançou ameaças contra minhas tias e contra mim, senhor. Como esperava que reagisse?

—Do que está falando? —perguntou ele com o cenho franzido— Não ameacei a ninguém, senhora.

—Virtualmente incriminou a todas e cada uma de nós pelo assassinato de Elizabeth Delmont. Se transmitir suas suspeitas à polícia, nos deterão e nos encerrarão. Acabaremos na forca.

—Senhora Fordyce, você está deixando que sua imaginação altere sua capacidade de raciocinar com lógica. É possível que eu alimente algumas suspeitas, mas falta um pequeno detalhe: as provas.

—Ora. Nenhuma de nós pode provar que não retornou depois da sessão para matar a médium. Seria nossa palavra contra a sua, senhor, e ambos somos conscientes de que três damas, em nossa humilde posição e sem contatos sociais, não teríamos a menor possibilidade de nos defender se você decidisse brandir para nós um dedo acusador.

—Controle—se, mulher. Não estou de humor para lutar com um caso de histeria.

A ira infundiu forças a Caroline.

—Como se atreve a me dizer que não me deixe levar pela histeria? Minhas tias e eu corremos o risco de acabar enforcadas por sua culpa, senhor.

—Não exatamente. —grunhiu ele.

—Sim, exatamente.

—Maldita seja, já estou farto de tolices. —Avançou para ela.

—Pare! —Ela agarrou o respaldo da cadeira com ambas as mãos e deu a volta de tal maneira que formou uma barreira entre os dois. —Não se aproxime mais. Gritarei até ficar rouca se der mais um passo. Garanto—lhe que a senhora Plummer e os vizinhos me ouvirão.

Ele parou e soltou o ar.

—Faça o favor de acalmar—se, senhora Fordyce. Tudo isto é extenuante, além de uma perda de tempo para todos.

—Não é fácil manter—me calma diante de ameaças tão sérias.

Ele a estudou com o olhar.

—Por acaso algum dia dedicou—se ao teatro, senhora Fordyce? Certamente tem muito jeito para o melodrama.

—Embora lhe pareça estranho, considero muito apropriada uma reação dramática em uma situação como esta. — resmungou ela.

Ele a observou durante um bom momento, e lhe deu a impressão de que estava traçando algum plano secreto.

—Respire fundo senhora, e acalme—se. — disse ele finalmente. —Não tenho nenhuma intenção de apresentar denúncia contra você ou suas tias por homicídio.

—Por que eu deveria acreditar em você?

—Deve confiar em mim —respondeu ele esfregando as têmporas— se eu lhe disser que a justiça não é uma de minhas prioridades. Não tenho inconveniente em deixar esse problema à polícia, embora duvide que tenham êxito. Demonstram uma eficiência razoável quando se trata de apanhar assassinos comuns, mas este não foi um assassinato comum.

Caroline intuiu que ele não mentia. Mesmo assim, não soltou o respaldo da cadeira.

—Se não veio em busca de justiça para Elizabeth Delmont, o que é o que quer senhor Grove?

Adam a olhou com semblante frio e controlado.

—Meu único interesse neste assunto é recuperar o diário.

Ela não se esforçou em dissimular sua confusão.

—Que diário?

—O que desapareceu da casa de Elizabeth Delmont ontem à noite.

Caroline tentou entender o que estava ocorrendo.

—Quer dizer que está procurando o diário de Elizabeth Delmont? Bom, pois lhe asseguro que não sei nada dele, e minhas tias tampouco. E mais, posso lhe dizer com toda certeza que não vi diário algum no salão onde se desenvolveu a sessão de ontem à noite.

Ele a contemplou por um instante mais e logo sacudiu a cabeça, como se aceitasse a derrota a contra gosto.

—Sabe? Acredito que possivelmente esteja dizendo a verdade, senhora Fordyce. Com efeito, parece—me que fiz uma ideia equivocada de você.

Ela se permitiu relaxar ligeiramente.

—Uma ideia equivocada, senhor?

—Vim com a esperança de pegá—la de surpresa para que confessasse que pegou o maldito diário, ou, pelo menos, me dar alguma informação sobre o que ocorreu com ele.

—Por que é tão importante para você este diário em particular?

Dirigindo a ele um sorriso afiado e mortal como uma faca.

—Basta dizer—lhe que a senhora Delmont acreditava que lhe seria útil para me chantagear.

Era evidente para Caroline que a senhora Delmont tinha permitido que sua cobiça prevalecesse sobre sua prudência e juízo. Nenhuma pessoa correta e sensata faria algo tão arriscado como tentar extorquir este homem.

—O que lhe faz pensar que sei algo de seu paradeiro? —
inquiriu.

Adam abriu as pernas e juntou as mãos às costas.

—Você e os outros assistentes à sessão foram às últimas pessoas a verem Elizabeth Delmont com vida, fora é obvio o assassino. Fiquei sabendo por um de seus vizinhos, que havia dado à governanta a noite de folga.

—Sim, é verdade. A própria senhora Delmont nos recebeu à porta. Disse—nos que sempre dava a noite livre à governanta quando celebrava uma sessão, porque era impossível entrar em transe caso houvesse alguém presente além dos participantes. De fato, este comentário me levou a pensar que talvez...

—Sim? —animou—a a prosseguir— O que lhe levou a pensar, senhora Fordyce?

—Bom, caso lhe interesse... Ocorreu—me que talvez à senhora Delmont não gostasse que sua governanta assistisse à suas sessões porque temia que descobrisse suas artimanhas e, possivelmente, lhe pedisse um suborno em troca de não as divulgar. Sabe—se que alguns investigadores psíquicos pagam os criados de alguns médiuns para que os espiem.

—Bem pensado, senhora Fordyce. —Adam lhe dedicou um olhar de aprovação ante seu raciocínio — Suspeito que tenha razão. Os médiuns têm fama de reservados.

—Como você tomou conhecimento do meu nome e endereço?

—Quando descobri o corpo, encontrei também uma lista de quem participou da última sessão. Ao lado de cada nome estava indicado o endereço.

—Entendo.

A Caroline veio à mente a imagem inquietante de Adam Grove registrando de forma metódica o salão da senhora Delmont enquanto o cadáver jazia sem vida no chão. Era uma visão arrepiante e muito reveladora da têmpera de Grove. Tragou saliva.

—Passei o resto da noite e as primeiras horas desta manhã me entrevistando com criados, cocheiros e... —Adam fez uma pausa para escolher as palavras com cuidado— outras pessoas que ganham a vida nas ruas próximas à casa de Delmont. Entre outras coisas, comprovei que sua governanta estava ocupada, cuidando de sua filha, que se encontrava em trabalho de parto ontem à noite. Seu álibi é impecável. Isso me deixava apenas com seu nome, senhora Fordyce.

—Com razão você parece tão cansado. — murmurou ela—
Passou a noite acordado.

Ele esfregou o queixo com a sombra da barba por fazer e fez uma careta.

—Peço—lhe desculpas por meu aspecto.

—Não tem importância, dadas às circunstâncias. —
Vacilou— Ou seja, veio com a intenção de confrontar—se comigo com essa atitude tão impressionante. Seu objetivo era me assustar até tal ponto, que eu lhe revelasse alguma espantosa conspiração, não é certo?

Ele passou os dedos pelo cabelo negro e curto, sem o menor sinal de arrependimento.

—Esse era mais ou menos meu plano, sim.

Incômoda ante a ideia de que possivelmente ele não tivesse abandonado totalmente este plano, Caroline buscou em sua mente outros possíveis suspeitos.

—Talvez a senhora Delmont tenha sido vítima de um ladrão que a atacou depois de entrar em sua casa. — aventurou.

—Revistei o lugar de cima a baixo. Não encontrei provas de que tivessem forçado porta ou janela alguma. Tudo aponta para o fato de que ela tenha deixado o assassino entrar.

A despreocupação com que a informou deste dado aumentou sua intranquilidade.

—Vejo que realizou uma inspeção muito detalhada ontem à noite, senhor Grove. Eu teria pensado que a proximidade de uma mulher brutalmente assassinada impediria qualquer um de pensar e agir de maneira tão metódica e lógica.

—Por desgraça, temo que minha inspeção não tenha resultado especialmente útil. — repôs ele. Aproximou—se da porta com passo decidido— Minha visita foi uma perda de tempo para você e para mim. Agradeceria—lhe muito que se abstivesse de comentar esta conversa com alguém.

Ela não respondeu.

Ele parou com uma mão na maçaneta da porta olhando—a.

—E então, senhora Fordyce? Posso contar com sua discrição?

Caroline respirou fundo.

—Depende, senhor.

—Certamente. —Parecia cinicamente divertido— Sem dúvida deseja que a compense por seu silêncio. Qual é seu preço, senhora Fordyce?

Outra onda de raiva a percorreu.

—Não pode comprar meu silêncio, senhor Grove. Não me interessa seu dinheiro. O que me preocupa é a segurança de minhas tias e a minha própria. Se uma de nós estiver em perigo de ser detida por causa de seus atos, não duvidarei em oferecer à polícia seu nome, nem em dar detalhes desta conversa.

—Duvido muito que a polícia as incomode. É provável que como você sugeriu, concluam que a senhora Delmont morreu nas mãos de um ladrão e se esqueçam do assunto.

—Por que está tão seguro?

—Porque é a conclusão mais simples, e é bem sabido que os agentes da lei preferem as explicações desse tipo.

—E se encontrarem a lista de participantes e como você, decidam considerá—los suspeitos, senhor?

Adam levou a mão ao bolso e tirou uma folha de papel dobrada.

—Não encontrarão a lista.

Ela ficou olhando o papel.

—Ficou com ela?

—Estou bastante seguro de que nenhum dos nomes desta lista será de utilidade à polícia.

—Já vejo. —Não sabia o que dizer.

—Falando de nomes — disse ele como de passada — deveria lhe esclarecer por que não serviria de nada dizer o meu à polícia.

—Por quê? —perguntou ela com frieza— Porque a um cavalheiro com uma posição e uma fortuna, como as que você obviamente tem, não deve se preocupar muito que a polícia o interrogue?

—Ninguém está acima da lei. Mas não é por isso pelo que lhe recomendo que não lhes dê meu nome. —Sua boca se curvou em um sorriso enigmático— O problema é que o senhor Grove não existe. Inventei para me entrevistar com você. Quando sair por sua porta principal, ele desaparecerá como uma dessas manifestações espectrais tão populares nas sessões de espiritismo.

Ela se sentou de repente. A cabeça dava voltas.

— Deus do céu. Deu—me um nome falso?

—Sim. Você terá a bondade de responder a uma última pergunta?

Ela pestanejou enquanto tentava recuperar a calma e esclarecer suas ideias.

—Que pergunta?

Ele levantou o papel que tinha pego de sua mesa.

—Por que cargas d'água estava tomando estas notas?

—Ah, isso. —Ela contemplou com expressão sombria a página que ele sustentava. — Sou escritora, senhor. Minhas novelas são publicadas por capítulos no Flying Intelligencer. — Fez uma pausa — Lê você, por acaso, esse jornal?

—Não, não o leio. Se bem me lembro, é um desses jornais extremamente irritantes que praticam o sensacionalismo.

Ela suspirou.

—Suponho que você prefere o Time.

—Claro.

—Era de esperar — resmungou ela — Me diga, não lhe parece um pouco aborrecido?

—Parece—me uma fonte de informação precisa e confiável, senhora Fordyce. É justamente o tipo de jornal que prefiro ler.

—É obvio que o é. Como lhe dizia, o Flying Intelligencer publica minhas novelas. Meu contrato obriga—me a proporcionar ao meu editor, o senhor Spraggett, um capítulo novo a cada semana. Tive dificuldades com um dos personagens, Edmund Drake. É muito importante para a trama, mas você me pareceu perfeito para o papel. Apesar de ainda estar um pouco vago. Preciso ter uma clareza maior.

Apesar de tudo, Adam parecia fascinado, talvez um pouco desconcertado.

—Tomou notas sobre minha aparência e meu traje para dar corpo ao protagonista de sua história?

— Deus do céu, não! — replicou ela, desprezando a ideia com um gesto da mão — O que lhe fez pensar algo assim? Edmund Drake não é o protagonista da minha novela. É o vilão.

Capítulo 3

Por algum motivo completamente irracional, irritou—se ao saber que tinham atribuído o papel de vilão a ele.

Adam Hardesty não conseguia parar de pensar em seu desastroso encontro com a inesperada e enigmática senhora Caroline Fordyce enquanto se dirigia a sua mansão da Laxton Square. Era perfeitamente consciente do que o que esta mulher pensasse sobre ele deveria estar em último lugar de sua lista de preocupações, sobretudo tendo em vista a corrente cada vez mais impetuosa de desastres que ele tentava conter.

Apesar de tudo, saber que Caroline Fordyce o considerava um modelo ideal para um vilão, era como ter um espinho cravado. Sua intuição lhe dizia que não era apenas suas «feições severas» o que havia causado uma impressão tão desfavorável. Suspeitava que a senhora Fordyce não tinha um alto conceito dos homens de sua posição.

Ela, por sua parte, ganhou imediatamente seu cauteloso respeito. Apenas um olhar, em seus inteligentes, curiosos e extremamente belos olhos cor avelã, bastou para compreender que estava lutando com um adversário potencialmente temível. Tinha procurado ter muita precaução ao tratar com aquela dama.

Por desgracia, respeito não foi à única reação que Caroline Fordyce provocou nele. Tinha estimulado todos seus sentidos à primeira vista. Por causa do esgotamento em que se encontrava

após dedicar toda noite às pesquisas infrutíferas, tinha respondido à presença daquela mulher de um modo muito físico e perturbador.

Maldição. A última coisa que precisava era uma complicação deste tipo. Que droga estava acontecendo? Inclusive em sua juventude dificilmente tinha permitido que as paixões o dominassem. Tinha aprendido há muito tempo que a disciplina e o autocontrole eram a chave para sobreviver e alcançar o êxito, tanto nas ruas, como no mundo não menos perigoso da alta sociedade. Impôs—se uma série de normas e as cumpria estritamente. Essas normas regiam todos os aspectos de sua vida, inclusive suas relações pessoais.

Tinham dado bons resultados, e não tinha a menor intenção de abandoná—las agora.

Entretanto, não podia tirar da cabeça a imagem de Caroline Fordyce, nem as urgentes sensações que se apoderaram dele. A lembrança dela sentada frente de sua pequena e delicada mesa banhada pela luz intensa da manhã parecia haver—se gravado a fogo em seu cérebro.

Caroline usava um vestido simples e sem adornos de uma quente cor acobreada. A peça estava desenhada para ser usada em casa, por isso, diferentemente de um traje feminino mais formal, não tinha uma anágua com babados, nem uma saia que se atasse elaboradamente nas costas. As linhas do corpete recatado e apertado faziam ressaltar as curvas femininas de seus seios firmes e sua estreita cintura.

Caroline levava o cabelo castanho com reflexos dourados recolhido ordenadamente em um coque que acentuava a elegante

forma de sua nuca e o sereno orgulho com o que se conduzia. Adam calculava que tinha em torno de vinte e cinco anos.

A voz da jovem tinha feito com que estremecesse, como que reagindo a uma carícia incitante. Em qualquer outra mulher isto lhe teria parecido deliberadamente provocador, mas intuía que o efeito, não era premeditado neste caso. Estava bastante seguro de que a forma de falar de Caroline era um traço inato e circunstancial de seu caráter. Parecia refletir paixões profundas.

Adam se perguntou do que teria morrido o senhor Fordyce. De velho? Consumido pela febre? Devido a um acidente? Em sua opinião, fosse qual fosse à causa, era um alívio que a viúva não tinha optado por adotar um estilo de luto dos mais infelizes e carregados, o mesmo que tinha implantado a rainha depois da perda de seu bem amado Alberto. Às vezes tinha a sensação de que a metade das damas da Inglaterra estava vestida com dor e véus de luto. Não deixava de assombrá-lo que o belo sexo tivesse conseguido elevar o traje e os acessórios lúgubres que se levava em sinal de dor, ao mais alto grau da moda.

Apesar de tudo, não tinha visto que em Caroline brilhasse uma só joia de azeviche ou esmalte negro. Possivelmente, a misteriosa senhora Fordyce não lamentasse profundamente a perda do senhor Fordyce. Possivelmente, inclusive, procurasse uma nova relação de caráter íntimo.

«Não é momento de meter—se nessas confusões», pensou. Havia muito em jogo. Não devia permitir que a dama desviasse sua atenção, por mais atraente ou fascinante que fosse.

Ao cruzar uma rua deteve—se por uns momentos para deixar passar um ônibus lotado que avançava pesadamente, puxado com

muita dificuldade pelos cavalos. O condutor de um coche de ponto ligeiro o avistou e lhe ofereceu seus serviços. Adam negou com um gesto. Chegaria bem mais rápido andando.

Quando alcançou a outra calçada, enfiou—se por uma ruela calçada e cortou caminho por um parque pequeno e descuidado. Sua antiga vida nas ruas o tinha dotado de um conhecimento do labirinto urbano de becos e caminhos recônditos que poucos choferes podiam igualar.

Quando chegou ao final da rua pavimentada topou com um vendedor de jornais que apregoava a última edição do *Flying Intelligencer*.

Movido por um impulso absurdo parou diante do menino de aspecto desalinhado.

—Um, por favor. —Extraíu uma moeda do bolso.

—Sim, senhor. —O moço sorriu e introduziu o braço em seu embornal para tirar um jornal — Você está com sorte. Só resta um. Deve estar ansioso para ler o último episódio da história da senhora Fordyce, como todos os meus clientes.

—Reconheço que estou um pouco curioso.

—Este capítulo do “*O Cavalheiro Misterioso*” não lhe decepcionará, senhor — assegurou—lhe o vendedor — Começa com um incidente inesperado e termina com uma situação das mais emocionantes.

—De verdade? —Adam deu uma olhada na primeira página do jornal barato e percebeu que “*O Cavalheiro Misterioso*”, da senhora C. J. Fordyce ocupava três colunas completas — E o que acontece ao personagem Edmund Drake? Acaba mal?

—Ainda não, senhor. É muito cedo para isso. Mas Drake ainda age de um modo muito misterioso e parece que não planeja nada de bom. —Os olhos do moço cintilaram com espera — Está tentando fazer mal à heroína, a senhorita Lydia Hope.

—Entendo. Bom, isso é o que fazem os vilões, não é? Fazer maldades com as damas inocentes...

—Sim, isso mesmo, mas não há por que preocupar—se — disse o menino alegremente — Edmund Drake receberá o castigo assombroso que merece. Todos os vilões da senhora Fordyce encontram uma morte terrível nos episódios finais.

Adam pegou o jornal e o pôs sob o braço.

—Algo digno de se ler, sem dúvida.

Alguns minutos depois, Adam subiu os degraus que conduziam à entrada principal da suntuosa casa da Laxton Square. Morton, com a calva brilhante sob o sol matinal, abriu a porta antes que Adam pudesse tirar a chave da fechadura.

—Bem—vindo a casa, senhor — disse Morton.

Adam pensou que se não estivesse tão cansado, a estudada falta de curiosidade de Morton teria parecido divertida. Afinal de contas, era dez e meia. Tinha saído de casa pouco antes das nove da noite do dia anterior, e não havia retornado até esse momento. Seria de se esperar que o mordomo tivesse algumas perguntas que lhe fazer, mas Morton estava muito bem instruído, ou, o que é mais provável, muito habituado aos costumes excêntricos dos habitantes dessa casa para preocupar—se com a hora.

—O senhor Grendon acaba de sentar—se para tomar um desjejum tardio — informou—lhe, enquanto Adam entregava sua jaqueta e seu chapéu— Deseja acompanhá—lo o senhor?

—Excelente ideia, Morton. Acredito que o acompanharei.

Necessitava tanto de alimento, como de sono. Além disso, cedo ou tarde teria que aparecer e transmitir a Wilson a má notícia. Era melhor acabar com isso o quanto antes.

Quando Adam pouco depois entrou na sala de refeições revestida de painéis lustrosos, Wilson Grendon elevou a vista das profundezas de seu jornal da manhã. Depois de observá-lo durante uns segundos tirou os óculos de aros dourados e os pôs a um lado.

—Deixa que o adivinhe. Não teve sorte, verdade? — perguntou a modo de preâmbulo.

—A médium estava morta quando a encontrei. Assassinada.

—Maldição. —As grandes e grisalhas sobrancelhas de Wilson se juntaram sobre seu descomunal nariz— Delmont morreu? Tem certeza?

—É difícil enganar—se em uma coisa dessas. —Adam lançou o jornal dobrado sobre a mesa e se aproximou do aparador para inspecionar a baixela ali exposta — Não havia pistas do diário, pelo que deduzo que o assassino o roubou. Passei metade da noite e boa parte da manhã fazendo averiguações.

Wilson absorveu esta informação com expressão preocupada.

—O assassinato é certamente uma estranha inversão.

—Não necessariamente. Qualquer sem vergonha veria boas perspectivas de chantagem neste assunto. —Adam pegou um garfo de servir e colocou no prato uma porção generosa de ovos mexidos com salmão defumado— O cheiro do dinheiro pode levar mais de uma pessoa a contemplar a possibilidade de assassinato.

Wilson ficou pensativo.

—Tem certeza de que a médium foi assassinada por causa do diário?

—Não. —Adam levou seu prato à mesa e se sentou— Mas me parece a explicação mais lógica, tendo em conta as circunstâncias e o momento escolhido.

—Bom, então se estiver certo, quem quer que agora tenha o diário em seu poder, logo entrará em contato contigo.

—Preferiria não ficar de braços cruzados esperando que o assassino me mande uma mensagem para me extorquir. —Adam afundou o garfo na mistura — Tenho a intenção de encontrá—lo primeiro.

Wilson bebeu uns goles de café e baixou a xícara.

—Averiguou algo útil no transcurso de suas investigações de ontem à noite e desta manhã?

—Não. A única suspeita moderadamente promissora foi uma mulher extremamente difícil e imprevisível que fez de mim o modelo ideal para o vilão de um folhetim.

—Que curioso. — Os olhos verdes claro de Wilson brilharam com interesse — Me fale dela.

Adam perguntou—se se deveria correr o risco de Wilson se fixar pelo aspecto deste caso que menos interesse tinha de comentar. Passou um pouco de manteiga em uma torrada enquanto pensava na resposta.

—Não há muito que contar – disse — Estou convencido de que a dama em questão não está implicada neste assunto.

Wilson se reclinou no assento.

—Não é a primeira ocasião em que você e eu conversamos sobre assassinatos e documentos potencialmente perigosos durante o café da manhã.

—Todas nossas conversas sobre esses temas eram coisa de negócios. — repôs Adam concisamente.

—Não obstante, é a primeira vez na longa história de nossa relação profissional que menciona um encontro com uma mulher extremamente difícil e imprevisível, que acha que você é o modelo perfeito para o vilão de uma novela. Sinto muito, mas chama bastante minha atenção.

Adam deu uma dentada em sua torrada.

—Já lhe disse. Não acredito que esta dama tenha relação alguma com o assunto do diário.

—Está claro que o impressionou.

—Impressionaria a qualquer um.

—Já sabe o que dizem os franceses: *cherchez la femme*.

—Estamos na Inglaterra, não na França. —Adam deixou um canto de torrada no prato e atacou novamente os ovos— Aqui as coisas são diferentes.

—Nem sempre. Não pude deixar de notar que a dama causou um efeito notável em seu estado de ânimo, ou, para ser mais exato, em seu humor.

Adam teve que admitir em seu íntimo que Wilson o conhecia muito bem.

—Recordo—lhe que faz vinte e quatro horas que não durmo —assinalou sem alterar—se — Não é de admirar que eu não esteja no melhor dos humores.

—Pelo contrário. —disse Wilson— Sei por experiência que quanto mais importante é o que está em jogo, mais desumano e impassível você fica. Muito chocante, na realidade.

Adam o fulminou com o olhar.

—De fato — prosseguiu Wilson sem alterar—se — se não o conhecesse bem, teria jurado que estava imune contra as paixões tórridas.

Um formigamento de alarme percorreu Adam. O garfo que estava em sua mão ficou parado a meio caminho de sua boca.

—Com o devido respeito, senhor, a última coisa que desejo falar com você esta manhã, é o que você chama «paixões tórridas».

—Bom Adam, agora sei que não está imune contra as paixões desse tipo, razão mais que suficiente para que se case e aproveite para engendrar herdeiros para as fortunas das famílias Grendon—Hardesty.

—Você não carece de herdeiros, senhor. Julia já se casou e lhe deu dois. Jessica será apresentada à sociedade na próxima primavera e, sem dúvida nenhuma, receberá dúzias de propostas em menos de duas semanas. Quando se casar, dará—lhe mais herdeiros ainda. E, não se esqueça de Nathan. Cedo ou tarde perderá o interesse pela filosofia e pela matemática pelo tempo suficiente para apaixonar—se, casar—se e engendrar outros herdeiros mais.

—Mas em todos esses cálculos você não está incluído. — objetou Wilson— Você é o mais velho. Deveria ter sido o primeiro a casar—se.

—Parece—me absurdo ficar aqui sentado discutindo mais uma vez sobre minha incapacidade para encontrar esposa, quando temos um problema muito mais urgente para nos preocupar. —

grunhiu Adam esforçando—se por conter seu mau humor—
Sugiro—lhe que nos concentremos no assunto do diário.

Wilson fez uma careta.

—Muito bem, mas devo confessar que isso me preocupa muito menos que a você.

—Sim, já percebi. Importaria—lhe explicar por que cargas d'água não lhe preocupa?

—O único valor desse diário, reside no fato de que pode utilizar—se como instrumento de chantagem. Cedo ou tarde, a pessoa que o roubou de Elizabeth Delmont ficará em contato contigo para tentar extorqui—lo, tal como ela fez. Quando isso acontecer, você irá rastrear esta pessoa até encontrá—la, como fez com Delmont. —Wilson encolheu os ombros para diminuir a importância do assunto — É só uma questão de tempo.

A lógica de Wilson pareceu impecável para Adam, como sempre. Entretanto, ele mesmo era incapaz de enfocar o problema com uma atitude tão otimista.

—Não está em minha natureza aguardar que um chantagista se digne a comunicar—se comigo, principalmente quando se trata, também, de um assassino — repôs em voz baixa.

Wilson suspirou.

—Não, é obvio que não. Muito bem então, procure esse chantagista e ocupe—se dele. Logo, poderá concentrar—se em questões mais importantes.

Para Wilson só existia uma questão importante ultimamente. Havia encasquetado que Adam devia casar—se. E uma vez concebida esta ideia, a defendia de forma implacável.

Adam professava a seu mentor o mesmo afeto, respeito e lealdade que supunha que outras pessoas sentissem por seus pais. Mesmo assim, não tinha a menor intenção de casar—se com a única finalidade de satisfazer as exigências de Wilson Grendon.

Este já se encontrava na segunda metade de sua sexta década. Era o último descendente direto de uma família aristocrática que tinha sido muito influente em outra época, e cujo patrimônio tinha sido tristemente dilapidado por uma longa estirpe de esbanjadores e libertinos. Wilson, dotado de uma força de vontade férrea e um grande talento para os negócios, tinha consagrado seus esforços a refazer a fortuna familiar. Tinha conseguido com acréscimo, contrariamente ao que todo mundo esperava, só para perder a razão que o tinha impulsionado a isso: sua amada esposa e seus dois filhos.

Desconsolado, Wilson dedicou—se a construir um império ainda maior. Embrenhou—se nas obscuras maquinações relativas aos seus diversos interesses na Inglaterra e Europa continental. Mais de uma vez no transcurso de vários anos, a empresa de Grendon com seus longos tentáculos, revelou—se útil para o governo de Sua Majestade.

Os agentes e empregados de Wilson no estrangeiro permaneciam atentos aos rumores e notícias sobre intrigas clandestinas e conspirações. Logo transmitiam a informação à Coroa, que por sua vez, aproveitava—se ocasionalmente dos contatos de Grendon para enviar mensagens diplomáticas secretas.

Este acordo informal se manteve quando Adam passou a tomar parte nas atividades de Wilson, e daí seus bate—papos ocasionais sobre assassinatos e traições. Para Adam, tudo isso

entrava na categoria de negócios: uma extensão natural da profissão que tinha exercido quando ganhava a vida nas ruas. A informação era uma mercadoria, como tudo. Podia—se comprar, roubar, trocar ou vender.

Seu mundo tinha mudado radicalmente há quatorze anos quando se mudou juntamente com Julia, Jessica e Nathan para a mansão gigantesca e solitária de Wilson na Laxton Square, mas algo havia permanecido: sua forma de ganhar o pão.

Fizeram crer na alta sociedade, que ele e os outros três eram parentes de Wilson, que os tinha perdido de vista há tempos. Segundo a história que Gredon havia propagado, o vínculo familiar tinha sido descoberto casualmente por seu advogado quando examinava uns documentos velhos. Wilson tinha localizado imediatamente os quatro jovens, os tinha acolhido em seu lar e os tinha renomado seus herdeiros.

Havia algo verdadeiro neste relato, certamente. Adam, Julia, Jessica e Nathan eram de fato os herdeiros de Wilson. Entretanto, a relação entre os cinco era bastante mais turva e intrincada do que imaginavam as pessoas de bom tom.

Embora nos últimos anos Gredon tivesse delegado a Adam muito das operações cotidianas de seu império financeiro, seguia sendo tão ardiloso e sagaz como sempre. Como já não tinha que centrar suas consideráveis aptidões em seus negócios, dispunha de muito tempo livre para trabalhar em outros projetos, como induzir Adam a casar—se.

—Vejo que está decidido a seguir adiante com sua busca do diário. —assinalou Wilson— Qual será seu seguinte passo?

Adam estendeu o braço para o bule de prata.

—Esta manhã enquanto voltava para casa lembrei—me que um de seus velhos amigos, Prittlewell, ultimamente andava fascinado pelas investigações psíquicas.

Wilson bufou.

—Prittlewell e o resto da alta sociedade. Asseguro—lhe que nada me assombra mais do que ver tantas pessoas aparentemente razoáveis e educadas deixar de lado seu senso comum e seu ceticismo natural quando um médium faz levitar uma mesa. Culpa dos americanos, é obvio. Esta moda nos chega do outro lado.

—O outro lado?

—Do Atlântico. —Wilson soprou de novo — As irmãs Fox com suas pancadinhas e ruídos estranhos, os Davenport com seu armário misterioso, D. D. Home...

—Pensava que Home tinha nascido na Escócia — repôs Adam com o cenho franzido.

—Talvez nascesse ali, mas se criou nos Estados Unidos.

—Entendo — disse Adam secamente — Suponho que isso explica tudo.

—Em efeito. Como lhe dizia esta não é a primeira moda absurda importada da América, nem será a última.

—Sim, senhor. Mas eu me referia a que certamente, seu amigo Prittlewell deva ter ouvido intrigas ou boatos sobre a comunidade dos médiuns nas sessões de espiritismo e nas palestras sobre investigações psíquicas que assistiu.

—É muito provável, e o quê?

—Perguntava—me se você poderia dissimuladamente fazer algumas averiguações nessa direção, averiguar o que sabe a

respeito de Elizabeth Delmont e seu círculo de amizades ou conhecidos.

O entusiasmo iluminou o rosto de Wilson. Adorava intrigas!

—Muito bem. Isso poderia ser muito interessante.

«E com um pouco de sorte, vai mantê—lo muito ocupado para concentrar—se em seus planos para casar—me», pensou Adam.

Disponha—se a prosseguir com sua tentativa de distração quando ouviu o som distante e surdo da porta principal que se abria e se fechava. Só havia uma pessoa capaz de apresentar—se em horas tão inoportunas.

—Aí vem Julia. —disse Adam— Lembre—se, nenhuma palavra sobre tudo isto. Não quero que ela se preocupe com este assunto. Não há necessidade de incomodá—la com isso.

—Estou de acordo. Confie em mim, não direi nada.

Uns passos ligeiros e apressados ressoaram no vestíbulo. Instantes depois, Julia apareceu à porta. Os dois homens ficaram de pé.

—Bom dia a ambos. —deslizou para o interior do cômodo com um sorriso radiante— Espero que estejam preparados para suportar outra invasão de trabalhadores e decoradores esta tarde.

—É obvio. —respondeu Wilson— Orgulha—nos colaborar com nosso pequeno grão de areia na organização do que será o acontecimento social da temporada. Não é mesmo, Adam?

—Desde que mantenha sua horda de trabalhadores e decoradores fora da biblioteca. — concordou Adam lhe aproximando uma cadeira.

Fez uma careta e sentou—se.

—Não se preocupe, todos sabemos que sua biblioteca é sagrada, mas receio que haverá muita agitação por aqui nos próximos dias. Mandarei instalar fontes e espelhos no salão de baile. Acredito que produzirão um efeito espetacular.

—Tenho certeza disso. —Adam sentou—se novamente e colocou outra torrada no prato — Presumo que seus planos vão de vento em popa.

—Sim, mas me vi obrigada a admitir diante de Richard esta manhã, que este ano talvez não me saia bem com a decoração estilo vila romana.

—Tolices querida. —Wilson se sentou também lhe dedicando um sorriso paternal e tranquilizador— Se houver alguém capaz de transformar esse salão de baile em uma vila romana, essa pessoa é você. Não tenho a menor dúvida de que conseguirá. Deixará novamente a alta sociedade assombrada e estupefata, como no ano passado.

—Agradeço sua confiança —Julia serviu—se de uma xícara de chá— mas se a coisa sair como espero grande parte do mérito será seu, tio Wilson. Eu jamais teria podido organizar semelhante acontecimento se você não tivesse me permitido usar o velho salão de baile. Não haveria espaço suficiente na casa da cidade para celebrar algo mais complexo que um jantar ou uma pequena soirée.

—Seu marido foi muito prudente ao não investir em uma casa maior aqui na cidade — opinou Wilson — Seria um esbanjamento excessivo de dinheiro. Já tem muitas propriedades para manter, e sua família não passa tempo suficiente em Londres para justificar semelhante gasto.

Julia assentiu com a cabeça e depositou o bule sobre a mesa.

—Não discuto isso. Por falar nisso, Richard me pediu que lhe dissesse que está pensando em levar os meninos à feira do parque amanhã. Quer saber se você gostaria de acompanhá—los.

Wilson parecia extremamente entusiasmado.

—Consultarei minha agenda para ver se estou livre.

Adam pensou que sem dúvida sua agenda lhe concederia o tempo suficiente para acompanhar os meninos e o pai deles, o conde de Southwood, em seu passeio. Wilson não teria tido o menor problema em postergar uma audiência com a rainha para passar uma tarde com os meninos.

Julia dirigiu a Wilson um olhar de cumplicidade.

—Além disso, se for à feira terá uma desculpa magnífica para sair de casa enquanto os decoradores e trabalhadores movimentam—se por aqui. Advirto—lhe que não posso prometer outra coisa além de ruído e alvoroço para o resto da semana.

—As vilas romanas não se constroem em um dia. — observou Wilson.

Julia tomou um gole de chá.

—Aliás, recebi uma carta de Jessica esta manhã. Ela está se divertindo em Dorset. Parece que a vida na propriedade da família de sua amiga consiste em uma sucessão de refeições no campo e jogos.

—Nathan nos enviou uma nota para avisar—nos que virá no mês que vem na ocasião de meu aniversário. — disse Wilson.

—Ele está bem? —perguntou Julia ligeiramente inquieta. — Preocupa—me que dedique tanto tempo a seus livros.

—Não se preocupe. —disse Wilson com ar despreocupado— Está mais que satisfeito. Acredito que nasceu para a vida acadêmica.

Julia sorriu.

—Quem haveria de imaginar?

Esta conversa diante da mesa de café da manhã fluía e refluía em torno de Adam, mas ele se esforçava pouco em participar da conversa. Não era apenas porque estivesse absorto em pensamentos muito mais lúgubres, mas também porque começava a apresentar os efeitos da longa noite em claro. Estava sentindo falta de sua cama.

—Ocorre algo com você Adam? —perguntou Julia de repente— Parece estar a milhões de milhas daqui. Estou aborrecendo você com meus planos para o baile?

—Não, só estava pensando em algumas providências que devo tomar esta manhã. —Deixou o guardanapo sobre a mesa— Se me desculparem...

Mas era muito tarde. Julia já o examinava com um olhar atento e típico de uma irmã.

—O que é isto? Tem a camisa amarrotada e me dá a impressão de que não se barbeou esta manhã. Isso não é muito próprio de você.

—Julia com sua permissão devo partir. —Adam se levantou— Desfrute o café da manhã. Eu os verei mais tarde.

Wilson inclinou a cabeça e semicerrou as pálpebras levemente.

—Descanse um pouco.

Julia abriu os olhos de forma exagerada.

—Por que precisa descansar? Está doente?

—Encontro—me estupendamente bem, obrigado.

Adam pegou o exemplar dobrado do Flying Intelligencer e fugiu da sala de refeições.

Ao avançar pelo corredor ouviu uns passos enérgicos às suas costas e reprimiu um resmungo. Deveria ter sabido que não seria tão fácil.

—Adam! —chamou Julia com firmeza— Quero falar com você.

—Do que se trata? —Entrou na biblioteca e sentou—se atrás de sua mesa — Como já lhe disse, estou muito ocupado.

—Duvido muito que tenha se vestido de forma tão descuidada esta manhã. — Julia entrou na biblioteca caminhando com garbo e parou diante da mesa — Acredito que acaba de chegar depois de andar a noite toda por aí.

—Julia, existem assuntos que um cavalheiro não deve tocar, nem sequer falar com sua irmã.

—Chega! Eu sabia! Passou a noite fora. — Um brilho de curiosidade apareceu em seus olhos— É algo sério desta vez, ou só mais uma de suas aborrecidas aventuras amorosas?

—Não tinha ideia de que considerasse aborrecida minha vida privada. Por outro lado, sua opinião a respeito não importa nem um pouco, já que se trata de minha vida pessoal, não da sua.

Ela franziu o cenho, surpresa de ouvi—lo falar nesse tom.

O remorso afundou suas garras nele. Não tinha pretendido responder de um modo tão brusco.

—Tudo bem. Peço—lhe desculpas pelo meu mau humor. Wilson tem razão; preciso dormir.

—Suponho que suas aventuras só me parecem pouco interessantes porque também lhe parece a mesma coisa. Explicou ela agora pensativa.

—Perdoe—me Julia, mas acredito que perdi o fio da conversa. E não desejo recuperá—lo.

Ela assentiu com a cabeça como se tivesse confirmado uma opinião secreta.

—Isso é claro. Deveria ter deduzido antes. Suas relações amorosas sempre me pareceram especialmente pouco estimulantes, porque você não parece muito estimulado por elas.

—Não vejo esse tipo de coisas como fonte de estímulo.

—Isso é óbvio. Encara suas relações românticas com as damas do mesmo modo que encara seus negócios. Sempre planejando tudo com cuidado e dirigindo a situação com muita habilidade e segundo suas próprias regras. Nunca manifesta de forma absoluta suas emoções ou sentimentos intensos. Quando uma relação termina parece quase aliviado, como se tivesse completado uma tarefa rotineira e estivesse livre para começar outro projeto.

—Não tenho a menor ideia do que fala.

—Falo que nunca se permitiu o luxo de apaixonar—se Adam. —Fez uma pausa enfática— Tio Wilson e eu acreditamos que seria uma boa hora de que o fizesse.

Ele apertou os dentes.

—Julia, para sua informação, Wilson acaba de me passar um sermão sobre o tema de me encontrar uma esposa. Não estou com humor para suportar outro.

Ela fez pouco caso do comentário, jogou a saia para o lado e sentou—se em uma das poltronas estofadas em couro.

—Quer dizer que tem uma nova amante. Quem é Adam? Morro de curiosidade para saber como se chama.

Então Adam decidiu que o modo mais simples de desviar a atenção de Julia enquanto ele prosseguia a busca do diário era alimentar sua ideia de que estava envolvido em uma nova aventura amorosa. Enquanto ela acreditasse nisso, seria menos provável que pusesse em questão qualquer comportamento estranho ou reservado que ele pudesse demonstrar nos dias seguintes.

Ele ficou a revirar papéis, enquanto urdia mentalmente seu plano.

—Não espera que eu revele seu nome. — disse.

—Sei que tem uma norma respeito disso, mas não é aplicável neste caso.

—As normas são aplicáveis a todos os casos.

—Tolices. Sempre levou muito a sério suas próprias normas. Quer dizer que esteve com Lillian Tait ontem à noite, por acaso? Sabia que ela tinha olho em você. Sucumbiu finalmente às suas artimanhas?

—O que a faz pensar que eu desperdiçaria uma noite inteira e boa parte da manhã com Lillian Tait? — Amontoou os papéis que acabava de revirar— Já é muito difícil aguentar sua conversa durante o tempo que dura uma dança no baile.

—Me ocorrem várias razões pelas quais ela poderia parecer divertida em outras circunstâncias. A senhora Tait é uma viúva muito atraente e muito rica, e não é nenhum segredo que não tem intenção de casar—se novamente. Aprecia bastante sua liberdade. Em resumo, ela reúne aparentemente todas as qualidades que você procura em uma amante.

—Acredita nisso? —disse ele em um tom de deliberada indiferença.

—Conheço você melhor que ninguém no mundo, talvez com exceção do tio Wilson. Há tempos percebi que você se impõe regras muito específicas a respeito de suas aventuras amorosas. — Fez uma pausa significativa— Sabe? Acredito que esse é seu principal problema Adam.

Ele a olhou bastante perplexo.

—Qual?

—Sua insistência em agir sempre por suas regras. Pelo amor de Deus, tem regras para tudo, inclusive para suas relações românticas.

Adam arqueou uma sobrancelha.

—Você me espanta mocinha. Eu tinha a impressão de que as damas recatadas não falavam das relações românticas dos cavalheiros.

Ela sorriu com serenidade.

—Asseguro que todas as damas que conheço acham fascinante o assunto de quem namora com quem. De fato, é o primeiro assunto que se aborda em qualquer reunião para tomar o chá e outros eventos sociais.

—Ah, outra ilusão minha sobre o comportamento feminino que vem abaixo. —Tomou uma pluma— E eu que pensava que os únicos assuntos que conversava com suas amigas eram os de moda e os últimos folhetins!

Ela deu um estalo com a língua.

—Para mim é incompreensível que tantos cavalheiros aparentemente inteligentes estejam convencidos que as mulheres sejam altamente ignorantes em relação à realidade da vida.

Adam ficou muito sério ao ouvir o comentário.

—Ambos sabemos que a ignorância da realidade da vida não figura precisamente entre os seus defeitos Julia. — disse em voz baixa— Só teria gostado de haver protegido melhor você e os outros.

—Bobagem. —A expressão zombadora se apagou do rosto de Julia num abrir e fechar de olhos— Não diga uma coisa dessas Adam. Protegeu—nos muito bem quando jovens. Acredito que Jessica, Nathan e eu não teríamos sobrevivido sem você. Mas não precisa pensar que eu sou tão ingênua para acreditar que você vivesse como um monge, não é?

Adam estremeceu.

—Não supunha que minha vida privada a interessasse tanto.

—Sou sua irmã em todos os sentidos, exceto no sangue — recordou—lhe com doçura— É obvio que dedico muita atenção a seus assuntos privados. —arqueou as delicadas sobrancelhas— Pelo que me lembro você se preocupou muito mais comigo quando confessei que estava loucamente apaixonada por Richard.

—Por causa da sua condição de herdeira. Era meu dever assegurar—me de que ele não se casasse com você por sua fortuna.

—Sim, sei, e não descansou até comprovar que Richard e eu queríamos nos casar por amor. Ele até hoje sente calafrios quando menciona os numerosos interrogatórios que teve que submeter—se para ganhar sua confiança e seu respeito.

—Eu não chamaria de interrogatório essas reuniões. Prefiro considerá—las ocasiões propícias para que Southwood e eu nos conhecêssemos melhor e estabelecêssemos laços de amizade.

Julia riu.

—Ele me disse que teve vontade de afogá—lo, durante aquela excursão de pesca na Escócia e a única coisa que o fez desistir de atirá—lo no lago com um empurrão foi o fato de saber que você é um excelente nadador.

—Pescamos umas boas peças nessa viagem.

—E aquela vez que o convidou para navegar pela costa durante três dias no veleiro de Wilson, ele não se atreveu a negar por medo de que o tomasse por um covarde.

—Fez um tempo ótimo para navegar.

—Passou a viagem enjoado como um pato. Diz que ainda se pergunta como você soube antes da saída de que era propenso ao *mal de mer*.

Ele assentiu com expressão enigmática.

—Tenho minhas fontes.

—O que quero dizer é que sempre empregou muita atenção aos meus assuntos pessoais, assim acredito que é justo devolver o favor. Por infelicidade, você nunca me deu nada interessante que observar.

—Lamento que me ache extremamente enfadonho, mas muito pouco posso fazer a esse respeito. E agora, sinto dar por terminada esta conversa tão fascinante, mas tenho planos para esta tarde e eu gostaria de descansar um pouco antes de sair.

Ela fez uma careta.

—Não vai dizer—me o nome dela, não é?

—Não.

—Qual o motivo de tanta reserva? Cedo ou tarde vou saber sua identidade. Já sabe como correm os boatos na alta sociedade. —Fez uma pausa e inclinou ligeiramente a cabeça em um gesto malicioso— A menos é claro, que sua nova amiga não frequente os altos círculos sociais.

Ele ficou de pé e pegou o jornal.

—Se me desculpar subirei para descansar um momento.

—Muito bem, me dou por vencida, ao menos no momento. —levantou—se— É claro que você não vai satisfazer minha curiosidade. Mas, cedo ou tarde... —interrompeu—se e deu uma olhada no jornal que ele segurava na mão— Não sabia que lia o *Flying Intelligencer*, Adam. Não combina com seu estilo de jeito nenhum. Não publica nada além de notícias sensacionalistas e fofocas.

—Asseguro que este é o primeiro e único exemplar que comprei.

—Pois você teve sorte em consegui—lo. —Julia se afastou para a porta— A última novela da senhora Fordyce aparece em capítulos nesse jornal. É comum que os exemplares se esgotem rapidamente. Aliás, me preocupei em pedir a Willoughby que fosse a procura de um jornaleiro na primeira hora da manhã. Por nada no mundo queria perder o capítulo de “*O Cavalheiro Misterioso*.”

Adam foi assaltado pela sensação de que um destino funesto se abatia sobre ele.

—Ignorava que fosse leitora assídua da obra da senhora Fordyce.

—Bem, na verdade sou. Sua última novela é a melhor até agora em minha opinião. O vilão é um homem chamado Edmund Drake. Ainda não sabemos o que nos espera, mas salta aos olhos que alberga intenções perversas em relação à heroína, Lydia Hope.

Adam notou que lhe esticava a mandíbula.

—Contaram—me isso.

Ela parou em frente à porta.

—Tenho certeza que encontrará um final terrível. O último vilão da senhora Fordyce acabou em um manicômio, onde passou o resto de seus dias. Suspeito que Edmund Drake não terá melhor sorte.

Pouco depois na intimidade de seu quarto Adam se liberou da gravata, do colete e a camisa e se estendeu na cama para desfrutar do descanso que tanta falta o fazia. Tentou concentrar—se no passo seguinte de seus planos para encontrar o diário, mas por algum motivo seus pensamentos se desviavam continuamente para Caroline Fordyce.

Ela não era o tipo de mulher com que estava acostumado a envolver—se, certamente. Entretanto, em alguns aspectos encaixava muito bem com aquilo que Julia tinha começado a chamar de «suas regras». Não era uma jovem inocente como Jessica, a quem teria que vigiar tão zelosamente como um baú de ouro até que encontrasse um marido adequado para ela. Tampouco, era a esposa de um amigo ou sócio; outra categoria de mulher que ele evitava a todo custo.

Era viúva, certamente uma viúva com muito chão. Sem dúvida, só uma mulher com uma experiência considerável seria

capaz de conceber esses argumentos escabrosos e melodramáticos que faziam que os folhetins causassem tanto furor.

A julgar por sua casa e seu vestido, Caroline ainda que evidentemente, não contasse com uma grande fortuna, mas sim, ganhava bem a vida com seus livros. Não se movimentava nos elevados círculos sociais, certo, mas isso decidiu Adam, supunha ser uma grande vantagem. Reduzia as probabilidades de ocasionar fofocas.

Soltou um lamento e tapou os olhos com o antebraço. Já tinha muitos problemas naquele momento. A última coisa que lhe convinha expor—se era a possibilidade de embarcar em uma aventura amorosa com Caroline Fordyce.

Por desgraça, não conseguia pensar em outra coisa.

Capítulo 4

Nessa tarde, quando Caroline entrou no gabinete encontrou suas tias esperando—a. Estavam sentadas frente à lareira bebendo chá. Ambas a olharam curiosas.

—E então? —perguntou Milly com seu entusiasmo habitual.

—Comprovei sem sombra de dúvida. O cavalheiro misterioso que me fez uma visita esta manhã dizia a verdade. — Caroline se sentou em sua mesa — Elizabeth Delmont foi assassinada ontem à noite depois da sessão de espiritismo. A possibilidade de que o senhor Grove ou, como se chama, seja um demente ou um mentiroso está descartada.

Era uma esperança pouco realista, porém havia se agarrado a ela.

—O que você viu quando foi à casa de Delmont? —quis saber Emma com a atitude de quem se prepara para o pior, como sempre.

Caroline se acotovelou sobre a mesa e apoiou o queixo nas palmas das mãos.

—Havia um guarda em frente à porta e uma multidão de vizinhos curiosos e jornalistas na rua.

—Você teve o cuidado para que ninguém a visse não é? —inquiriu Emma inquieta.

—É claro. —Caroline enrugou o nariz— Embora de qualquer forma, ninguém teria me reconhecido.

—Mesmo assim, toda precaução é pouca em um caso como este —recordou—lhe Emma— O assassinato logo causará uma

grande sensação nos jornais, e não seria nada bom que seu nome aparecesse relacionado com ele de um modo ou de outro, especialmente depois daquele infeliz artigo sobre sua demonstração de poderes psíquicos durante aquele lanche na casa de Harriet Hughes.

—Não me lembre disso. —murmurou Caroline— Que grande engano. Não sei por que deixei que tia Emma e você me convencessem a fazer aquilo.

—Vamos, vamos, foi muito divertido. —repôs Milly tirando importância do assunto— Harriet e suas amigas ficaram encantadas.

Emma franziu o cenho.

—Mas só Deus sabe como interpretaria a imprensa que Caroline fosse vista em frente a casa onde a médium morreu assassinada. Seria desastroso. Só resta rezar para que não se conheça o fato de que ela assistiu à última sessão de Delmont.

—O senhor Grove me assegurou que não tem a menor intenção de entregar a lista dos assistentes à polícia. —disse Caroline. «Mas, e se mudar de ideia?»».

—Quem sabe o que fará esse homem? —disse Emma como se lhe tivesse lido o pensamento— Pelo que nos contou, parece bastante excêntrico, para dizer o mínimo. Onde já se viu que alguém saia à caça de um assassino por conta própria?

—Certamente não se trata do comportamento que se espera de um cavalheiro que convive com a mais seleta sociedade. —conveio Milly— Pergunto—me que informação contém esse diário perdido que tanto o preocupa. Além disso, tem o assunto do nome falso. —Estalou a língua.

«Há tantas incógnitas...», pensou Caroline. Não tinha podido escrever um só capítulo desde que partiu o homem que se dizia chamar Adam Grove. Ao partir, tinha deixado para trás sua sombra que se abatia sobre toda a casa.

Caroline olhou às duas pessoas que mais amava no mundo. A ansiedade se apoderou dela. Ela era a culpada de que suas vidas tivessem mudado há três anos. Não podia permitir que isso voltasse a acontecer. Tinha a responsabilidade de protegê-las de outro escândalo... Ou de algo pior.

Emma e Milly a tinham criado desde que contava dois anos. Tinham—na acolhido em sua casa quando sua mãe morreu de uma overdose de láudano. Caroline tinha chamado «tia» a cada uma das duas mulheres desde que tinha aprendido a falar, mas a rigor só Emma, irmã de sua mãe, tinha laços de sangue com ela.

As duas já tinham certa idade. Havia sido algo mais que boas amigas durante anos e compartilhado não apenas uma casa e a responsabilidade de educar uma menina, senão uma série aparentemente interminável de afeições e interesses.

O casal contrastava tanto por seu aspecto, como por seu temperamento. Emma era alta, de aparência severa, mas agradável e com uma visão de mundo bem mais sombria. Não estava totalmente desprovida de senso de humor, mas não ria com facilidade.

Milly por outro lado, era baixa, gordinha e tão jovial que quem não a conhecesse bem, frequentemente há julgavam um pouco frívola. Nada mais longe da realidade. Milly era tão inteligente e bem educada como Emma, mas tinha uma marcada veia romântica.

Caroline tinha concluído há anos que o gosto de cada uma de suas tias na hora de escolher a roupa estava de acordo com seu caráter. Emma preferia os vestidos negros e austeros, com um mínimo de fitas e babados. Parecia estar de luto perpétuo, um estilo que casualmente estava muito na moda no momento.

Mas naquela época havia outra tendência não menos popular, que se manifestava em uma extravagância desenfreada de cores, formas, nós e desenhos, e que combinava com Milly como um anel ao dedo. O vestido que usava naquela tarde era um exemplo excelente disso, uma mescla de listras vermelhas e douradas e xadrez preto e branco. Do decote e das mangas em padrão escocês pendiam fileiras de franjas. Uma anágua vermelha de babados aparecia por baixo da bainha.

Emma serviu chá à Caroline.

—Todo este assunto é muito inquietante. Você acha que das sombras o assassino nos espiava ontem à noite quando saímos da casa da senhora Delmont? Talvez estivesse esperando o momento oportuno, por assim dizer.

—Que ideia tão horripilante. —Milly parecia mais entusiasmada que arrepiada— Devo reconhecer que a sessão de ontem à noite me pareceu emocionante. Eu gostei especialmente da parte da mão fantasmagórica que se elevava junto à mesa. Causou um grande efeito. Acreditei que o senhor McDaniel ia desmaiar quando os dedos tocaram sua manga.

—Elizabeth Delmont era uma impostora completa, é claro, —disse Caroline pensativa— mas, não se pode deixar de admirá-la por exercer uma profissão tão interessante. Há poucos empregos bem remunerados e acessíveis às mulheres.

—Certamente. —assentiu Emma— Averiguou algum outro detalhe interessante esta tarde?

—Suspeitei de uma jovem criada que estava sozinha observando o alvoroço em torno da casa da senhora Delmont — respondeu Caroline— Pedi ao condutor que parasse a carruagem para falar com ela. Resolvi que com isso não correria nenhum risco, pois sabia que ela não tinha a menor ideia de quem sou. Contou— me os rumores que circulavam entre a multidão.

—E o que disse? —perguntou Milly.

—Que todo mundo dizia que os móveis da sala de espiritismo estavam de pernas para o ar por obra de forças sobrenaturais.

Emma suspirou.

—Suponho que intrigas desse porte fossem inevitáveis, já que a assassinada era uma médium.

—Sim. — Caroline levantou sua xícara — Também me disse que se falava muito de um relógio de bolso quebrado.

—O que tinha de especial esse relógio? —inquiriu Milly com evidente curiosidade.

—Ao que parece foi achado junto ao cadáver. A polícia acredita que ficou destruído enquanto se cometia o assassinato. — Tomou um gole de chá e baixou a xícara — Os ponteiros do relógio se detiveram justamente às doze da noite.

Milly estremeceu.

—Que melodramático.

Emma apertou os lábios.

—Sem dúvida as crônicas jornalísticas sobre o crime darão muita importância a esse relógio.

—Não me surpreenderia que algum dos presentes a uma das sessões da senhora Delmont contrariado, tivesse decidido vingar— se dela. —assinalou Milly— A comunicação com o Além pode chegar a exaltar muito às pessoas que tomam essas tolices a sério.

—Talvez —disse Caroline lentamente— mas estive pensando muito sobre o acontecido e me ocorreu outra possibilidade.

—Qual? —perguntou Emma.

—O cavalheiro que se apresentou aqui esta manhã, está convencido de que a pessoa que assassinou a senhora Delmont o fez para conseguir um diário. Mas como sabem, ultimamente passei muito tempo na sede da Sociedade de Investigações Psíquicas, e ali ninguém ignora que a senhora Delmont tinha uma rival muito invejosa, uma médium chamada Irene Toller.

—Sim, você havia comentado que a inveja profissional era moeda comum entre as médiuns. — disse Milly.

Emma removeu seu chá.

—Esperemos que a polícia detenha o malfeitor o quanto antes e ponha ponto final neste assunto.

Mas e se a polícia não encontrasse o assassino? Perguntou— se Caroline. Viriam à sua porta como Adam Grove? E o que faria este misterioso cavalheiro? Se não localizasse o diário voltaria para assediá—la com perguntas e acusações não de todo veladas? Acabaria por facilitar à polícia a lista de assistentes à última sessão de Delmont?

Ela sabia melhor que ninguém que os homens desses círculos não eram confiáveis.

—Oxalá não tivesse passado por sua cabeça a ideia de incluir o personagem de uma médium em sua próxima novela Caroline — murmurou Emma com expressão séria— Jamais teria ido a Wintersett House para documentar sobre os fenômenos psíquicos e nós jamais teríamos assistido à última sessão de Elizabeth Delmont.

«Mas tomei essas decisões», pensou Caroline aflita. E agora suas tias e ela deviam enfrentar a possibilidade de que outro terrível escândalo arrastasse sua reputação pela lama e acabasse com sua nova profissão, da qual dependia o sustento das três.

Ela não podia ficar sentada de braços cruzados esperando que o desastre lhes caísse em cima como uma avalanche. Deveria entrar em ação. Havia muita coisa em jogo.

Capítulo 5

Aquela noite a assaltou o pesadelo de sempre.

“Levantava a pesada saia e punha—se a correr o mais depressa que podia pelo caminho de terra sulcada pelas rodas. Às suas costas, o ameaçador tamborilar surdo das pegadas de sua perseguidora se ouvia mais perto. O coração batia com força em seu peito. Começava a cansar—se, e introduzia oxigênio em seus pulmões a grandes baforadas.

No começo daquela terrível experiência, o medo e o pânico provocaram em seu organismo uma descarga de energia sobrenatural, mas o peso de seu vestido se converteu em uma carga enorme que entorpecia sua fuga desesperada. A sombrinha presa pela linda fita que Milly e Emma lhe tinham presenteado por seu aniversário rebatia contra suas costas ameaçando fazê—la perder o equilíbrio.

Não sabia quanto tempo mais aguentaria aquela corrida, mas era consciente de que se parasse, morreria.

—Você tem que desaparecer. —dizia—lhe sua perseguidora naquele tom tão aterrorizantemente razoável— Não entende? Ele voltará para mim se você desaparecer.

Ela não virava a cabeça para olhar para trás. Não poderia correr esse risco. Sua perseguidora empunhava uma reluzente faca de corte, decidida a matá—la.

—Você tem que desaparecer.

O tamborilar das pegadas soava cada vez mais perto. A mulher que a perseguia não carregava o peso de um vestido volumoso. A provável assassina estava apenas com uma leve camisola de linho e um par de sapatos resistentes.

—Ele voltará para mim se você desaparecer.

A saia de lã de seu vestido lhe pesava como chumbo nas mãos. Começava a perder terreno...”

Caroline despertou empapada de um suor frio sempre que tinha esse sonho. Concluiu que o caso da médium assassinada tinha provocado a volta do pesadelo.

O sonho a atormentava de vez em quando há três anos. Em algumas ocasiões a deixava em paz durante quinze dias ou, inclusive um mês; o tempo suficiente para que ela concebesse a esperança de que nunca mais sonharia com isso. E então o pesadelo voltava sem avisar, perturbando seu descanso. Frequentemente a perseguia por várias noites seguidas, antes de desaparecer novamente.

Desceu da cama e colocou a bata e as sapatilhas. Não tinha sentido que tentasse dormir outra vez. Sabia muito bem o que acontecia nesses casos. Só podia fazer uma coisa; o mesmo que fazia a cada noite em que o sonho e as lembranças aterradoras voltavam para assediá-la.

Desceu as escadas silenciosamente até o frio gabinete. Ali acendeu um abajur, serviu-se de um cálice de xerez e ficou a caminhar de um lado a outro durante um momento.

Uma vez que seus nervos haviam se tranquilizado e seu pulso normalizou—se, sentou—se em sua mesa, tirou papel e pluma e começou a escrever.

Apesar dos pesadelos, do assassinato e do enigmático senhor Grove, tinha trabalho a fazer. O senhor Spraggett, diretor do Flying Intelligencer, esperava receber a próxima entrega do “O Cavaleiro Misterioso” no final daquela semana.

A escritora de folhetins famosos sobrevivia porque atendia aos prazos inflexíveis: tinha que completar um capítulo a cada semana ao longo de aproximadamente, vinte e seis semanas seguidas. Cada um constava de umas cinco mil palavras. Para manter o interesse dos leitores, cada entrega devia iniciar e finalizar com um incidente extraordinário.

As limitações de tempo que impunham a Caroline a obrigavam frequentemente a começar a documentar—se e a tomar notas sobre sua novela seguinte quando ainda estava acabando os últimos capítulos da anterior.

Umas poucas centenas de palavras depois, deixou a pluma e repassou o que tinha escrito.

Não havia dúvida: o personagem de Edmund Drake começava a tomar forma finalmente. Bem a tempo, pensou ela. Drake tinha sido uma figura imprecisa até então, mas estava destinado a ocupar um lugar central nos capítulos que faltavam.

Capítulo 6

Dois dias depois, Caroline estava sentada na última fila da sala de conferências observando o cenário enquanto as luzes de gás amorteciam de forma chamativa.

A sala ficou mergulhada na penumbra. A única zona que permaneceu bem iluminada era o cenário deserto. Ali um abajur solitário lançava um brilho fantasmagórico que banhava a mesa e a cadeira. Os escassos membros do público sussurravam entre si curiosos.

Caroline reparou que tinha virtualmente toda a fileira de assentos apenas para ela. Era como se Irene Toller se visse eclipsada mais uma vez por sua falecida rival. Ali na Winterset House, a notícia do assassinato de Elizabeth Delmont tinha captado o interesse de todas as pessoas relacionadas com as investigações psíquicas. Nas salas e nos corredores da desmantelada mansão ressoava o murmúrio das especulações e das fofocas. Com tanto alvoroço, muito pouca gente tinha optado por assistir à exibição de *escrita mediúnica* de Irene Toller.

O repentino e teatral escurecimento da sala produziu um efeito de intranquilidade nos sentidos de Caroline. Era como se dedos invisíveis tivessem lhe roçado a nuca. Uma consciência perturbadora lhe pôs os nervos em ponta. Sentia literalmente que uma presença oculta se aproximava dela.

—Boa tarde, senhora Fordyce — sussurrou—lhe o homem que se fazia chamar Adam Grove de um ponto situado justo atrás de seu ombro direito— Esta sim é que é uma coincidência de

proporções enormes, inclusive metafísicas. Importa—lhe se sentar—me junto a você?

Ela se sobressaltou de um modo tão violento que esteve a ponto de levantar—se de um salto. De fato, conseguiu reprimir um grito.

—Senhor Grove. —Sem fôlego por causa do susto que ele acabava de lhe dar e irritada por sua própria reação, fulminou—o com um olhar de recriminação. Isto não teve o menor efeito nele, sem dúvida devido à escuridão que reinava ali no fundo da sala— Que você faz aqui?

—O mesmo que você, imagino. —Passou pela frente dela com a clara intenção de ocupar o assento contíguo, apesar dela não o ter convidado a fazê—lo— Pensei que seria instrutivo presenciar uma exibição da *escrita mediúnica* de Irene Toller.

—Seguiu—me. —o acusou afastando a saia para evitar que ele a pisasse.

—Não, para falar a verdade não a segui. —Deixou—se cair na poltrona situada junto à de Caroline— Mesmo assim, não me surpreende muito que nossos caminhos voltem a cruzar—se.

—Não costumo conversar com cavalheiros que não me foram devidamente apresentados. —disse ela no tom mais glacial possível.

—Certo, tinha esquecido. —Acomodou—se confortavelmente no assento— Não lhe disse meu verdadeiro nome quando fui vê—la outro dia, não é verdade?

—De fato, enganou—me, senhor.

—Sim, bem, só posso alegar que naquele momento tomei essa decisão para o seu bem. Mas já que o destino interveio neste

assunto, não vejo nenhuma razão para não me apresentar como é devido. Adam Hardesty, ao seu serviço.

—Por que tenho que acreditar que desta vez me diz a verdade?

—Com todo prazer lhe apresentarei provas de minha identidade se me pedir isso.

Ela fez caso omissso do oferecimento.

—Você está aqui porque soube que a senhora Toller poderia ter um motivo para assassinar a senhora Delmont, equivoco—me?

—É evidente que você ouviu os mesmos rumores.

—A rivalidade entre as duas era de domínio público aqui na Wintersett House.

—Suponho que a curiosidade a moveu a interessar—se pelo caso —Sacudiu a cabeça— Ninguém a preveniu contra os perigos desse vício?

—Reconheço que sou curiosa por natureza, senhor Hardesty, mas a verdade é que não foi à curiosidade que me trouxe aqui.

—Ah, não? Posso lhe perguntar então que estranha ideia a impulsionou a investigar um assassinato por conta própria? Este assunto não é da sua alçada.

—Infelizmente não estou completamente segura disso. —repôs ela com serenidade— Pareceu—me prudente fazer minhas próprias indagações.

—Como assim? —Adam cruzou os braços— Como pode você qualificar semelhante ato de prudente? É uma temeridade, uma insensatez e um risco potencial para você.

—Não tenho alternativa. Em minha opinião a situação já é muito perigosa. Salta aos olhos que você é um homem implacável e

decidido. Quando você partiu de minha casa me ocorreu que talvez, se você não encontrasse um suspeito convincente voltaria à sua teoria original, a que assinala como culpadas minhas tias e eu.

Produziu—se uma pausa breve e tensa enquanto ele assimilava suas palavras. Ela notou que sua lógica era bem desagradável para Adam.

—Admito que minha intenção era colocá—la um pouco nervosa —confessou— mas pensei que havia deixado bem claro que estou razoavelmente seguro de que suas tias e você não têm nada a ver com este assunto.

—Razoavelmente seguro não me soa como se estivesse totalmente convencido. E agora, tenha a amabilidade de deixar de me criticar. A exibição está a ponto de começar.

Adam ficou calado, embora ela soubesse que teria muito que lhe dizer mais tarde. Fixou—se no propósito de escapar da sala o mais rapidamente possível assim que Irene Toller concluísse sua demonstração.

Um homem de baixa estatura com um terno impecável, uma camisa de bolinhas e um colete de listras apareceu no cenário. Pigarreou.

—Agora, a senhora Irene Toller nos apresentará uma demonstração de *escrita mediúnica* — anunciou.

Ouviram—se aplausos dispersos e pouco entusiasmados.

Uma mulher apareceu por trás de uma cortina situada ao lado do cenário. Caroline tinha cruzado com Irene Toller em um par de ocasiões nos corredores da Winterset House. A médium aparentava pouco mais de trinta anos. Era alta e atraente a sua maneira, com seus traços angulosos. Tinha o cabelo negro preso em

uma complicada profusão de tranças enroladas em torno de sua cabeça.

Irene se aproximou da mesa com passo majestoso. Levava na mão um artefato composto por um tabuleiro de madeira em forma de coração que descansava sobre dois rodízios e um lápis vertical. Caroline identificou o instrumento como uma tabela de escritura mediúnica. Tinham—na inventado há vários anos e estava concebida para permitir que o médium escrevesse mensagens procedentes do Além enquanto estivesse em transe.

—Isto seria bem divertido se não fosse por esse assassinato que cometeram. —comentou Adam baixinho.

Irene Toller sentou—se e depositou a tabela sobre a mesa, diante de si. Então dirigiu pela primeira vez a vista para sua pouca audiência. Caroline ficou surpresa pela força de seu sombrio olhar.

—Boa tarde. — disse Irene com uma voz poderosa e retumbante. —Para aqueles de vocês que nunca presenciaram uma demonstração de como se usa uma tabela de escrita mediúnica, vou explicar seu funcionamento. Em primeiro lugar, devem entender que há um véu que separa este mundo do reino onde moram os espíritos dos falecidos. Certos indivíduos, como eu, são dotados da capacidade de agir como canais através dessa barreira. Na realidade, não sou mais que uma via, um elemento por meio do qual, aqueles que nos deixaram, podem comunicar—se com nossa esfera mundana.

Agora o público escutava com muda atenção. Irene tinha captado finalmente o interesse de todos os presentes. Colocou a tabela sobre uma folha de papel e descansou as pontas dos dedos na pequena superfície de madeira.

—Primeiro, devo mergulhar em um estado que permita aos espíritos fazer uso de minhas mãos para escrever suas mensagens. —prosseguiu Irene— Uma vez que tenha entrado em transe, vou submeter—me às perguntas do público. Se os espíritos aceitarem responder, farão através da tabela.

Soou um murmúrio de emoção. Apesar de seu ceticismo, Caroline percebeu que se movimentou ligeiramente à frente no assento para ouvir melhor.

—Advirto—lhes, entretanto, que os espíritos nem sempre respondem às perguntas que lhes formulam nestas sessões públicas. —disse Irene— Frequentemente preferem que determinadas consultas sejam feitas em um ambiente privado.

Adam se inclinou para Caroline para lhe sussurrar ao ouvido.

—Tenho a impressão de que está fazendo publicidade das suas sessões mais caras, organizadas em sua casa, durante as tardes.

—Por favor, faça silêncio. Tenho a intenção de escutar a senhora Toller.

No palco, Irene dava todas as amostras de estar entrando em transe. Com os olhos fechados bamboleava—se levemente na cadeira.

—Escutem seres etéreos que existem do outro lado do véu que envolve este mundo mortal. —recitou Irene— Desejamos aprender com vocês. Aspiramos sua orientação e seus conhecimentos.

O público vibrou com espera. Caroline percebeu que a maioria dos presentes não tinha nenhum problema em deixar a lógica de lado naquela sala. Queriam acreditar que Irene Toller podia comunicar—se com o mundo dos espíritos.

—Um público bem disposto sempre é mais fácil de convencer. —observou Adam em voz baixa.

Irene começou a emitir um lamento grave e prolongado que provocou calafrios em Caroline. A médium estremeceu várias vezes torcendo os ombros.

A audiência estava fascinada.

O gemido de Irene cessou de repente. Ela ficou rígida jogando a cabeça para trás bruscamente, e a seguir se endireitou na cadeira de tal maneira que parecia mais alta e apresentava um aspecto mais imponente.

Abriu os olhos e contemplou o público com um olhar inquietante.

—Os espíritos estão aqui. —anunciou com uma voz rouca e aterradora, diferente da que tinha empregado antes— Vagam ao redor de nós nesta sala, imperceptíveis para os sentidos comuns. Aguardam suas perguntas. Falem.

Caroline ouviu vários gritos afogados e exclamações em voz baixa.

Um homem levantou—se vacilante de seu assento da primeira fila.

—Com sua permissão senhora Toller, queria perguntar aos espíritos como é o Além.

Por um momento houve um silêncio absoluto. E logo como se possuísse vontade própria, a tabela começou a mover—se sob os dedos de Irene.

Caroline notou que todos, com a evidente exceção de Adam Hardesty, continham a respiração. Olhavam embevecidos o lápis acoplado à tabela deslizar sobre o papel.

Ao fim de um momento o artefato de escrita mediúnica deixou de mover—se. Irene parecia enfraquecida pelo esforço. Pôs a tabela de lado, levantou a folha de papel e a mostrou ao auditório. O brilho do abajur revelou uma mensagem rabiscada.

—O nosso, é um reino cheio de luz e harmonia. — leu Irene em voz alta— Quem ainda se encontra preso no plano mortal não pode imaginá—lo em todo seu esplendor.

Um murmúrio de admiração e assombro percorreu a sala.

—Eu não tenho talento para escrever ou inventar histórias — murmurou Adam a Caroline— mas lhe asseguro que mesmo assim poderia arranjar um guia como esse.

—Se não puder abster—se de fazer comentários sobre a exibição, rogo—lhe que faça o favor de sentar—se em outro lugar da sala, senhor —pediu Caroline com suavidade— Tenciono observar à senhora Toller, e me incomoda que você me distraia.

—Não está levando isso a sério, não é?

Ela fingiu não ter escutado.

Outra pessoa ficou de pé para fazer uma pergunta; dessa vez se tratava de uma mulher de meia idade, vestida de luto rigoroso. Um véu negro lhe ocultava o rosto.

—Encontra—se aqui o espírito de George, meu marido? — inquiriu com voz trêmula— Se for assim, quero lhe perguntar onde escondeu os títulos de ações. Ele saberá ao que me refiro. Procurei por toda parte e não os encontrei. Tenho que vendê—los. Estou desesperada. De fato, temo que me tirem a casa.

Todo mundo se voltou para o palco.

Irene colocou os dedos sobre a tabela de escrita mediúnica. O silêncio se apoderou novamente da sala. Caroline acreditava que a

médium responderia que George não estava presente. Mas para sua surpresa, a tabela começou a mover—se sob os dedos de Irene, devagar a princípio, mas cada vez mais depressa.

O artefato se deteve de repente. Com ar de esgotamento Irene levantou o papel.

—Atrás do espelho, em cima da lareira. —leu em voz alta.

—Salvou—me! — gritou a mulher de meia idade— Como posso agradecer—lhe senhora Toller? Conta você com a minha mais sincera gratidão.

—Agradeça ao espírito de seu marido, senhora. —repôs Irene— Eu não sou nada além que o meio através do qual ele transmitiu esta informação.

—Obrigado George, esteja onde estiver. —A mulher abandonou sua fileira de assentos com toda pressa e se encaminhou à saída. — Me perdoem, por favor. Devo encontrar esses títulos imediatamente.

Passou rapidamente junto a Caroline deixando atrás de si uma esteira de aroma de lavanda, e desapareceu por trás da cortina que impedia a entrada de luz pela porta.

—Isso sim, me pareceu interessante. —assinalou Adam.

A escura sala de conferências fervia de excitação. Um homem se levantou com um pulo.

—Por favor, senhora Toller, tenho uma pergunta. — disse a voz gutural— Se o espírito de Elizabeth está próximo, peça—lhe que nos diga quem a assassinou.

O público sobressaltado calou—se repentinamente.

À frente da sala Irene deu um pontapé violento. Sua boca se abriu e se fechou rapidamente.

Pela primeira vez Adam concentrou toda sua atenção no que acontecia no palco. Inclinou—se para frente com os antebraços sobre as coxas, e observou à senhora Toller, atentamente.

—Imagino que alegará que o espírito da senhora Delmont não se encontra presente. —murmurou Caroline a Adam.

—Não estou tão certo disso. —replicou ele— Note, a tabela se move.

Caroline ficou olhando estupefata. Sob os dedos da senhora Toller, o artefato se deslocava de um lado a outro, deslizando a ponta do lápis sobre uma folha de papel em branco.

Irene soltou um murmúrio. Um calafrio visível sacudiu seus ombros. Dava a impressão de estar batalhando valorosamente por manter—se erguida em sua cadeira.

Quando a tabela finalmente parou, ninguém moveu um músculo.

Irene afastou o aparelho e pegou o papel. Manteve a vista fixa nas letras rabiscadas durante um longo momento. A tensão aumentava na sala.

Irene leu a mensagem com sua voz nova e áspera:

—Elizabeth Delmont era uma trapaceira. Enfurecia os espíritos com suas declarações e artimanhas. A mão invisível da justiça surgiu de outro mundo para sossegá—la.

Como se o último esforço tivesse sido muito intenso para ela, Irene desabou de barriga para baixo sobre a mesa. Antes que alguém pudesse reagir o abajur lançou uma labareda e apagou—se. A sala de conferências ficou envolta em trevas.

Alguém gritou e começou a confusão.

—Por favor, mantenham a calma. Tudo está em ordem. Isto costuma acontecer quando a senhora Toller termina sua exibição. As sessões de espiritismo lhe afetam muito os nervos. Acenderei o abajur em seguida.

Caroline reconheceu a voz do homem de baixa estatura que tinha apresentado Irene Toller.

As luzes se acenderam pouco a pouco iluminando o palco.

Irene Toller e sua tabela tinham desaparecido.

Capítulo 7

—Já chaga de tanto teatro. —Adam segurou com força o braço de Caroline e a obrigou a levantar—se. — Browning pôs o dedo na ferida com sua obra *O Senhor Sludge, O Médiu*m. Qualquer um que se proclame capaz de invocar espíritos é um impostor.

—Recordo—lhe senhor, que a mulher do senhor Browning ficou muito impressionada com uma sessão de espiritismo presidida pelo famoso D. D. Home. Segundo os rumores, estava convencida de que Home não só esteve em contato com o mundo dos espíritos, mas também, inclusive tinha ocasionado várias aparições.

—Com o devido respeito à incomparável Elizabeth Barrett Browning, tenho certeza de que foi vítima de um golpe de Home. —Adam a conduziu para a porta— Mas reconheço que não estava sozinha. Em seus melhores dias Home conseguiu tomar o dinheiro de muita gente.

Para grande satisfação de Adam, Caroline não resistiu a sua intenção de tirá—la da sala de conferências. Entretanto, descobriu que tinha cometido um grave erro de cálculo em determinado aspecto. Não tinha previsto que a forma suavemente torneada e o tato apetitoso de seu braço através do tecido da manga o distrairiam dessa forma. Teve que esforçar—se para reprimir o repentino impulso de apertá—la com mais força e atraí—la para si. Era a

primeira vez que a tocava. O que não pôde reprimir foi à onda de excitação que o percorreu de cima a baixo.

Ela embelezada por um vestido verde apertado e com a gola e as mangas debruadas de branco, emanava calor e vitalidade. Levava a curta cauda do vestido delicadamente presa para poder caminhar sem varrer o chão com a cauda. O que lhe deixava com a ponta de seus delicados sapatos, da mesma cor, descoberto. Um grande laço verde e dourado deliciosamente frívolo decorava a parte posterior do vestido, ali onde a saia fazia um movimento como se fosse um pequeno buquê. Tinha o cabelo enrolado em um elegante coque. Levava um diminuto chapéu adornado com flores coquetemente inclinado sobre um olho.

Estava para devorá—la, pensou ele, com uma fome atroz.

Conduziu—a pelo corredor com uma intensa consciência, quase dolorosa, da feminilidade de Caroline. O tênue e tentador aroma de seu corpo se misturava com o das flores, ervas, além do sabonete com que havia se banhado. A fragrância estimulava os sentidos de Adam. Lembrou a si mesmo que tinha muitos anos, muito mundo, muita experiência com relação ao lado escuro e sórdido da vida, para deixar—se esmagar por uma mulher. E, entretanto, não podia evitar. Sentia—se como se um raio o tivesse atingido.

Avançaram pelo corredor principal da Winterset House e passaram junto a um escritório, um grande salão, outras salas de conferências e uma biblioteca.

Pelo que Adam podia notar os membros da Sociedade de Investigações Psíquicas só tinham livre acesso à planta baixa. Os andares superiores estavam fechados ao público.

A mansão era enorme, sombria e muito feia, em sua opinião. De estilo neogótico, tinha paredes de pedra maciça, e tetos abobadados à maneira medieval. Pouca luz penetrava no interior do gigantesco edifício.

Adam supôs que essa era precisamente a atmosfera em que os membros da Sociedade se sentiam mais confortáveis.

Quando chegaram ao vestíbulo principal, viu dois cavalheiros muito sérios concentrados em uma conversa. O mais baixo dos dois estava entre quarenta e quarenta e cinco anos. Apesar de ser em média mais baixo que a maioria, tinha uma constituição sólida e robusta, mais ou menos como a mansão. Seus óculos e bigodes, sua incipiente calva e seu casaco enrugado lhe conferiam um ar intelectual.

O homem baixinho e míope empunhava uma fotografia diante do aristocrático nariz de um cavalheiro elegante, bem vestido e de aspecto amofinado. Era mais alto e estava dotado desse tipo de traços esculturais que sempre atraíam os olhares das damas. Em seu cabelo negro azeviche sobressaía uma chamativa mecha prateada.

—O cavalheiro alto e distinto é o senhor Julián Elsworth — sussurrou Caroline— É o parapsicólogo mais popular do momento em Londres. Faz demonstrações em público aqui, ocasionalmente na Wintersett House, mas organiza quase todas suas sessões em casas de particulares, que pertencem aos círculos mais exclusivos.

Para Adam parecia que Caroline mostrava muito entusiasmo ao falar de Elsworth.

—Tinha ouvido falar dele, —admitiu— mas nunca fomos apresentados.

—Esta semana se celebrará aqui uma recepção formal em sua honra —informou ela— e a seguir, ele fará uma exibição de seus poderes. Sem dúvida será um ato muito concorrido.

—E o cavalheiro de baixa estatura?

—É o senhor Reed, presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas e editor da “*Novo Amanhecer*”.

Nesse momento Elsworth elevou a vista da fotografia que Reed sustentava frente a ele e avaliou Adam com um breve olhar. Logo, depois de decidir que sem dúvida, não valia a pena lhe dedicar um segundo a mais de sua atenção, voltou—se para Caroline com um sorriso deslumbrante.

—Senhora Fordyce. —disse— Fico feliz em vê—la novamente.

—Senhor Elsworth. — estendeu—lhe a mão enluvada e logo educadamente dirigiu—se ao homem mais baixo— Senhor Reed — Olhou Adam insegura— Permita—me lhes apresentar o senhor...

—Grove. —disse ele antes que ela decidisse que sobrenome empregar— Adam Grove.

Os dois homens lhe saudaram cortesmente com um gesto de cabeça, mas era evidente que quem interessava aos dois era Caroline.

Os olhos claros de Reed se cravaram nela com uma expressão intensa e séria.

—Bem—vinda de novo a Winterset House. Voltou para continuar com suas investigações literárias ou finalmente decidiu conceder à Sociedade a honra de fazer—nos uma demonstração de seus poderes psíquicos?

Adam apertou com mais força o braço de Caroline. Poderes psíquicos? De que diabos falava esse homem?

Ela tentou liberar—se dissimuladamente. Adam percebeu que a estava segurando como se temesse que um ser invisível a levasse. Rapidamente reduziu a pressão de seus dedos, mas não a soltou. Por alguma razão, sentia o forte impulso de segurá—la o mais forte possível.

Caroline sorriu a Reed com delicadeza.

—Como lhe disse outro dia, senhor, o artigo jornalístico se enganou a respeito de alguns detalhes da demonstração que fiz durante aquela reunião para o chá.

—Mas falei pessoalmente com a senhora Hughes. —insistiu Reed— Ela ficou muito impressionada pelo que presenciou nesse dia.

—Rogo—lhe que acredite em mim quando lhe asseguro que não possuo nenhum dom que provoque o menor interesse para os investigadores da Sociedade — disse Caroline.

O sorriso de Reed refletia uma mescla de compreensão e aprovação.

—Sua natureza sensível cai muito bem em você, senhora Fordyce, mas não há motivo para alarmar—se. Jamais pensaria em experi—la em um cenário público. Tenha certeza que as provas seriam feitas em particular e de acordo com os princípios científicos mais rigorosos.

—Devo recusar seu amável convite. — respondeu Caroline com firmeza.

Elsworth arqueou suas enormes sobrancelhas.

—Temo que se exceda em sua modéstia, senhora. Segundo o artigo do jornal, você deu sinais inequívocos de ter lido a mente de várias damas que tiveram a sorte de ir a aquela reunião na casa da senhora Hughes.

—Por infelicidade, não tenho nada para demonstrar diante da Sociedade. — repôs ela desta vez com maior firmeza.

Reed assentiu várias vezes com a cabeça.

—Como desejar. Eu jamais ousaria pressioná—la para que faça algo que a incomode. —Depois de uma pausa acrescentou em voz mais baixa. — Imagino que já tenha ouvido sobre a trágica notícia da morte de Elizabeth Delmont.

—Sim, foi algo espantoso. — comentou Caroline.

—Todos nós, os membros da Sociedade ficamos gelados. — Reed sacudiu a cabeça— Era uma médium com muito talento.

Elsworth deu uma olhada na direção da sala de conferências onde Irene Toller tinha realizado sua exibição.

—Nem todos compartilham dessa opinião.

O interesse de Adam na conversa aumentou de repente.

—Sim, essa é a impressão que nos deu à senhora Toller há alguns minutos.

Reed fez uma careta.

—Temo que existisse certa rivalidade profissional entre a senhora Toller e a senhora Delmont. As médiuns mais proeminentes costumam ter ciúmes dos poderes de seus colegas.

—Ela insinuou que as forças do Além eram responsáveis pela morte da senhora Delmont — comentou Caroline em tom neutro.

Elsworth parecia aflito.

—A imprensa sensacionalista descreve certas particularidades do assassinato que sem dúvida, ajudarão a vender muitos jornais.

—Que tipo de particularidades? —perguntou Adam quase seguro de ter conseguido aparentar simples curiosidade.

Reed exalou um suspiro aflito.

—Segundo algumas testemunhas — murmurou— a sala de sessões estava totalmente vandalizada, como se uma poderosa força sobrenatural tivesse irrompido sobre ela. Os móveis estavam em pedaços. — Fez uma pausa para dar maior peso a suas palavras— Também se informou que um misterioso relógio de bolso foi encontrado junto ao corpo.

—O que tem de estranho em um relógio de bolso? —inquiriu Adam.

—O correspondente assegura que o relógio se quebrou — explicou Elsworth— provavelmente quando o assassinato foi cometido. Os ponteiros do relógio pararam quando marcavam as doze em ponto. — Esboçou um sorriso amargo— Geralmente os investigadores psíquicos consideram que a meia—noite é uma hora especialmente significativa, sabe?

—Alguns acreditam que é o momento da noite em que o véu que separa o Além deste mundo fica mais fácil de ser ultrapassada. —adicionou Reed assentindo com um movimento sombrio da cabeça— Tudo fica mais inquietante.

Caroline se fixou na imagem que ele sustentava na mão.

—Vejo que você tem uma fotografia.

—Ah sim, claro —Reed se animou ostensivamente e a levantou para que Caroline visse melhor— precisamente, estava aqui mostrando a Elsworth.

Caroline se inclinou para frente para observá—la mais de perto.

—Que curioso.

Adam estudou a fotografia por cima do ombro de Caroline. Nela aparecia uma atraente senhorita sentada em uma cadeira de respaldo reto. A imagem amorfa e fantasmagórica de outra mulher parecia flutuar no ar por trás da cabeça da jovem.

—Foi feita por um membro da Sociedade. —explicou Reed entusiasmado— Aparentemente, a médium é capaz de provocar aparições.

—O problema, é que mais ninguém dá crédito às fotografias de espíritos. —Elsworth estava claramente aborrecido— Temo que sejam muito fáceis de serem manipuladas.

—Como tantas outras coisas. — apostilou Adam. Caroline lhe deu um olhar de reprovação. Ele fingiu não entender. —Vamos querida? —perguntou— Está ficando tarde.

—Não estou com pressa. —replicou Caroline.

—É evidente que se esqueceu de nossa entrevista. — acrescentou Adam empurrando—a para a porta.

Por um momento, temeu que Caroline lhe fincasse o bonito salto em sua perna, mas ela pelo contrário, despediu—se de Reed e Elsworth.

Do lado de fora na escada que conduzia à porta principal da Wintersett House, Caroline parou para soltar sua primorosa

sombrinha verde da corrente que a prendia em sua cintura e a abriu com um ruído seco.

—Muito bem senhor Hardesty, não havia necessidade de ser tão grosseiro. O senhor Reed não é apenas o presidente da Sociedade, mas dedicou muito do seu tempo a promover a investigação séria e científica dos fenômenos psíquicos.

—Investigação científica de fenômenos psíquicos? É o maior contracenso que já ouvi.

—Quanto ao senhor Elsworth, você deve saber que alguns círculos o qualificam como herdeiro da coroa de D. D. Home. Dizem que é capaz de levitar, como ele.

—Se você acredita nisso, senhora Fordyce, posso lhe propor que invista em um negócio que ouvi falar recentemente? Trata—se de uma mina de diamantes em Gales. As gemas estão dispersas por aí, no chão, esperando que alguém vá com uma cesta e as recolha. É a sua oportunidade de fazer fortuna.

—Não acho nenhuma graça, senhor. Para sua informação, o senhor Elsworth se submeteu em repetidas ocasiões ao exame de investigadores psíquicos, que concluíram que o seu dom é genuíno. Segundo um deles, é possível que tanto o senhor Home, como o senhor Elsworth, descendam de homens lobo, o que explicaria seus extraordinários poderes.

Ele ficou olhando—a com as sobrancelhas arqueadas, sem dizer uma palavra.

Ela teve a gentileza de ruborizar—se.

—Bem —disse ela por fim com aspereza— reconheço que essa tese em particular é um pouco improvável. Mas lhe recordo que o senhor Elsworth tem algo mais em comum com D. D. Home.

Ambos contaram em suas sessões com a nata da sociedade londrina.

—Tenho notícias para você, senhora. Sei por experiência que a nata da sociedade é tão crédula como o resto das pessoas.

—Dizem que a rainha em pessoa, solicitou uma sessão depois da morte do príncipe Alberto.

—Sim, também me contaram essa fofoca. — Conduziu—a escada abaixo— Infelizmente, as pessoas angustiadas, independentemente de sua classe social, são vítimas fáceis de quem quer aproveitar—se delas.

—Não sei por que me incomodo sequer em tentar manter uma discussão lógica sobre a investigação psíquica com você. É óbvio que sua cética opinião a respeito é tão intransigente como se estivesse gravada em pedra.

—Isso não é verdade. — Cruzou a rua com ela em direção à sua carruagem, um veículo escuro e sem adornos que passaria facilmente por um anônimo carro de ponto. Como o veículo não chamava a atenção na rua, Adam preferia usá—lo sempre que optava em não ir a pé ao seu destino – Na verdade, estou muito interessado em tratar sobre o tema das habilidades psíquicas de uma pessoa em particular.

—E quem é essa pessoa? —perguntou ela com receio.

—Você é claro, senhora Fordyce. Estou ansioso por ouvir todos os detalhes sobre sua demonstração de poderes psíquicos na casa da senhora Hughes.

Durward Reed aguardou que o casal desaparecesse pela porta principal da Wintersett House, antes de voltar—se para seu acompanhante.

Não tinha uma grande estima por Julian Elsworth. Com seus ares aristocráticos, seu frio intelecto e seus estranhos dotes psíquicos, o homem o punha nervoso. Em alguns momentos tinha certeza de que Elsworth o desprezava em seu íntimo. Entretanto, era inegável que com seu ingresso na Sociedade, Elsworth tinha incrementado em muito o prestígio e a credibilidade da Wintersett House.

—Quanto mais à senhora Fordyce nega seus poderes, mais me convenço de que na verdade, os possui. —refletiu Durward em voz alta— Devo encontrar um modo de vencer seus lógicos e absolutamente femininos escrúpulos e convencê-la que poderia contribuir tremendamente no terreno da investigação psíquica.

Elsworth encolheu os ombros.

—Ganha a vida como escritora, não como médium. Se quiser captar sua atenção, sugiro—lhe que lhe ofereça um contrato por uma de suas novelas.

Durward por uns instantes, ficou espantado diante do brilhantismo daquela sugestão.

—Valha—me Deus! —disse quando recuperou a fala— Essa sim é que é uma ideia engenhosa. Se publicasse seu próximo livro na “*Novo Amanhecer*”, atrairia milhares de novos leitores e o interesse do público em nosso campo de investigação aumentaria. Devo pensar nisso com atenção.

Inspirado, afastou—se velozmente para seu escritório para concentrar—se nos detalhes do plano que já começava a tomar forma em sua mente.

Não havia dúvida de que Elsworth era um elemento muito valioso, embora fosse decididamente, perturbador.

Capítulo 8

—Foi tudo um mal—entendido. — disse Caroline irritada e resignada por sua vez— Com minha suposta exibição de poderes psíquicos, não pretendia nada além que proporcionar um pouco de entretenimento à senhora Hughes e seus convidados.

—Entretenimento?

—Minhas tias jogam cartas com a senhora Hughes e suas amigas vários dias na semana. Pediram—me que preparasse o número como uma surpresa. Emma e Milly sabiam que no transcurso de minha investigação, tinha aprendido alguns truques que são utilizados pelas pessoas que asseguram ter poderes psíquicos. Pensavam que as damas se divertiriam com uma demonstração de como os médiuns conseguem certos efeitos.

—Deduzo que então a senhora Hughes levou a sério aqueles truques de salão, equivoco—me?

—Temo que assim seja. —respondeu ela— Acontece que ela tem amigos que pertencem à Sociedade de Investigações Psíquicas. Um deles por sua vez, falou com um correspondente do Flying Intelligencer —Estendeu as mãos com a palma para cima— Uma coisa levou a outra, e a última coisa que eu soube, foi que publicaram um artigo no jornal. Uma situação bastante incômoda para mim, para dizer o mínimo.

—Típico de imprensa sensacionalista. Uns poucos truques mesclados com uma fileira de invenções melodramáticas.

Ela enrugou o nariz.

—Reconheço que às vezes os jornais não informam com o rigor que queremos. — Parou e deu uma olhada ao redor com súbita preocupação— Aonde vamos? Devo retornar a Corley Lane, tenho várias páginas para escrever hoje.

—Vou levá—la para casa em meu carro, senhora Fordyce.

—Ah.

Ela vacilou visivelmente desorientada, como se a ideia de permitir que Adam a acompanhasse a Corley Lane a tivesse desconcertado.

Do outro lado da rua, Ned o chofer, os viu aproximarem—se. Desceu da boleia com um pulo para abrir a porta do veículo.

Caroline pareceu tomar uma decisão. Quando cruzaram o meio—fio deteve—se junto à carruagem.

—Obrigado, senhor Hardesty, mas vim a Winterset House em um carro de ponto, e penso voltar para casa pelo mesmo meio.

Sua negativa em subir à carruagem de Adam o incomodou mais do que estava disposto a admitir. Tentou raciocinar algum pretexto que a fizesse entrar em seu veículo.

—Muito bem, senhora Fordyce, como quiser. —disse afinal decepcionado, mas cortês— Eu tinha a esperança de aproveitar a oportunidade para comentar com você a atuação de hoje de Irene Toller enquanto ainda estava fresca na memória, mas se insiste em voltar para casa por sua conta...

Ela ficou atônita.

—Queria trocar impressões?

—Sim. Tinha—me ocorrido que juntos, talvez conseguíssemos chegar a alguma conclusão que separados possivelmente passaríamos por cima.

Um brilho de entusiasmo apareceu nos olhos de Caroline.

—Entendo. Não tinha contemplado essa possibilidade.

—Entretanto, se não desejar me acompanhar compreendo perfeitamente. Sou consciente de que nossa relação não começou muito bem. É tudo minha culpa.

—Humm.

Caroline com expressão inquieta deu uma olhada na carruagem que os esperava.

Não teria conseguido lhe dar a entender com maior clareza, que não confiava nele. Adam se perguntou se ela teria tanto escrúpulo em subir numa carruagem com Julian Elsworth.

Provou uma tática diferente.

—Não terá você medo do que irão dizer, não é verdade, senhora Fordyce? —inquiriu com secura— Afinal de contas, você é uma viúva respeitável, não uma jovem solteira que deve evitar que a vejam em um carro, na companhia de um cavalheiro que não é seu noivo.

Para sua surpresa, este pequeno sarcasmo provocou uma reação totalmente imprevista. A mão de Caroline apertou quase com violência o cabo da sombrinha.

—Conheço muito bem as normas do decoro. – respondeu ela friamente.

—Certamente. Posso lhe perguntar então, onde reside o problema?

—Reside no fato de que não sei exatamente quem é você, senhor.

—Já lhe disse, meu nome é Hardesty, Adam Hardesty.

—Porque tenho que acreditar que esse nome é mais verdadeiro que Grove?

Adam levou a mão ao bolso e tirou uma pequena porção de cartões que levava seu nome cuidadosamente impresso.

—Meu cartão, senhora Fordyce.

Ela examinou não muito convencida.

—Os cartões de visita podem ser falsificados.

Devolveu como se fosse um pedaço de lixo. Pela primeira vez em muitos anos, ele notou que começava a irritar—se.

—Não se ofenda senhora — afirmou em tom neutro— mas acho seu acanhamento um pouco exagerado, se não se importar que o diga. Afinal de contas, você escreve folhetins...

—E o que isso tem a ver?

—Todo mundo sabe o que isso significa.

—Ah, sim? E o que tem a ver com a minha vida pessoal, senhor Hardesty?

Adam se deu conta que acabava de se meter em um beco sem saída. Não estava acostumado a lhe acontecer isso quando lidava com mulheres.

—Significa que escreve histórias nas quais sobram... Bem, acontecimentos chocantes. — respondeu ele com tardia cautela.

—E o que tem isso de mau?

Ele inspecionou a rua com um olhar rápido para assegurar— se de que ninguém estivesse escutando aquela conversa que degenerou em minutos. A última coisa que queria era montar uma cena em público.

—Os autores de folhetins são conhecidos por escrever assuntos relacionados com temas que só se podem ser qualificados de extremamente mundanos. — disse em voz baixa.

—Como sabe senhor? Deixou muito claro que não lê esse tipo de coisas.

—Certo. Mas casualmente caiu em minhas mãos o último capítulo do “*O Cavalheiro Misterioso*”. Nele se faz referências inequívocas a adultérios, relações amorosas ilícitas, umas bodas clandestina, uma fuga e um assassinato. Claramente seus argumentos se apoiam em escândalos de todo tipo.

Dedicou—lhe um sorriso acentuado.

—Impressiona—me seu conhecimento recém—adquirido do gênero, senhor. Mas talvez devesse ler mais alguns capítulos antes de julgar à autora.

—Não preciso terminar o texto. É óbvio que Edmund Drake vai encontrar uma morte muito desagradável. Meu tio e minha irmã me asseguram que você tem fama de matar seus vilões de forma espantosa.

O semblante de Caroline experimentou uma mudança radical.

—Sua irmã e seu tio leem minhas obras?

—Temo que sim.

—Entendo. — A notícia a agradava enormemente— Sempre é um prazer inteirar—me que alguém gosta de minhas histórias.

—Sim, bem, como dizia...

—Agora compreendo por que lhe preocupa tanto a respeitabilidade de minhas novelas. — Sorriu cordialmente— É natural que não queira que sua irmã leia sobre temas pouco

apropriados. Tenha por seguro que embora minhas histórias e os conteúdos pareçam ser para adultos, meus personagens sempre acabam recompensados ou castigados, segundo a moralidade de seus atos.

—Isso não pressagia nada de bom para Edmund Drake.

—Não tem por que preocupar—se com ele. É o vilão afinal de contas. Perceba que meu herói sempre sai garboso do transe e se casa com a heroína.

Ele apoiou uma mão no lado da carruagem e se inclinou para ela, o suficiente para cobri—la com sua sombra.

—Diga—me, senhora Fordyce, alguma vez trocou seus heróis com seus vilões?

—Jamais, senhor. Sempre tive muito clara a diferença entre um herói e um vilão.

Adam percebeu que ela não tinha a menor duvida a respeito. Drake estava condenado.

—Tem muita sorte, senhora. — comentou.

Os olhos de Caroline se iluminaram em sinal de que tinha compreendido.

—Valha—me Deus! Acha que é algo pessoal, apenas porque lhe disse que pensava em usá—lo como modelo para o personagem de Edmund Drake —Dirigiu—lhe um sorriso de arrependimento —Peço—lhe desculpas. Não pretendia insultá—lo, nem ferir seus sentimentos, senhor.

O que afinal, fazia ele ali discutindo com ela sobre vilões e heróis?

—Não se preocupe com meus sentimentos, senhora. Asseguro—lhe que sofreram ultrajes muito piores. — Endireitou—

se e afastou a mão do veículo — Mas em desagravo, pode permitir que eu a acompanhe à sua casa, para me certificar de que chegue sã e salva.

—Pois...

—Se ainda tiver dúvidas sobre minha identidade, Ned pode dar fé de que o que lhe digo é verdade.

Ned tinha aguardado pacientemente de pé, junto à porta aberta da carruagem esforçando—se para dar a impressão de que não escutava aquela conversa tão estranha. Deu um pulo ao ouvir seu nome.

—Senhor?

—Por favor, confirme à senhora Fordyce que me chamo Adam Hardesty e que geralmente, as pessoas me consideram um cavalheiro respeitável, que não acostuma raptar às damas para levar—lhe em sua carruagem com intenções imorais.

Ned ficou boquiaberto. Em seguida tragou a saliva e, com um esforço notório, recuperou a compostura.

—Posso confirmar que o que diz o senhor Hardesty é verdade, senhora —disse com uma sinceridade comovedora— Sou seu chofer há anos. Não tem nada que temer dele, me acredite.

Caroline sorriu.

—Dá—me sua palavra Ned?

—Sim, senhora. E se me permite o atrevimento, direi—lhe que sua nova novela me parece inclusive, mais apaixonante que a anterior. Tudo aquilo do incêndio e do resgate da pequena Ann, das chamadas é muito emocionante. Assim como a parte do assassinato.

Caroline estava radiante.

—Ora, obrigado Ned.

—Foi um toque genial manter Edmund Drake espreitando nas sombras, por assim dizê—lo, até este último capítulo. Um tipo muito misterioso, ele.

Caroline se ruborizou alegremente e se dirigiu aos degraus que Ned tinha colocado frente à porta da carruagem.

—É muito amável.

Ned sorriu de orelha a orelha e lhe estendeu a mão para ajudá—la a subir no veículo.

—Morro de vontade de saber como acaba esse tipo tão odioso.

Caroline soltou uma risada.

—Precisamente esta semana estou decidindo qual será seu destino Ned.

Adam a observou dobrar—se elegantemente pela cintura para entrar no carro. O ridículo laço de veludo verde e dourado tremeu de forma tentadora e logo desapareceu nas sombras.

Adam subiu atrás dela pensando que talvez devesse aprender com Ned. O chofer não havia feito o menor esforço para convencê—la a subir na carruagem. Sem dúvida, tinha as qualidades de um herói.

Capítulo 9

«Tinha feito», pensou Caroline surpresa ante sua própria audácia. Aproveitou—se de sua condição de viúva para subir na carruagem e agora estava ali sentada compartilhando a intimidade do veículo com o homem mais fascinante que tinha conhecido na vida.

Por desgraça, a conversa girava em torno de um assassinato.

Caroline dirigiu um olhar inquisitivo a Adam tentando aparentar indiferença, como se estivesse acostumada a circular pelas ruas de Londres com um cavalheiro.

—Os rumores eram verdadeiros pelo que parece. —disse Adam. Acomodou—se no canto com uma perna estendida e um braço apoiado no marco da janela— É evidente que entre Irene Toller e Elizabeth Delmont não havia precisamente amor.

—Não, certamente. — Caroline se esforçou para concentrar—se em lembrar o que tinha observado durante a exibição — A senhora Toller não dissimulou absolutamente sua opinião de que se havia feito justiça.

Adam arqueou uma sobrancelha.

—Duvido que a justiça tenha algo a ver com o ocorrido, mas independentemente do motivo do assassinato, não foi nenhum dos visitantes do Além que abriu o crânio da senhora Delmont. Nenhum espírito que se preze utilizaria um objeto tão vulgar como um atizador para assassinar alguém.

—Estou de acordo. — disse Caroline com um ligeiro estremecimento — Esse tipo de violência é totalmente humano, não é verdade?

Ele contemplou pensativo o movimento da rua.

—Obviamente Toller encerra sentimentos muito intensos em relação à sua falecida rival. Possivelmente ela saiba algo sobre o assassinato.

—Já tinha me passado pela cabeça a possibilidade de que a senhora Toller fosse à assassina. A rivalidade profissional é sem dúvida uma motivação muito forte.

—Não nego. — os cantos de seus olhos se apertaram ligeiramente — mas o que me interessa neste momento, é o que a imprensa acha.

—Você não leu os jornais desta manhã? Informavam sobre o assassinato com todos os detalhes. Todos mencionavam os móveis derrubados e o relógio parado às doze da noite.

—Esses são os elementos menos estranhos que encontrei na cena do crime. — murmurou ele.

—Como diz?

—Quando encontrei Elizabeth Delmont, seu corpo jazia de barriga para cima sobre o tapete da sala de espiritismo. Alguém, o assassino provavelmente, tinha colocado um véu sobre o rosto. Estava empapado com o sangue da vítima.

Ela ficou olhando para ele escandalizada.

—Deus do céu!

—Além disso, havia um broche de luto decorado com esmalte negro sobre o corpete do vestido de Delmont. No verso do

broche encontrei uma mecha de cabelo loiro e uma pequena fotografia de uma moça de cabelo claro, vestida de noiva.

—O broche estava sobre o corpo da senhora Delmont? Não estava preso ao seu vestido?

Ele negou com a cabeça.

—Parecia que alguém o tinha depositado com muito cuidado sobre o cadáver, assim como o véu.

Caroline cruzou os braços para se resguardar do estranho frio que se apoderou dela após ouvir isto.

—«Estranho» é a palavra apropriada, certamente. O véu e o broche de luto parecem indicar uma causa muito pessoal para o assassinato. Certamente não parece obra de um ladrão.

—Nem tampouco de alguém que só pretendia roubar o diário. —reconheceu ele resistindo claramente, a descartar essa possibilidade — Custa—me imaginar que um chantagista em potencial tivesse o trabalho de preparar uma cena tão dramática.

—A menos que quisesse despistar a polícia fazendo com que acreditasse que o assassino tinha um motivo pessoal para matar Elizabeth Delmont — aventurou ela.

Ele a observou com um olhar longo e sereno.

—Essa senhora Fordyce, é uma possibilidade muito interessante. A distração é o truque mais antigo do mundo. Não seria de se estranhar em absoluto, que alguém tenha roubado o diário e em seguida, tivesse deixado uma série de pistas que apontassem em outra direção. Mas nesse caso, por que o jornal não as menciona?

—Pelo visto, seu problema é mais complicado do que parecia a princípio. O que pensa fazer agora?

—Eu gostaria muito de saber mais sobre Irene Toller. Sua forte aversão por Delmont a converte em uma suspeita ideal no meu entender. Mas duvido que se mostre muito receptiva a perguntas diretas, sobretudo se estiver escondendo alguma coisa.

—Acredita que mentiria a você?

—Minha maior preocupação é que faça as malas e ponha os pés na estrada se acreditar que foi desmascarada. —disse ele— Não quero assustá—la até estar seguro de sua implicação no assunto.

—Quais são seus planos?

—Se foi ela quem assassinou Elizabeth Delmont e roubou o diário, é provável que o tenha escondido em algum lugar de sua casa. —refletiu— Acredito que meu passo seguinte será revistar seus aposentos.

Ela descruzou os braços rapidamente.

—Pretende entrar furtivamente em sua casa? Deus do céu, não pode correr esse risco, senhor. Se ela matou uma vez, não duvidará em matar de novo.

Ele se mostrou desconcertado por seu protesto.

—Preocupa—lhe minha segurança, senhora Fordyce?

—Só procuro colocar um pouco de bom senso em seu plano.

—É uma pena. Por um momento tive a esperança de que meu bem estar lhe importasse.

—Não gosto que brinquem comigo, senhor Hardesty. Mas voltando ao assunto, se está decidido a embarcar nesta insensatez, não seria mais lógico que pelo menos, pesquisasse alguma coisa sobre a distribuição da casa antes de tentar invadi—la? Alguma informação prévia ajudaria—lhe com mais eficiência em sua busca.

Ele a olhou com curiosidade.

—O que me sugere?

—Poderia pedir que organizasse uma sessão de espiritismo para você — disse ela pensando com rapidez— A senhora Toller demonstrou hoje de forma bastante inequívoca que pretende aproveitar suas exposições públicas para promover seus negócios particulares.

—Que ideia tão criativa. — Arqueou as sobrancelhas—
Brilhante na verdade. Entrar em sua casa com o pretexto de assistir uma sessão, não só me daria à oportunidade de espiar tudo, mas também, talvez, me proporcionasse informações importantes sobre Toller. Sabe? Algo me diz que contar com o assessoramento de uma autora de folhetins neste assunto, será muito útil.

Seu sorriso tranquilo pareceu a Caroline tão sensual e excitantemente íntimo, assim como inesperado. Transformou sua fisionomia, deixando entrever por uns instantes a complexidade do homem que se ocultava por trás da enigmática fachada que apresentava ao mundo.

O sorriso, além disso, a deixou nervosa. Lutou para recuperar a calma.

—Deduzo que vou acompanhá—lo. — disse tentando fazer caso omissos do formigamento que sentia no estômago.

O sorriso de Adam sumiu tão depressa como tinha aparecido, e a expressão distante e crítica voltou para seu rosto.

—Não acredito que isso seja necessário.

—Não estou de acordo, senhor — replicou ela com a maior contundência possível— Minha presença ajudará a dissipar qualquer suspeita que a senhora Toller possa ter.

—Que suspeitas poderia ter? A senhora Toller e eu não nos conhecemos. Até mesmo, se o diário estiver em seu poder e se ela souber que um cavalheiro chamado Adam Hardesty é um objetivo potencial da chantagem, como ia reconhecer em mim sua pretensa vítima?

—Talvez tenha lhe visto hoje em sua exibição.

Ele fez um gesto de desinteresse com a mão.

—Se me viu, terá me identificado como o senhor Grove, assim como Reed e Elsworth. Irene Toller ganha à vida com suas sessões. Para ela, não serei nada além que um cliente a mais.

Claramente ela teria que pensar em outro argumento para convencê-lo de incluí-la em seu plano. Não tinha a menor intenção de permitir que ele realizasse suas indagações sem ela. «Ande com cuidado», advertiu a si mesma. Adam Hardesty não acharia nenhuma graça que tentassem manipulá-lo. E, entretanto, ela tinha que tentar.

Pigarreou.

—Não se ofenda senhor, mas há certo aspecto de sua personalidade, por assim dizer, que poderia causar na senhora Toller certo... — Fez uma pausa procurando uma palavra para completar a frase diplomaticamente. Não lhe ocorreu nenhuma—
Desgosto.

Adam contraiu a mandíbula.

—Por que raios lhe causaria desgosto?

Ela pensou em tirar seu espelho da bolsa para lhe mostrar sua expressão feroz, mas mudou de ideia. Não era provável que ele visse o mesmo que os outros viam nele.

A lógica e a razão, pensou Caroline eram os instrumentos que deveria empregar se quisesse estimular Adam Hardesty a fazer o que ela desejava.

—Se Irene Toller realmente souber algo sobre o assassinato estará em alerta — assegurou ela lutando para não perder a paciência — Se por outro lado, não souber nada sobre o assunto, certamente o fato de que tenham matado a outra médium, deve tê-la colocado bastante nervosa. Não seria surpresa que se negasse durante algum tempo a realizar sessões para desconhecidos. Eu em seu lugar, me negaria.

—Ah, sim?

—Naturalmente — assegurou—lhe.

Adam não se incomodou em dissimular sua descrença ante essa afirmação. Mesmo assim, a Caroline deu a impressão de que Adam ponderava seriamente sobre suas palavras.

—Você já teve algum contato com a Toller? — perguntou ele finalmente.

«Estou progredindo», pensou ela.

—Não fomos apresentadas, mas estou certa de que sabe quem sou, já que ultimamente estive com assiduidade na Winterset House para me documentar. Como acaba de ver, no caso dos senhores Reed e Elsworth, minhas atividades não são um segredo para os membros da Sociedade de Investigações Psíquicas.

Adam torceu a boca em uma careta sardônica.

—Em outras palavras, seu nome é justamente o que preciso para obter acesso à casa de Irene Toller, não?

—Ela não estranharia caso eu lhe pedisse que preparasse uma sessão para mim, acredito eu. De fato, é bem possível que a tivesse pedido mesmo em circunstâncias normais.

Ele refletiu sobre isso mais um momento. A seguir se endireitou em seu assento e se inclinou para frente com os antebraços apoiados sobre as coxas.

—Muito bem, senhora Fordyce — disse com sua voz de meia—noite— Se conseguir marcar uma sessão com Irene Toller, nós dois assistiremos.

Aliviada por ter alcançado seu objetivo Caroline lhe dedicou um sorriso de aprovação.

—Enviarei uma nota à senhora Toller imediatamente. Estou segura de que não haverá o menor problema.

—Permitirá—me você tomar sua mão? —inquiriu ele.

Ela ficou gelada.

—Perdão, o que disse?

Adam fechou as cortinas da carruagem com movimentos rápidos e eficientes, e o interior ficou na penumbra. Estendeu o braço e pegou em sua mão.

—Pelo que soube quem participa de sessões de espiritismo precisa segurar as mãos uns dos outros —Seus dedos apertaram os de Caroline suavemente — Acredito que é para incrementar ou concentrar os poderes da médium, ou algo assim.

Ela baixou a vista para os longos e fortes dedos de Adam e percebeu que só podia respirar. Ele estava muito perto.

—Sim, bom, essa é a explicação mais comum — conseguiu balbuciar Caroline — mas segundo alguns, os médiuns insistem em que todos segurem as mãos, porque desse modo fica mais difícil

que um assistente descrente acenda um fósforo em um momento inoportuno ou tente segurar um espírito.

—O que poria em evidência os truques do médium — concluiu ele.

—Exato.

—Estou desejando segurar a sua mão na sessão, senhora Fordyce.

Ela não podia mover—se. Não queria mover—se.

Adam a mantinha paralisada com uma fatalidade de força invisível, enquanto levava lenta e pausadamente a mão dela aos lábios. Voltou—lhe a palma para cima e enrolou a luva verde para deixar descoberta à excelentemente sensível pele de seu pulso.

Ela parou de respirar completamente quando ele beijou o ponto onde o pulso estava tão acelerado que ela acreditou que explodiria em um milhão de pequenos fogos de artifício.

—Senhor Hardesty... —sussurrou.

Ele elevou a cabeça, mas não soltou sua mão.

—Me chame Adam.

—Adam.

Ela saboreou o nome e descobriu pela primeira vez em sua vida os sabores exóticos do fogo e do gelo.

Ele sorriu como se lhe agradasse o som de seu nome pronunciado por ela. Logo, se inclinou um pouco mais. Caroline pressentiu alarmada, que Adam ia beijá—la na boca. Antes que ela assimilasse as monumentais implicações daquela situação, os lábios dele se fecharam sobre os seus, e o mundo desapareceu atrás de uma cortina de fumaça.

Uma sensação de euforia aflorou em seu interior; o prazer se mesclava com emoção, curiosidade e espera, deixando—a aturdida. Deslumbrada, colocou as mãos sobre os ombros dele para equilibrar—se melhor. Quando o tocou ele emitiu um gemido gutural, áspero e premente, aferrou—se a ela por sua vez pelos ombros e a atraiu com força para seu peito.

Beijou—a mais apaixonadamente ainda, até que a mente de Caroline ficou em branco e se perdeu em um torvelinho de intensas sensações.

A carruagem cujos eixos descansavam sobre sólidas molas, reduziu a velocidade sacudindo até parar por completo. Muito a contra gosto Adam a separou de si, reclinou—se de novo sobre as almofadas e abriu as cortinas.

—Ao que parece chegamos em sua casa – Olhou para ela de forma íntima, que fez com que o seu coração desse um baque— Lamento profundamente que a viagem não durasse mais tempo.

Caroline não sabia o que dizer, de modo que olhou pela janela. Havia duas figuras de pé na soleira. Estas por sua vez, contemplavam—na com franca estupefação.

Ela voltou de repente para o mundo real.

—Oh, céus — murmurou— Isto talvez fique um pouco violento, senhor.

Adam estudou a dupla que aguardava frente à porta.

—Suas tias suponho.

—Acredito que sim.

Adam levou a mão à maçaneta da porta.

—Já lhe disse que sou considerado um homem de respeito. Tenho certeza que não lhes parecerá absurdo que eu tenha lhe acompanhado até sua casa.

—O problema é que insistirão em lhe convidar para tomar uma xícara de chá.

—Excelente. Uma xícara de chá me cairia maravilhosamente.

—Espere, não entende — disse ela— Não é apenas o chá. Farão—lhe perguntas. Um montão de perguntas.

Dirigiu—lhe um de seus sorrisos misteriosos e desembarcou do veículo.

—Não tenho inconveniente em responder a umas poucas perguntas — assegurou— Na realidade, eu também tenho algumas para formular.

Capítulo 10

Uns vinte minutos depois, ela ainda se perguntava inquieta o que queria dizer Adam com esse comentário tão estranho. Esquadrinhava—o dissimuladamente, insegura a respeito do seu estado de ânimo. Embora, segundo seu critério, ele deveria estar demonstrando sinais de impaciência, o homem parecia pelo contrário, bastante satisfeito no pequeno salão do número 22, da Corley Lane.

Estava sentado em uma poltrona, com as pernas estendidas ante si, e um tornozelo apoiado informalmente sobre o outro. Sobre a mesa que tinha ao lado havia uma xícara de chá meio vazia e um pratinho com biscoitos preparados pela senhora Plummer. Ele já tinha comido vários.

—Tenho certeza que sua sobrinha lhes explicou minha teoria de que no momento de sua morte, Elizabeth Delmont tinha em seu poder certo diário — disse, mastigando um bocado de bolo com geleia.

Milly e Emma se mostraram corteses, mas cautelosas no princípio da conversa. Entretanto, pareciam estar sucumbindo rapidamente ao encanto de Adam.

—Sim — respondeu Milly— Caroline nos falou do diário.

—Reconheço que estamos cheias de curiosidade sobre o que contém — disse Emma com o cenho franzido.

—É natural — Adam engoliu o que restava de seu bolo— Lamento lhes comunicar que não posso satisfazer sua curiosidade completamente. Tenho certeza de que compreenderão se lhes disser que nesse diário constam informações de natureza extremamente pessoal a respeito de pessoas muito queridas para mim.

—Como você descobriu que o diário estava em poder da senhora Delmont? —perguntou Caroline.

Adam vacilou por uns instantes. Ela notou que estava tentando decidir quanto devia lhes contar.

—Faz duas semanas recebi a notícia da morte de uma velha amiga chamada Maud Gatley —disse ele— Entristeceu—me muito essa perda, mas o certo é que não me surpreendeu. Maud era viciada em ópio há muito tempo. Nos últimos anos a droga lhe tinha arrebatado o controle de sua vida. Ao final, acabou por matá—la.

—Que tragédia — murmurou Milly.

—Alguns dias depois chegou uma nota de um chantagista me ameaçando com a divulgação do conteúdo do diário de Maud, a menos que eu deixasse uma soma muito elevada de dinheiro em certo lugar —Adam se serviu de outra fatia de bolo— Até esse momento, não sabia que Maud tinha um diário. Fiz algumas averiguações imediatamente e logo descobri que sua prima tinha reclamado as poucas posses que tinha deixado.

—E você localizou a essa prima? —inquiriu Emma.

—Sim. E também achei muito estranho que tivesse aparecido um parente de Maud. Ela sempre havia me dito que não tinha família.

—É assombroso o modo como os conhecidos com quem havíamos perdido o contato há anos saem debaixo das pedras quando morre alguém, deixando alguns objetos de valor — observou Emma com secura.

Adam parecia estar se divertindo.

—Sim. De alguma maneira reuni pela ordem em que se produziram os acontecimentos, que a prima desconhecida tinha encontrado sem dúvida o diário entre os utensílios de Maud, tinha lido, percebeu nele uma oportunidade para tirar proveito e enviou uma nota de extorsão anônima. Fiz mais algumas indagações e identifiquei Elizabeth Delmont como a mulher que se apresentou na estadia de Maud e que havia levado o pouco que restava.

—Excelente trabalho de detetive, senhor — comentou Milly impressionada.

Ele levantou sua xícara de chá.

—De fato, não me pareceu especialmente complicado. Umhas perguntas aqui e lá, e logo tinha conseguido o endereço de Hamsey Street.

Falava subtraindo toda importância do assunto, como se qualquer um pudesse obter os mesmos resultados, mas Caroline sabia que isso não era verdade. As pessoas que se moviam nos círculos frequentados por Adam Hardesty não se relacionavam com as Elizabeth Delmont do mundo. A julgar pelas exíguas posses que tinha deixado, Maud vinha de um estrato social ainda mais baixo. Era muito pouco provável que um cavalheiro da alta sociedade tivesse o tipo de contatos necessários para encontrar o vínculo entre alguém como Maud e sua prima tão rapidamente.

Quanto mais sabia sobre Adam, mais misterioso lhe parecia.

—Infelizmente quando bati na porta de Delmont noutra noite para lhe apresentar minhas condolências, ela estava morta e o diário tinha desaparecido — Voltou—se para Caroline— Como você sabe, uma coisa levou a outra e foi assim que vim parar aqui.

—Caroline nos explicou da lista de presentes que você encontrou — assinalou Milly— Seu nome figurava nela.

Adam devolveu sua atenção a jovem.

—Logo me convenci de que ela não tinha nada a ver com o ocorrido, eu disse a ela. —Tomou um gole de chá e baixou a xícara – Imaginem a minha surpresa, quando entrei na sala de conferências da Winterset House hoje, e vi que ela tinha decidido assistir à exibição de escrita mediúnica de Irene Toller.

Milly e Emma cravaram os olhos em Caroline.

—Como não acredito muito em coincidências — acrescentou Adam — supus imediatamente que ela tinha iniciado sua própria investigação. Não considero absolutamente necessário, mas tenho a impressão de que será impossível para mim persuadi—la a deixar este assunto em minhas mãos.

Emma olhou para ele carrancuda.

—Acredito que nós três temos fortes razões para evitar a todo custo qualquer escândalo possível, senhor.

—Com efeito. — assentiu Milly— Você parece um homem sincero, senhor Hardesty, acredito em você quando afirma que já não suspeita que exista uma relação entre Caroline e o assassinato ou ainda com o diário roubado. Mas o que acontecerá se mudar de opinião?

—Essa é uma possibilidade muito remota. —voltou—se de novo para Caroline com um olhar que lhe destroçou os nervos— A

menos, é claro, que haja algum detalhe desta situação que você ainda não me tenha contado.

A xícara tremeu ligeiramente em cima do prato que Caroline sustentava na mão. Ela o depositou rapidamente sobre a mesa e tentou pôr em ordem seus pensamentos. Ele queria que lhe explicassem por que ela se negava obstinadamente a sair de campo para deixar que ele se encarregasse da investigação. Ela intuía que Adam não retrocederia até que ela tivesse dissipado todas suas dúvidas. Caroline decidiu lhe contar parte da verdade, mas não toda. Lembrou a si mesma que os segredos lhe pertenciam depois de tudo. Ele não tinha o direito de exigir—lhe que revelasse todos.

—Não vou me esconder atrás das moitas, senhor —disse ela elevando o queixo— Há três anos, me vi implicada em um escândalo dos mais desagradáveis em, isto... Em Bath. Nem minhas tias, nem eu podemos nos permitir passar por outra experiência como essa. Poderia ser desastroso para minha carreira, e nosso sustento se apoia no que ganho como escritora.

—Entendo.

Ela não percebeu reação alguma por parte de Adam ante a confissão sobre seu passado escandaloso. Ele ignorava, é claro, a natureza exata desse escândalo. Sem dúvida, supunha que ela se enredou em uma relação amorosa ilícita. Como o homem do mundo que era, certamente passaria por cima desse tipo de indiscrição. Afinal de contas, a considerava uma viúva com experiência, e ela não tinha a menor intenção de desenganá—lo a esse respeito.

Entretanto, se ele chegasse, a saber, com detalhes os acontecimentos que por pouco não a levaram à morte e que a

tinham obrigado a forjar uma nova identidade, perderia um pouco da fé em sua inocência.

Caroline se endireitou em seu assento com determinação.

—Penso permanecer envolvida neste caso até que você encontre esse diário, senhor. É a melhor maneira de proteger meus interesses e os de minhas tias.

Adam contemplou as pontas de seus sapatos por um momento antes de olhá—la nos olhos.

—Você se conformará, se eu prometer mantê—la informada dos progressos de minha investigação?

—Não. —respondeu ela— Acredito que não.

Dedicou—lhe um sorriso impenetrável.

—Não confia em mim, verdade?

Caroline se ruborizou.

—Não se trata disso — replicou com rapidez. Com muita rapidez, advertiu.

—Sim, trata—se precisamente disso — Não parecia ofendido— Mas não vou discutir com você por isso. Se estivesse em seu lugar também seria resistente a depositar minha confiança em alguém a quem não conheço bem.

Provavelmente, era uma forma velada de lhe recordar que sabia tão pouco dela, como ela dele. A nenhum dos dois sobravam motivos para confiar no outro.

Emma ficou ainda mais apumada.

—Agradecemos sua compreensão, senhor.

Ele abaixou à cabeça e se serviu outro pedaço de bolo.

—Bom — disse Milly animadamente— me alegro de que estejamos de acordo nesse ponto. Acredito que a colaboração de

Caroline lhe será de grande ajuda, senhor. O mundo dos entendidos em fenômenos psíquicos é bastante inacessível para os leigos na matéria. Não obstante, Caroline foi aceita nele, e sem dúvida seu conhecimento dos médiuns e da Sociedade de Investigações Psíquicas terá um valor inestimável para você.

—No mínimo economizará muito tempo e agilizará sua investigação — adicionou Emma.

Adam esboçou um de seus sorrisos enigmáticos.

—Pelo visto vamos ser sócios nesta empresa, Caroline.

Capítulo 11

Tinha reconhecido Adam Hardesty por um golpe de sorte. Por pura e simples sorte.

Por outro lado, pensou Julián Elsworth, sempre tinha tido melhor sorte que a maioria dos homens. Ao menos, até pouco tempo.

Desfez o nó da gravata de seda, serviu—se de uma dose reconstituente de brandy e se deixou cair na poltrona em frente à lareira. Percorreu—o outro calafrio. Tomou um longo gole de licor para reprimi—lo.

Se não fosse por seu encontro casual na outra noite com um cliente que no final das contas vinha a ser membro de um dos clubes de Hardesty e que o havia assinalado à saída do teatro, Elsworth jamais teria sabido que o senhor Grove, de aspecto imponente, tinha assumido uma falsa identidade essa tarde na Wintersett House.

As perguntas se amontoavam freneticamente em sua cabeça. Por que estava Hardesty em companhia da muito atraente senhora Fordyce? Por que se fazia chamar por um sobrenome que não era o seu? Por que tinha assistido à exibição de escrita espírita de Irene Toller?

Mas só havia uma resposta lógica, e era inevitável. Hardesty estava seguindo a pista dele. Se não o detivesse a tempo, não demoraria em descobrir certos segredos.

Julián fechou os olhos e recostou a cabeça no respaldo evocando a imagem do cenário do crime. Havia tanto sangue... E o

ar tinha um odor espantoso. Quem poderia imaginar que um assassinato fosse um assunto tão repulsivo?

Abriu os olhos e olhou ao redor, a sua estadia luxuosamente mobiliada. Depois de tantos anos, finalmente estava onde merecia, junto com os ricos e poderosos no brilhante reino da alta sociedade. Era o mundo que ele pertencia por direito de nascimento, mas que lhe tinha sido negado porque seu pai, nascido em berço de ouro, tinha posto na rua uma preceptora que havia ficado grávida inoportunamente.

Julián tinha trabalhado duro para amealhar uma fortuna que em sua opinião, deveria ter sido sua desde o princípio. «Que me crucifiquem se eu deixar que a vida que com tanto esforço forjei, venha abaixo», pensou.

Capítulo 12

Uma hora depois, Adam entrou em seu gabinete e sentou—se junto à grande mesa de mogno. Todos seus pensamentos giravam em torno de Caroline. Ocultava algo sem dúvida. «Bom, está bem», disse—se. Compreendia a necessidade de guardar segredos. Ele mesmo guardava alguns.

Parecia—lhe admirável a determinação e a tenacidade que ela demonstrava. Sua primeira impressão sobre a personalidade de Caroline tinha sido acertada. Era uma dama de espírito resoluto.

Mesmo assim Adam não gostava de enfrentar—se com o desconhecido. Sabia por experiência, que sempre aconteciam complicações.

Alguém bateu na porta.

—Entre.

Morton apareceu no vão.

—O senhor Filby vem vê—lo, senhor.

—Obrigado Morton. Mande—o entrar.

Harold Filby — gordinho, com óculos e vestido na moda com calças quadriculada, colete de listras e um fraque muito elegante entrou no gabinete.

Harold se vestia tão bem como seu chefe (embora, segundo alguns, muito mais na moda). Por outro lado, refletiu Adam, quando contrata um homem como depositário de suas confidências, paga—lhe o suficiente para assegurar—se de que não as divulgue.

Harold estava há mais de seis anos ao seu serviço, como seu secretário particular. Sabia guardar segredos.

—Vim assim que recebi sua mensagem, senhor — disse Harold.

—Agradeço sua pontualidade como sempre. Sente—se, por favor.

Harold sentou—se na cadeira situada em frente à mesa, ajustou seus óculos e tirou uma caderneta e um papel.

—Diz que o assunto é urgente, senhor? —apontou.

—Quero que parta imediatamente para Bath —Adam cruzou as mãos sobre a mesa — Deverá fazer algumas averiguações com muita discrição a respeito de certo escândalo que aconteceu ali há três anos.

Harold tomou notas.

—Essas averiguações têm algo a ver com um projeto de negócio, senhor?

—Não, são de natureza mais pessoal e privada. Quero que averigüe tudo o que for possível sobre uma dama chamada Caroline Fordyce.

—A senhora Fordyce? —Harold elevou a cabeça bruscamente— Trata—se por acaso da escritora, senhor? A senhora Fordyce cujas novelas são publicadas por capítulos no Flying Intelligencer?

Um sentimento de resignação se apropriou de Adam.

—Dá—me a impressão de que sou a única pessoa em toda Londres que não estava familiarizada com sua obra até recentemente.

—Escreve novelas muito emocionantes — assegurou Harold entusiasmado— Mantém o leitor em suspense. O último é o mais apaixonante de todos do meu ponto de vista. Chama—se “*O Cavaleiro Misterioso*”.

—Sim, sei — Adam dobrou as mãos e lentamente voltou a entrelaçar os dedos— Acho que o vilão se chama Edmund Drake.

—Ah, vejo que você também acompanha a história, senhor. Ainda não se sabe muito de Edmund Drake, mas está claro que é um tipo muito ameaçador. Com certeza terá um final espantoso, como os outros vilões da senhora Fordyce.

Adam tentou reprimir sua curiosidade mórbida. Mas não conseguiu.

—O fato de que se conheça a identidade do vilão e já se saiba que sofrerá uma morte desagradável, não tira a emoção da história? Que graça tem, ler uma novela que já sabe como vai terminar desde a primeira página?

Harold o olhou com absoluta perplexidade. E então Adam viu em seus olhos um brilho de compreensão.

—Deduzo que você não é um leitor assíduo de novelas, senhor — disse Harold gotejando compaixão com cada palavra.

—Não — Adam se recostou na poltrona e se segurou os braços— Entre meus vícios não figura a leitura de folhetins.

—Então me explicarei se me permitir isso. É certo que no caso de um folhetim, a gente sabe que o vilão pagará caro por sua vilania, do mesmo modo que o herói e a heroína se verão recompensados por seu bom coração e suas nobres ações. É informação conhecida por assim dizer. Mas não é o verdadeiramente importante.

—Ah, não? Então que raios é o verdadeiramente importante?

—O que mantém vivo o interesse é ver como os acontecimentos conduzem os personagens ao seu destino — Harold estendeu as mãos em um gesto expressivo— É a série de acontecimentos surpreendentes e as voltas inesperadas em cada capítulo o que entretém e assombra. Por isso se leem novelas, senhor. Não para descobrir como acabam, mas para desfrutar da paisagem estranha e exótica do caminho.

—Terei isso em conta se voltar a cair na tentação de ler algo escrito pela senhora Fordyce — Adam estreitou os olhos— Enquanto isso, já que falamos de paisagens estranhas e exóticas, acredito que deveria ir diretamente para casa e fazer as malas. Quero que saia para Bath o mais rápido possível.

—Sim senhor.

Harold ficou de pé.

—Mantenha—me informado de seus progressos por telegrama.

Capítulo 13

—Temo que este assunto seja perigoso para Caroline.

Emma apoiou seus pés enfiados em pantufas sobre a pequena banqueta colocada diante da poltrona de leitura e contemplou o fogo que crepitava alegremente e esquentava o salão.

Milly baixou o livro que sustentava entre as mãos e tirou os óculos de leitura. Era muito consciente que sua companheira levava horas refletindo sobre os últimos acontecimentos. Depois de conviver com ela durante tantos anos, tinha aprendido que tinha que dar tempo a Emma para digerir as coisas.

—Não acredito que deva preocupar—se muito pela segurança de Caroline. —Depositou as lentes sobre a mesa— Estou bastante segura de que o senhor Hardesty cuidará estupendamente dela.

—Mas quem protegerá Caroline do senhor Hardesty? —perguntou Emma em tom sombrio.

Milly abriu a boca para replicar, mas então a assaltou a dúvida. Sua inclinação habitual era a de ver tudo pela perspectiva mais otimista possível. Cabia esperar, é obvio que Emma adotasse a postura contrária. Na maioria das vezes, se complementavam perfeitamente.

Seu primeiro impulso era o de defender Hardesty. Tinha lhe parecido respeitável desde o primeiro momento, e a intuição lhe dizia que era para confiar. Mas o que sabia na realidade sobre ele?

Teve que reconhecer que a inquietação de Emma não era sem sentido. O risco era real.

—Caroline já é grandinha e bastante sensata para lidar com homens como Hardesty — assegurou, tentando soar convincente — Não é uma inconsciente, nem nada parecido. Depois do que aconteceu há três anos, sabe muito bem que tem que andar com muito cuidado.

—Não estou tão segura. Não notou esta tarde, como os dois se olhavam?

Milly suspirou.

—Sim, notei.

—Havia tanta eletricidade entre eles, que é estranho que não tenha estourado uma tormenta aqui no meio do salão.

—Certo.

Emma se voltou para ela.

—Sabe tão bem como eu, que uma relação íntima com um cavalheiro como o senhor Hardesty, causaria a Caroline nada além de sofrimentos. Os homens poderosos e ricos se casam apenas para obter mais poder e mais dinheiro. Hardesty pode aspirar casar—se com alguém de muita mais categoria que Caroline, e isso é certamente o que fará. O máximo que ela poderá esperar dele é uma aventura discreta.

Milly meditou sobre sua resposta com muito cuidado. Afinal, estavam tratando um tema espinhoso.

—Isso seria tão terrível? —atreveu—se a perguntar por fim.

As feições de Emma ficaram tensas.

—Como pode fazer semelhante pergunta? Seria um desastre.

—Está pensando em sua irmã —assinalou Milly com delicadeza— Mas falemos claro: Caroline não é sua mãe. Tem um temperamento muito diferente. Nós a conhecemos desde que estava no berço. Estou certa de que não acredita que ela seria capaz de tirar a vida simplesmente porque foi abandonada pelo amante.

Emma fechou os olhos.

—Não quero que Caroline sofra.

—Não podemos protegê—la desse tipo de dor. Cedo ou tarde toda mulher deve enfrentar a ela. Assim funciona o mundo.

—Sei. Mas mesmo assim...

—Me escute — Milly se levantou do sofá e se aproximou da poltrona de Emma. Posou—lhe a mão sobre o ombro— Quando assumimos a responsabilidade de criar Caroline depois da morte de sua irmã, juramos que lhe ensinaríamos a ser uma mulher forte e independente. Com esse propósito lhe demos uma boa educação. Aprendeu a pensar e raciocinar de forma lógica, e a administrar suas finanças. Ensinamos Caroline que não tem por que casar, a menos que assim o deseje. Na verdade, fizeram—lhe pelo menos duas propostas de casamento, que nós saibamos, e as rechaçou.

—Porque não estava apaixonada — ressaltou Emma. Apertou as mãos com força sobre o colo— Essa é a essência da questão, Milly. O que acontecerá desta vez se perder a cabeça por um homem que jamais lhe proporá matrimônio?

—Já não é uma menina. Deixou de sê—lo há algum tempo. Pode se cuidar sozinha. Pense em tudo o que conseguiu. Apesar do negro panorama que se apresentava há três anos, ela conseguiu lavrar uma carreira profissional rentável. Preferiu confrontar as dificuldades de caminhar sozinha no mundo, a viver infeliz em um

matrimônio sem amor. Qualquer mulher que tome essa resolução é perfeitamente capaz de decidir sozinha se lhe convém ou não correr o risco de envolver—se com um homem que com toda probabilidade, não se casará com ela.

Emma esboçou um sorriso lento e levantou a mão para pô-la sobre a de Milly.

—Tem razão querida Milly, como quase sempre que tocamos nesses assuntos. Mas às vezes, quando olho Caroline, não posso evitar pensar no que aconteceu com Beatrice e em minha incapacidade para protegê-la. Prometi a mim mesma que não falharia com sua filha.

—Já falamos disto em muitas ocasiões. Não existe necessidade de repetir o que já lhe disse muitas vezes: você não poderia ter feito nada para salvar Beatrice. E certamente, não falhou com Caroline. Ela se converteu em uma mulher inteligente, sensata e cheia de vitalidade, graças a você. É sua filha em todos os sentidos importantes, Emma.

Emma apertou os dedos de Milly.

—Não a eduquei sozinha. Você estava ali durante todo tempo. É tão sua filha como minha.

Contemplaram o fogo durante um momento. Não havia necessidade de falar. Tinham passado muito tempo juntas, e sabiam ler o pensamento uma da outra.

Capítulo 14

A pronta resposta à solicitude de uma sessão chegou à manhã seguinte.

Caroline ainda estava tomando o café da manhã com Emma e Milly. As três usavam suas novas camisolas. O costume de ficar com roupas cômodas e folgadas para tomar o café da manhã importou—se da França recentemente e as mulheres de todas as camadas sociais a estavam adotando com rapidez. As damas que viviam no número 22, da Corley Lane, estavam entre as primeiras que tinham decidido seguir essa moda.

As camisolas eram razoavelmente recatadas, mas as pessoas as consideravam muito atrevidas por sua amplidão. Os críticos protestavam contra esse estilo, que a seu julgamento anunciava uma frouxidão ainda maior da moral. Alguns chegavam ao extremo de vaticinar que os maridos logo perderiam interesse nos encantos de suas mulheres se elas se empenhassem em cobrir—se descuidadamente com roupas folgadas a cada manhã, na hora do desjejum.

Poucas mulheres faziam caso de tão funestos presságios. Certamente, pensou Caroline, ninguém naquela casa, onde havia uma notória ausência de maridos, se importava com a opinião dos críticos. Devido ao desconforto dos rígidos e apertados espartilhos e corpetes dos vestidos modernos, por não falar de como eram pesados os materiais de que eram feitos, nenhuma mulher em seu

são julgamento, morria de vontade de ficar com eles uma hora ou mais, além do necessário.

Caroline deixou seu garfo na mesa e abriu a mensagem de Irene Toller.

—Arra! —Agitou a nota bem alto triunfante— Sabia que a senhora Toller não demoraria em convidar—me para uma sessão. Não falei que estava ansiosa para conseguir clientes?

Milly baixou sua xícara de chá.

—O que diz a mensagem, querida?

Caroline leu em voz alta.

“Querida senhora Fordyce:

Com respeito a sua solicitação para participar de uma autêntica sessão de espiritismo, agrada—me lhe comunicar que conduzirei uma nesta noite, às nove horas, e há dois lugares vagos. Você e seu ajudante poderão assistir sem nenhum problema. Asseguro—lhe que não ficará decepcionada.

Atentamente,

I. TOLLER

P. D. Meus honorários aparecem detalhados a seguir. Deverá aboná—los antes do início da sessão”.

Emma baixou sua colher muito devagar.

—Prometa—nos que tomará cuidado esta noite Caroline. Ainda estou bastante inquieta com este assunto em que se envolveu com o senhor Hardesty.

—Os dois estarão bem — assegurou—lhe Milly jovialmente— O que pode lhes acontecer em uma sessão de espiritismo? —voltou—se de novo para Caroline— Emma e eu ficaremos com a senhora Hughes para ir ao teatro esta tarde. Depois iremos com certeza, jogar cartas até tarde. Tenho certeza de que já estará dormindo quando chegarmos a casa. Mas amanhã, queremos que nos conte com detalhes a atuação da senhora Toller.

—Não se preocupe. —respondeu Caroline— Tomarei nota. Emma franziu o cenho.

—O que é isso que disse sobre seu ajudante? Foi dessa forma que qualificou o senhor Hardesty na mensagem que escreveu à senhora Toller?

—Sim — Caroline sorriu orgulhosa da solução criativa que tinha encontrado para o problema de Adam— Apresentei—me como a escritora que esteve pesquisando na Winterset House e avisei que iria acompanhada de meu ajudante. Como podem comprovar, ela não vacilou em aprovar meu pedido.

Milly arqueou as sobrancelhas.

—O senhor Hardesty sabe que o descreveu dessa maneira?

—Ainda não. — respondeu Caroline— Vou explicar—lhe hoje a caminho da sessão.

—Promete ser uma conversa muito interessante — comentou Milly com um humor carregado de ironia— É uma pena que não possa estar presente para assistir.

Caroline deixou no prato uma torrada.

—O que está insinuando com isso?

—Algo me diz que Adam Hardesty não está acostumado a receber ordens de ninguém.

Às oito e meia da tarde, Adam seguia com Caroline em sua carruagem, sentado a sua frente.

—Que disse a Irene Toller sobre o que eu representava?

—Meu ajudante. — repetiu ela sem alterar—se— Era o que esperava que eu lhe dissesse, não? Não me pareceu prudente lhe apresentar como um parente longínquo, pois poderíamos nos trair caso surgisse alguma pergunta sobre nosso passado.

—Certamente poderia ter pensado em alguma categoria mais elevada para mim.

—Temia que qualquer outra explicação sobre sua presença pudesse despertar suspeitas de que você e eu mantemos uma relação de caráter mais... Íntimo —Dirigiu—lhe um sorriso radiante— A última coisa que gostaria, era humilhá—lo dando a entender uma insinuação como essa.

—Entendo. — Sua reação inicial à notícia de que lhe tinha atribuído o modesto papel de ajudante de uma escritora de folhetins tinha sido uma ligeira exasperação atenuada pelo humor da situação. Entretanto, saber que Caroline fazia o possível para assegurar—se de que ninguém se fizesse passar por seu amante, teve um efeito decididamente negativo em seu ânimo.

Era evidente que ela não tinha respondido ao beijo na carruagem no dia anterior, do mesmo modo que ele. Aquele momento de paixão inusitada o tinha deixado em um estado de agitação permanente e com um desejo cada vez mais intenso.

Esta noite Caroline oferecia um aspecto encantadoramente misterioso à suave e dourada luz dos abajures da carruagem. Seu vestido compunha—se de um corpete âmbar e uma saia marrom

avermelhado, cuja parte inferior se esparramava em torno de seus pés. Levava um diminuto chapéu inclinado de forma provocadora sobre seu reluzente cabelo.

«Oxalá não estivéssemos indo rumo a essa sessão de espiritismo», pensou de repente. O que mais gostaria nesse momento, era encerrar—se com ela em um quarto acolhedor e isolado, com um bom fogo e uma cama confortável.

—Sinto muito se lhe ofende o papel que lhe atribuí, senhor — ela disse com brutalidade— Pensei que fosse uma boa ideia.

—Não resta a menor dúvida, de que é engenhosa. — reconheceu ele.

—Recordo—lhe que deixou em minhas mãos a tarefa de tratar dos detalhes da sessão — assinalou ela carrancuda.

—Nesse momento, me parece razoável. Entretanto, não posso evitar perguntar—me se cometi um engano monumental de julgamento.

Ela torceu as comissuras da boca.

—Mas sem dúvida, compreenderá que a condição de ajudante é a cobertura perfeita para você. Além disso, garante que não será objeto de fofocas ou rumores sobre sua relação comigo.

Portanto, sua brincadeira divertia—lhe, não é?

—Como já disse, foi uma ideia engenhosa —Sorriu tranquilamente— E agradeço seu interesse em proteger minha reputação, mas na realidade não tem que preocupar—se tanto com a possibilidade de me envergonhar.

—Como assim?

—Não teria me tirado o sono em absoluto, que desse a entender que mantemos uma relação íntima.

Ela abriu muito os olhos e separou os lábios.

—Ah — murmurou.

Satisfeito por haver se desforrado dela causando—lhe rubor, cruzou os braços.

—O que é o que faz exatamente, o ajudante de uma escritora?

—Não tenho a menor ideia — admitiu ela— Nunca tive um.

—Então simplesmente terei que ir improvisando, não?

—Bom, sim, suponho — disse Caroline, obviamente reagia a passar—lhe muita responsabilidade— E agora, no que diz respeito à sessão, tem consciência de que se supõe que os assistentes devem seguir certas normas tácitas, não é?

—Deixe que adivinhe uma dessas normas de etiqueta espírita. Aposto que ninguém duvida dos efeitos produzidos pela médium, por mais estranhos ou extravagantes que sejam. Engano—me?

—Não, não se engana.

—Talvez na minha qualidade de ajudante de sua pesquisa, poderia acender um fósforo ou derrubar a mesa para examinar os complementos que existem embaixo da mesa e sair — refletiu em voz alta.

—Nem pense nisso, senhor — Fulminou—o com o olhar— Recordo—lhe que se formos assistir à sessão, não é para que tenha a satisfação de pôr em evidência a médium. Nosso único objetivo é que possa observar de perto à senhora Toller e a distribuição de sua casa.

Ele abaixou a cabeça.

—Obrigado por lembrar—me de minhas prioridades neste assunto.

A casa de Irene Toller se encontrava em uma rua tranquila, de um bairro modesto. Adam advertiu que a planta superior e boa parte da planta baixa estavam às escuras. Um brilho mortiço e lúgubre se filtrava do interior através da vidraça decorativa.

—Salta aos olhos que à senhora Toller não gosta de gastar dinheiro em iluminação — comentou Adam.

—O seu é um negócio que prospera nas sombras.

A governanta, uma mulher de meia idade, de baixa estatura e constituição compacta, abriu a porta. Usava um vestido de um tecido negro e opaco, sem rastro de brilho. Um avental branco e uma touca completavam seu uniforme.

—Por aqui, por favor — disse a mulher— São os últimos a chegar. A sessão começará em breve. Podem me pagar os honorários da senhora Toller agora.

Adam percebeu um aroma de lavanda. Enquanto entregava o dinheiro à mulher precaveu—se de que algo lhe parecia familiar. Não reconheceu seu rosto, mas estava certo de que tinha ouvido essa voz e visto essas costas largas antes.

E então, se deu conta enquanto a seguia para o salão. Dirigiu a Caroline um rápido olhar. Deu—lhe a entender com uma inclinação de cabeça que também a tinha reconhecido.

A governanta de Toller era a viúva de luto rigoroso que tinha assistido no dia anterior à exibição na Winterset House; a que tinha perguntado pelo paradeiro dos títulos de ações perdidos de seu

defunto marido. Evidentemente além de realizar suas tarefas tradicionais, trabalhava como ajudante da médium.

Adam seguiu Caroline a um salão pequeno e carregado. O fogo ardia na lareira. Uma fotografia da rainha vestida de luto estava pendurada em cima do suporte.

Dois dos assistentes eram mulheres de certa idade. Apresentaram—se como a senhorita Brick e a senhora Trent. Ambas tinham o cabelo grisalho e usavam vestidos de lã, cômodos e práticos.

O terceiro assistente era um homem inquieto de uns trinta e cinco anos que se fazia chamar Gilbert Smith.

Smith tinha olhos claros e cabelo murcho, de coloração loira avermelhada, muito parecida com sua tez corada. Seu casaco, sua camisa, seu colete e suas calças eram comuns, tanto por sua qualidade, como por seu corte.

Nenhum dos três sequer pestanejou quando Adam se identificou como senhor Grove. Alegrou—se de que não o reconhecessem. Por outro lado, não esperava dificuldades nesse sentido. Não era esse o mundo em que se movimentava.

Entretanto, a apresentação de Caroline suscitou um suave murmúrio de emoção entre as duas damas.

—Encantada em conhecê—la, senhora Fordyce — disse a senhorita Brick animada e enérgica— A senhora Trent e eu gostamos muito de suas novelas.

—Verdade. —A senhora Trent juntou as mãos de contente— Esse Edmund Drake é um vilão espantoso. Morro de curiosidade de saber como acabará. Cairá de seu cavalo e se precipitará ao mar de um escarpado, talvez?

Adam reparou em que Gilbert Smith tinha deixado de brincar com seu bastão e estudava Caroline com interesse mal dissimulado.

—Eu gostaria mais que o herói, Jonathan Saint Clare, lhe desse um tiro – disse a senhorita Brick com entusiasmo— Desse modo você poderia descrever os gemidos de agonia de Drake e a expressão de agonia e remorso em seu rosto.

—Obrigado por suas sugestões — disse Caroline em um tom cortês que não convidava às senhoras a lhe dar mais conselhos— Mas acontece que já tenho um final pensado para meu vilão. Confio que será uma surpresa para todos. —Sorriu— Especialmente para Edmund Drake.

Adam apertou os dentes com força. Percebeu que cada vez que ouvia o nome de Edmund Drake, tencionava a mandíbula. Estava convertendo—se em um costume alarmante.

Esboçou um sorriso forçado.

—Talvez a senhora Fordyce queira nos assombrar a todos, fazendo com que Drake evite o funesto fim que costumam sofrer todos os vilões.

A senhorita Brick e a senhora Trent ficaram olhando para ele como se tivesse ficado louco.

—Esse sim que seria um incidente extraordinário — prosseguiu ele, cada vez mais apaixonado por sua ideia — Pensem no efeito que teria nos leitores se ela transformasse Drake no herói que supera todos os obstáculos e se casa com a heroína.

—Custa—me imaginar que ela seja capaz de fazer algo semelhante — disse a senhora Trent com convicção.

—É obvio que não. — acrescentou à senhorita Brick com brio— Converter o vilão em herói? Impensável.

Gilbert Smith lançou a Adam um olhar inquisitivo.

—Posso lhe perguntar que interesse tem na sessão de esta noite, senhor?

—O senhor Grove é meu ajudante — esclareceu Caroline com muita delicadeza, antes que Adam pudesse responder.

Smith franziu o cenho.

—O que é o que faz o ajudante de um escritor?

—Ficaria surpreso. — afirmou Adam.

Smith decidiu não perder mais tempo com ele e se dirigiu de novo a Caroline.

—Confesso—lhe minha curiosidade por saber por que uma escritora quer assistir a uma sessão, senhora Fordyce.

—Um dos personagens de minha próxima novela é uma médium — explicou Caroline— Parece—me que seria conveniente estar presente em algumas sessões e observar exemplos de fenômenos psíquicos antes de escrever sobre isso.

—Veio para documentar—se? —perguntou à senhorita Brick impressionada.

—Assim é — respondeu Caroline.

—Que emocionante.

Smith deu outra olhada dissimulada e escrutinadora em Adam.

—E você a está ajudando neste trabalho de documentação?

—Meu trabalho me parece extremamente interessante — assegurou Adam— Não me dá tempo para ficar entediado.

A governanta apareceu na porta imponente como um espectro.

—Está na hora — anunciou com um ar apropriadamente solene— A senhora Toller está pronta para iniciar a sessão. Sigam—me, por favor.

Seguiram—na por outro corredor tenebroso. Adam aproveitou a ocasião para mentalizar a localização das escadas posteriores e a entrada da cozinha.

Na metade do corredor a governanta abriu uma porta. Um por um, os assistentes entraram em uma sala mal iluminada e colocaram—se em volta de uma mesa coberta com toalha.

Um abajur solitário ardia no centro da mesa. A chama estava graduada no mínimo. Aquela penumbra logo que penetrou nas densas sombras que envolviam a sala.

Adam ajudou Caroline a sentar—se e logo se acomodou a seu lado.

Em seguida advertiu que devido à pesada toalha, era impossível apalpar discretamente a parte inferior da mesa em busca de molas ou outros mecanismos ocultos. De forma parecida, a penumbra geral o impedia de inspecionar com atenção as paredes, o teto ou o chão. Mesmo assim, notou algo estranho nas proporções da sala de espiritismo. Parecia menos espaçosa do que devia ser a julgar pelo comprimento do corredor que tinham percorrido para chegar ali.

Ele concluiu que ali havia uma parede falsa ou possivelmente um teto duplo.

—Boa noite — disse Irene Toller.

Sua silhueta estava no vão da porta recortada contra a luz. Adam não se considerava um perito em moda feminina, mas inclusive de sua limitada perspectiva, a saia de Irene Toller lhe

parecia muito volumosa. Caroline tinha falado da crença generalizada de que as médiuns desonestas levavam saias amplas e pesadas para ocultar embaixo vários aparelhos desenhados para criar os efeitos desejados durante as sessões.

Irene entrou na sala com passo majestoso. Adam ficou de pé. Gilbert Smith o imitou e aproximou a cadeira para a médium.

—Obrigado senhor Smith — Irene se sentou e se voltou para a governanta — Pode retirar—se Bess.

—Sim, senhora. —Bess saiu para o corredor e fechou a porta.

A única luz que ficava na sala era o brilho débil do abajur situado no meio da mesa.

—Tenham a bondade de colocar as mãos sobre a mesa como eu — indicou—lhes Irene, e posou as palmas sobre a superfície coberta com a toalha, bem à vista.

Adam viu ir embora à oportunidade de segurar Caroline pela mão.

—Rogo—lhes que não afastem as mãos da mesa até o fim da sessão —prosseguiu Irene— Isto garantirá que ninguém faça armadilhas.

Adam sabia que não garantia absolutamente nada, mas os outros, exceto Caroline provavelmente, pareciam de acordo com a ideia de que manter as mãos à vista a todo o momento, impossibilitava qualquer fraude.

O tamborilar começou quase imediatamente: uns sons metálicos leves e um golpe surdo e forte que fez com que a senhorita Brick e a senhora Trent soltassem um grito abafado.

Os sons procediam de diferentes pontos da sala, como por exemplo, dos cantos e de baixo da mesa.

—O que é isso? —perguntou à senhora Trent com nervosismo na voz.

—Não se alarmem — disse Irene— Só é meu guia espiritual que manifesta sua presença. Chama—se Sennefer. Em outro tempo, foi sacerdote no antigo Egito. Possui um vasto acervo de conhecimentos ocultos e secretos. Eu sou sua médium. Comunicará—se com vocês por meio de mim, se assim o desejar. Mas primeiro, devo entrar em transe.

Pôs—se a tremer violentamente como tinha feito na exibição de escrita espírita. Sofria convulsões e se retorcia. Sua cabeça sacudida bruscamente para trás e para frente.

Adam observou suas mãos com atenção. Completamente imóveis.

De repente, a mesa estremeceu e elevou—se do chão uns centímetros.

—Impressionante — sussurrou Gilbert Smith.

—Valha—me Deus, está flutuando.

Parte do entusiasmo da senhorita Brick tinha cedido lugar à preocupação.

—Todas as mãos devem permanecer em cima da mesa — bramou Irene em um tom mais profundo e retumbante que presumivelmente emanava de Sennefer.

Adam contou as mãos com rapidez. Todas seguiam à vista, inclusive as de Irene.

A mesa desceu até pousar de novo sobre o chão. Adam notou que os dedos de Irene Toller continuavam exatamente na mesma posição em que estavam há um momento.

—Olhem — chiou a senhora Trent— Há alguma coisa aí em cima.

Adam seguiu a direção de seu olhar de assombro e espanto para a zona do teto situada justamente em cima da mesa. Vislumbrou uma figura chapeada que emitia um brilho pálido sobre sua cabeça, flutuando no ar como um fantasma, até que desapareceu.

—Meu Deus, o que é isso? —murmurou à senhorita Brick.

Uma mão cadavérica tinha surgido ao lado da mesa junto a Irene Toller. Enquanto todos a olhavam, estendeu—se e tocou à senhorita Brick no ombro. Esta proferiu um gritinho sobressaltada.

—Não tema — disse Irene com firmeza— O espírito não lhe fará nenhum dano.

A senhorita Brick ficou muito quieta, com os olhos arregalados entre as sombras. A mão branca desceu até sair de vista atrás da mesa.

—Ele me tocou — A senhorita Brick parecia sobressaltada— A aparição me tocou e tudo mais.

Antes que alguém pudesse reagir, ouviu—se outra série de golpes e metais martelando, seguida pelo fraco tilintar de sinos.

—Sennefer diz que isso foi à manifestação de um espírito que deseja comunicar—se com alguns dos presentes. — Irene se interrompeu e fechou as pálpebras com força, com o rosto contraído. E então abriu muito os olhos com uma expressão

desconcertada— Deseja transmitir uma mensagem à senhora Trent e à senhorita Brick.

Isto alterou visivelmente à senhora Trent.

—Não entendo...

—Quem é? —perguntou à senhorita Brick não menos inquieta.

Os sinos não paravam de soar.

—Esta mensagem é de... —Irene falava entrecortadamente, soltando frases incompletas, como se tentasse interpretar uma espécie de telegrama do outro mundo— Uma amizade. Sim, é o espírito de uma amizade que efetuou seu trânsito para o Além, ano passado ou algo assim.

A senhora Trent ficou muito rígida.

—Oh, céus, trata—se da senhora Selby?

A senhorita Brick ficou muito rígida também e olhou em volta da sala.

—É você, Helen?

Ouviu—se outra série de golpes e tinidos.

—Helen Selby lhes manda saudações — disse Irene.

Mais sons metálicos e estalos.

—Diz que pode lhes oferecer uns conselhos úteis sobre suas finanças.

—Isso seria estupendo — comentou a senhora Trent entusiasmada de novo.

—O que é o que quer nos transmitir? —perguntou a senhorita Brick ao ambiente em geral.

Golpes, batidinhas e campainhas.

—Conhecerão no futuro um cavalheiro — assegurou Irene com entonação monótona —Vai lhes propor que invistam em um negócio. Se aceitarem, ficarão muito ricas, antes de um ano.

—Como se chama o cavalheiro? —quis saber a senhora Trent, aturdida e exaltada.

Seguiu uma rápida sucessão de golpes.

—Não sei com certeza — declarou Irene com sua voz contundente— Mas o reconhecerão porque lhes revelará que conhecia Helen Selby. Quando vocês se identificarem como duas de suas antigas amigas, ele vai convidá—las a aproveitar a oportunidade de investimento.

—Helen, não sabemos como lhe agradecer isso. — sussurrou a senhorita Brick.

Gilbert Smith olhou a sua volta ansioso.

—Bom, e haveria algum problema em que eu participasse desse negócio, senhora Selby? Meu nome é Gilbert Smith. Sei que não tivemos contato enquanto você era viva, mas pode se dizer que nos conhecemos agora.

Um repentino barulho de sinos e martelos o interrompeu.

O ruído cessou de súbito.

Irene dirigiu a Gilbert Smith um olhar sério e penetrante.

—Sua cobiça incomodou muito ao espírito de Helen Selby, senhor Smith. Diz que não entrará em contato com você.

—Entendo — grunhiu Smith— Bom, sempre vale à pena tentar.

Um ruído pavoroso que para Adam soou suspeito, parecido com dobradiças que necessitavam de óleo soou vindo de um lugar da sala. Todas as cabeças se voltaram nessa direção.

Nesse momento, Adam sentiu que a mesa se elevava novamente alguns centímetros, tremia por uns instantes e em seguida pousava no chão. Logo se ouviu uma série rápida de golpes seguidos de um ruidoso toque de campainha.

—Outro espírito deseja comunicar—se com um dos presentes —asseverou Irene— Este traz uma mensagem para a senhora Fordyce.

Adam notou que Caroline ficava petrificada ao seu lado.

—De quem é o espírito? —perguntou com voz fraca.

Golpes e ruídos metálicos.

—Não está muito claro.

Irene deu toda a impressão de concentrar—se profundamente.

Mais golpes leves.

—Um homem, acredito — titubeou Irene— Um cavalheiro... Ah, sim, já sei. É o espírito de seu finado marido.

Caroline continuava sentada, imóvel.

A raiva se apoderou de Adam. Esse joguinho ridículo já tinha ido longe demais, pensou. Como ousava essa impostora atormentar Caroline com supostas mensagens de seu marido morto? Poria fim a esta tolice imediatamente.

—Não, por favor —murmurou Caroline, que evidentemente tinha adivinhado o que ele se propunha— Está tudo bem. Não me importo. De fato, estou ansiosa para ouvir o que meu querido Jeremy tem a me dizer. Sua morte foi tão repentina... Não tivemos oportunidade de nos despedir.

Adam vacilou. Seu instinto lhe dizia que a levasse dali o quanto antes, mas intuía que ela não viria com ele de bom grado.

Afinal, lembrou—se, a decisão cabia a ela. Se Caroline insistia em ficar, ele não tinha outra opção além de ficar com ela. Era uma mulher inteligente. Sem dúvida tinha tomado consciência de que aquilo não era mais que um jogo de salão de mau gosto.

Por outro lado, a dor pelo falecimento prematuro de um cônjuge podia fazer com que uma pessoa sensata e equilibrada como Caroline caísse na armadilha de uma charlatã, como Toller.

Adam estava soltando fumaça. Não podia culpar ninguém pelo que estava ocorrendo, a não ser a si mesmo. Se não tivesse envolvido Caroline naquele assunto, ela não estaria ali.

Depois de outra série de estalos, golpes metálicos e tinidos que ressoaram na sala, Irene olhou Caroline sentada do outro lado da mesa.

—Seu Jeremy manda dizer que a ama e que a espera no Além com os braços abertos. Algum dia vocês dois se reunirão ali e encontrarão finalmente a felicidade que sua morte arrebatou.

—Entendo. — disse Caroline em um tom estranho.

Soou um sino.

Irene estremeceu. Suas mãos tremiam sobre a mesa.

—O espírito diz que não pode continuar comunicando—se esta noite. Tentará novamente em um futuro próximo. — ficou rígida e se retorceu de novo em seu assento— Tudo terminou. Os espíritos se foram. Rogo—lhes que partam; estou esgotada.

Caiu para frente, de barriga para baixo sobre suas mãos imóveis.

A porta se abriu revelando a governanta que estava de pé no corredor.

—A sessão acabou. — anunciou Bess— Devem partir para que a senhora Toller possa recuperar—se.

Capítulo 15

A carruagem seguiu o caminho de volta para Corley Lane, por ruas envoltas em névoa. O interior do veículo estava em sombras, pois Adam não tinha acendido os abajures. Pensava que Caroline agradeceria certo grau de intimidade, depois do que deve ter sido uma experiência angustiante para ela.

Ainda estava furioso. Olhou Caroline sem saber o que dizer. Ela estava sentada em frente a ele abrigada com um xale, com o rosto voltado para a janela. Parecia absorta em suas lembranças.

Uma parte de Adam desejava lhe oferecer seu apoio, mas outra parte ansiava por lhe assinalar que não deveria dar crédito a nada do que havia ocorrido durante a sessão. Por outro lado, a possibilidade de que seu finado marido se comunicando com ela da tumba teria lhe proporcionado um pouco de consolo. Quem era ele para jogar por terra essa ilusão?

Decidiu que teria podido estrangular Irene Toller sem o menor remorso. Como podia essa mulher viver em paz consigo mesma? Uma coisa era organizar uma sessão de espiritismo como diversão ou inclusive como uma forma de enganar cinicamente aos néscios e os crédulos. Afinal, negócios são negócios. Ele sabia melhor que ninguém. Mas cutucar de propósito a ferida de uma mulher lhe parecia intolerável.

Adam se prometeu que antes que aquele assunto ficasse resolvido, ele se encarregaria de mostrar ao mundo que Irene Toller era uma farsante.

—Lamento que tenha tido que passar esse mau pedaço — disse por fim.

—Não se preocupe Adam. —Sua voz estava desprovida de toda emoção— Certamente não foi sua culpa.

—Sim, na verdade foi minha culpa — Dobrou uma mão sobre a almofada do assento— Jamais deveria permitir que me convencesse em deixar que me acompanhasse esta noite.

—Não, não, não tem por que sentir—se culpado — apressou—se a lhe dizer— Estou bem, me acredite.

—Está destroçada.

—Absolutamente — Levantou a voz— Eu lhe asseguro.

—Ninguém sairia incólume de uma experiência tão traumática.

—Foi um pouco... —Caroline vacilou, como tentando encontrar a palavra exata— Estranho, reconheço. Mas lhe juro que estou bastante tranquila. Certamente que não sucumbirei a um ataque de histeria ou de melancolia.

—Disso não tenho a menor dúvida — Apesar da ira que o dominava, começou a sentir uma grande admiração por ela— Conhecemo—nos há pouco Caroline, mas devo lhe confessar que sua fortaleza e presença de espírito me impressionam.

Ela desdobrou seu leque, fechou—o e o voltou a abrir em um gesto de nervosismo muito impróprio dela.

—Adula—me — resmungou.

Adam pensou então que estava agravando a situação ao falar dela. Entretanto, agora que tinha começado não podia parar.

—Não esqueça que Irene Toller é uma embusteira — disse em voz baixa.

—Sim, é claro.

—Aproveitou—se que você é viúva para reavivar emoções profundas.

—Sou consciente disso — Prendeu o leque e logo entrelaçou com força seus dedos enluvados sobre seu colo— É um truque muito comum na profissão dos espíritas.

Ele fechou o punho e o pôs sobre seu joelho.

—Uma profissão muito cruel em minha opinião. Apoia—se exclusivamente no engano.

Ela pigarreou.

—Jamais escassearam de forma notória as pessoas alegremente dispostas a se deixarem enganar.

A carruagem avançava sacudindo junto a uma fileira de luzes de gás. O tênue brilho iluminou por uns instantes as tensas feições de Caroline. Adam temia que começasse a chorar.

—Sem dúvida, amava demais seu marido. —Batalhava para encontrar as palavras apropriadas— Meus mais sinceros pêsames.

Ela ficou rígida.

—Obrigado, mas isso aconteceu há muito tempo. Já me recuperei em grande parte daquela perda.

A situação piorava a cada momento. Se ele tivesse um mínimo de bom senso, teria fechado a boca até que chegassem a Corley Lane. Mas por algum motivo, a ideia de que ela estivesse desejando chegar o dia de reunir—se com seu marido morto lhe doía no estômago como uma ferida aberta.

—Suponho que lhe console um pouco pensar que seu amado Jeremy a espera no Além — ouviu—se dizer Adam.

—Chega! — Ela abriu o leque com um movimento brusco—
Nenhuma palavra a mais, eu lhe peço. Estou farta desta conversa.

—Perdoe—me. – Se deu conta de que estava muito repetitivo
essa noite. Não se lembrava de ter se desculpado tantas vezes no
último ano — É óbvio que o tema é doloroso. Prometo—lhe
solenemente, que não deixarei que assista mais sessões de
espiritismo. Foi um engano permitir que se envolvesse a fundo
neste assunto.

—Não foi um engano —replicou ela com secura— foi minha
decisão.

—Vou desmascarar Irene Toller na primeira oportunidade.

—Não, nem pense em fazer isso — Caroline parecia
autenticamente horrorizada — Pense no risco que isso implicaria.
Seus próprios segredos poderiam ficar expostos se deixasse
distrair—se por semelhante ninharia. Deve ser mais cuidadoso.

—Toller merece um castigo pela fraude tão cruel que
cometeu esta noite — assegurou com frieza— Não posso permitir
que saia impune depois do que lhe fez. Passou do limite ao brincar
desse modo com sua dor.

Caroline soltou um grito sufocado. Ele pensou que
decididamente estava a ponto de desfazer—se em pranto. Alarmado
tirou seu lenço.

Quando ela viu a parte de tecido quadrangular na mão de
Adam, suspirou, como se dando por vencida.

—Isso não será necessário, senhor — balbuciou— Não estou
tomada pela dor. Acredito que será melhor que lhe diga a verdade
nua e crua. Vejo que não haverá outra maneira de lhe convencer.

—Me convencer do quê?

—Irene Toller não é a única perita em enganos. Jeremy Fordyce nunca existiu. Eu o inventei.

Ele ficou ali sentado por um momento surpreso e envergonhado de sua surpresa. Teria que estar preparado para que ela o assombrasse de novo e, entretanto, não tinha previsto esta mudança nos acontecimentos.

Sabia muito bem por que não tinha sido capaz de detectar a mentira. Tinha decidido acreditar que Caroline era uma viúva com experiência. Resultava—lhe mais cômodo considerá—la uma mulher do mundo, que já não estava sujeita às normas que ditavam a conduta das damas solteiras abaixo de trinta anos.

—Alguma vez esteve casada? —perguntou com muito tato.

—Temo que não. Depois do desastre de Chillingham há três anos, cheguei à conclusão de que viveria muito mais tranquila como uma suposta viúva do que como uma mulher solteira. Quando mudamos para Londres, adotei o sobrenome de Fordyce por razões tanto profissionais, como pessoais.

Adam tomou nota mentalmente da mudança de cenário do escândalo.

—Importaria—lhe me dizer seu verdadeiro nome?

Ela vacilou.

—Caroline Connor — respondeu ao fim.

—Entendo.

Refletiu sobre o fato de que era tarde da noite e ele ia a sós em uma carruagem com uma dama solteira a quem jamais deveriam ter deixado sair de casa sem a companhia de uma arma de fogo. Sim, definitivamente era mais cômodo acreditar que fosse uma viúva.

—Compreendo que não lhe agrade muito a notícia, senhor Hardesty — disse ela— mas sem dúvida você imaginar o quão terrivelmente restrita é a vida que as solteiras da minha idade levam. As coisas eram um pouco mais fáceis para mim no campo. As normas do decoro não se seguem de um modo tão estrito lá. Mas aqui na cidade, as solteiras são presas fáceis dos rumores maliciosos. Se a isso somarmos minha implicação em um grande escândalo e o fato de que escrevo folhetins, bom, você pode fazer uma ideia da magnitude de meu problema. Foi muito mais simples fazer desaparecer Caroline Connor.

Ele recordou que Julia antes de casar—se, tinha tido que lutar frequentemente contra as restrições que a sociedade impunha às senhoritas.

—Sei que as convenções sociais podem ser muito desagradáveis. Mas não se esqueça que têm uma razão de ser. O mundo é um lugar perigoso para as mulheres. Em todos os estratos sociais existem patifes depravados que não duvidariam em aproveitar—se das mulheres.

A mão enluvada de Caroline apertou com força o leque.

—E os mais perigosos são os que pertencem aos círculos mais elevados — comentou com uma voz apenas mais alta que um sussurro.

Produziu—se um silêncio breve e intenso. Adam não abriu a boca, mas a parte dele que sempre permanecia alerta para fixar—se no insólito ou o inesperado reparou na veemência de Caroline. Evidentemente o escândalo em que havia se envolvido tinha alguma relação com um cavalheiro que se movia em ambientes exclusivos.

Exalou um longo suspiro.

—Deve me acreditar quando lhe digo que conheço bem a realidade do mundo, senhor. Agradeço—lhe seu interesse, mas lhe aconselho que não gaste saliva com sermões sobre as convenções sociais.

Ele se deu conta que ela tinha todo o direito de se chamar como bem entendesse para poder viver segundo suas próprias regras.

—Rogo—lhe que me desculpe — murmurou.

—Perdoe—me por estar assim. Como vê, é um tema incômodo para mim.

—Bem, explicou seus motivos. Por infelicidade esta súbita mudança de seu estado civil, só contribui para complicar uma situação que por si só, já é difícil.

—Tolices — replicou ela com impaciência— Nada têm que mudar entre nós.

Isto esteve a ponto de provocar um sorriso nele.

—Vamos, ambos sabemos que não é tão ingênua.

Ela fez uma careta e se voltou para a janela.

—Está zangado?

Ele estava? Não tinha certeza.

—Digamos que me colocou em uma posição extremamente violenta.

—Não há razão alguma para que adote essa atitude. —Agora estava inquieta— Aos olhos do mundo sou viúva, e não há necessidade de enganar ninguém a esse respeito. Pode seguir me tratando exatamente como antes de inteirar—se de meu segredo.

—Realmente acredita que isso seja possível?

Ela emitiu um grunhido de exasperação.

—Não sou uma florzinha delicada. Você mesmo disse que o conteúdo de minhas novelas e os temas sobre os quais escrevo, refletem um conhecimento considerável do mundo.

—É possível que seja uma mulher com certa experiência, — reconheceu ele — mas mesmo assim, tem uma reputação que proteger.

—Ao contrário — As palavras gotejavam amargura— Caroline Connor tinha uma reputação que proteger. Mas sua reputação acabou no chão. A senhora Fordyce não tem nada do que se preocupar nesse sentido.

—Isso é discutível.

Olhou para ele com recriminação.

—Quem teria imaginado que você poderia ser tão dissimulado e melindroso, senhor?

A acusação o pegou despreparado. Deixou escapar um ligeiro sorriso.

—Asseguro—lhe que me surpreende mais que a você descobrir essa faceta de meu caráter.

Ela cruzou os braços sobre o peito e deu mais batinhas no chão com o salto.

—Bom, suponho que agora sou eu quem deve desculpar—se. Não era minha intenção colocá—lo no que você chama de uma posição violenta, senhor.

—Imagino que esse não era seu objetivo — Titubeou— Tem direito a guardar seus segredos Caroline, assim como eu, a guardar os meus.

—Nisso estamos de acordo.

Adam lutou para conter a perigosa mistura de paixões que se amontoavam em seu interior. Invadiu—o um desejo quase irrefreável de estreitá—la entre seus braços e beijá—la até que a deixasse sem fôlego e se esquecesse do filho da mãe que a tinha desonrado em Chillingham. Mas também lhe invadiram vontades de fazer algo muito mais imprudente, algo que jamais tinha feito com mulher alguma. Por alguma razão que não conseguia explicar, sentia—se impulsionado a equilibrar a balança entre os dois. Sem querer, a tinha estimulado a revelar—lhe alguns de seus segredos, e agora ele desejava lhe corresponder, revelando um dos seus.

—Posso lhe pedir que me acompanhe a outra parte da cidade? —perguntou—lhe— Quero lhe mostrar algo.

—Neste momento? Há esta hora?

—Sim — Não sabia que mosca lhe tinha picado, só sabia que não podia voltar atrás— Asseguro—lhe que não corre nenhum perigo por vir comigo.

—Não tenho medo de você. — disse ela aturdida.

Talvez ela se negasse a acompanhá—lo. Talvez assim fosse melhor. Mesmo assim, ele percebeu que aguardava sua resposta como se todo seu futuro dependesse dela.

—De acordo —disse ela baixinho— Minhas tias estarão fora de casa até tarde. Então não ficarão preocupadas comigo.

Antes que ela pudesse mudar de ideia Adam ficou de pé, levantou o alçapão e indicou a Ned uma direção conhecida.

Capítulo 16

Acompanhar Adam neste percurso era de longe, a coisa mais emocionante que Caroline fez em toda sua vida. Um estranho e febril sentimento de ansiedade se apoderava dela. Aonde a levava? O que pensava em lhe mostrar?

Mas se conteve em fazer perguntas. Intuíra que o que ele planejava lhe revelar era algo de extrema importância para ele. Era muito importante que o deixasse se encarregar do assunto a sua maneira.

Envolveu—se bem no xale e contemplou pelas janelas da carruagem as nebulosas ruas. Entraram em um bairro menos próspero. As luzes de gás eram mais espaçadas nas estreitas ruas. Viam—se menos janelas iluminadas, e circulavam bem menos veículos. Um calafrio percorria as costas de Caroline ao ver as tenebrosas entradas dos becos.

Passaram em frente a um botequim. Através das imundas janelas Caroline vislumbrou uns homens que usavam toscas roupas de trabalho e um punhado de mulheres com vestidos puídos. Bebião em jarras e em copos para genebra.

—Não se alarme — disse—lhe Adam ao reparar em sua expressão — É uma favela, mas a conheço bem. Não corre o menor perigo.

—Não tenho medo. —«Não enquanto estiver contigo», adicionou em silêncio.

A carruagem dobrou uma esquina e entrou em um beco sombrio. Uma mulher com um vestido descolorido estava apoiada

em um poste de luz. Quando avistou o veículo, baixou o xale para deixar descobertos seus seios nus.

—Aqui tenho diversão assegurada para você, senhor — disse com voz rouca— O preço é uma mixaria para o que lhe ofereço. — Logo franziu o cenho— Mas o que é isto? Vejo que já encontrou com o que entreter—se esta noite. Bom, fica para outra vez. Estarei aqui, senhor. Pergunte por mim. Meu nome é Nan.

—Essa mulher me dá muita pena — murmurou Caroline.

—Não está escandalizada? —perguntou Adam.

—Sou consciente de que a linha que separa uma mulher sem recursos de uma vida mísera nas ruas é muito fina.

—Tem toda razão.

Adam levou a mão ao bolso de seu casaco, tirou um pacote pequeno e o jogou pela janela com um movimento mecânico da mão. A prostituta correu uns passos, recolheu e rasgou o pacote.

—Obrigado senhor — gritou enquanto a carruagem avançava— Você é um homem generoso.

Beijou o pacote, girou sobre seus saltos e se afastou a toda pressa até perder—se nas trevas.

Pelo modo em que o dinheiro estava envolto e lacrado, Caroline concluiu que Adam já tinha levado a cabo ações semelhantes em ocasiões diversas.

—Havia outra mulher debaixo dessa luz a última vez que passei por aqui — disse ele — Tinha uma tosse muito feia. Pergunto—me se ainda está viva.

—Também lhe deu dinheiro? —perguntou Caroline.

—Sim. E o endereço de uma casa de beneficência onde poderia encontrar uma cama e comida quente. Mas suponho que

gastou o dinheiro em ópio ou genebra ou jogando no jogo de dados, como certamente fará Nan esta noite.

—E apesar de tudo o que sabe você continua a dar—lhes dinheiro?

—É possível que algumas tenham filhos para manter. —Suas feições apresentavam um aspecto severo na penumbra— Às vezes vejo meninos esperando sob as luzes.

Ela percebeu a raiva silenciosa que Adam destilava na escuridão que os envolvia.

A carruagem virou em outra esquina e se deteve no meio da rua. Caroline deu uma olhada para fora e viu uma porta que não estava iluminada.

—Venha — indicou—lhe Adam. Desceu e estendeu o braço para ajudar Caroline a sair do veículo. —Demoraremos um momento em sair Ned —anunciou— Vá buscar alguma bebida quente no botequim do final da rua para você. Avisarei com um assobio quando estivermos preparados para partir.

—Sim senhor — respondeu Ned tocando na viseira.

Adam guiou Caroline no escuro vestíbulo. Uma vez ali, tirou uma chave do bolso e abriu a porta.

Entraram em um corredor curto. Adam acendeu um abajur pequeno. Sustentou no alto com uma das mãos e com a outra tomou Caroline pelo braço enquanto começava a subir as escadas estreitas.

—Ninguém vive aqui agora — informou—lhe— Sou proprietário do edifício e programei algumas reformas.

Ela estava mais intrigada que nunca.

—E o que pensa fazer com ele?

—Tenho certos planos.

Quando chegaram ao patamar ele a conduziu por um corredor e se deteve frente a uma porta fechada. Então tirou outra chave.

Sem uma palavra abriu a porta e se afastou para deixar que ela passasse a uma estadia sombria e de teto baixo.

Ela entrou devagar consciente da transcendência que impregnava a atmosfera do lugar. Aquele quarto reduzido e desmantelado era muito importante para Adam.

A única janela da estadia estava tampada com uma cortina de lona. O mobiliário era exíguo. Caroline viu uma cama de armar e uma mesa. Não havia tapete. Não havia objetos pessoais de nenhum tipo por ali, mas o quarto estava limpo e livre de pó. A lareira estava preparada para acender um bom fogo.

Adam cruzou a soleira atrás dela, fechou a porta e depositou o abajur sobre a mesa. Voltou—se para Caroline.

— Eu vivi aqui até completar dezoito anos.

Olhou—a com a enigmática serenidade tão característica nele, mas ela notou as emoções intensas que ferviam sob a superfície.

—Não nasceu em uma família apropriada? —perguntou ela tateando para fazer progresso.

Ele divertido, lançou—lhe um olhar irônico.

—Minha mãe trabalhava na oficina de um chapeleiro. Casou—se com meu pai aos dezoito anos. Ele era empregado de uma empresa naval. Morreu em um acidente no porto dois anos depois que nasci. Não deixou para minha mãe nada além de seu anel e seus livros. Ela empenhou o anel para pagar o aluguel e comprar comida, mas conservou os livros.

Adam fez este lacônico resumo em um tom neutro, como se estivesse narrando episódios aborrecidos de história antiga.

—Sua pobre mãe devia estar desesperada — comentou ela em voz baixa.

—Sim. Passava o dia todo na oficina. Durante as noites me ensinava a ler com o punhado de livros que meu pai havia nos deixado.

Ela juntou as mãos diante de si.

— Certamente era uma mulher muito valente e decidida.

—Sim, era. — Sua expressão se voltou ainda mais indiferente e distante— Morreu de febre quando eu tinha onze anos.

—Adam, sinto muito. O que fez então? Como sobreviveu?

—Ela tinha me ensinado a ler e escrever, mas eu recebi também outro tipo de educação ao me criar nas ruas deste bairro. Tinha começado a me ser útil antes que minha mãe morresse e depois de sua morte, serviu para me sustentar e pagar o aluguel.

—Como ganhava a vida?

—Comprava e vendia os segredos de outras pessoas — respondeu ele concisamente.

—Não entendo.

—Lembra—se de Maud Gatley, a viciada cujo diário tento recuperar?

—Sim, claro.

Ele apontou com o queixo para a porta.

—Era uma prostituta que vivia no outro lado do corredor. Estava acostumada a levar seus clientes ao seu quarto. De vez em

quando algum deles lhe confiava algum segredo, e ela por sua vez, contava—me isso.

—E encontrava a quem vender? — Perguntou Caroline com incredulidade.

Nos lábios de Adam se desenhou um sorriso frio.

—Há um mercado muito amplo e lucrativo para os segredos, especialmente quando pertencem a cavalheiros das classes altas.

—Não tinha pensado nisso.

—Maud era muito formosa nessa época e ainda não tinha sucumbido à tentação da droga. Vários homens da alta sociedade estavam entre seus clientes. Meu trabalho consistia em procurar compradores para as intrigas e rumores que chegavam aos seus ouvidos enquanto trabalhava. Repartíamos os benefícios em partes iguais. Esta colaboração foi proveitosa para os dois durante um tempo.

Caroline estava boquiaberta.

—Sua história é assombrosa.

—Me alegro de que lhe pareça interessante —respondeu ele arqueando uma sobrancelha— Mas lhe advirto que se em uma de suas novelas aparecer uma palavra do que lhe disse, ficarei muito aborrecido.

Dedicou—lhe o seu olhar mais recatado.

—Trocaria os nomes, é obvio.

—A mudança de nomes não bastaria para me tranquilizar. — repôs ele.

—Era uma brincadeira Adam, como sem dúvida já deve ter imaginado. Continue com o relato.

—No transcurso dos anos seguintes, consegui duas irmãs e um irmão.

—Como se consegue irmãos, exatamente? —perguntou ela.

—Há várias formas. Algumas vezes se topa com uma órfã que está a ponto de ser leiloada em um bordel que oferece seus serviços a cavalheiros que preferem virgens menores de doze anos.

—Deus santo.

—Outras vezes se encontra uma menina de três anos abandonada junto a um monte de lixo.

—Adam, está me dizendo que...?

—E outras vezes, se tropeça com um menino de quatro anos cujos pais o deixaram sob a luz para que mendigasse, mas que nunca retornaram para buscá-lo.

—Levou todos eles para viver com você. —murmurou ela— Não tenho palavras. Estou muito impressionada.

Ele encolheu os ombros.

—Fazia bom dinheiro nas ruas nessa época. Podia me permitir alimentar umas bocas a mais. Faziam—me companhia durante as tardes.

—Ensinou—lhes a ler e escrever como sua mãe lhe ensinou?

—Não havia muitas outras coisas a fazer pelas noites —disse ele.

Ela apontou com um gesto o pequeno e austero quarto.

—Como conseguiram escapar os quatro, deste lugar?

—A situação mudou quando eu tinha dezessete anos. Inteirei—me de um segredo especialmente valioso, relacionado com uma fraude financeira de grande escala que afetava vários investidores de alta categoria. Vendi a informação a um novo

cliente, um cavalheiro rico e viúvo. Graças a isso, ele e vários de seus sócios conseguiram evitar uma enorme perda de dinheiro.

—Prossiga — animou—o Caroline fascinada.

Em lugar de responder imediatamente, Adam se endireitou e se separou da parede, descruzou os braços e andou em direção à lareira. Apoiou um joelho no chão e acendeu a isca.

Observou por um momento a lenha enquanto acendia, e deu a Caroline a impressão de que estava evocando cenas do passado e decidindo quais lhe revelar.

—O cavalheiro rico tinha perdido sua mulher e seus filhos em virtude de uma terrível febre anos atrás —disse ao fim— O cavalheiro era muito rico, mas estava muito solitário no mundo. Quando eu já estava há vários meses fazendo negócios com ele, chegou a me oferecer um posto como uma espécie de espião não oficial.

—Mas você só tinha dezessete anos. Que tipo de encargos fazia para ele?

—Como já lhe disse, meu mentor era muito aficionado aos segredos, e eu possuía certo talento para fazer provisão deles. Não só me inteirava deles pela boca de Maud, mas também de outras pessoas que tinham acesso a eles. —Adam se levantou devagar— Taberneiros, donzelas, mordomos, cabeleireiros, lavadeiras, trabalhadores do porto... A lista de pessoas cuja situação lhes proporciona informação sobre outros é infinita.

—Compreendo.

Caroline se deixou cair na beira da cama de armar.

—A atitude de meu cliente para comigo era quase paternal. Não só me deu um bom emprego, mas também a oportunidade de

viver em sua mansão. Contrapus que não podia deixar meus irmãos — Adam sacudiu a cabeça ao recordá—lo— Assim Wilson nos levou a todos para viver com ele.

—Dá impressão que você e seus irmãos preencheram parte do vazio que sem dúvida, tinha deixado em seu coração a perda de sua família.

—Faz uns anos ele me disse algo muito parecido. Ocorreu—lhe nos fazer passar por parentes com quem tinha perdido contato há muito tempo. Era um plano muito audaz. Disse—lhe que não ia funcionar. Mas ele tinha o poder suficiente para pô—lo em prática. Contratou tutores, professores de dança e uma longa lista de peritos para que nos proporcionassem uma boa educação e nos dessem um verniz de refinamento. Acabou por nos nomear herdeiros de sua fortuna.

—Que sucessão tão fascinante de incidentes extraordinários — comentou ela.

—Talvez o pareça pela forma em que contei, mas lhe asseguro que eu não o vivi assim, absolutamente.

—Não, é obvio que não — disse ela com delicadeza— Teve que suportar tanta tristeza, perdas terríveis, incerteza, perigo... Creia—me, entendo perfeitamente que não veja sua vida como uma obra de ficção. Honra—me com sua confiança. Não a trairei.

Ele fixou a vista nela.

—Se não a acreditasse digna de confiança, jamais teria lhe falado do meu passado.

—Acredito que é pelo conteúdo desse diário que tenta recuperá—lo. É a verdade sobre seu passado e o de seus irmãos, não é?

—Sim. Maud conhecia os fatos. Evidentemente registrou— os em seu diário. Elizabeth o leu e tentou utilizar essa informação para me chantagear.

—Não é de se estranhar que esteja empenhado em recuperá—lo.

—Wilson está convencido de que nossa família é bastante importante para enfrentar qualquer escândalo que surja. Tem razão. Mas temo que a coisa não seja tão simples como ele acredita. Julia é a condessa de Southwood. Seu marido pode protegê—la. Mas Jessica está a ponto de ser apresentada em sociedade, e só Deus sabe que falatórios teria que confrontar se fosse divulgado que a encontrei em um montão de lixo.

—Sempre é muito difícil lutar contra os escândalos. E ainda mais para uma jovem submetida a toda a pressão que implica em movimentar—se pelos círculos sociais elevados.

—Quanto ao Nathan, ele sente inclinação pelo estudo e o mundo acadêmico. Para seguir sua vocação, conviria—lhe ingressar em sociedades de eruditos muito exclusivas, e suspeito que não o receberão com os braços abertos se souberem que em outros tempos o puseram a mendigar na rua.

—É natural que queira proteger seus irmãos. Sua nobreza e sua determinação por defender sua família parecem francamente admiráveis.

Adam torceu a boca compungido.

—É verdade que estou decidido a fazer todo o possível para defender minha família, mas nada têm de nobre minhas intenções. Protegê—los é minha responsabilidade.

Ela assentiu com a cabeça.

—Era de se esperar que visse desse modo.

—É você quem desperta minha admiração, Caroline.

O tom sério em que falou a desconcertou.

—Perdoe, mas acreditava que não tinha um alto conceito da profissão com que ganho a vida.

Ele fez caso omissso deste comentário.

—Sofreu graves reveses e venceu muitas dificuldades garbosamente.

—Não poderia havê—lo feito sozinha —repôs em voz baixa— Sem tia Emma e tia Milly asseguro—lhe que minha vida teria tomado um curso muito diferente.

—Assim como a minha sem Wilson Grendon. Mas isso não lhe subtrai méritos. Superou um enorme escândalo, e tem pessoas queridas que correspondem a seu carinho e lhe são leais. Aproveitou sua criatividade e sua inteligência para lavrar uma profissão interessante. Todas essas coisas constituem um grande triunfo Caroline.

Ela não sabia o que dizer. Notou um calor que nascia em seu interior. Nenhum homem a tinha elogiado de um modo tão franco e comovedor. Caroline sabia que cada palavra de Adam era sincera.

E mesmo assim pensou com melancolia, não eram esses os sentimentos que desejava que ele lhe expressasse.

—É muito amável ao dizer isso — conseguiu murmurar em seu tom mais formal.

—Perguntava—me por que a trouxe aqui esta noite — Aproximou—se dela— Tentei me persuadir de que o fazia porque de certa forma tinha lhe surrupiado alguns de seus segredos e era justo lhe revelar os meus. Mas essa não é toda a verdade.

A atmosfera da estadia mudou de forma indefinível, tornando—se mais íntima e acolhedora. De repente ela compreendeu e ficou de pé. Percebeu que algo importante estava acontecendo entre eles.

Quando Adam chegou junto dela tomou seu rosto entre as mãos.

—A verdade é que queria que soubesse que não sou o tipo de homem que acreditou que fosse no primeiro dia quando me apresentei em seu estúdio e tratei de intimidá—la para lhe arrancar informações.

—Ah.

Não lhe ocorreu outra coisa que dizer. Era tão consciente do calor e da força que emanavam das mãos de Adam que logo percebeu que não podia respirar, e muito menos formular frases coerentes.

—Sei muito bem que devo lhe parecer um dos muitos membros egoístas e arrogantes das classes privilegiadas. E reconheço que ultimamente me movo nesses ambientes. Mas não nasci neles Caroline. Uso a roupa adequada, pertencço aos clubes adequados e faço negócios com a gente adequada, mas no fundo, sempre me sentirei alheio a tudo isso. Sei, embora aqueles com os que trato o ignorem.

Ela elevou as mãos e segurou em seus punhos.

—Entendo.

—Trouxe você aqui porque quero que compreenda que sei o que significa lutar e esforçar—se muito para sobreviver. De fato, para alcançar esses objetivos cometi atos que lhe horrorizariam.

—Não posso acreditar nisso.

—Pois acredite — espetou ele— Não vou angustia—la contando esses segredos, mas quero que entenda que não esqueci as lições que aprendi quando vivia neste quarto. Jamais as esquecerei. Formam parte do homem em que me converti.

Ela suspirou.

—Talvez seja arrogante. Certamente é tenaz, inclusive teimoso às vezes. Mas tenho muito claro que não é um desses homens que se aproveitariam de uma mulher e logo uma vez obtidos seus fins egoístas, fariam dela objeto de escândalo e ignomínia.

Com muita suavidade apertou—lhe o rosto entre as mãos e o inclinou ligeiramente para trás.

—Posso deduzir dessa declaração que já não me considera uma ameaça para você e para suas tias?

—Não nos destroçaria a vida por capricho ou por uma simples suspeita. Sei que só se conformará com a verdade.

Ela notou que a violenta tensão que se apropriou dele cedia. Adam passou o polegar ao longo da borda do lábio inferior.

—Agradeço—lhe que pense assim — disse em um sussurro áspero— Por curiosidade, o que a levou concluir que sou de confiança?

Ela enrugou o nariz.

—Se insistir em sabê—lo, direi que intuí desde o começo, mesmo me dando um nome falso. A lógica e o senso comum me indicavam o contrário, é obvio.

—É obvio — conveyo ele.

—Tinha que pensar em outras pessoas, não só em mim — recordou—lhe ela.

—Emma e Milly.

—Exato. Esta noite, entretanto, temi que me deixasse levar pela raiva contra a senhora Toller e tentasse pô-la em evidência antes do tempo. Eu não queria ser a responsável por colocar em perigo sua investigação.

—E por isso me revelou um de seus segredos.

—Sim.

—E agora vou revelar—lhe um dos meus — Sua expressão se suavizou, e seu olhar a derreteu como vidro em um forno— Mas há outro segredo que devo confiar esta noite.

Um calafrio de espera a percorreu.

—Do que se trata?

Adam lhe acariciou os maçãs do rosto com os polegares.

—Embora o fato de que não seja viúva nos põe em uma posição incômoda, me alegro muito em saber que não chora um amor perdido, ansiosa por voltar a abraçá-lo no Além.

—Por que isso importa tanto?

—Porque desejo beijá-la outra vez e não há nada que deseje mais em minha vida, e não me atrai a ideia de competir com um fantasma.

—Oh, sim. Sim, por favor.

Ele usou a boca sobre a dela com uma avidez que alagou seus sentidos. Caroline teria desabado sob tão delicioso ataque se não fosse o fato dele estreitá-la contra seu peito.

O beijo quente e intoxicante queimava—a, mas ela já tinha ultrapassado o limite da prudência.

—Adam — murmurou quando ele liberou sua boca por uns instantes.

—Apaixonada e linda.

Beijou—lhe uma sobrancelha e deslizou as mãos por suas costas com familiaridade.

Caroline lhe rodeou o pescoço com os braços e lhe roçou os lábios com os seus avaliando sua reação.

Esta carícia delicada pareceu eletrizá—lo. Adam emitiu um grunhido e lhe devolveu o beijo com veemência e voracidade.

Um momento depois, ela sentiu seus dedos nos botões da parte dianteira de seu vestido. O rígido corpete que fazia também às vezes de espartilho leve, abriu—se lentamente como uma armadura partida ao meio.

—Não sei como as mulheres toleram esta moda — comentou ele com voz rouca— Usar este vestido deve ser como sair por aí metido em uma jaula.

—É que dá tanto gosto tirar a jaula... —afirmou ela muito séria. Assim que pronunciou estas palavras, arrependeu—se— Oh, céus, isso não soou como eu pretendia...

Ele soltou uma gargalhada áspera e sensual e a beijou brandamente.

— Sem explicações. Acredito que entendi.

— Seria mais simples se eu fizesse isso?

—Absolutamente. Eu proíbo — Recomeçou sua tarefa de desabotoar os colchetes do vestido— Despi—la é como abrir um presente primorosamente envolto. Nunca subestime o prazer da espera.

Agarrou—lhe o peitilho com os dedos apertados.

Quando teve o vestido aberto até um ponto situado logo abaixo dos seios fez uma pausa e apoiou a testa contra a dela.

—Maldição. Não posso acreditar.

Ela ficou arrasada. Ele estava decepcionado pelo que tinha visto até agora?

—Aconteceu alguma coisa?

—Sim — Elevou a cabeça e a olhou pesaroso— Estou tremendo tanto que não consigo abrir estes ganchos.

—Sério? —Extasiava—lhe saber que produzia esse efeito nele.

—Tinha a intenção de arrastá—la em uma nuvem romântica de paixão e prazer. Em troca, sinto—me como um bobo.

Esta confissão foi perfeita para encorajar Caroline.

—Talvez facilitasse as coisas se eu desse uma ajuda — sugeriu uma vez mais.

Com dedos trêmulos começou a lhe desfazer o nó da gravata.

Adam torceu a boca e os olhos brilharam a luz do abajur.

—Sim — aceitou— Acredito que isso seria de muita ajuda.

Uns instantes depois, ela tinha ficado só de regata, meias e calções. Seu pesado vestido estava enrugado sobre o chão, feito um emaranhado adornado com encaixes, junto à gravata, o colete e a camisa branca de linho de Adam.

A luz da lareira reluzia no corpo musculoso e brilhante de Adam. Fascinada deslizou os dedos pelo contorno de seu peito.

—É tão magnífico como a estátua de um deus antigo — sussurrou.

A ele escapou uma gargalhada meio abafada.

—Espero que me encontre um pouco mais quente e jovem.

—Muito mais quente e jovem. Perfeito na verdade.

Ela queria arder no calor de seu corpo.

—Ah, minha doce Caroline. Você me deixa louco.

Para ela foi difícil despir Adam, pois nunca antes tinha despido um homem de suas roupas. Deteve—se antes de lhe tirar a camisa, pois lhe faltava coragem para enfrentar os botões de suas calças. Por sorte, ele não pareceu estranhar sua hesitação.

Adam a levantou ansioso e a depositou com todo cuidado sobre a cama de armar. Logo se endireitou e tirou a roupa que restava com movimentos rápidos e impacientes.

Ela ficou petrificada.

Recordou a si mesma que a diferença das superprotegidas damas de cidade, ela tinha sido criada no campo. Portanto, estava familiarizada com a visão de machos nesse estado. Além disso, Emma e Milly tinham tido um conceito muito liberal e moderno da educação que deveria receber uma pequena dama. Entre uma coisa e outra, deveria ter uma ideia bastante precisa do que lhe cabia esperar de seu primeiro encontro com um homem. Mesmo assim, estava assombrada.

Adam vacilou junto à cama. A luz cintilante projetava sombras dançantes sobre seu rosto.

—Acontece algo ruim?

—Não — Ela estendeu os braços e tomou a mão de Adam entre as suas apertando—as ligeiramente— Não foi nada.

Ele se estendeu muito devagar na cama de armar e a puxou para si. Tirou—lhe uma por uma as forquilhas do cabelo. Ela estremeceu ao ouvi—las cair sobre as tábuas do chão junto à cama.

—Isto não estava planejado — sussurrou ele, lhe beijando o pescoço— Eu a trouxe aqui levado por um impulso e agora, estou muito arrependido.

Ela conteve o fôlego.

—Se tiver mudado de ideia...

—Jamais — Apertou—lhe uma mecha de cabelo com os dedos— O meu desejo por você me consome. Não poderia me afastar mesmo que me custasse à vida. Não, estou arrependido de não tê—la levado a um lugar mais elegante. Você merece algo melhor que este mísero quarto.

Ela relaxou e lhe tocou o rosto.

—Este quarto é perfeito Adam. Tudo é perfeito esta noite.

Ele posou a mão sobre sua perna envolta pela meia. Quando lhe acariciou a parte interior da coxa, o mundo que Caroline conhecia mudou para sempre. Esse contato íntimo a excitava até tal ponto que quase lhe parecia insuportável.

Era como se ela tivesse passado toda sua vida passeando por um jardim e de repente ao virar em uma sebe alta, se encontrasse em meio de uma selva exótica e tropical.

—É tão linda... —Adam desabotoou os botões da regata e beijou a curva de um seio.

Ela pensou que não era linda, mas essa noite ele a fazia sentir—se como a descendente direta de Cleópatra, Helena da Tróia e Vênus.

Quando apertou ligeiramente o mamilo entre os dentes, percorreu—a uma cascata de sensações. Uma tensão selvagem e ardente se apropriou dela. A perna de Adam exercia uma pressão deliciosa sobre sua coxa.

Quando os dedos de Adam acharam seus segredos através da costura aberta de seus calções, Caroline quase deixou escapulir um grito. A comoção e o surpreendente prazer que experimentou lhe

transtornaram a respiração e o pulso. Jamais havia sentido nada parecido ao contato da mão de Adam na parte mais delicada de sua anatomia.

—Já está molhada e pronta para mim — sussurrou—lhe ele ao ouvido.

Envergonhava—se de um modo vago que Adam tivesse reparado no calor úmido entre suas pernas, mas não podia fugir de suas carícias. Queria que ele continuasse lhe fazendo isso, fosse o que fosse.

E então de uma maneira ou outra, ele conseguiu desatar as fitas que lhe seguravam os calções. Colocou—se em cima dela e beijou o espaço entre os seios. Caroline jogou a cabeça para trás sobre o braço dele. Estava tensa, avivada, desesperada.

—Por favor — murmurou lhe rodeando fortemente sua coxa musculosa com sua perna.

Ele mudou ligeiramente de posição e ela notou a pressão.

—Sim — gemeu— É fantástico...

—Caroline.

Com um ataque impetuoso ele a penetrou.

«Tome cuidado com o que desejas», pensou ela.

Embora tivesse esperado algo parecido, a dor a pegou desprevenida, pois apenas há alguns segundos estava embebida em um prazer imenso.

—Que demônios...? —agitou—se com violência e de forma instintiva, empurrou Adam pelos ombros— Espera. Pára. Acredito que algo esteja errado.

Ele ficou paralisado.

Ela tentou afastar—se dele com suavidade.

—Me perdoe. É minha culpa. Eu não sabia, entende? Quero dizer que acreditava que era, mas é claro que não.

—Caroline, fique parada, rogo—lhe isso.

—Se importaria muito de sair de cima de mim?

Adam soltou um grunhido. Ela viu que tinha a testa empapada em suor e apertava os dentes como se estivesse com dor. Tinha os olhos entreabertos. Fazendo todo um desdobramento de força de vontade, começou a sair do corpo de Caroline.

A sensação não era de tudo desagradável.

—Espera — ordenou. Enlaçou as mãos sobre as costas de Adam para detê—lo— Talvez não seja necessário.

—Caroline, você vai me deixar louco.

—De fato, não me sinto tão incômoda agora — Retorceu—se levemente e de novo obteve em troca uma sensação satisfatória— Talvez se continuar bem devagar...

—Muito devagar? —Adam apoiou seu peso sobre os cotovelos e lhe aprisionou o rosto entre as mãos. Cada músculo de seu corpo parecia esculpido em aço. A expressão de seus olhos era a de um homem que estava a ponto de transpassar algum limite interior. Entretanto, seus lábios se curvaram ligeiramente em um sorriso sensual que poria fogo em toda a cidade— Assim, por exemplo?

Começou a mover—se de novo. Lentamente.

O corpo de Caroline relaxou. Ele baixou a mão e lhe fez algo com os dedos. Tudo em seu interior se contraiu como um punho, mas desta vez não para resistir, a não ser para exigir mais, freneticamente.

—Sim — sussurrou— Oh, sim, exatamente assim.

—Levanta os joelhos querida — murmurou ele.

Ela obedeceu. A excitação cresceu.

—Ah, Caroline — disse ele com a boca muito perto da sua—
Estou totalmente perdido.

Antes que ela pudesse lhe perguntar o que queria dizer com essa frase tão estranha, ele acelerou seus movimentos.

Aquela deliciosa fricção provocou que ela se esticasse por dentro a tal ponto que não suportou a intensidade dessa sensação. Convulsionou—se.

A culminação a catapultou para o céu noturno.

Adam emitiu um gemido apagado e ficou rígido.

No último instante, soltou—se do corpo de Caroline e caiu junto a ela, derramando—se sobre o lençol.

Capítulo 17

Muito tempo depois, Adam descansou a cabeça sobre seu braço e atraiu Caroline para si sob a velha manta. Ela encolheu—se contra ele, como se preparando para dormir. A perspectiva o seduzia, mas não era factível.

—Quando pensava em me contar?

Sabia que tinha empregado um tom brusco e pouco romântico, mas nesse momento não se importava. Tentava equilibrar um misto de emoções que o tinham comovido muito profundamente.

Em retrospectiva, compreendeu que se negou a ter em conta as pequenas pistas que apontavam à falta de experiência de Caroline. Tinha dado crédito prazerosamente à afirmação de que era viúva. Quando esta ficção tão conveniente se evaporou há algumas horas, ele tinha se consolado dando como sendo favas contadas suas hipóteses sobre um passado turvo e um assunto escandaloso.

Mas Caroline era uma caixa de surpresas.

Ela bocejou delicadamente e esticou uma perna sob a manta, como um gatinho.

— Dizer o que?

Ele sentiu que os dedos dos pés de Caroline lhe roçavam a panturrilha. Esta suave carícia produziu um efeito estimulante nele.

—Que era virgem. — respondeu.

Caroline ficou quieta. Então se acotovelou sobre a cama de armar e o olhou com o cenho franzido, desorientada.

—Tinha que tê—lo informado? —inquiriu.

—Sim — respondeu ele com firmeza. Estava tão aborrecido com ela como consigo mesmo— Teria que haver me dito. Tenho por norma não me deitar com inocentes.

—Ah, sim! Então era esse o problema — Sua expressão de desconcerto mudou imediatamente— Trata—se de uma de suas normas.

—Você continua brincando e eu não respondo pelo que possa lhe acontecer — advertiu—lhe com doçura.

—Examinemos a situação de maneira lógica. Quando você fala de inocentes, suponho que se refira a damas muito jovens, sem experiência do mundo e com uma reputação a manter até que se casem. É isso?

—Sim, mais ou menos — aceitou ele com cautela.

A eloquência com que tinha reagido Caroline o pôs em guarda. Agora tentaria manipulá—lo, tão certo quanto ele conhecia seu próprio passado.

Ela dedicou—lhe um sorriso radiante.

—Então não tem nada com que preocupar—se. Não me encaixo na categoria de inocente e, portanto, você não quebrou sua norma.

Ele tomou uma mecha de seu cabelo, enrolou—o em torno de seus dedos e puxou suavemente.

—Não?

—Creio que não. Pense nos detalhes — Elevou a mão para enumerar seus argumentos ajudando com os dedos— Para começar,

já não sou uma dama tão jovem. Tenho vinte e sete anos, uma idade que ultrapassa a que se está acostumado a considerar inocente ou casadoura.

—Caroline...

—Em segundo lugar, até no caso extremamente improvável de que eu conhecesse um homem que me parecesse um bom partido, veria—me obrigada a lhe falar do terrível escândalo de três anos atrás, e isso significaria o fim da relação. Nenhum cavalheiro distinto que se preze gostaria de casar—se com uma mulher cuja honra foi arrastada pela lama como a minha, embora ela assumisse um nome falso. Portanto, teria sido inútil que me reservasse para uma noite de núpcias que jamais iria chegar.

—Há um grande engano em seu raciocínio — começou a dizer ele.

—E em último lugar, algo não menos importante — interrompeu—o ela— embora, em sentido estrito, eu fosse virgem até muito recentemente, não me falta experiência em relação à maneira em que funciona o mundo. Sabia perfeitamente onde estava me colocando ao deixar que me beijasse esta noite Adam. Você não se aproveitou de mim. Aconteceu justamente o contrário.

—O contrário? —Aturdido ante essa opinião sobre o acontecido, ele tirou as mãos de debaixo de sua cabeça e se incorporou de repente— Tenta me convencer de que me seduziu deliberadamente?

Ela franziu os lábios.

—Bom...

—Pois não acredito. Não acredito em uma só palavra.

—Só digo que desde que o vi pela primeira vez, senti—me atraída por você. —Agitou a mão em um gesto despreocupado— É certo que houve alguns problemas iniciais porque temia que constituísse um perigo. Mas reconheço que uma vez que cheguei à conclusão de que poderia confiar em você, esperava que correspondesse a meus sentimentos.

—Entendo.

—Admito que os acontecimentos aconteceram em um ritmo muito mais rápido do que eu tinha previsto —prosseguiu alegremente— Certamente não esperava que nos entregássemos a um abraço apaixonado antes de chegar a nos conhecer melhor.

—Eu tampouco — Passou os dedos por entre sua cabeleira e atraiu seu rosto para si— Me diga Caroline, se estava tão desejosa de provar o prazer físico, por que esperou tanto? Com certeza não lhe faltaram oportunidades.

Ela negou com a cabeça sorrindo como se a pergunta lhe parecesse absurdamente ingênua.

—Há muitos riscos para uma mulher. Eu não queria me expor a eles com o homem errado.

Uma de onda de profunda satisfação o distraiu por um momento.

—Pensou que eu era o homem adequado?

O brilho risonho nos olhos dela cedeu lugar a uma expressão de certeza.

—Não me assaltou uma só dúvida esta noite.

Ele roçou a boca de Caroline com a sua, lenta, pausadamente.

—E a experiência foi tão interessante e excitante como esperava?

—Totalmente. Das mais satisfatórias, de fato.

—Deixa—me sem palavras, por não dizer do que está fazendo com meus nervos.

—Controle—se, senhor — disse ela com atrevimento — Se temer que seus nervos fraquejem, vigorize—os pensando em meu maior escudo e patrimônio, o sólido baluarte que me protegerá contra os piores efeitos do escândalo e da perdição.

—E qual é esse patrimônio, escudo e baluarte?

—Pois nada mais, nada menos que meu defunto esposo, Jeremy Fordyce, que tão oportunamente me fez viúva.

Adam a puxou de volta para a cama.

—Reconheço que o espírito do homem tem a sua utilidade.

Capítulo 18

Irene Toller estava sentada sozinha na sala de espiritismo com um grande copo de genebra ante si sobre a mesa, ruminando sua vingança. Tinha sido uma parva e uma incauta, mas tinha acabado. Mas a venda havia caído de seus olhos.

—Brindo por você Elizabeth Delmont, esteja onde estiver.

Irene elevou o copo de genebra e tomou um longo gole. O forte licor lhe queimou o esôfago quando engoliu.

Enxugou a boca com o dorso da mão.

—Embora fosse uma rameira intrigante, fez—me um enorme favor ao me mostrar a verdade. Sabe o que mais? Se eu realmente tivesse a capacidade de invocar fantasmas, faria vir o seu do inferno só para poder agradecê—la como se deve.

Tomou outro gole de genebra, vagamente consciente de que o ambiente da casa esfriava. O fogo tinha começado a apagar—se quando Bess partiu.

—Por desgracia, não poderei dizer—lhe o quanto agradeço o que fez por mim senhora Delmont, porque no que diz respeito aos dotes de espírita, sou tão impostora como você — balbuciou a sala vazia— Claro que todos neste mundinho somos charlatões ou trapaceiros, ou não? Esse é o grande segredo que mantém unidos os que exercem esta profissão.

Taciturna, afundou em suas lembranças. Tinha iniciado sua carreira há quase uma década. Nesse tempo transbordava juventude e beleza, qualidades extremamente úteis para uma médium, mas apesar disso, a concorrência era feroz. Para ganhar a vida se viu

obrigada a recorrer à aludida tática de oferecer sessões privadas a cavalheiros que desejavam contatar com os espíritos de cortesãs e amantes mortas há muito tempo.

Noite após noite, em salas escuras, tinha fingido estar possuída pelos espíritos de mulheres cuja luxúria as havia convertido em lenda. Os honorários que cobrava davam a seus clientes masculinos o direito a utilizar seu corpo para satisfazer suas fantasias de encontros apaixonados pelas sensuais rainhas e amantes célebres da antiguidade.

Não era uma prática estranha entre quem batalhava para sobreviver nos degraus mais baixos da profissão. E era inegável que tinha a enorme vantagem de permitir que a médium conservasse certa aura de inocência. Afinal de contas, não era ela que se deitava com os clientes; só era o meio empregado pelo espírito para seus fins.

Irene não gostava da natureza desse tipo de trabalho, mas não tinha muitas alternativas.

Ao final tinha incorporado ao seu repertório a tabela de escrita espírita, algumas batidinhas e uma ou outra aparição. Estas técnicas lhe tinham proporcionado uma clientela distinta, menos exigente.

Então há uns meses, ele tinha aparecido em sua vida e ela tinha retomado de repente seu velho papel. A princípio tinha tentado persuadir—se de que a relação era puramente profissional, ao menos pelo que dizia a ela. Mas tinha cometido um equívoco monumental. Apaixonou—se.

Como tinha podido ser tão tola? Era como se alguém a tivesse enfeitiçado, pensou. Mas o feitiço tinha acabado por

romper—se por meio do derramamento de sangue, o sortilégio mais antigo do mundo. Claro que ela não acreditava nessas absurdas superstições, recordou—se com um calafrio.

Mas sim acreditava na vingança, e ela logo levaria a termo a sua.

Em algum lugar da casa uma tábua do chão rangeu. O horripilante gemido ressonou com força naquela quietude e sobressaltou Irene. Ela respirou fundo e tentou acalmar—se. O som não era mais que o conhecido roce de madeira com madeira que ouvia com frequência quando estava sozinha à noite.

Obrigou—se a concentrar—se em outras questões. A sessão de hoje tinha transcorrido excepcionalmente bem. Acabou por ser especialmente gratificante contar com a presença da senhora Fordyce. A escritora era sem dúvida uma das pessoas mais importantes que tinha assistido a uma de suas sessões. Certo, Caroline Fordyce não frequentava a alta sociedade, mas era cada vez mais conhecida e com toda segurança muitas pessoas das altas esferas liam suas novelas.

A única coisa que Irene lamentava era o impulso que a tinha levado a invocar o espírito do defunto marido. Sempre incluía certo risco comunicar—se com o fantasma de um cônjuge falecido. Uma médium profissional devia tomar cuidado com esse tipo de coisas, sobre tudo quando desconhecia os pormenores da relação entre o cliente e o defunto. Ela ainda tinha fresca na memória aquela noite espantosa em que tinha invocado um marido morto só para descobrir que a viúva o detestava profundamente e provavelmente tinha contribuído por precipitar seu trânsito ao Além. Entretanto, fingir que ficava em contato com Jeremy Fordyce não tinha tido

maiores consequências, ou isso lhe tinha parecido até que dirigiu a vista ao outro lado da mesa e reparou na fúria que cintilava nos olhos do senhor Grove. Nesse momento de inquietação, um calafrio a tinha percorrido da cabeça aos pés. Estremeceu de novo só de pensar. Imediatamente compreendeu que tinha cometido um erro de cálculo.

Durante alguns segundos angustiantes temeu que o senhor Grove acendesse um fósforo e pusesse a descoberto todos seus truques, como as mãos de cera que tinha colocado na mesa para que suas mãos de verdade pudessem manipular livremente os diferentes artefatos que usava.

Tinha sido um momento muito tenso, sem dúvida alguma. Por sorte, a senhora Fordyce tinha conseguido manter na linha seu suposto ajudante.

Irene tomou nota mentalmente de que não devia voltar a mencionar o defunto marido em presença do senhor Grove.

Não obstante, planejava estreitar sua relação comercial com a senhora Fordyce. A escritora poderia lhe abrir novas portas, pensou Irene com satisfação. Estava demonstrado que as normas sociais eram igualmente rígidas tanto quando se tratava de comunicar—se com o Além, como em qualquer outro aspecto da vida. As pessoas de bom tom estavam tão fascinadas pelo espiritismo como qualquer outra, mas preferiam contratar os serviços dos médiuns que procediam de seu próprio ambiente, ou que ao menos o parecessem. Era certo que de vez em quando para divertir—se, assistiam a sessões dirigidas por quem eles consideravam seus inferiores socialmente, mas jamais lhes passaria pela cabeça permitir que

alguém como Irene Toller entrasse em seus salões preciosamente mobiliados.

E ela sabia que até conseguir que a admittissem nos círculos elevados, não seria mais que uma atração de feira para os membros da elite. Eles jamais a veriam com os mesmos olhos com que viam Julian Elsworth.

Sorveu os mucos e tomou outros goles de genebra. Oxalá esses tipos ricos e prepotentes da alta sociedade que adoravam Elsworth soubessem a verdade sobre ele. Fez uma careta. As coisas que ela poderia lhes contar a respeito desse homem...

Outro rangido assustador se ouviu em algum lugar da fria casa. Ela nervosa, deu uma olhada no compartimento secreto onde tinha oculto a prova incontestável de seu crime. Ainda não tinha tido oportunidade de desfazer—se dela, mas se encarregaria disso assim que levantasse pela manhã. Colocaria o vestido ensanguentado em um saco, adicionaria umas quantas pedras para que pesasse mais e o jogaria no rio.

Sentia pelo vestido. Era precioso. Ele o tinha comprado. Ela simplesmente não tinha previsto que houvesse tanto sangue.

Uma débil rajada de ar soprou em algum ponto da escuridão do corredor. Os dedos de Irene apertaram o copo. Era como se o espírito da morta tivesse pronunciado seu nome.

«Deixa de tolices de uma vez.»

—Você foi tão tola como eu Elizabeth Delmont —sussurrou às sombras— Ambas deveríamos ter compreendido desde o começo que nenhuma das duas podia competir com o fantasma dela.

Bebeu um pouco mais de genebra para aplacar os nervos. Ele não demoraria a chegar. Irene devia concentrar—se agora na segunda parte de sua vingança.

Uns golpes suaves e surdos ressonaram no saguão. Irene ficou em pé trabalhosamente, com o pulso acelerado em virtude da genebra.

Ele tinha chegado finalmente. Tinha chegado o momento de culminar sua vingança.

Essa noite se respirava uma atmosfera muito estranha na casa. De repente ela desejou não ter deixado que Bess se retirasse depois da sessão. Mas dificilmente teria podido levar a cabo seu plano diante de testemunhas.

As batidinhas se ouviram de novo. Irene se lembrou daquelas que os espíritos davam durante as sessões.

Por alguma razão inexplicável teve que jogar mão de toda sua força de vontade para percorrer o corredor para a porta. O que estava lhe passando? Por que tinha se assustado tão de repente? Seu terror irracional era totalmente injustificado. Tinha um plano que lhe permitiria não só vingar—se, mas também conseguir muito mais dinheiro que mediante um investimento.

Deteve—se por um instante no vestíbulo, respirou fundo e abriu a porta.

— Recebi sua mensagem — disse ele.

— Entre

Ele cruzou a soleira.

—Complicou—me muito as coisas Irene.

—Realmente você acreditou que ia deixar que me utilizasse para em seguida me trair com uma prostituta barata?

—Na verdade, você é pior que uma prostituta barata, é uma puta enganadora. Mas não discutamos por ninharias. Diga—me o que é o que quer de mim.

Ela conseguiu esboçar um sorriso, face à raiva que a dominava.

— Siga—me e direi exatamente o que fazer, a menos que queira que revele seus segredos à imprensa.

—Isso me soa a chantagem.

—Considere como uma proposta de negócio.

Ela o guiou pelo corredor até a sala de espiritismo. Quando entrou na sala, ele a seguia a poucos passos.

—Algo me diz que esta conversa vai terminar muito desagradável —comentou— Importa—se se me servir um pouco de genebra?

—Não penso dar a você mais nada do que me pertence — replicou ela lhe lançando um olhar desdenhoso por cima do ombro.

Precaveu—se muito tarde de que ele tinha levantado um dos dois pesados castiçais de latão que descansavam sobre a mesa do salão. Foi quando ela soube que tinha cometido um erro de cálculo pela segunda vez essa noite.

Abriu a boca para gritar e deu meia volta instintivamente para fugir. Entretanto, naquele espaço reduzido não tinha para onde ir.

Ele a golpeou com tal rapidez e tanta força que o único som que emitiu foi um leve grunhido.

Irene desabou ao primeiro impacto, mas ele a golpeou uma e outra vez até que o tapete ficou empapado de sangue e ele esteve certo de que a tinha matado.

Quando terminou respirava agitadamente. Havia gotas de suor em sua testa. Baixou a vista para sua vítima.

— Prostituta enganadora.

Perdeu um tempo para criar o efeito que desejava na sala de espiritismo. Uma vez que esteve satisfeito, tirou o relógio de bolso e viu que hora era. Doze e quinze.

Trocou com cuidado a posição das agulhas e logo depositou o relógio no chão junto ao cadáver. Então deixou cair com violência o pé para fazer pedacinhos o cristal e o delicado mecanismo do interior.

Os ponteiros do relógio ficariam marcando para sempre meia noite.

Capítulo 19

Adam reconheceu para si mesmo que não só a desejava. Estava sedento dela.

Sentado de novo no interior da carruagem, olhou Caroline na penumbra. Eles haviam conseguido vesti—la com suas anáguas e seu vestido e lhe arrumar o penteado. Voltava a oferecer um aspecto apresentável. Entretanto nada podia ofuscar o brilho que o conhecimento recém—adquirido conferia a seu rosto.

Adam não estava acostumado a experimentar esse tipo de paixão tensa e agitada. Inclusive agora depois de fazerem amor duas vezes e haver—se derramado por completo, só queria pensar em como e quando conseguir outro encontro com Caroline. As profundezas aparentemente insondáveis do desejo que sentia por ela teriam tido que lhe causar uma grande preocupação, mas por algum motivo, não conseguia reunir a energia, nem a força de vontade suficiente para alarmar—se ligeiramente sequer.

Caroline permaneceu calada durante o trajeto de volta a Corley Lane. Parecia contente e absorta em seus pensamentos. Ele se perguntou se estaria meditando sobre os prazeres da paixão, ou melhor, pensando em como tirar partido de sua nova experiência no seguinte capítulo de “O Cavalheiro Misterioso.”

Esta última possibilidade gelava o sangue de Adam. Se realmente queria ficar com os nervos à flor da pele preocupando—se com o que tinha passado essa noite, a ideia de que Caroline

incorporasse suas observações à sua novela daria excelente resultado.

Quando a carruagem se deteve, ela despertou de seu devaneio dando um pulo e uma olhada entre as cortinas.

—Céu santo, já estou em casa e nem sequer falamos sobre o nosso próximo passo na investigação — disse.

Ele abriu a portinhola do veículo e se voltou para descer.

—Obviamente havia outros assuntos mais urgentes de que ocupar—se.

Ela soltou uma gargalhada tão suave e refrescante como um toró primaveril.

—Ah, sim, entendo a que se refere — Desceu da carruagem atrás dele e adotou uma expressão mais séria— Na verdade espero que não tente vasculhar a casa da senhora Toller esta noite.

—Não – Ele a pegou pelo braço e se dirigiu para as escadas — Penso esperar que ela e seu ajudante vão a Winterset House amanhã pela tarde para dar outra exibição de escrita espírita.

—Conhece seu horário? —perguntou ela surpresa.

—Fiz algumas averiguações esta tarde.

—Ah, sim, suas sinistras averiguações. Bom, alivia—me saber que não pretende ir farejar em sua casa esta noite.

Adam se deteve ao chegar ao último degrau.

—Eu gostaria de contar certas coisas que aconteceram hoje na sessão. Há uma em concreto que me chamou particularmente a atenção, além da menção do senhor Fordyce. Posso vir vê—la amanhã?

—Sim, é obvio — Levou a mão ao bolso de seu vestido para tirar a chave— O que é o que chamou sua atenção?

—A oportunidade de investimento que um dos espíritos mencionou às duas senhoras.

—Lembro—me. Mas não acredito que signifique grande coisa. Como já lhe disse, é bastante comum que os médiuns predigam que algum de seus clientes receberá uma herança inesperada.

—Mas esta predição em particular me pareceu excepcionalmente precisa — Tirou—lhe a chave da mão e a introduziu na fechadura— Havia detalhes muito específicos, como o fato de que o homem que as abordaria se identificaria como um amigo da amiga defunta.

—Sim, é certo.

—A primeira vez que falei com você, comentou—me que um dos assistentes da última sessão de Elizabeth Delmont tinha recebido conselhos sobre um investimento.

—Sim, tem razão — assentiu ela— E agora que o menciona, foi um conselho similar ao que ouvimos hoje. Um dos espíritos invocados por Delmont anunciou ao senhor McDaniel que logo ficaria em contato com ele um cavalheiro que nomearia ao falecido e lhe brindaria informação sobre um investimento lucrativo. Mas o que tem isso a ver com o assassinato e o diário perdido?

—Talvez nada — Abriu a porta— Mas confesso que acho muito interessante que Toller e Delmont fizessem predições tão parecidas para seus clientes.

Caroline entrou no sombrio saguão e se voltou para Adam.

—Acredita que isso indicaria uma conivência entre as duas médiuns?

—É possível sim.

—Mas Irene Toller e Elizabeth Delmont eram rivais...

—O dinheiro cria estranhas alianças. Se não me acredita, pergunte a qualquer marido ou esposa da alta sociedade.

—Esse foi um comentário muito cínico Adam.

—Descobri há muito tempo que se pode encontrar as respostas a múltiplas perguntas sobre rico ou pobre se examinarmos sua fonte de renda.

—Curiosa observação. Isso me recorda que tinha mencionado seus planos com respeito a esse edifício da Stone Street. O que pensa fazer com ele?

Depois de uma breve vacilação, Adam decidiu que não havia motivo para lhe ocultar suas intenções.

—Eu o estou acondicionando para convertê—lo em um asilo para meninos de rua. Um lugar onde estejam a salvo e bem alimentados, onde lhes ensinem a ler e escrever para que possam ir adiante na vida.

Dedicou—lhe um doce e misterioso sorriso de cumplicidade.

—Claro. Deveria ter adivinhado.

Surpreso, Adam franziu o cenho.

—Como diabos você fari...?

—Não importa. Não é importante. Boa noite Adam.

—Boa noite Caroline.

—Estou Pensando em trabalhar em meu novo capítulo pela manhã — disse— De repente me ocorreu um montão de ideias para minha novela.

A porta se fechou suavemente no nariz de Adam.

Ele ficou ali de pé por um momento desconcertado. Na mesma situação, outras mulheres estariam preocupadas com sua

reputação ou pela possibilidade de haver ficado grávidas. Mas para Caroline em troca, só parecia lhe preocupar o argumento de sua novela.

Adam se perguntou se devia alarmar—se por isso.

Capítulo 20

Pouco depois das nove e meia da manhã seguinte, Caroline deixou a pluma e revisou o parágrafo que acabava de escrever.

“Lydia começou a suspeitar que Edmund Drake não fosse como aparentava na superfície. Atrás da fachada dura e inflexível que apresentava ao mundo se ocultavam não só seus segredos, mas também possivelmente, certa nobreza inata da alma. Não era uma pessoa inclinada a revelar sua verdadeira natureza, mas os turbulentos acontecimentos que tinham se produzido recentemente lhe tinham revelado o suficiente sobre seu caráter para levá-la a questionar a opinião que formou sobre ele.

Concluiu que Drake era certamente, um homem de paixões intensas, mas refreadas por uma poderosa força de vontade e um sentido da honra que deixava em ridículo o insípido código observado por tantos cavalheiros enriquecidos e ilustres.

“Drake ditava suas próprias normas, e se regia por elas.”

Satisfeita Caroline pegou uma folha em branco para continuar. Gostava do rumo que tinha tomado a história. O giro inesperado no personagem de Edmund Drake sem dúvida surpreenderia os leitores. Agora tudo o que precisava era um incidente extraordinário para concluir o capítulo e teria terminado o trabalho da semana.

Pegou a pluma e tamborilou com ela sobre o escritório. Uma carruagem com os cavalos descontrolados? Não, isso se pareceria muito a um incidente anterior. Convinha espaçar cuidadosamente esse tipo de acontecimento para produzir o efeito desejado.

Então decidiu que o que necessitava agora era uma cena de paixão ardente. Algo na linha do que ela tinha experimentado nos braços de Adam na noite anterior seria perfeito.

A excitante lembrança do ocorrido lhe veio de novo à mente. Uma vez mais, deixou—se arrastar por ele e notou um calor e um comichão na parte inferior do corpo.

Sim, um abraço apaixonado seria o ideal para finalizar este capítulo. Inspirada, ficou a escrever.

“À débil luz dos abajures da carruagem, Lydia viu os olhos de Edmund Drake brilhar como esmeraldas em uma forja sobrenatural. Ele a estreitou entre seus braços e a apertou contra seu robusto peito.

—Minha doce e formosa Lydia — sussurrou— Quando estou contigo perco todo o controle.”

—Senhora Fordyce?

Caroline levou um susto. A pluma escorregou e rabiscou a palavra «controle». Elevou a vista rapidamente e viu a senhora Plummer no vão da porta.

—Sim, o que acontece? —perguntou tentando dissimular sua exasperação.

—Sinto incomodá—la enquanto está escrevendo, mas acaba de chegar isto para você. — A senhora Plummer entrou no estúdio,

com um envelope na mão— Trouxe—a um rapaz que bateu na porta da cozinha faz um momento.

—Uma nota? —Caroline ficou em guarda— Não será de Spraggett, verdade? Ele sabe perfeitamente que a data de entrega do capítulo é no fim de semana. Sério, se não deixar de me curvar vou perder a paciência e procurar outro editor.

—Não, não acredito que seja do senhor Spraggett. Ele sempre envia esse menino ruivo, Tom, quando quer lhe enviar uma mensagem. O rapaz que me deu isto não o tinha visto antes.

Adam pensou Caroline. Tinha que ser ele. Ninguém mais tinha motivos para lhe enviar uma mensagem. O pulso acelerou, e uma sensação de euforia borbulhou em seu interior. Logo lhe ocorreu que talvez Adam tivesse despachado a nota para lhe avisar que não iria vê—la esse dia.

—Obrigado, senhora Plummer.

Caroline pegou o envelope dos dedos da governanta e o rasgou para abri—lo.

Querida senhora Fordyce:

Devo falar com você imediatamente. Trata—se de uma mensagem do Além que foi comunicada ontem à noite depois que você partiu de minha casa.

Atte.,

I. TOLLER.

—Que curioso — comentou Caroline relendo a nota— É da médium.

—De que médium, senhora?

—Irene Toller. A que dirigiu a sessão a que assisti ontem à noite com meu, isto... Amigo, o senhor Hardesty — Deixou a nota, levantou—se e rodeou a toda pressa o escritório para a porta— Eu me pergunto que diabo é isto?

—Então vai sair senhora?

—Sim. Esta é uma volta interessante nos acontecimentos. Não quero perder esta oportunidade. Vou subir para pôr um vestido de rua. —Cruzou a porta com uma exalação e se deteve no corredor — Quando minhas tias retornarem de seu passeio matinal lhes diga, por favor, que tive que fazer uma visita rápida à senhora Toller e que voltarei para a hora do almoço.

—Sim, senhora.

Caroline se dirigiu rapidamente à escada e se deteve de novo quando a assaltou outro pensamento.

—Outra coisa senhora Plummer: o senhor Hardesty me avisou que passaria por aqui hoje. Se chegar antes que eu retorne, lhe diga que não demorarei e que tenha a amabilidade de esperar.

—Sim, senhora.

Ela teve que deixar passar dois elegantes cabriolés até que por fim apareceu um carro de aluguel que avançava pesadamente. Era muito desagradável não poder ir no cabriolé, pensou enquanto subia na desmantelada carruagem. Não era apenas que seu desenho aberto na frente e com a boleia elevada atrás, oferecesse ao passageiro uma maravilhosa vista, mas sim os cabriolés se deslocavam com maior rapidez e agilidade que outros veículos pelas lotadas ruas de Londres.

Infelizmente qualquer dama, embora fosse viúva, que se deixasse ver a bordo de uma destas carruagens corria o risco de que as pessoas pensassem que não era só o cavalo o que tinha os cascos ligeiros.

Pouco depois o carro se deteve na rua frente ao domicílio de Irene Toller. A casa tinha o mesmo aspecto sombrio e lúgubre essa manhã que na noite anterior quando estava envolta em névoa e sombras, pensou Caroline enquanto descia.

Estava tão concentrada tentando elucidar por que Irene Toller lhe teria mandado aquela mensagem que não reparou imediatamente no pequeno grupo de pessoas aglomeradas diante da casa. Quando se precaveu disso, invadiu—a uma grande intranquilidade. Aí estava acontecendo algo muito ruim.

Captou alguns fragmentos de conversa enquanto subia os degraus.

—Pelo que ouvi, o assassino entrou pela força em sua casa enquanto ela dormia — assinalou uma mulher que levava um avental de governanta.

—Não posso acreditar que algo assim tenha ocorrido aqui em nossa rua — murmurou uma criada.

—Jamais tinha havido problemas deste tipo desde que vivo aqui — declarou uma mulher com aspecto de matrona— Este é um bairro respeitável.

A preocupação de Caroline aumentou. Naquele momento revelador não podia pensar em outra coisa além de Adam e sua intenção de investigar o lugar. Teria mudado de ideia depois de levá—la a casa? Teria ido diretamente ali, em vez de esperar o dia seguinte, como tinha planejado?

—Quem é essa mulher que está diante da porta? —sibilou alguém atrás de Caroline— Jamais a tinha visto por aqui.

Indiferente diante da curiosidade que despertava, Caroline bateu na porta com a aldrava.

«Por favor, que Adam não tenha nada a ver com isto.»

Uns passos pesados ressoaram no estreito corredor. A porta se abriu. Caroline se encontrou frente a um homem alto e corpulento com uniforme da polícia.

—O que procura você aqui, senhora? —perguntou em tom autoritário.

O pânico se apropriou dela. Teriam capturado Adam com a mão na massa enquanto farejava na casa de Toller? Imagens dele preso com grilhões e encerrado em um calabouço escuro e úmido lhe vieram à cabeça.

Fez um esforço por responder com calma:

—Recebi uma mensagem da senhora Toller faz um momento. Aconteceu algo errado?

—Uma mensagem, diz? —O agente de polícia entrecerrou os olhos— Da médium?

—Sim. Vim assim que a li.

Um homem miúdo e enxuto com um traje que lhe vinha muito grande apareceu atrás do primeiro.

—O que ocorre agente?

—Está aqui esta senhora, inspetor — O policial deu um olhar por cima do ombro— Diz que recebeu uma mensagem da médium faz um momento.

—Há, há, que interessante — O inspetor deu um passo à frente— Muito interessante de fato. Quem é você, senhora?

—Sou a senhora Fordyce — respondeu Caroline mantendo a voz firme embora mal pudesse respirar— Acredito que não nos conhecemos.

—O inspetor J. J. Jackson, para servi—la. O que a traz por aqui, senhora Fordyce?

A situação piorava a cada momento.

—Como já disse ao agente, recebi uma mensagem. Pareceu—me bastante urgente.

Uma terceira figura emergiu do lúgubre corredor atrás do inspetor.

—Bom dia, senhora Fordyce — disse Adam. Mostrava—se extremamente cortês e sereno, como se mantivesse com ela um trato puramente formal— É uma surpresa vê—la por aqui.

Ela sentiu um nó no estômago. Isto confirmava suas piores suspeitas. Tinham surpreendido Adam na casa de Irene Toller. Com sua atitude fria e impessoal lhe estava transmitindo uma mensagem inequívoca. Queria que ela fingisse que apenas o conhecia.

Caroline conseguiu esboçar algo parecido a um sorriso jovial e amável.

—Agrada—me vê—lo novamente, senhor — disse com suavidade. Não se atrevia a chamá—lo por seu sobrenome, pois ignorava se naquele momento estava empregando o Hardesty ou o Grove— Deduzo que você também tenha recebido uma nota da médium em que lhe pedia que viesse vê—la, não é?

—Sim — respondeu Adam com uma entonação totalmente neutra— Ao chegar me encontrei com o inspetor Jackson e o agente.

—Entendo — disse Caroline. Sentia—se como se estivesse abrindo caminho por um campo de urtigas— Alguém está ferido?

—Poderia dizer—se que a senhora Toller sofreu um dano considerável — anunciou o inspetor J. J. Jackson solenemente— Está morta.

—Morta... — Nervosa Caroline se deixou cair em uma cadeira pequena encostada à parede debaixo de uma fileira de cabides de ferro— Céu santo.

—Assassinaram—na em sua sala de espiritismo. O lugar estava revirado. Os móveis de pernas para o ar. O abajur quebrado. E o resto da mesma forma.

—Igual ao outro — acrescentou o agente com uma inclinação de cabeça que denotava que estava bem informado.

—A senhora Toller ao que parece, recebeu vários golpes na nuca — prosseguiu o inspetor Jackson com total naturalidade.

—Igual à outra médium – falou o agente em um tom inquietante.

Caroline tentou concentrar—se.

—Não pode estar a muito tempo morta.

—Assassinaram—na a meia—noite — informou—lhe J. J. Jackson balançando—se sobre seus saltos.

—A meia—noite? Isso é impossível. Acabei de receber uma nota da senhora Toller — Caroline consultou seu relógio— Chegou—me faz menos de quarenta minutos.

Jackson encolheu seus estreitos ombros.

—Certamente a escreveu ontem à noite e entregou a sua governanta para que a despachasse hoje.

Caroline deu uma olhada ao redor.

—E onde está a governanta exatamente?

—Não chegou ainda — disse o agente.

—Quando se inteiraram do assassinato? —quis saber ela.

—Recebemos um recado anônimo — respondeu Jackson— um sopro, por assim dizê—lo. Esse tipo de coisas é essencial para nosso trabalho.

—Por que está tão seguro de que a senhora Toller foi assassinada a meia—noite? —inquiriu Caroline.

Jackson pigarreou e olhou Adam.

—Acontece que encontramos um relógio de bolso masculino no chão, junto ao cadáver. O senhor Hardesty e eu estávamos falando precisamente disso, antes que você chegasse.

O senhor Hardesty. Assim Adam tinha dado ao inspetor seu verdadeiro nome. Não sabia se deveria interpretar como um bom ou um mau sinal.

—Um relógio? —perguntou com cautela.

—Exatamente no mesmo estado que o outro — disse o agente assentindo sabiamente com a cabeça.

Caroline recordou que conforme lhe tinha contado Adam, tinha visto um relógio de bolso quebrado junto ao corpo de Elizabeth Delmont.

—Não entendo — disse ela sem alterar—se— O que indica esse relógio em relação à hora em que morreu a médium?

—Ao que parece quebrou—se durante a resistência — J. J. Jackson moveu a mão em um gesto teatral, como um mágico fazendo um passe mágico— Os ponteiros do relógio ficaram parados enquanto marcavam as doze em ponto.

—Você acredita que o relógio pertencia ao assassino? — perguntou ela com renovada curiosidade.

O inspetor e o agente cravaram nela o olhar, como se a pergunta fosse muito estranha. Outro calafrio a percorreu.

Adam cruzou os braços e apoiou um ombro na parede.

—O relógio de bolso em questão tem gravado meu nome, senhora Fordyce.

—O que? —Caroline ficou em pé de um salto horrorizada— Mas isso é impossível — A situação era muito pior do que imaginava. Tratava—se de um assassinato. Possivelmente Adam acabaria na forca. Só de imaginá—lo sobreveio um enjoo.

Batalhando para dissimular o pânico, dirigiu um olhar inquisitivo a Adam, como lhe pedindo que a orientasse. Entretanto, ele manteve uma expressão impenetrável.

—Estes são os fatos, senhora — asseverou Jackson— Não há confusão possível a respeito no nome no relógio. Está gravado claramente, com todas suas letras.

Caroline o encarou.

—Asseguro—lhe que o senhor Hardesty não teve nada a ver com a morte de Irene Toller.

O inspetor Jackson arqueou suas fartas sobrancelhas.

—Senhora Fordyce — disse Adam com voz monótona— Acredito que seria conveniente que se abstivesse de fazer maiores comentários sobre este assunto.

Era uma ordem, mas ela não tinha a menor intenção de obedecê—la.

—Inspetor Jackson — disse com a maior contundência possível— não saberia lhe explicar como chegou à cena do crime o

relógio de bolso do senhor Hardesty, mas posso lhe garantir que o próprio senhor Hardesty nem sequer estava perto desta casa à meia—noite.

Adam apertou os dentes irritado.

—Senhora Fordyce, já disse o bastante.

—E como você tem tanta certeza de qual era o paradeiro do senhor Hardesty ontem à noite? —perguntou Jackson com educada curiosidade.

—Porque a meia—noite, o senhor Hardesty estava comigo, inspetor. —Elevou o queixo— Durante a tarde assistimos a uma sessão aqui em casa da senhora Toller, e logo partimos na carruagem do senhor Hardesty. Os outros assistentes poderão confirmar—lhe.

Jackson assentiu com a cabeça.

—O senhor Hardesty sustenta que a sessão terminou por volta das dez.

—É correto — disse ela.

Jackson a contemplou com vivo interesse.

—Vive você muito longe daqui, senhora Fordyce?

—Mais ou menos há uma hora, segundo o tráfico.

—Nesse caso, teria chegado à casa muito antes da meia—noite, com o que o senhor Hardesty disporia de tempo mais do que suficiente para voltar aqui e cometer o assassinato — observou Jackson.

Indignada Caroline olhou ao homenzinho com desdém.

—O senhor Hardesty e eu não nos encaminhamos a meu domicílio diretamente depois da sessão. Passamos várias horas juntos. Não me levou a casa até perto das duas da madrugada.

—Ah, sim? —O inspetor tirou uma caderneta do bolso— Há, isso é muito interessante, senhora Fordyce. Foram vocês a uma festa, ou ao teatro, talvez?

—Não, inspetor, estivemos a sós em um quarto em Stone Street. O chofer do senhor Hardesty nos levou ali e nos recolheu um par de horas depois.

Adam exalou um suspiro profundo, aparentemente resignado ante um destino inevitável.

—A sós em um quarto de Stone Street — repetiu Jackson em voz baixa, tomando nota— Muito interessante senhora Fordyce — Lançou a Adam um olhar indagador— Ignorava que vocês dois se conhecessem tão bem.

Caroline recordou que era uma mulher do mundo e com experiência da noite anterior. Dedicou ao inspetor seu sorriso mais encantador.

—Exatamente. O senhor Hardesty e eu somos muito bons amigos, inspetor, íntimos, por assim dizê—lo. E com muito gosto declararei ante um tribunal que ele estava comigo na noite do assassinato.

Adam lhe aferrou o braço com dedos fortes.

—Se me desculpar inspetor, acompanharei a senhora Fordyce até em casa. E se tiver mais pergunta que me fazer, já sabe meu endereço.

Jackson guardou a caderneta.

—Obrigado, senhor.

Sem soltar Caroline Adam saiu pela porta principal e desceu as escadas. Um rosto conhecido surgiu entre a multidão e avançou

apressadamente para eles. Levava um exemplar de um jornal sob o braço.

—Senhora Fordyce. Senhor Grove.

Caroline o olhou surpreendida.

—Senhor Smith. O que faz aqui?

—Em realidade me chamo Otford, Gilbert Otford — Tirou o jornal de debaixo do braço e o hasteou como um estandarte— Quando nos conhecemos ontem à noite na sessão da senhora Toller, não foi possível lhes informar de que sou correspondente do Flying Intelligencer.

—Seu nome não é estranho — disse Caroline de repente indignada de novo— Você escreveu aquele espantoso artigo sobre mim, não é verdade? Da minha suposta demonstração de poderes psíquicos durante uma reunião para o chá.

—Sim, foi tudo muito interessante, mas temo que isso já deixou de ser notícia há muito tempo —Os olhos vivazes de Gilbert saltavam de Caroline a Adam e vice versa— Entendi que a senhora Toller foi assassinada durante a noite, é verdade?

—Como você soube do assassinato da senhora Toller? — perguntou Adam antes que Caroline pudesse responder.

A fisionomia de Otford assumiu uma expressão misteriosa. O homem levou um dedo ossudo ao nariz aquilino.

—Digamos que a notícia chegou aos meus ouvidos recentemente. Os correspondentes têm seus informantes, sabe? Agrada—me afirmar que os meus figuram entre os mais rápidos e confiáveis.

—A julgar por seu enganoso artigo sobre mim, talvez devesse comprovar a confiabilidade de seus informantes — espetou Caroline.

Adam o examinou tentando decidir se estenderia uma armadilha para ratos ou simplesmente empunhava uma vassoura e varria Otford para fora da sarjeta.

—Por que você estava na sessão de ontem à noite?

Otford olhou em torno de si com rapidez para assegurar—se de que ninguém mais pudesse ouvi—lo.

—Apenas entre nós, senhor — disse em voz baixa— estou realizando uma investigação sobre os médiuns com a intenção de pôr em evidência suas práticas desonestas. Já sabem: o direito do público a estar informado e todas essas coisas. Por isso não revelei minha verdadeira identidade ontem à noite. Estive incógnito, por assim dizê—lo.

—Que coincidência — Adam lhe estendeu um cartão, mas, mais que dar a Otford, deixou cair na palma de sua mão para lhe dar a entender de forma não muito sutil que lhe repugnava a ideia de tocá—lo— Eu também ocultava minha verdadeira identidade. Adam Hardesty. Não sou o assistente pessoal da senhora Fordyce. Sou seu amigo.

Caroline observou Otford enquanto este lia o cartão com os olhos arregalados. Saltava à vista que o sobrenome Hardesty lhe resultava familiar. Quando Otford se ligou, seus olhos cintilaram com uma emoção mal contida.

—Ora, senhor, tudo isto é muito estranho — Otford tirou um caderno pequeno e um lápis— Identidades falsas e tudo mais.

Muito curioso. Vocês se importariam de me explicar o que faziam no cenário de um crime?

Caroline quase podia ver Otford redigindo mentalmente seu próximo artigo sensacionalista sobre o assassinato. Saboreava o desastre.

Com um movimento despreocupado Adam pegou o caderno do correspondente.

—Apenas entre nós, Otford, a senhora Fordyce e eu estávamos ajudando à polícia em sua investigação. Se o nome dela aparecer em qualquer reportagem sobre este assassinato, asseguro—lhe que você terá notícias minhas muito pouco tempo depois. Fui bem claro, senhor Otford?

O jornalista abriu e fechou a boca duas vezes. Retrocedeu um passo.

—Ouça senhor, não pode ameaçar desse modo um cavalheiro da imprensa.

—Não vejo por aqui ninguém que responda a essa descrição — repôs Adam— Só vejo você. Para o bem de sua própria saúde, recomendo—lhe encarecidamente que tenha bem presente que nunca lanço ameaças, senhor Otford. Só faço promessas. Que passe um bom dia.

Adam arrastou Caroline até um carro de ponto que esperava na rua.

Capítulo 21

Caroline permaneceu em completo silêncio durante todo o trajeto de volta a Corley Lane. Mal podia pôr em ordem seus pensamentos, e muito menos expressá-los em voz alta. Adam ia esparramado junto a ela, com um pé sobre o assento de frente olhando pela janela. Não fez a menor tentativa de romper o silêncio tenso que reinava no interior do veículo. Ela não podia imaginar o que estava pensando.

Quando chegaram ao número 22, ela respirou aliviada ao descobrir que Emma e Milly não haviam retornado ainda de seu passeio matinal. Irrompeu em seu estúdio e se deixou cair na cadeira de sua mesa.

—Foi muito tenso — declarou— Ainda tremo como uma folha.

Adam entrou na sala com passo tranquilo e se deteve em meio ao tapete com as mãos nos bolsos, observando—a pensativo.

—Foi um momento um pouco difícil — conveyo ele.

—Não é momento de fazer brincadeiras, senhor — Franziu o cenho— Suponho que é consciente de que suas ameaças provavelmente não impedirão que Otford publique no Flying Intelligencer um artigo sobre o assassinato e nossa implicação nele, não?

—Admito que não alimento muitas esperanças a esse respeito.

—Garanto que um artigo sobre outra médium assassinada, um cavalheiro rico e uma escritora de folhetins será irresistível para Otford e o senhor Spraggett — Elevou um dedo a modo de advertência— Já o verá: a história, em uma versão ou outra, aparecerá cedo ou tarde na imprensa.

—Suponho que tem razão — Olhou ao redor curioso — Tem um pouco de brandy, por acaso?

Ela fechou os olhos.

—Enfrentamos um escândalo que pode chegar a proporções enormes. Como é possível que esteja tão tranquilo nesta situação?

—Não se engane, não estou despreocupado. Reconheço que temos problemas.

Ela abriu as pálpebras.

—Alegra—me ouvir isso.

—E o que me diz do brandy? Sei que é cedo, mas não me viria mal um reconstituente. Foi uma manhã exaustiva.

—Há um pouco de xerez naquela despensa — assinalou ela a contra gosto.

—Obrigado — Abriu o pequeno armário e tirou uma licoreira cheia de xerez— Não é precisamente o licor forte que preciso, mas terei que me conformar com isto. —Escolheu uma taça— Lamento que a incomode tanto a ideia de que seu nome apareça na imprensa vinculado ao meu Caroline, mas recordo que foi você quem insistiu em informar o inspetor Jackson que passamos grande parte da noite em circunstâncias de extrema intimidade.

Ela estendeu as mãos a seus lados.

—Não tinha alternativa. Tinha que lhe dizer que estava comigo no momento do assassinato.

—Na verdade — precisou ele com severidade— não tinha que lhe dizer nada disso. Deveria ter percebido que eu não lhe tinha dado seu nome, nem mencionado a natureza de nossa relação.

—Sim, isso já tinha deduzido. Tentava me proteger. Agradeço sua boa intenção Adam, mas simplesmente não podia ficar calada em semelhante circunstância.

—Entendo—Tomou um gole de xerez e baixou a taça— Uma mulher prudente e preocupada com sua honra teria tido a sensatez de fechar a boca para não ver—se mais envolvida ainda em um escândalo desagradável.

—Ambos tínhamos concordado em que minha condição de viúva me confere uma enorme liberdade.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Sabe muito bem que tornando público o fato de que não é viúva na verdade, sua reputação ficará arruinada.

—Preocupa—se por uma possibilidade muito remota. Recomendo que economize suas energias para problemas mais prementes.

Ele refletiu sobre isso por uns instantes e logo inclinou a cabeça.

—Talvez tenha razão. O fato, feito está. Devemos seguir adiante.

—Exato. —Aliviada ao ver que Adam não seguiria exortando—a, cruzou os braços sobre a mesa — teve oportunidade de examinar a cena do assassinato da senhora Toller?

—Até certo ponto. O inspetor Jackson não se opôs a que eu desse uma olhada na sala de espiritismo.

—Não encontrou a menor pista do diário, suponho.

—Nenhuma.

—Além do relógio de bolso, havia algum paralelismo com o cenário da morte da senhora Delmont?

—A cena que vi na sala de espiritismo da senhora Toller imitava a que vi na casa da senhora Delmont em todos os detalhes difundidos pela imprensa — respondeu em voz baixa— O que me parece muito interessante.

—Em todos os detalhes difundidos pela imprensa? — Caroline compreendeu de repente— Quer dizer que não havia véu, nem broche?

Ele negou com a cabeça.

—É evidente que quem matou Toller se apoiou na informação dos jornais sobre o assassinato de Delmont para ambientar o segundo crime.

—Isso significa que não se trata da mesma pessoa que matou a senhora Delmont.

—É o que parece — Adam contemplou seu xerez— O que nos leva de novo à pergunta do que ocorreu com o véu e o broche.

—Talvez tenha sido roubado por um vizinho ou inclusive algum dos agentes de polícia.

—Não. —Agitou a taça para revolver o xerez— Lembra que os jornais enumeravam as joias que Delmont usava no momento de sua morte?

—Sim. Havia um colar e um par de brincos segundo o Flying Intelligencer.

—Eu as vi — afirmou Adam— Pareciam muito mais valiosas que o véu rasgado e o broche barato. Um ladrão vagabundo as teria levado.

Ela meditou sobre isto por uns instantes.

—E o que me diz dos relógios de bolso?

—O relógio que vi junto ao corpo de Delmont levava suas iniciais inscritas, assim suponho que lhe pertencia. É possível que simplesmente lhe caísse do bolso quando a assassinaram. Quanto ao que encontraram junto ao cadáver de Toller, só posso dizer que embora levasse meu nome gravado, não era meu.

Ela o olhou com horror crescente.

—Portanto o assassino o comprou, mandou gravar seu nome nele e o deixou deliberadamente na cena do crime para incriminá-lo.

—Essa parece ter sido sua intenção, sim.

—Adam, isso é terrível.

Ele apurou o xerez sem mais comentários.

Caroline o fulminou com o olhar.

—Posso perguntar por que parece que você não se importa com o curso que tomaram os acontecimentos?

Dirigiu-lhe um sorriso frio e pausado.

—Porque indica que estou fazendo progressos.

—Não estou segura de concordar com sua interpretação da palavra «progresso» —Fez uma pausa— Pergunto—me quem nos enviou as mensagens nos convocando ao domicílio esta manhã.

—Não sei, mas aparentemente alguém queria que estivéssemos perto dali quando a polícia iniciasse sua investigação — disse ele.

—Mas por quê?

—Cedo ou tarde saberemos — ao fim de um momento de silêncio acrescentou— Caroline?

—O que?

—Foi muito nobre de sua parte me proporcionar um álibi para explicar onde estava ontem à noite — murmurou— Obrigado.

Esta amostra de gratidão a ruborizou.

—Não tem importância. Estou segura de que ao final teria convencido o inspetor de que dizia a verdade.

—Caberia esperar que sim, mas o fato de que declarasse que estava comigo às doze da noite certamente simplifica as coisas. Estou em dívida com você Caroline.

—Tolices. O que mais me preocupa neste momento é que dado o sensacionalismo com que a imprensa tratará o caso, logo se propagarão os rumores por toda a cidade. Todo mundo falará de nós e não da necessidade de caçar o verdadeiro assassino. Então quando o escândalo tiver passado as pistas já terão esfriado bastante.

—Talvez isso fosse à pretensão do assassino — Adam torceu a boca em um gesto selvagem— Tem que reconhecer é um artil engenhoso, sobre tudo considerando que teve que tramá—lo com tão pouca antecipação.

Ela esfregou as têmporas com as gemas dos dedos.

—Qual será nosso seguinte passo?

—Não deixo de dar voltas ao feito de que tanto Delmont como Toller invocaram espíritos que deram conselhos financeiros a alguns dos presentes e em troca a outros não. Há alguma conexão aí. Estou intuindo.

—Estou de acordo contigo em que há várias incógnitas para serem desvendadas.

—Sim, mas antes disso, há outro pequeno assunto de que devemos nos ocupar.

Ela elevou a vista nervosa.

—Do que se trata?

—Tem que conhecer minha família, ao menos a parte que reside aqui na cidade, e antes que leiam sobre você nos jornais.

Capítulo 22

Adam encontrou Wilson no clube, sentado sozinho em um canto, tomando café e lendo a edição do dia do Flying Intelligencer.

—Onde diabos você esteve? —Wilson o olhou por cima do jornal— Esperava que voltasse há horas. —Puxou um envelope do bolso da jaqueta— chegou este telegrama para você enquanto esteve fora.

Adam se sentou e rasgou a beira do papel para abri—lo. O telegrama era de Harold Filby.

*LAMENTO LHE INFORMAR INVESTIGAÇÃO NÃO
PROGRIDE STOP.*

Adam levantou a vista.

—Você ouviu falar de um lugar chamado Chillingham?

Wilson refletiu por uns instantes.

—Acredito recordar que há um Chillingham não muito longe de Bath.

Adam fez um gesto a um dos criados veteranos.

—Papel e pluma, por favor. Quero enviar um telegrama.

O homem retornou com os objetos solicitados. Adam escreveu a toda pressa uma mensagem.

*PROCURE ENTRE AS PESSOAS DE CHILLINGHAM
STOP.*

PROCURA PELO APELIDO CONNOR STOP.

DISCRIÇÃO ABSOLUTA STOP.

Anotou o endereço de Filby em Bath e entregou a mensagem ao porteiro que partiu rapidamente ao escritório de telégrafos.

Wilson arqueou as sobrancelhas.

—O que significa tudo isto?

—O explicarei mais tarde.

—Bom. Então Irene Toller tentou pedir dinheiro em troca do diário tal como você suspeitou ao receber sua nota esta manhã?

—Não. Toller foi assassinada ontem à noite de forma muito similar aquela em que mataram Delmont. Com vários golpes violentos na cabeça. Sua sala de espiritismo também estava de pernas para cima.

—Deus santo, fala a sério?

—Sim.

—Assombroso — Wilson levantou sua xícara de café com expressão preocupada— Realmente extraordinário. O assassinato de outra médium sem dúvida avivará o fogo aceso pela imprensa mais pitoresca — Assinalou com um movimento da cabeça o exemplar do *Flying Intelligencer* que tinha estado folheando— Acabo de ler um artigo de um idiota chamado Otford que insinuava que o assassinato de Delmont podia atribuir—se a forças sobrenaturais. Que bando de pamonhas. Só Deus sabe o que dirá sobre um segundo crime igual ao primeiro.

—Otford pode chegar a converter—se em um problema por outras razões. —Adam juntou as gemas dos dedos— Já me ocuparei dele caso necessário. Enquanto isso, quero investigar a

possibilidade que Toller e Delmont tivessem tramado algum tipo de fraude financeira.

—Ah, sim — Wilson assentiu com a cabeça— Segue a pista do dinheiro.

—Acreditava que seu conselho era *cherchez la femme* — repôs Adam.

—As mulheres e o dinheiro costumam andar juntos.

—Com perdão senhor, direi—lhe que esse conselho não me resulta muito útil se tivermos em conta que os homens e o dinheiro também costumam estar juntos.

—Nisso darei a você toda razão — Wilson enlaçou as mãos sobre sua barriga— Conseguiu revistar a casa de Toller em busca do diário?

—Não muito a fundo. Quando cheguei a seu domicílio esta manhã, a polícia já estava ali. Consegui examinar discretamente a sala de espiritismo e uma parte do corredor do primeiro andar enquanto conversava com o inspetor, mas tive que me policiar antes de abrir gavetas ou olhar debaixo do tapete. Não importa. Estou seguro de que o diário desapareceu.

—Acredita que o assassino o tenha levado?

—É uma possibilidade, mas há outras.

—Como, por exemplo?

—A senhora Toller tinha uma governanta que também exercia papel de ajudante e cupincha em alguns casos. Parece ter volatilizado. Uma das vizinhas me disse o nome dela. Espero poder localizá—la — Fez uma pausa— Por certo, a morte de Toller é só um dos acontecimentos recentes que sem dúvida despertarão seu interesse, senhor.

—Ah, sim?

—A polícia encontrou na cena do assassinato de Toller um relógio de bolso com meu nome gravado e as agulhas detidas supostamente no momento em que se perpetrou o ato de violência.

As feições de Wilson se endureceram em um gesto de alarme.

—Era um dos seus?

—Não. Era um relógio barato. A inscrição era bastante tosca, mas legível.

—Isso significa que o assassino sabe que está seguindo sua pista. Com esse relógio quis assinalar você como culpado.

—Isso parece. —Adam deu algumas batinhas com seus dedos— As coisas se complicaram. Não queria assustar Julia, mas acredito que chegou o momento de contar a ela e a Southwood o que está ocorrendo.

—Com efeito. Esta situação adquiriu reflexos preocupantes. O melhor será que estejam inteirados do que acontece — Wilson entreabriu os olhos— Agora a polícia o considera suspeito, suponho.

Adam se encolheu de ombros.

—O inspetor queria me fazer algumas perguntas, mas deixou quase todas de lado quando descobriu que eu tinha um álibi excelente. Uma pessoa com quem guardo uma relação estreita corroborou minha declaração de que estava ocupado em outras coisas quando Toller foi assassinada.

—Alivia—me ouvir isso — Wilson se relaxou visivelmente— Isso sem dúvida reduz grandemente a gravidade da situação. A que hora mataram Toller?

—Às doze da noite.

Wilson fez um gesto de afirmação com a cabeça.

—Isso foi um bom momento depois que finalizou a sessão. Certamente estava em seu clube. Deve contar com dezenas de testemunhas. —Soltou um bufo desdenhoso— O assassino deveria ter tido o senso comum de averiguar seu paradeiro antes de tentar incriminá—lo.

—Não estava em meu clube.

—E onde estava então? No teatro?

—Não. Fui ao edifício da Stone Street.

—A meia—noite?

—Sim.

—Não o entendo — Wilson franziu o cenho— Quando vai a Stone Street, sempre vai sozinho. Quem é essa pessoa conhecida que confirmou que estava ali?

—Minha íntima amiga, a senhora Fordyce.

—Fordyce? Fordyce? —perguntou Wilson com expressão de desconcerto— Refere—se à senhora Fordyce, a escritora?

—Sim.

Wilson parecia aturdido.

—Que diabos você diz? Não é momento de fazer espetáculo de seu excêntrico senso de humor Adam.

—Não é uma brincadeira. Prepare—se, senhor. Estou a ponto de ver—me envolvido em um escândalo muito maior relacionado com um assassinato e um assunto ilícito com uma famosa escritora de folhetins.

Capítulo 23

—Preparem—se — Caroline dobrou as mãos sobre a mesa e olhou Emma e Milly— Aconteceu uma série de incidentes extraordinários que começou ontem à noite e continuou até esta manhã enquanto estiveram fora.

—Que emocionante — Entusiasmada como sempre, diante da perspectiva de ouvir uma notícia interessante, Milly se dirigiu rapidamente à cadeira mais próxima e sentou—se. Conte—nos tudo, querida.

Como era de se esperar, Emma não parecia igualmente iludida. Acomodou—se em uma das poltronas de leitura e escrutinou o rosto de Caroline com o ar de um médico que procura sintomas de febre alta.

—Encontra—se bem?

—Estupendamente asseguro—lhe isso — Ao final de um momento adicionou— passaram—se tantas coisas nas últimas horas que não sei por onde começar.

—Começa por qualquer parte querida — aconselhou—lhe Milly, agitando a mão com um movimento vivaz.

—De acordo. Outra médium foi assassinada, de uma maneira que curiosamente lembra o modo em que mataram Elizabeth Delmont.

Só se ouvia o tic—tac do relógio no silêncio de estupefação que se seguiu a esta declaração.

—Que notícia horrorosa. —Emma estava pasmada— Absolutamente horrível.

O sobressalto apagou todo rastro da emoção que tinha invadido Milly há uns instantes.

—Outra médium assassinada, diz? Qual?

—Irene Toller — respondeu Caroline.

—A rival de Delmont? —Milly enrugou o cenho— Mas eu pensava que Adam e você tinham chegado à conclusão de que Toller era com toda probabilidade, suspeita do assassinato de Elizabeth Delmont.

—O senhor Hardesty e eu contemplamos certamente essa possibilidade. Mas talvez, estivéssemos equivocados.

Antes que pudesse relatar os acontecimentos com maiores detalhes, foi interrompida pelo ruído surdo de cascos de cavalos, arreios e rodas.

O estrépito procedente da rua cessou de repente quando o pesado veículo se deteve frente ao número 22.

—Pergunto—me quem será — disse Emma distraída.

Alguém golpeou a porta com a aldrava de latão. Logo se ouviram os passos rápidos da senhora Plummer. A porta principal se abriu, e soaram vozes no saguão.

Pouco depois, a senhora Plummer apareceu na entrada do estúdio. Seu rosto corado estava mais avermelhado que de costume. Ficou muito reta para indicar que trazia uma mensagem de extrema importância.

Pigarreou com solenidade.

—O conde de Southwood, lady Southwood, o senhor Wilson Grendon e o senhor Hardesty vieram de visita. Digo—lhes que está em casa?

Milly ficou em pé de um salto.

—Por que queria o senhor Hardesty nos trazer sua família? Deve ter se equivocado de endereço, senhora Plummer.

—Não — replicou Caroline cansativamente— Temo que vieram na direção certa —Assentiu com a cabeça dirigindo—se à senhora Plummer— Por favor, faça passar às visitas ao salão.

—O que está acontecendo? —quis saber Milly.

—Por que vieram nos visitar o conde de Southwood e sua esposa? —perguntou Emma— Além disso, o senhor Wilson Grendon.

Caroline se levantou.

—Tudo se deve ao outro incidente extraordinário que não tive ocasião de lhes relatar.

—Do que se trata? —inquiriu Emma.

—A polícia considerava o senhor Hardesty um possível suspeito do assassinato da senhora Toller.

Emma e Milly cravaram nela o olhar, boquiabertas.

—Não se preocupem — apressou—se a dizer Caroline— Tudo está bem. Consegui lhe proporcionar um álibi sólido. Por desgraça, temo que o assunto está a ponto de saltar às manchetes da imprensa sensacionalista.

—Devo lhe dizer que sou uma grande admiradora de suas histórias, senhora Fordyce — Julia aceitou a xícara de chá que Milly lhe estendia— Estou muito feliz em conhecê—la.

—De fato, é assim — Wilson se serviu com leite, de uma parte do bolo que havia sobre a bandeja de chá— Não me importo em reconhecer que você é uma surpresa agradável em contraste com o tipo de amizades às que Adam nos tem habituado.

—Certamente — afirmou Richard, conde de Southwood. Era um homem tranquilo e reflexivo que se mantinha a sombra de sua esposa em atitude protetora. Dirigiu a Adam um olhar de sóbria ironia— Por outro lado, Hardesty quase nunca lê outra coisa que não seja o Time, assim não é de estranhar que tenha um círculo de amizades tão insosso.

Adam situado perto da janela, não fez caso do comentário de seu cunhado. Parecia de acordo que fossem seus parentes quem conduzissem as rédeas da entrevista com Caroline, Emma e Milly.

Caroline conseguiu esboçar um sorriso. No fundo sentia—se aflita. À luz do que Adam tinha contado sobre o estranho passado de sua família, talvez não devesse lhe surpreender tanto que Richard, Julia e Wilson não se comportassem com a frieza e a altivez que cabia esperar de pessoas de sua categoria. Afinal de contas, não eram membros típicos da alta sociedade. Mesmo assim, assombrava—a que parecessem tão à vontade aquelas visitas elegantes em um ambiente modesto.

O semblante de Julia se tornou mais sério.

—Adam nos falou de suas aventuras recentes.

Wilson assentiu com expressão sombria.

—Sabemos que você o ajudou a procurar certo diário, e que a experiência resultou mais que excitante para os dois.

—Assim é — Emma tensa inclinou—se para diante, cravando em Adam um olhar penetrante— Não quero me intrometer e, se não fosse o fato de Caroline estar intimamente implicada neste assunto, não me passaria pela cabeça misturar—me em sua vida. Entretanto, minha sobrinha parece estar metida nisto até o pescoço, e acredito que seja conveniente você nos esclarecer o

motivo de tanto empenho em recuperar esse diário, senhor Hardesty.

O sorriso de Milly desapareceu de seu rosto, o que propiciou um deslumbre de seu caráter tenaz e resoluto que se ocultava atrás de sua fachada jovial e otimista.

—Estou totalmente de acordo com Emma. A situação se tornou claramente ameaçadora agora que morreram essas duas mulheres. Acredito que merecemos uma explicação sobre a natureza do perigo, embora seja apenas para proteger Caroline.

—Não é necessário entrar em detalhes — atravessou Caroline rapidamente— O senhor Hardesty me contou o suficiente para convencer—me da importância de recuperar o diário.

Julia sorriu com doçura.

—Suas tias têm direito de conhecer os pormenores, senhora Fordyce.

—Não, sério... —começou a protestar Caroline.

Julia olhou Emma e Milly.

—Em uma palavra: meus irmãos e eu não temos laços de sangue, nem vínculos familiares com tio Wilson exceto os que nascem do afeto e da lealdade.

—Não o entendo — disse Emma franzindo o cenho ligeiramente.

—Os três fomos abandonados a nossa sorte na rua há muitos anos — prosseguiu Julia— Se não fosse por Adam, que resgatou a todos nós, Jessica, Nathan e eu certamente não teríamos sobrevivido.

Richard posou sua mão sobre seu ombro em sinal de apoio. Julia levantou o braço e lhe acariciou os dedos. A aura de

familiaridade e amor que envolvia o casal era inconfundível. Caroline soube então que se casaram por amor. «Que sorte a sua», pensou.

—A verdade sobre nosso passado está nesse diário perdido — concluiu Julia— Adam está decidido a encontrá—lo e destruí—lo. Ele está preocupado especialmente com Jessica e Nathan, que são ainda muito jovens. Jessica sobre tudo é vulnerável. Só tem dezoito anos e está a ponto de ser apresentada em sociedade.

—Incrível — sussurrou Milly com os olhos arregalados.

Julia se voltou para Caroline.

—Adam diz que a levou às habitações de Stone Street ontem à noite.

Caroline podia sentir os olhares de surpresa mal dissimulada que fixaram nela Emma e Milly. Tentou reprimir o rubor que lhe tingia as bochechas. Agora era uma mulher com experiência. Devia comportar—se como a viúva que fingia ser. As viúvas que tinham relações ilícitas com cavalheiros enriquecidos não se envergonhavam tão facilmente.

—Sim — disse tentando falar em um tom sereno— Ali ele me falou de seu passado e de como vocês tinham conhecido o senhor Grendon.

—Se Adam lhe revelou os segredos de Stone Street, não tenho a menor dúvida de que é digna de confiança.

Wilson se serviu de outro pedaço de bolo.

—Estou de acordo com Julia.

Richard encolheu de ombros.

—Hardesty sofre de algumas peculiaridades irritantes, mas devo admitir que em geral tenha um bom olho para julgar o grau de honradez de algumas pessoas.

A comissura da boca de Adam se torceu para cima.

—Obrigado Southwood. Não imaginava que tivesse tão alto conceito de mim.

Richard sorriu de forma inesperada.

—Você me deu o aval como marido de Julia, não? Obviamente sabe reconhecer uma pessoa digna quando a vê, embora em ocasiões necessite de provas concludentes.

—Você demonstrou que foi digno quando não se deixou intimidar pela verdade sobre meu passado Richard — asseverou Julia.

Ele a segurou suavemente pelo ombro.

—Como não ia apaixonar—me por uma jovem tão valente?

Julia sorriu com um brilho de amor nos olhos.

Milly enxugou as pálpebras com um lenço de rendas.

—Que romântico.

Wilson pigarreou.

—Assegurei ao Adam que qualquer rumor que o ladrão do diário possa provocar divulgando seu conteúdo acabaria por perder—se no esquecimento, mas ele está empenhado em encontrá—lo e queimá—lo. Reconheço que facilitaria as coisas que ele o localizasse antes que alguém mais o lesse. Preocupa—me um pouco que Jessica não se saia bem durante a próxima temporada de atos sociais, caso circulem intrigas sobre ela.

—Exato — interveio Richard com expressão mais grave— Eu também preferiria que Julia não se convertesse em objeto desses rumores.

—A chantagem é em essência, um assunto de negócios — afirmou Wilson— E ninguém é melhor nesses assuntos que Adam.

Julia, Richard e Wilson subiram a flamejante carruagem do conde pouco depois. Adam junto a Caroline, Emma e Milly, olhou o chofer de casaca, fechar a portinhola do veículo.

—Céus, com tantas emoções, quase me esqueci — Julia apareceu à janela e se voltou para Caroline, Emma e Milly— Richard e eu daremos um baile depois de amanhã. As três devem comparecer, é obvio.

Uma sensação de alarme se apoderou de Caroline.

—Impossível. Não podemos ir.

—Têm outros planos? Sou consciente de que lhes avisei com muito pouca antecipação...

Emma negou com a cabeça.

—Caroline tem razão. Não nos é possível comparecer. Você é muito amável por nos convidar.

—Mas têm que ir — insistiu Julia— Os rumores sobre a relação de Adam e Caroline se propagarão por toda a cidade para então. Sua ausência causaria muita estranheza.

—Temo que seja impossível — declarou Milly sem incomodar—se em dissimular seu pesar.

Adam esquadrinhou o rosto de cada uma das mulheres, uma após a outra.

—Por que não? —perguntou ao fim.

—Pois... —começou Caroline, mas se interrompeu no ato.

—É difícil de explicar — murmurou Emma.

—Os vestidos — anunciou Milly com arrojo— Para lhe ser franca, nenhuma de nós possui um vestido apropriado para semelhante ocasião. Bom, temos roupa muito bonita graças ao novo contrato de Caroline, mas não o tipo de vestido que se usa em um ato social elegante.

—Claro —respondeu Julia— Deveria ter imaginado. Não se preocupem com o problema dos vestidos. Virei buscá—las amanhã, a primeira hora se lhes vier bem. Faremos uma visita a minha costureira. Ela se encarregará de tudo.

—Mas... —protestou Caroline fracamente— o custo...

—O custo tampouco representará nenhum problema — assegurou—lhes Wilson— Peçam à costureira que remeta a conta a Adam.

—Mas... —objetou Caroline de novo.

—Considere os vestidos um pagamento por sua colaboração na busca do diário — disse Adam.

Um acordo comercial pensou Caroline. Que deprimente.

Capítulo 24

—Incomoda—me muito a ideia de assistir ao baile de sua irmã — disse Caroline.

Não era a primeira vez que fazia este comentário.

Depois que Julia, Richard e Wilson partiram, Adam e ela tinham optado por evitar as perguntas de Emma e Milly e tinham tomado um carro de ponto até essa rua tranquila que circulavam sob a sombra das árvores. Seu propósito era entrevistar—se com a senhorita Brick e a senhora Trent, as duas mulheres a quem lhes tinha prometido a visita de um homem que iria propor—lhes uma excelente oportunidade de negócio.

—Deixe de se preocupar com os malditos vestidos — grunhiu Adam com um toque de impaciência na voz, certamente porque já tinha tentado reconfortá—la várias vezes— Julia se encarregará de que estejam muito bem vestidas no baile.

—Mas três vestidos de baile com todos seus adornos custarão uma fortuna Adam.

Isto pareceu diverti—lo.

—Por favor, me acredite quando digo que sei muito bem quanto custam os vestidos. Paguei os de Julia durante anos até que Southwood se fez cargo disso, e sigo pagando os de Jessica — O carro se deteve. Adam deu uma olhada em um apontamento que tinha tomado— Este parece ser o lugar que procurávamos. Proponho que demos por terminada esta discussão tão repetitiva e nos ocupemos do assunto em questão.

—Repetitiva? Eu não sou repetitiva. Está dizendo que me repito muito?

—Não ousaria insinuar sequer semelhante coisa – ele repôs sorrindo— Está pronta para falar com a senhorita Brick e a senhora Trent?

Ela se obrigou a concentrar—se no tema.

—Sim, é obvio. Será melhor que me deixe fazer a maior parte das perguntas. Recorda, acreditam que é meu ajudante, «senhor Grove».

—Tentarei não esquecer qual é o meu lugar.

Desembarcaram da carruagem e subiram a escada que conduzia à entrada. Adam deu duas batidas. A porta se abriu momentos depois. Uma governanta jovem e desalinhada com um avental puído apareceu.

—O que posso fazer por vocês? —inquiriu.

—Viemos ver a senhorita Brick e à senhora Trent — respondeu Adam— Diga—lhes que a senhora Fordyce e o senhor Grove desejam falar com elas.

A governanta enrugou o cenho.

—Esperem aqui, por favor.

Reapareceu ao fim de um momento e fez Adam e Caroline entrarem em um salão reduzido e lúgubre.

A senhorita Brick e a senhora Trent estavam fascinadas.

—É uma honra, senhora Fordyce — exclamou a senhorita Brick— Jamais tinha nos visitado uma escritora. Gostaria de um pouco de chá?

—Eu adoraria — disse Caroline, e se sentou em um sofá puído estofado de verde. Os anos de uso tinham deixado o tecido

desgastado e brilhante— Obrigado por nos receber. O senhor Grove e eu temos algumas pergunta a lhes fazer em relação aos fatos que se produziram depois da sessão da senhora Toller.

Adam ficou de pé junto à lareira com uma mão apoiada sobre o suporte. Caroline sabia que ele estava observando com atenção o semblante de ambas às mulheres. A julgar por sua expressão, não haviam sido informadas ainda do assassinato da médium.

—Foi uma sessão muito satisfatória, certamente — comentou a senhorita Brick.

—E foi uma sorte poder falar com nossa generosa amiga do Além — acrescentou à senhora Trent.

—Como eu disse ontem à noite — assinalou Caroline com um sorriso— estou me documentando sobre o mundo do espiritismo e os médiuns com a ajuda do senhor Grove. Uma das perguntas mais importantes que devemos nos fazer é com que frequência se cumprem as predições de um médium.

A senhora Trent estalou a língua umas quantas vezes.

—Hoje em dia há muitos impostores. Mas podemos lhe assegurar que os poderes da senhora Toller são autênticos.

Adam se moveu ligeiramente.

—Ou seja, vocês receberam a visita de um cavalheiro que lhes oferecia a oportunidade de fazer um investimento lucrativo? — perguntou Adam.

—Oh, sim, certamente — respondeu à senhorita Brick— Apresentou—se esta manhã. Ainda estávamos tomando o café da manhã quando bateu na porta.

—Poderiam descrevê—lo? —pediu Adam.

Caroline notou que este pedido desconcertava às duas senhoras.

—A descrição me resultaria muito útil para minha investigação — apressou—se a dizer.

Isto pareceu tranquilizar um pouco ambas as mulheres.

—Sim, bom, me deixe pensar — disse a senhorita Brick— Chamava—se Jones. Tinha uma claudicação muito notória, o pobre, e o corpo algo contrafeito. Suponho que quando menino contraiu uma enfermidade terrível que afetou sua postura.

—Que triste — A senhora Trent suspirou— Um cavalheiro tão agradável, de maneiras tão deliciadas... Ah, e levava óculos de aros dourados.

A senhorita Brick semicerrou os olhos.

—Tem muito cabelo no rosto em minha opinião. Não lhe viria mal cortar um pouco a barba.

Caroline deu um olhar em Adam.

—Diz você que Jones coxeava? —perguntou Adam.

A senhorita Brick assentiu com a cabeça.

—De forma pronunciada, por desgracia.

—De que perna? —inquiriu Caroline.

—Como diz? —A senhorita Brick a olhou carrancuda— Ah, já entendo a que se refere. Não me lembro, se era à esquerda ou à direita, e você, Sally?

A senhora Trent franziu os lábios e enrugou a testa.

—À esquerda acredito. Não, espera, talvez fosse à perna direita que fraquejava. Oh, céus, temo que não esteja muito segura desse detalhe.

—Mas se identificou tal como a senhora Toller disse que faria, e nos propôs um investimento muito bom — assinalou a senhorita Brick com entusiasmo.

—Deram—lhe dinheiro? —perguntou Caroline temendo o pior.

—Era uma oportunidade única — disse a senhora Trent alegremente— Teria sido uma tolice não aproveitá—la.

—Oh, não — sussurrou Caroline.

—Que tipo de negócio lhes propôs o tal senhor Jones? —quis saber Adam.

Pela primeira vez as senhoras titubearam, olhando—se.

A senhorita Brick pigarreou para desculpar—se.

—Não queremos parecer descorteses nem pouco dispostos a ajudar, mas o senhor Jones deixou muito claro que não devemos comentar com ninguém a natureza exata do investimento.

—É para não desencadear uma febre por conseguir ações, sabe? —explicou à senhora Trent— O senhor Jones diz que se vazar a notícia de que surgiu esta oportunidade, muitas pessoas tratarão de aproveitar—se. Segundo ele, a discrição é essencial.

—É obvio — disse Adam com ar de entendido— devem guardar os títulos em um lugar seguro.

Os olhos da senhorita Brick cintilaram.

—Não se preocupe, temo—los bem escondidos.

—Alegra—me ouvir isso — Adam se voltou para Caroline— Bom, acredito que já investigamos o suficiente por hoje, não, senhora Fordyce? Vamos?

A senhorita Brick e a senhora Trent cravaram nele o olhar, aflitas.

—Mas se ainda nem tomaram o chá — protestou à senhorita Brick em tom de súplica.

Caroline fulminou Adam com o olhar.

—Ainda não tomamos o chá, senhor Grove.

Ele tamborilou com os dedos sobre o suporte de mármore e lhe dedicou um sorriso tenso e duro.

—Claro. O chá. Como pude esquecê—lo?

Vinte minutos depois, Caroline decidiu que finalmente poderiam partir sem ferir os sentimentos das senhoras.

Do lado de fora, na rua, Adam a segurou pelo braço.

—Pensava que jamais sairíamos dali.

—Olhe Adam, sou consciente de sua impaciência, mas teria sido uma grosseria sairmos precipitadamente. A senhorita Brick e a senhora Trent teriam ficado desfeitas.

—Pois sem dúvida vão ficar totalmente destroçadas do ponto de vista econômico, quando descobrirem que esses títulos de ações que compraram não valem nada.

Caroline fez uma careta de desgosto.

—Temia que dissesse isso. Você não acredita que exista a menor possibilidade de que o senhor Jones tenha oferecido uma oportunidade de negócio autêntica?

—Não.

Uma resposta inequívoca pensou Caroline.

—Enquanto você falava com a senhorita Brick e a senhora Trent, me ocorreu uma pergunta.

—Qual?

—Os títulos de ações são documentos impressos, não é certo?

Ele a olhou com curiosidade.

—Sim. Costumam estar muito adornados com letras elegantes e gravuras de uma ferrovia, uma mina ou qualquer projeto que representem as ações. Por que a pergunta?

—Meu editor, o senhor Spraggett, é um impressor que se dedica ao ofício desde muito jovem. Conheço o suficiente para saber que os impressores se orgulham muito de seu trabalho — Fez uma pausa— De fato, o senhor Spraggett me disse uma vez que costumam assinar sua obra com algo que se chama “marca de impressor.”

Adam se deteve obrigando— a a parar tão bruscamente que ela quase se desequilibrou. Parecia ter tido uma revelação.

—Que ideia brilhante, minha senhora — Em um arrebatamento, deu—lhe um beijo bastante apaixonado. Parecia muito agradecido— Absolutamente brilhante. Se conseguir localizar o homem que imprimiu esses títulos de ações, talvez possa averiguar algo sobre a pessoa que os encomendou.

Sem fôlego Caroline se ruborizou e, a seguir deu uma olhada para assegurar—se de que ninguém tivesse presenciado o escandaloso espetáculo de um homem beijando uma mulher em público. Respirou aliviada ao ver que a rua estava deserta.

Adam dirigiu de novo o olhar à pequena casa que compartilhavam a senhorita Brick e a senhora Trent. Uma expressão decididamente calculadora escureceu suas feições.

—Eu gostaria muito de dar uma olhada nessas ações.

—Não, por favor — apressou—se a implorar ela— Adam, cada vez que investiga uma casa, tropeça com gente morta.

—Isso que disse é muito injusto Caroline. Só ocorreu uma vez, no caso de Elizabeth Delmont.

—E esteve a ponto de encontrar com o corpo de Irene Toller — Estremeceu— Tinha toda a intenção de investigar sua casa. Se você tivesse ido lá apenas uma ou duas horas antes esta manhã, a polícia o teria surpreendido dentro da casa. Então eles estariam menos inclinados a acreditar no seu álibi.

—Tolices. Eu estava perfeitamente a salvo enquanto tivesse você para dar testemunho de meu paradeiro no momento do assassinato. Quem ia duvidar da palavra da senhora Fordyce, a famosa escritora?

Pouco depois, fizeram—nos entrar às habitações do senhor McDaniel, o ancião a quem os espíritos haviam prometido uma grande quantia prevista na última sessão de Elizabeth Delmont.

McDaniel se mostrou tão encantado com esta visita inesperada como a senhorita Brick e a senhora Trent. Parecia inclusive mais ansioso que elas por conversar sobre sua boa sorte.

—Sim, em efeito, o homem de negócios descrito pela senhora Delmont se apresentou, tal como tinha prometido o espírito. Chamava—se Jones — Levantou a xícara com a mão tão trememente que salpicou as calças. Não pareceu dar—se conta— Um senhor muito amável, muito culto. É uma pena que fosse coxo.

—Recorda algo mais dele, senhor? —perguntou Adam.

—Não muito na verdade. Tinha uma barba enorme. Viria bem fazer uma visita ao barbeiro — O senhor McDaniel ficou

calado e pensativo— Levava óculos — Arqueou as sobrancelhas—
Por que me pergunta isso?

—Um homem muito parecido ao que você descreve me abordou para me informar de uma interessante oportunidade de investimento — respondeu Adam com a atitude de um investidor sagaz que fala com outro— Mencionou seu nome, assim decidi lhe pedir referências, por assim dizê—lo.

Caroline percebeu que Adam poderia tecer um embuste tão facilmente como ela.

McDaniel se animou.

—Fez—lhe uma proposta parecida, então? Ofereceu—lhe ações de uma companhia mineira?

—Estou estudando — admitiu Adam— mas para lhe ser justo, ele não me mostrou nenhum desses títulos. Por isso estou um pouco preocupado e resisto a lhe entregar meu dinheiro.

—Que estranho. A mim não teve nenhum inconveniente em me mostrar um dos títulos.

—Permitiria—me dar—lhes uma olhada? —pediu Adam— Só para ver se parecerem legítimos.

—Não vejo por que não. Jones preveniu—me para não falar do projeto com ninguém de fora, mas já que você está contemplando a possibilidade de investir nisso, não acredito que haja incomodo em que lhe mostre os títulos.

—Obrigado — disse Adam.

O senhor McDaniel levantou—se com dificuldade da poltrona com a ajuda de uma bengala e se dirigiu bamboleando ao escritório situado ao lado. Abriu uma gaveta que estava fechada

com chave e tirou uma folha de papel grosso. Adam cruzou a estadia para examiná—lo. Caroline o seguiu rapidamente.

O título era um documento de aspecto chamativo de fundo azul claro. Estava decorado com letras floridas que diziam «Drexford & CO.» e uma vinheta de uma mina com seus mineiros e suas ferramentas. Os detalhes estavam bem definidos e a impressão era magistral.

—Certamente parece autêntico — disse Adam, estendendo com toda tranquilidade o título à Caroline— O que acha senhora Fordyce? Como pessoa acostumada a mover—se no mundinho editorial, você está muito mais versada que eu nesse assunto.

O senhor McDaniel observava ansioso enquanto seu prezado título passava às mãos de uma terceira pessoa. Dedicou—lhe um sorriso tranquilizador e a seguir sustentou o documento contra a luz.

Entre as florzinhas, os traços caprichosos e os ornamentos trabalhados, Caroline distinguiu com nitidez a figura de um grifo entrelaçado com a letra B.

—A impressão é muito elegante — comentou devolvendo o certificado ao senhor McDaniel.

—O que lhe contou o senhor Jones sobre a companhia? — inquiriu Adam.

—É proprietária de uma mina de ouro em algum lugar do oeste dos Estados Unidos — respondeu McDaniel finalmente relaxando agora que o título voltava a estar a salvo em seu poder— O fundador morreu antes que a empresa começasse a operar. Deixou tudo a seu herdeiro, um jovem decidido a abrir a mina e fazê—la produtiva.

—Mas que necessita capital para financiar os gastos que gerará o funcionamento da mina, não é assim? —perguntou Adam.

Caroline percebeu o tom sombrio de suas palavras, mas McDaniel não pareceu reparar nisso.

—Exato — McDaniel assentiu com expressão de perito— Eu sempre digo que o ouro nunca falha.

—Sábias palavras, senhor — asseverou Adam— Sem dúvida alguma me incentivou muito seriamente a realizar esse investimento. Agradeço—lhe sua ajuda.

—Não foi nada, não foi nada — McDaniel pôs o certificado na gaveta— Devo reconhecer que a princípio estava um pouco cético quando o espírito me aconselhou que me mantivesse alerta para quando aparecesse o senhor Jones, mas quando ele se apresentou justo no dia seguinte, compreendi que os poderes da médium eram autênticos.

—Tão autênticos como o título que acaba de guardar na gaveta, senhor McDaniel — assegurou Adam.

Capítulo 25

Passavam das cinco quando o senhor McDaniel os acompanhou à porta para despedir—se deles. Começava a formar uma espessa névoa que filtrava a luz do dia agonizante. Adam notava a tensão e a raiva que se apoderavam de Caroline. Tinha os ombros rígidos.

—E então? —animou—a a falar— Viu alguma marca no certificado?

—Sim. Posso descrevê—la ao senhor Spraggett, mas ele já saiu da redação. Não será possível falar com ele até amanhã.

Ficou calada.

—Não tome este assunto tão a sério — disse ele ao cabo de um momento— Nada disto é sua culpa. Não teria podido fazer nada para proteger às vítimas de Jones.

—Os três vão perder seu dinheiro.

—Quem quer que seja incauto o bastante para seguir os conselhos procedentes do Além...

—Tolices. É muito fácil para você dizê—lo, senhor, mas a senhorita Brick, a senhora Trent e o senhor McDaniel carecem de sua experiência financeira. Sabe perfeitamente que nenhum deles pode permitir—se perder seu investimento nessa mina de ouro.

—Será um duro revés para eles, disso não há dúvida.

Um carro de ponto passou estralando e desapareceu na névoa. De repente Adam ficou alerta e lhe arrepiou o pelo da nuca. Era uma sensação que conhecia muito bem. Experimentava—a frequentemente nos velhos tempos, quando se dedicava a vender os

segredos de outras pessoas em ruas estreitas e becos sombrios. O instinto de sobrevivência que tinha adquirido em sua juventude seguia latente nele. Só sua disciplina férrea impediu que cedesse ao impulso de olhar para trás por cima do ombro.

—Já viu onde vivem — prosseguiu Caroline com a voz vibrante pela intensidade de seus sentimentos— É óbvio que com muita dificuldade vão vivendo com o que têm. Não quero imaginar o que acontecerá quando descobrirem que os extorquiram. Ficarão arrasados.

—É o mais provável — reconheceu ele.

Voltou o rosto para ela e se inclinou ligeiramente para diante, para dar a impressão de que estava muito concentrado em suas palavras. Com a extremidade do olho espiou uma figura imprecisa na névoa.

Caroline elevou uma mão enluvada.

—Temos que fazer algo Adam.

Isto quase lhe arrancou um sorriso.

—Quando diz «temos» refere—se talvez a que eu tenho que fazer algo?

—O ideal, é obvio, seria obrigar esse abominável senhor Jones a devolver seu dinheiro a suas vítimas. Mas se isso não acontecer, não podemos deixar que essa pobre gente perca tudo que têm.

—Não se preocupe Caroline — Arriscou—se a dar outra olhada e viu que a pessoa que os seguia continuava ali, à mesma distância— Eu me encarregarei de que Brick, Trent e McDaniel recuperem seu dinheiro, de um modo ou de outro.

Ela inclinou a cabeça. Adam advertiu que sob a asa de seu prático chapeuzinho, seu semblante resplandecia com aprovação.

—Obrigado, Adam. Isso é muito amável de sua parte.

—Só espero que a lista de vítimas da fraude econômica de Jones não seja muito longa.

—Pergunto—me quantas pessoas ele terá depenado com essas ações mineiras sem valor.

—Caroline, temos um pequeno problema.

—Perdão, como diz?

—Alguém nos segue.

—O que? —Caroline tentou deter—se e girar.

—Segue caminhando — Apertou—lhe o braço e a forçou a continuar a marcha— Aja como se não soubesse de nada.

—Sim, claro — Continuou andando pela calçada em seu passo enérgico habitual— Quem você acha que nos segue?

—É o que procuro averiguar.

Escrutinou a rua nebulosa por um momento, procurando um lugar onde estender uma armadilha. As casas próximas à calçada estavam construídas lado a lado, sem atalhos ou caminhos entre elas. A melhor opção era um pequeno parque. A névoa permitiria ocultarem—se.

—Isto é o que vamos fazer — sussurrou a Caroline— Escuta com atenção e faça exatamente o que eu disser.

Capítulo 26

Entraram no parque juntos. Entretanto quando se aproximaram da primeira árvore de tamanho adequado, Adam indicou a Caroline por gestos que seguisse caminhando pela grama sozinha. Ele se postou sob os ramos baixos e aguardou.

De sua posição estratégica via o mesmo que o homem que vinha atrás: a imagem inquietante de uma mulher com um vestido cor de tijolo, que desaparecia na densa névoa. Era impossível distinguir se ia sozinha ou não, e seu seguidor não tinha motivos para suspeitar que o acompanhante da dama a tinha abandonado no parque.

Ao menos, esse era o raciocínio que Adam esperava que fizesse o homem.

Este não o decepcionou. Poucos minutos depois que Caroline cruzou o parque, Adam ouviu uns passos sigilosos no pavimento. Estes cessaram de repente quando o homem chegou à grama.

Instantes depois, uma figura envolta em um casaco cinza e com uma cartola baixa passou junto ao lugar onde Adam esperava.

Este deu duas pernadas agarrou sua presa pelo pescoço do casaco e puxou com força, lhe fazendo perder o equilíbrio. O homem soltou um chiado de surpresa e medo e caiu de nádegas ao chão.

Adam baixou o olhar e viu um rosto conhecido.

—Senhor Otford. Que surpresa lhe encontrar por aqui.

Gilbert Otford tossiu e cuspiu vermelho de cólera.

—Como se atreve a me agredir de forma tão selvagem?

—Sabe de uma coisa Otford? Tenho vontade de lhe demonstrar quão descortês posso chegar a ser.

Caroline emergiu da névoa segurando as saias com as mãos para correr, de uma maneira que Adam supôs imprópria de uma dama.

—Senhor Otford! —exclamou ela detendo—se frente a ele— Você nos seguia, verdade? O que acreditava estar fazendo?

—Tenho todo o direito a circular pela via pública — Otford ficou em pé torpemente e tentou tirar o lodo e as fibras de erva de seu casaco, sem êxito— Olhe o que fez as minhas roupas, Hardesty. Talvez você possa comprar um número ilimitado de casacos, mas eu lhe asseguro que outros não são tão afortunados.

Adam deu um passo à frente. Alarmado Otford retrocedeu golpeando as costas contra o tronco da árvore.

—Não me toque — chiou— Chamarei um guarda se me puser um só dedo em cima.

—O que esperava descobrir ao nos seguir? —perguntou Adam com sincera curiosidade.

—Já lhe disse. Só estava passando pela mesma rua. —Otford lançou um olhar suplicante a Caroline. —Você e eu somos colegas de certo modo, senhora Fordyce. Certamente você não duvida de minha integridade profissional.

Caroline suspirou.

—Acredito nele, senhor Hardesty. Realmente duvido que o senhor Otford tenha más intenções.

—Pois eu não estou tão convencido. —Adam avançou outro passo reduzindo lentamente à distância— Além disso, não tenho

paciência para suas mentiras, Otford. Acreditava lhe haver advertido que se mantivesse afastado de mim.

Otford tragou saliva várias vezes, mas conseguiu afastar—se da árvore que lhe servia de apoio e se ergueu. Adam se precaveu de que a presença e a atitude protetora de Caroline o encorajavam. O jornalista tinha chegado à conclusão de que Adam não lhe infligiria um dano muito grave diante de uma dama.

—Sou um profissional, senhor — espetou Otford— Um correspondente deve aos seus leitores. Você e a senhora Fordyce estão implicados em um caso de assassinato, e tenho a obrigação de investigar a verdade e transmiti—la ao público.

—Você trabalha para um jornal especializado em despejar todo tipo de escândalos —repôs Adam— A verdade é o que menos lhe preocupa.

—Ofende—me suas insinuações, senhor. Não tem direito a me insultar desse modo. Exijo—lhe uma desculpa.

—Ah, sim? —inquiriu Adam com um sorriso ameaçador.

Otford deu rapidamente um passo para trás com os olhos exagerados.

—Ouça, espere um momento, senhor...

—Vejo que pretende seguir me assediando, Otford. Não me deixa outra opção.

Otford entrou em pânico. Equilibrou—se para poder fugir, mas Adam o agarrou pelas abas do casaco, o puxou e o empurrou com brutalidade contra a árvore.

—Adam — disse Caroline com suavidade— Por favor, não lhe faça mal. Não nego que é muito irritante, mas é um jornalista e não lhe falta razão quando diz que tem um trabalho a fazer.

—É isso aí, percebe? —apressou—se a dizer Otford— Sou um profissional que tenta cumprir com seu dever.

—Quer dizer que chama a isso cumprir com seu dever? — perguntou Adam— Muito bem, então. Proponho—lhe um trato: responda minhas perguntas e lhe deixarei seguir seu caminho ileso.

—Que perguntas? —inquiriu Otford com receio.

—Como você conseguiu as descrições dos cenários onde se encontraram os corpos de Toller e Delmont?

—Tenho uma fonte excelente para esse tipo de informação — assinalou Otford com ar de suficiência— Trabalhei com ele em várias ocasiões. Confio plenamente nele.

Adam o segurou com mais força pelas lapelas.

—E como se chama essa fonte tão fidedigna?

Otford titubeou.

—É o inspetor J. J. Jackson, embora isso não seja assunto dele.

—E você diz que confia nele?

Otford tentou encolher os ombros.

—Sempre me proporcionou informação confiável.

—Então você mencionou todos os detalhes interessantes sobre o assassinato de Delmont nesse artigo que escreveu para o Flying Intelligencer?

—É obvio — Otford fez uma careta— Confesso que tive que enfeitá—lo um pouco para dar mais interesse... A saia indecentemente levantada por cima dos joelhos da morta, intervenção de forças sobrenaturais e demais. Mas isso não tem nada de estranho, fazemos uma vez ou outra nesta profissão.

—Sim, isso já sabia.

Otford deu—lhe um olhar malicioso.

—Se o que quer são detalhes, talvez Julian Elsworth possa proporcionar—lhe amanhã pela tarde.

Caroline adotou uma expressão severa.

—A que se refere?

—Hoje vi um letreiro no Winterset House. Elsworth vai oferecer uma demonstração especial de seus poderes psíquicos na qualidade de assessor do inspetor J. J. Jackson e aos membros da Sociedade de Investigações Psíquicas.

—O que o sem vergonha do Jackson deseja aí? —quis saber Adam.

—Elsworth diz que talvez seus poderes lhe ajudem a investigar os assassinatos de Delmont e Toller — Otford soprou— Será divertido não acredita? Imagine: a polícia vai a uma pessoa que assegura possuir poderes psíquicos para que os ajude a resolver um caso.

Adam o soltou.

—Tome distância, Otford. Não quero voltar a surpreendê—lo me seguindo. A próxima vez não serei tão amável.

Otford arrumou a gravata, endireitou o chapéu e partiu com passo irado por entre a névoa.

Caroline se voltou para Adam.

—Agora parece evidente que a omissão do véu ensanguentado e do broche de luto por parte das crônicas jornalísticas não foi pura casualidade. Além disso, acredito que tem razão ao considerar pouco provável que um delinquente comum os tenha roubado.

Adam seguiu com a vista Otford até que este desapareceu na bruma.

—Só há uma explicação possível. Alguém encontrou o cadáver de Delmont depois de mim e levou o véu e o broche. A pergunta é: por quê?

—Então posso supor que assistiremos à demonstração de poderes psíquicos de Julián Elsworth na qualidade de assessor, amanhã à tarde em Winterset House?

—Não perderia isso por nada. Como você bem diz, devo manter uma mente aberta diante de todas estas tolices psíquicas.

Capítulo 27

A sala de conferências estava super lotada no dia seguinte. Caroline e Adam conseguiram com muita dificuldade encontrar dois assentos na última fila.

—Grande poder de convocatória que tem este Elsworth — grunhiu Adam sentando—se na poltrona contigua a de Caroline— Tenho que reconhecer que não lhe faltam dotes teatrais.

—Já lhe disse isso: Julian Elsworth é muito bem considerado entre os estudiosos dos fenômenos psíquicos — assinalou Caroline por cima do murmúrio do auditório cheio. Escrutinou o público e viu um rosto conhecido— Olhe, aí está o senhor Otford. Está ao lado, de pé, junto a outros cavalheiros. Todos levam cadernetas e lápis. Devem ser jornalistas.

Adam dirigiu o olhar para onde ela estava olhando e sacudiu a cabeça ligeiramente indignado.

—Esta ridícula sessão será uma perda de tempo para a polícia, mas certamente venderá muitos jornais.

—Deixe de resmungar Adam. É você quem quis vir.

—Como desperdiçar a oportunidade de ver Elsworth em ação?

Algo em sua voz chamou a atenção de Caroline.

—Não gosta dele, não é verdade? Por quê? Só o viu em uma ocasião, e não fez nada para ofendê—lo.

—Não confio nele. Considere como intuição masculina.

Um pensamento estranho a assaltou.

—Adam...

— Sim?

Não se voltou para ela. Estava ocupado examinando a multidão.

—Não estará ciumento do senhor Elsworth, verdade?

Produziu—se entre os dois um silêncio breve e inquietante.

—Tenho motivos para estar? —Perguntou ele em um tom neutro.

—Não, claro que não.

—Me alegro em ouvir isso. Deve ser duro competir com um homem capaz de ler a mente ou de fazer levitar cadeiras.

Esquadrinhou—lhe o rosto com um olhar rápido. Entretanto a resposta de Caroline ficou no ar porque nesse momento o pano de fundo se abriu e um homem apareceu no cenário.

—Damas e cavalheiros — recitou o apresentador— Pedimos que nos preste toda sua atenção, por favor. Como bem sabem o senhor Elsworth aceitou generosamente pôr a disposição da polícia suas habilidades psíquicas únicas com o propósito de esclarecer os terríveis assassinatos cometidos contra duas médiuns. Está disposto a permitir que vocês, membros do público, presenciem o ato, mas lhes roga que não falem ou façam ruídos desnecessários durante a sessão. Ninguém deve entrar na sala nem sair dela. A natureza excepcional das forças psíquicas que o senhor Elsworth aplica são extremamente delicadas e frágeis. Os sons fortes ou o excesso de atividade podem interferir nelas.

A multidão calou imediatamente. A expectativa era palpável no ambiente. Embora Caroline no fundo, compartilhasse boa parte do ceticismo de Adam, descobriu que estava bastante curiosa. E se

Elsworth conseguisse obter pistas através do uso de seus poderes psíquicos?

As luzes suavizaram como no princípio da exibição da escritura espírita de Irene Toller, embora de uma maneira menos espetacular. Desta vez se apagaram lentamente, alimentando de forma gradual a emoção do público. Ao final só restava aceso o abajur colocado na mesa, à frente da sala.

—Me permitam lhes apresentar o inspetor J. J. Jackson, que será a pessoa encarregada de manter a conversa com o senhor Elsworth — disse o apresentador.

O pano de fundo se abriu de novo, e o inspetor Jackson entrou no palco. A Caroline pareceu que estava decididamente incômodo. Jackson saudou o público com uma breve inclinação de cabeça e se sentou em uma das duas cadeiras situadas frente à mesa.

—Acredito que o senhor Elsworth já está preparado — anunciou o apresentador com reverência— Por favor, nada de aplausos. Esteve durante várias horas preparando—se para esta sessão. Deve manter a concentração.

Elsworth saiu devagar do meio das cortinas. Sua mecha prateada reluzia embaixo daquele brilho tênue. Embora fosse a primeira hora da tarde, ia vestido com traje de cerimônia. Seu fraque e suas calças negras eram de corte impecável. A camisa branca estava recém passada e usava uma gravata borboleta requintadamente elegante.

Caroline deduziu que o homem era um entendido em iluminação teatral. A luz do abajur solitária fazia ressaltar seus traços aristocráticos e lhes conferia um ar mais dramático.

Ela se inclinou para frente para vê—lo melhor. Havia algo estranho nos olhos de Elsworth. Daquela distância não podia vê—lo com precisão, mas lhe pareceu que ia maquiado como um ator.

Assustou—se quando Adam lhe tocou o braço. Voltou—se para ele. Vislumbrou na penumbra sua expressão fria e desdenhosa. Certamente tinha reparado na maquiagem de Elsworth.

Quando este se aproximou da mesa, J. J. Jackson aparentemente se sentiu obrigado a fazer algo. Ficou em pé rapidamente e se sentou com a mesma brutalidade. «Está nervoso», pensou Caroline. Não o culpava por isso.

—Inspetor.

A voz profunda e retumbante de Elsworth ressonou por toda a sala.

Saudou Jackson com uma reverência que em opinião de Caroline, raiava a brincadeira. Logo se sentou.

—Senhor Elsworth — disse Jackson em um tom débil que destilava acanhamento— Agradeço—lhe sua ajuda neste assunto.

Elsworth inclinou a cabeça de novo, esticou o braço e baixou a intensidade da chama de tal maneira que seu rosto fortemente iluminado fosse o único elemento claramente visível para o público. J. J. Jackson ficou reduzido a uma sombra rígida.

—Farei o que estiver ao meu alcance para ajudar à polícia na busca da pessoa que assassinou as senhoras Toller e Delmont, inspetor —asseverou Elsworth— Considero meu dever. Por favor, formule suas perguntas.

Jackson pigarreou várias vezes, tirou uma caderneta e passou algumas páginas.

—Poderia você... Isto... Falar com os espíritos da senhora Toller e da senhora Delmont, senhor? —balbuciou— E pedir que identifiquem seu assassino, talvez?

—Não —respondeu Elsworth— Eu não trabalho assim. Não sou um médium tradicional. Não possuo a capacidade de me comunicar com o mundo dos espíritos que Toller e Delmont asseguravam possuir. Basta dizer que quando entro em transe, percebo as coisas com maior clarividência que com os sentidos comuns.

—Então senhor, você pode perceber o rosto do assassino? —perguntou Jackson.

—Não como se olhasse uma fotografia — disse Elsworth— mas se me trouxe as coisas que lhe pedi, possivelmente possa lhe dizer algo do indivíduo que perpetrou estes crimes.

—Sim, senhor — Jackson levou a mão ao bolso e extraiu um pequeno objeto— Este é um dos brincos da senhora Delmont — De outro bolso tirou uma parte de tecido de linho bordado— E este lenço pertencia à senhora Toller.

—Obrigado — Elsworth tomou o brinco e o lenço e fechou os olhos— Por favor, me permita um momento; tenho que concentrar meus poderes.

Um silêncio tenso se apoderou da sala. Ao cabo de uns instantes, Elsworth abriu os olhos e fixou a vista no grande público como se pudesse ver naquela escuridão.

Caroline teria jurado que as feições do homem ficavam mais tensas e que seus olhos enegreciam até converterem—se em arrepiantes órbitas negras.

—Raiva — sussurrou Elsworth— O assassino é um homem possuído por uma fúria incontrolável. Vejo—o agora na casa da senhora Toller dando um golpe atrás de outro. Já matou antes. Isto lhe infunde um valor aterrador. Sabe que desta vez será mais fácil e prazeroso. —De repente deixou de falar.

Um calafrio estremeceu o público.

O inspetor Jackson não parecia muito seguro de como proceder.

—Poderia... Isto... Dizer—me por que o assassino está tão zangado com a senhora Toller, senhor?

—Acredita que o enganaram — disse Elsworth com uma deixa hipnótica.

Caroline notou que Adam se reanimava em seu assento junto a ela. Inclinou—se para frente e apoiou os braços nas coxas subitamente atento.

—De que forma enganaram as médiuns ao assassino? — inquiriu Jackson em um tom mais próprio de um policial.

—As duas asseguravam poder comunicar—se com o mundo dos espíritos, mas ambas mentiam.

Jackson tirou um lápis.

—Poderia nos facilitar algum detalhe relativo a estas mentiras, senhor?

Elsworth permaneceu totalmente imóvel durante longo tempo.

—No transcurso das sessões que assistiu, fez perguntas que só o espírito teria podido responder corretamente —disse por fim— Toller e Delmont deram respostas errôneas, por isso ele soube sem

sombra de dúvidas, que eram umas impostoras. Em um arrebatamento de cólera, decidiu castigá-las.

—O assassino assistiu a diversas sessões celebradas pelas duas médiuns, senhor? —Pela primeira vez Jackson mostrou autêntico interesse— É o que está dizendo?

Elsworth vacilou.

—Isso parece.

Um sussurro de assombro percorreu a sala.

Caroline percebia a atitude alerta de Adam. Tanto Jackson como Adam estavam reagindo da mesma maneira ante a pista que acabava de oferecer Elsworth. Ambos pareciam caçadores que tinham encontrado o rastro de sua presa. A ela ocorreu que se não tivesse um lugar na alta sociedade, Adam teria sido um excelente detetive.

—E estas sessões são recentes? —pressionou Jackson— Pode nos proporcionar uma data?

—Temo que não — de repente deu a impressão de que a fadiga se apropriava de Elsworth. Levantou as mãos e esfregou as têmporas— Isso é tudo o que posso fazer por você hoje, inspetor. Lamento não poder lhe oferecer mais informação, mas exercer meus poderes de forma tão intensa me esgota as energias.

—Você foi de grande ajuda, senhor — afirmou Jackson— De grande ajuda, sim. Se você estiver certo, devemos procurar uma pessoa que tenha assistido às sessões tanto da senhora Toller como da senhora Delmont. Assim reduziremos a lista de suspeitos.

—É um corno — disse Adam entre dentes. Seu interesse se desvaneceu tão rapidamente como tinha aparecido. Recostou—se

relaxado na poltrona— O homem é um perfeito enganador, tal como pensava.

O zumbido do público dominava na sala, onde as pessoas comentavam a revelação. No cenário, o apresentador deu um passo à frente.

—O senhor Elsworth concluiu sua exibição de poderes psíquicos. Agradece a todos por sua atenção.

O auditório rompeu em aplausos. Caroline viu Otford e os outros cavalheiros da imprensa dirigir—se em turba para a saída. No cenário, Elsworth ficou de pé, inclinou—se diante o público e desapareceu atrás do pano de fundo, deixando Jackson sozinho.

O inspetor olhou ao redor, como sem saber o que fazer a seguir. Logo se levantou e partiu do cenário a toda pressa.

As luzes se acenderam de novo. Caroline viu que Adam observava o cenário vazio com expressão absorta.

—No que pensa? —perguntou—lhe.

—Que o senhor Elsworth acaba de criar uma distração interessante para a polícia. Imagino que o inspetor Jackson está a ponto de perder um montão de tempo tentando averiguar os nomes de todos os homens que assistiram às sessões dirigidas por cada uma das duas vítimas. Se conseguir identificar alguns, terá que levar a cabo investigações exaustivas para depois descobrir se algum tinha motivo ou álibi. Será um processo muito longo e certamente inútil.

—Dá como certo que os poderes psíquicos do senhor Elsworth não são genuínos.

—Que sagacidade a sua, querida. Isso é precisamente o que acredito.

Adam ficou em pé e se agachou para ajudá—la a levantar—se.

—Mas por que ia incomodar—se em inventar pistas? Pois quando encontrarem o assassino, a falsidade de seu testemunho prejudicaria sua credibilidade.

Ele a tomou pelo braço e a conduziu para a porta.

—Só me ocorre duas hipóteses. A primeira é que Elsworth confia na probabilidade.

—Que probabilidade?

—A baixa probabilidade de que a polícia apanhe o assassino algum dia. Depois de tudo, não será culpa de Elsworth se o inspetor não encontrar esse homem, verdade? Ele fez tudo o que podia como assessor psíquico.

—Bem pensado. Qual é a segunda possibilidade?

O semblante de Hardesty se endureceu.

—Que Elsworth sabe algo dos assassinatos e aproveitou a exibição de hoje para gerar confusão e desviar a atenção.

Isto a deixou pasmada.

—Você está insinuando que o senhor Elsworth está comprometido nos assassinatos?

—Senhora Fordyce aguarde um momento, por favor. Devo falar com você.

A voz de Julian Elsworth procedia de algum ponto situado atrás de Caroline e Adam no corredor. Os dois pararam em seco. Caroline sentiu que os dedos de Adam se fechavam em torno de seu braço em um ato reflexo, como se quisesse arrastá—la para fora do alcance do outro homem.

Julian avançava para eles a passos largos, com seu belo rosto crispado em uma expressão de constrangimento. Caroline viu que tirou quase toda a maquiagem dos olhos embora com muita pressa. Ainda ficavam rastros e manchas tênues.

Ele parou em frente a eles e dedicou a Adam uma inclinação satírica de cabeça.

—O senhor Hardesty, suponho. Não sei como aconteceu, mas por algum motivo não ouvi bem seu nome a última vez que nos vimos. Teria jurado que se fazia chamar Grove.

—Não se preocupe com o engano, Elsworth — repôs Adam com segura— Estas coisas ocorrem. Asseguro—lhe que não me ofendi.

Julián esboçou um sorriso sardônico.

—Alivia—me ouvir isso. Suponho que tinha suas razões para assegurar—se de que o engano se produzira de entrada — Voltou—se para Caroline— Honra—me que você tenha decidido assistir minha demonstração.

—Pareceu—me extremamente fascinante — disse ela.

—Obrigado — disse Julian. Baixou a voz— Reparei em sua presença faz um momento, enquanto estava em transe. Percebi—a ali na escuridão, e tomei consciência de que devia adverti—la.

—Adverti—la do quê? —perguntou Adam.

Julián fez caso omisso dele.

—Ao vê—la durante meu transe, senhora Fordyce, pressenti que você corre um grave perigo.

—Como diz? —sussurrou ela.

Adam deu meio passo adiante. Caroline captou a fúria contida que emanava dele.

—Se tiver algo importante que dizer Elsworth, especifique—
o — exigiu Adam.

Os lábios de Elsworth se estreitaram.

—Sinto muito, não posso lhe facilitar maiores detalhes. Só posso lhe dizer que durante o transe descobri que uma aura de enorme perigo se abatia sobre a senhora Fordyce — Olhou Caroline visivelmente preocupado— Oxalá pudesse definir a ameaça com maior precisão para você, senhora.

—Isso seria bastante mais útil, certamente — soltou Adam ainda em voz muito baixa— Também lhe faria parecer menos falso.

Elsworth não lhe prestou a menor atenção. Concentrou—se exclusivamente em Caroline.

—Aconselho encarecidamente que tenha muito cuidado, senhora Fordyce. Não confie em ninguém que não conheça há muito tempo.

Deslizou o olhar para Adam em um gesto muito pouco sutil e insinuante. Continuando, girou sobre seus saltos e se afastou velozmente pelo corredor.

Adam o seguiu com a vista.

—Desgraçado. Quer que tenha medo de mim.

—Sim, e de qualquer outra pessoa que não conheça bem, o que inclui uma quantidade considerável de gente — Distraída, deu—se umas batidinhas na mão com o leque— O que acredita que o impulsiona a fazer isso?

—Distração.

Não gostou do tom em que pronunciou essa única palavra.

—De verdade pensa que ele pode ser o assassino?

—Acredito que é uma possibilidade muito real, sim.

—Mas que motivo poderia ter para assassinar as senhoras Toller e Delmont?

—Há dinheiro por trás deste assunto. Sei por experiência que este constitui um motivo quase universal para qualquer tipo de delito.

Ela refletiu por uns instantes.

—Mas ele não encaixa de maneira nenhuma com a descrição que nos têm feito do misterioso senhor Jones. O senhor Elsworth não coxeia ao andar. Tampouco tem a barba longa nem usa óculos.

—Um ator experiente poderia aparentar todos estes atributos, e é evidente que Elsworth possui um grande talento cênico.

Capítulo 28

—Bom dia, senhor Spraggett — Caroline entrou majestosamente no escritório seguida de Adam e tentando não fixar—se no intenso aroma de fumaça de charuto— Quero que conheça meu bom amigo, o senhor Hardesty.

—Senhora Fordyce — Spraggett se apressou a apagar o que ficava de seu puro e ficou de pé— Que surpresa — Saudou Adam com uma inclinação de cabeça observando—o sob sua viseira— Senhor Hardesty. É um prazer... Né... Inesperado, senhor.

—Spraggett — Adam empurrou com suavidade a porta envidraçada que se fechou com um estalo e se reclinou sobre ela com os braços cruzados— Nunca tinha tido a oportunidade de visitar a redação de um jornal. Então é daqui onde saem todos esses artigos sensacionalistas que se pode ler no Flying Intelligencer...

Spraggett lhe lançou um olhar hostil através de seus óculos. Era um homem enxuto e robusto, com uma calva incipiente, que irradiava a energia nervosa de um terrier. Tinha manchas indeléveis de tinta nas mãos. Havia xícaras sujas de café e restos de massas e sanduíches em toda parte.

—Neste jornal tomamos muito a sério nossa responsabilidade de manter o público informado, senhor — declarou Spraggett.

—Ah, sim? —Adam torceu a boca com ironia— O artigo sobre as médiuns assassinadas na edição desta manhã resulta certamente muito característico.

—Sobre tudo o parágrafo que fala de um relógio encontrado na cena do segundo crime e que tinha gravado o nome de Hardesty — disse Caroline.

—Os fatos, são os fatos.

—Com efeito — Caroline abriu bruscamente o exemplar do jornal que levava consigo e leu em voz alta— *«A célebre escritora declarou que na hora do assassinato, encontrava—se junto com o senhor Hardesty em um recinto privado. A este correspondente pareceu evidente que um halo de romântica intimidade rodeava o casal, o que não deixava dúvidas em relação à natureza de sua relação. Dá a impressão de que realidade e ficção se entrelaçam no caso da senhora Fordyce»*.

—É uma pena senhora Fordyce, mas o certo é que você e o senhor Hardesty se converteram em notícia — Spraggett adotou um ar orgulhoso— E isso é o que publicamos no Flying Intelligencer.

—Também publicam minhas novelas, senhor — Caroline jogou o jornal sobre o escritório— Ao menos até que finalize meu contrato. Depois é possível que eu vá procurar outro editor.

—Vamos senhora Fordyce — saltou Spraggett alarmado— Não deve tomar o artigo de Otford tão a sério.

—Mas é claro que levo a sério — Deixou cair uma pilha de jornais de uma cadeira, sentou—se, e alisou a saia com um movimento elegante — Terei presente que este mesmo jornal me tem feito objeto de escândalo da próxima vez que você me peça que firme um contrato para uma nova novela, senhor Spraggett.

—O que acontece, recebeu outra oferta do Escritório de Ficção do Tillotsons? Malditos editores arrivistas! Juro—lhe que se tentarem convencê—la a deixar este jornal vou processá—los.

—Talvez Tillotsons trate minha reputação com o devido respeito.

Spraggett tremia de raiva.

—Que espera que eu faça? Todos os jornais da cidade estão divulgando a notícia de seu vínculo com o senhor Hardesty e os assassinatos. Dificilmente poderei evitar a situação quando sou eu quem publica “O Cavalheiro Misterioso.”

—Talvez não lhe seja possível evitá—lo, mas poderia ter evitado as referências escabrosas a um ninho de amor e ao delicado rubor que me tingia as faces quando saí da casa da assassinada em companhia do senhor Hardesty.

—Ouça senhora Fordyce...

—O mínimo que poderá fazer é me oferecer uma pequena compensação pelo modo em que está me utilizando para vender jornais.

Spraggett franziu o cenho.

—Se está me pedindo que lhe pague uma soma adicional por sua novela, recordo—lhe que temos um contrato, senhora.

—Tranquelize—se senhor — Ajustou as luvas— Não lhe peço mais dinheiro. O que precisamos é lhe consultar sobre algo na sua qualidade de perito, em seu terreno profissional.

—Como diz? —perguntou Spraggett receoso.

Ela levou a mão ao bolso do vestido e extraiu um pedaço de papel que tinha esboçado a marca do impressor.

—Vi esta figura de um grifo com a letra B em um certificado de ações. O senhor Hardesty e eu gostaríamos de saber se você pode identificar a tipografia.

—Ah — A desconfiança na expressão de Spraggett deu lugar à curiosidade. Tomou o papel, estudou—o durante uns segundos e enrugou o cenho— Diz que o viu em um certificado de ações?

—Sim. Reconhece—o?

—Bassingthorpe utilizava esta marca há anos. Realizava uns trabalhos maravilhosos nos velhos tempos, mas corriam rumores sobre ele.

—Bassingthorpe —repetiu Adam ligeiramente carrancudo— Pensava que tivesse se retirado.

—Eu também acreditava — Spraggett baixou a vista de novo para o esboço— Mas não cabe dúvida de que esta marca lhe pertence.

—Que rumores? —perguntou Caroline.

Spraggett encolheu os ombros.

—Dizia—se que caso se necessitava por algum motivo, de um bonito documento que creditasse que havia estudado na Faculdade de Medicina ou de Direito, embora não o tivesse feito, podia comprar um impecável diploma falsificado com Bassingthorpe.

—Entendo — disse Caroline— Obrigado, senhor Spraggett.

—Um momento — Spraggett voltou a levantar—se de um salto— A que vem tudo isto? Está Bassingthorpe relacionado de algum modo com os assassinatos?

—Não sabemos — respondeu Adam abrindo a porta a Caroline— Mas, eu em seu lugar não me incomodaria em enviar um jornalista para buscá—lo.

—Por que não?

—A menos que os costumes de Bassingthorpe tenham mudado muito, o que me parece duvidoso, não conseguirá investigá—lo. Pelo que ouvi, não lavrou sua reputação precisamente por ser imprudente.

Adam saiu atrás de Caroline e fechou a porta antes que Spraggett pudesse fazer mais perguntas.

No corredor Caroline olhou Adam com notório interesse.

—Que reputação tinha exatamente o senhor Bassingthorpe?

—Os rumores diziam que falsificava não só uma ou outra licença médica, mas também bilhetes idênticos aos originais.

—Nesse caso, compreendo suas razões para ser tão cauteloso — Vacilou por uns instantes — Mas se o senhor Bassingthorpe não costuma contar intrigas sobre seus clientes, como pensa persuadi—lo para que fale conosco?

—Bassingthorpe ainda estava em atividade quando eu me dedicava a vender segredos na rua. Fiz—lhe um par de favores. Com um pouco de sorte, não terá esquecido.

—Devemos ir vê—lo imediatamente.

Adam negou com a cabeça.

—Não podemos nos apresentar sem mais nem menos na casa de Bassingthorpe. Há certas normas de etiqueta que devemos respeitar. Enviarei—lhe uma mensagem. Se houver sorte, aceitará encontrar—se comigo na hora e no lugar fixado por ele.

Capítulo 29

O interior do salão sempre tinha agradado Adam. Era luxuoso, rebuscado e extravagante ao extremo. Obviamente, o decorador tomou a liberdade de sacrificar a moderação e o bom gosto para o bem do espetáculo.

A cor predominante era o vermelho. O sofá e as poltronas enormes estavam estofados em seda carmesim. Cortinas de veludo vermelho intenso sobravam sobre o chão frente às janelas. O tapete apresentava desenhos dourados e escarlate.

Como em tantos outros lares do país, um quadro enorme da rainha vestida em seu luto perpétuo ocupava um lugar proeminente sobre a lareira. Entretanto o tema dos outros quadros que recobriam as paredes era muito distinto. Em cada um aparecia um valente cavaleiro de brilhante armadura resgatando ou sendo resgatado por uma formosa mulher embelezada unicamente com roupas muito vaporosas.

Florence Stotley gostava muito dos motivos cavaleirescos.

Florence era uma mulher grisalha e roliça, mas de aspecto agradável que se aproximava rapidamente a sua sexta década de vida. Com seus olhos cintilantes de olhar cálido, suas covinhas nas bochechas e suas encantadoras excentricidades, teria podido passar pela querida avó ou a carinhosa tia avó de alguém. Poucos teriam acreditado que tinha conquistado uma fortuna por sua condição de proprietária de um dos bordéis mais exclusivos de Londres.

Oficialmente estava aposentada agora, mas continuava empregando seus dotes empresariais em um sem—fim de projetos

proveitosos. Adam recordou que muitas pessoas tinham subestimado Florence Stotley ao longo dos anos. Entretanto ele a conhecia desde a época em que ganhava a vida nas ruas, e tinha por ela o mais profundo respeito.

Em certo sentido, eram sócios, mas os interesses de um e de outro se concentravam em objetivos ligeiramente diversos. Nesse então, ele se ocupava dos assuntos da alta sociedade, enquanto que ela continuava imersa nas turvas atividades dos baixos recursos londrinos.

Não era incomum que acudissem um ao outro. Afinal de contas, as manobras dos ricos e poderosos se entrecruzavam com as operações comerciais da vadiagem com maior frequência do que a maioria das pessoas estava disposta a admitir.

—Que alegria voltar a vê—lo Adam — Florence serviu—se do chá de um bule de prata com a caprichosa forma de um dragão flamejante— Há muito tempo que não conversávamos. Vai tudo bem com Julia e os meninos?

—Estão contentes e gozam de uma saúde invejável, obrigado — Adam se estendeu em uma volumosa cadeira e esticou as pernas— No momento, minha irmã está absorta na tarefa de superar a si mesma com outro baile memorável.

—Estou segura de que organizará uma festa espetacular este ano — Florence soltou um risinho e lhe ofereceu uma xícara de chá— Falou—se durante semanas do grande êxito que colheu com sua decoração ao estilo Camelot na última primavera.

—Esse êxito deve muito à sua inspiração — Examinou as cenas arturianas primorosamente pintadas em sua xícara— Porcelana nova, vejo.

—Sim. Estou muito satisfeita com ela — Florence alisou a saia e o olhou com ar de expectativa — Bom, sempre é um prazer para mim receber sua visita Adam, como bem sabe. Recebi sua mensagem em que me pedia que o ajudasse a localizar a governanta desaparecida da médium, e lhe asseguro que estou fazendo averiguações, mas até o momento não tive sorte.

—Se houver alguém capaz de encontrar Bess Whaley, essa pessoa é você Florence. Tenho plena confiança em suas fontes. Não obstante, hoje vim por outra razão. Não quis enviar—lhe uma mensagem neste caso. Parecia—me conveniente tratar este assunto com você em pessoa.

Florence assentiu com a cabeça.

—Compreendo. Qual é esse outro assunto?

—Desejo entrar em contato com Bassingthorpe, o velho falsificador. Foi seu cliente em outro tempo. Ainda o vê?

Um sorriso afetuoso se desenhcou nos lábios de Florence.

—É obvio. Além de ex—cliente, é meu amigo. Direi—lhe que quer falar com ele.

—Obrigado.

—Isso é tudo?

—Por hora — respondeu Adam.

Florence lhe serviu mais chá.

—Muito estranho este assunto das médiuns assassinadas. Circulam rumores que ambas foram mortas pelas forças obscuras do Além, que elas liberaram sem querer.

—Asseguro—lhe que quem quer que as tenha matado procede deste mundo.

—Posso perguntar que interesse tem você nisto?

—Lembra—se de Maud Gatley?

—Sim. Que caso tão triste — Florence sacudiu a cabeça— A pobre moça nunca conseguiu vencer seu vício. Sei que você fez todo o possível por ajudá—la Adam. Pagou—lhe muitos tratamentos, e todos fracassaram.

—O ópio sempre foi mais forte que sua vontade — admitiu ele — Pelo visto ela levava um diário que deixou para Elizabeth Delmont. Esta tentou usá—lo para me fazer chantagem, mas o diário desapareceu na noite que a assassinaram. Agora mataram Irene Toller de forma parecida.

—Ah, isso explica muitas coisas. Maud conhecia a verdade sobre Julia, Jessica, Nathan e você, não?

Ele assentiu.

—Pelo que tenho ouvido, o homem que está comprometido em uma trama fraudulenta de investimentos orquestrada pelas senhoras Toller e Delmont, coxeia, tem uma barba enorme e usa óculos.

—Suspeita que se trata de um disfarce?

—Todas essas características são muito óbvias e fáceis de recordar.

—Estou de acordo — Franzio o cenho— Mas se tem o diário em seu poder agora, pergunto—me por que não contatou você para tentar chantageá—lo.

—Está aguardando o momento oportuno, suponho.

—Não o culpo — comentou ela com secura— Se tiver a menor ideia de quem você é, saberá que deve andar com muito cuidado. Certamente é consciente de que se cometer um engano que o delate, você o encontrará e esse será o fim de tudo.

Adam a olhou.

—Eu o encontrarei. É só questão de tempo.

—Não tenho a menor dúvida. Conheço você desde jovem. É implacável. Mas peço encarecidamente que se cuide. Já assassinaram duas pessoas por causa deste assunto.

—Agradeço muito seu interesse — Refletiu brevemente sobre a ampla rede de contatos de Florence em todas as camadas sociais— Ultimamente me introduzi no mundo das investigações psíquicas. Sabe algo sobre as pessoas de Winterset House que possa ser de utilidade?

—Não grande coisa. Os investigadores de fenômenos psíquicos em geral parecem—me desorientados, mas relativamente inofensivos — Fez uma pausa enquanto pensava— Ouvi que o senhor Reed, o presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas, é um viúvo desconsolado que sonha comunicar—se algum dia com o espírito de sua falecida esposa.

—O que aconteceu?

—Assassinaram—na há anos. Não recordo todos os detalhes, embora o caso tivesse muita repercussão na imprensa durante um tempo. Acredito que o corpo da senhora Reed foi encontrado em um parque não muito longe do domicílio do casal. Ao que parece saiu para dar um passeio mais ou menos um dia depois das bodas, e alguém a atacou. Conforme os informes violaram—na e a estrangularam.

—A polícia encontrou o assassino?

—Não — Florence tomou um gole de chá e baixou a xícara— Talvez seja essa uma das razões pelas quais Durward Reed esteja tão decidido a contatar—se com ela. Sem dúvida quer

lhe perguntar o nome do criminoso que a assassinou para poder levá—lo até a justiça.

—Eu teria optado por uma forma mais direta de encontrar o assassino — disse Adam.

—Sim, claro. Mas nem todo mundo é tão bem relacionado como você, e a poucos seduz tanto a ideia de violência como a você.

Ele passou por cima do comentário.

—Pergunto—me o que lhe faz acreditar que Reed possa se comunicar com sua esposa.

Florence arqueou as sobrancelhas.

—Talvez esteja convencido de que seja possível contatar com ela no Além, porque ela assegurava possuir poderes psíquicos. Certamente ele supõe que se houver um espírito capaz de estabelecer comunicação através do véu, deve ser o de uma pessoa que tem o dom de fazê—lo em vida.

—A senhora Reed era médium?

—Sim. Durante dez anos antes que se casasse, era muito solicitada como espírita. Organizava sessões para as pessoas mais distintas.

—Reunia—se com pessoas das classes sociais mais elevadas?

Florence assentiu com a cabeça.

—Era a última sobrevivente de uma família destacada que havia feito uma fortuna com uma companhia naval. Vários de meus clientes assistiam às sessões dirigidas por ela.

—Obrigado Florence. Uma vez mais, estou em dívida com você.

Ela adotou uma expressão que lhe era habitual, com a que dava a entender que estava pronta para cobrar o favor.

—Pode me pagar facilmente com informação sobre seu mundo — assinalou.

—Se puder responder suas perguntas, o farei.

—Lembra desse pequeno estabelecimento de Marbury Street? Aquele que oferece seus serviços a cavalheiros que procuram os prazeres sado masoquistas?

—Sim. Ouvi que a senhora Thorne vendeu o negócio.

—Verdade. Mas sua sucessora, que se pôs o encantador nome de senhora Lash, é muito ambiciosa. Tem a intenção de transferir o negócio para um recinto novo e muito mais imponente. Com vistas a isso, idealizou um plano muito engenhoso para conseguir o capital financeiro que necessita. Está formando um consórcio de investidores integrado por seus clientes assíduos.

—Ah, sim? —Ele se mostrou intrigado— Uma decisão muito criativa. Esses investidores são cavalheiros da alta sociedade, suponho.

—Supõe corretamente. Encarregou—me que investigue a posição econômica de cada um deles. Toda precaução é pouca para uma mulher em sua situação que pretenda fazer negócios com cavalheiros.

—Muito certo — conveio ele.

—Vou mostrar—lhe a lista — Florence se levantou, dirigiu—se a uma mesa e abriu a gaveta— Dois dos nomes me parecem familiares, mas os outros três, não. Confio que possa me dizer algo sobre eles.

Ele ficou em pé, tomou a lista em suas mãos e a examinou por um momento memorizando os nomes segundo seu velho costume. Este tipo de informação sempre resultava útil.

—Não sabia que Alvybridge e Milborne gostassem de chicote — comentou com ar distraído.

—Todos eles gostam. Precisamente por isso iam ao estabelecimento. Interessa—me ouvir o que souber sobre os homens que figuram nessa lista.

Ele encolheu os ombros.

—Parece ser o típico tipo de dissimulados e hipócritas insofríveis. São desse tipo de pessoas que se dão ares de importância e aparentam uma moral irrepreensível enquanto, por baixo dos panos, abusam das criadas e frequentam prostíbulos. — Fez uma pausa— Mas o que a interessa especialmente é o estado de suas finanças, verdade?

—Sim. Dadas suas circunstâncias, a senhora Lash ficará bastante desamparada se qualquer um desses cavalheiros resultar ser pouco solvente nesse sentido.

Adam lhe fez um breve resumo do que sabia a respeito do estado das finanças daqueles homens.

—Obrigado — Florence guardou a lista de novo na gaveta— Já informarei à senhora Lash de que nenhum dos investidores potenciais parece estar à beira da bancarrota.

—Recorde—lhe que corre outros riscos. Nenhum desses tipos é completamente de confiança.

—Estou segura de que é muito consciente da natureza do caráter destes cavalheiros.

—Se não desejar nada mais, devo partir — Tomou—lhe a mão e se inclinou diante dela— Boa noite, Florence. Como sempre, foi um grande prazer.

—Que galante — murmurou Florence. Uma expressão de nostalgia apareceu em seus olhos— Juro que quando o vejo com sua roupa elegante e suas finas maneiras, custa—me acreditar que tenha algo a ver com aquele moço esfarrapado que estava acostumado a chamar—me em minha porta traseira para vender segredos e intrigas surrupiadas dos clientes de Maud. Sempre soube que chegaria a ser um homem de êxito.

—Ah, sim? —perguntou ele sorrindo.

—Sim. Minha única dúvida era se faria dinheiro de forma legal ou ilegal.

—Uma das múltiplas lições que aprendi minha senhora, é que é muito comum haver pouca diferença entre uma forma e outra.

—Ora. Sua atitude fria e desumana ante o mundo é pura pose. Conheço você há muito tempo Adam Hardesty, e sei bem como tirou da rua seus irmãos. Também estou inteirada das casas de caridade que fundou nos bairros pobres. Debaixo dessa armadura tão enferrujada que usa se esconde um sentido da honra e uma nobreza de caráter dignos de qualquer dos cavalheiros da Távora Redonda.

Divertido Adam observou o quadro que tinha perto. Nele aparecia um cavaleiro com uma armadura finamente trabalhada em atitude de gozar dos cuidados que lhe prodigalizava um grupo de ninfas seminuas.

—Então como é que quase nunca me atacam grupos de mulheres formosas seminuas?

—Certamente porque em virtude de suas regras infames, está a anos obcecado em evitar escândalos.

Ele estudou outra pintura que representava uma mulher nua e bela nos braços de um cavaleiro de armadura dourada. A lembrança da paixão ardente e doce que tinha encontrado com Caroline lhe acendeu o sangue.

—Ultimamente quebrei muitas dessas normas — confessou Adam.

—Sem dúvida você conseguiu converter—se em objeto dos artigos mais sensacionalistas dos jornais — Florence riu— Por certo, sua relação com a senhora Fordyce é algo sério ou uma simples aventura amalucada e tempestuosa? Espero que seja ambas as coisas, em parte.

—Conhece sua obra?

—Sim, claro. Adoro as novelas da senhora Fordyce.

—Obriga—me a revelar a humilhante verdade. Tenho motivos para acreditar que a senhora Fordyce está me utilizando como inspiração. Concretamente, notificou—me que me converti em modelo para o personagem de Edmund Drake em sua última novela.

—Que emocionante. Morro de vontade de ver se consegue evitar o destino cruel de todos os vilões de Fordyce.

Capítulo 30

Quando Adam desceu a escadaria de mármore trazeira para sair da suntuosa casa de Florence Stotley, se encontrou com uma cortina de névoa e escuridão. As luzes de gás iluminavam as elegantes portas principais que se alinhavam frente à rua, porém mais adiante a pouca luz que emitiam se refletia inutilmente na bruma, sem penetrá-la.

Aquela tarde ele se fixou na densa nuvem de vapor que começava a envolver as ruas. Consciente de que isso entorpeceria a circulação de veículos, tinha optado por ir a pé ao domicílio de Florence.

Ao pé das escadas pôs-se a andar na direção pela que tinha vindo, repassando mentalmente a intrincada rede de passagens, caminhos e becos de Londres que só ele conhecia.

De quando em quando as figuras imprecisas de carruagens e carros de ponto que avançavam lentamente passavam estralando ao seu lado. Os passantes apareciam e se desvaneciam como espectros na espessa névoa. Ofereciam-se à vista por uns instantes como silhuetas recortadas contra o brilho de uma luz e a seguir se esfumavam, deixando atrás de si unicamente o eco de seus passos.

Quando cruzava uma praça deserta se precaveu de que não estava muito longe de Corley Lane. Caroline lhe tinha comentado há umas horas, que tinha a intenção de ficar em casa essa noite escrevendo. Talvez gostasse de saber como se desenvolveu sua entrevista com Florence Stotley.

Não era mais que uma desculpa para lhe fazer uma visita. Mas então decidiu que não necessitava nenhuma desculpa. Afinal de contas, os dois embarcaram em uma aventura amorosa, e isto trazia certos privilégios para ele.

Em qualquer caso, não perderia nada passando em frente a sua casa. Se visse as janelas iluminadas, chamaria. Se não, seguiria seu caminho.

Caminhou em silêncio por uma calçada que separava duas fileiras de casas, atravessou outro parque e atravessou uma rua estreita.

Pouco depois, entrou em uma ruela sinuosa. As pedras dos edifícios escuros que se erguiam sobre a passagem datavam da época medieval. Estava percorrendo uma rota que frequentava em sua juventude, quando ia a essa zona da cidade vender sua mercadoria.

De repente notou na nuca um frio fantasmagórico que havia sentido muitas vezes. Um segundo depois, ouviu a suas costas o som inconfundível de botas de couro sobre o pavimento.

Dentre todos os incidentes extraordinários possíveis, este era sem dúvida um dos mais interessantes.

Seguiu adiante sem alterar o passo, nem dar qualquer outro indício de que sabia que o seguiam.

Vários dos portais que flanqueavam a ruela se comunicavam com amplos vestíbulos ou saguões. Havia numerosas curvas escuras que podiam servir para esconder—se. Adam escolheu um ao azar e se refugiou nas sombras projetadas pelas antigas pedras.

Os passos se detiveram ao cabo de uns poucos segundos. Quem quer que o seguisse pelo beco, acabava de se dar conta que

sua presa tinha desaparecido. Respirando lentamente Adam aguardou imóvel. Esperava que seu perseguidor não abandonasse a caça. Tinha alguns assuntos importantes que discutir com ele.

Pouco depois, os passos se reataram, agora mais depressa.

Adam permanecia atento para o caso de observar algum movimento. A luz solitária que se elevava ao final da passagem emitia claridade suficiente para revelar sombras em movimento. Mas isso era tudo o que Adam necessitava.

A figura do perseguidor se materializou como uma sombra escura em meio ao negrume mais profundo que inundava a rua.

Adam saiu rapidamente de seu esconderijo e se equilibrou sobre o homem com tanta força que ambos foram parar no chão. O perseguidor caiu debaixo absorvendo boa parte do impacto da queda. Um objeto metálico ricocheteou estrepitosamente sobre os paralelepípedos.

O grito de surpresa, medo e raiva que proferiu o homem cessou de repente. Adam ouviu o resfolegar do homem enquanto este lutava para recuperar o ar que seus pulmões tinham expulsado com o golpe.

—Não se mova — ordenou Adam. Ficou de pé, deu um passo atrás e deslizou o pé sobre o pavimento até topar com um objeto. Agachou—se e recolheu a faca. —Vejo que vinha armado — observou— Portanto, deduzo que não me seguia com a intenção de me convidar a tomar um gole de cerveja com você no botequim mais próximo.

O homem tragou saliva e conseguiu articular algumas palavras.

—Mensagem. Só queria lhe comunicar uma mensagem, isso é tudo. Não havia por que me atacar desse modo, maldito bode.

—Que mensagem, e quem o env...?

Interrompeu—se ao notar que o pelo do pescoço arrepiava pela segunda vez. Ouviam—se outras pegadas que se aproximavam a toda pressa entre as sombras.

Voltou—se rapidamente e tentou afastar—se, mas bateu contra uma grade de ferro. O segundo agressor arremeteu contra ele no ato, lhe lançando um chute com o pé embainhado em uma pesada bota. Adam tentou ficar de lado para minimizar o dano que estava a ponto de sofrer.

Conseguiu até certo ponto. A bota o alcançou nas costelas, mas não com a violência que o atacante teria desejado. Adam perdeu o equilíbrio e caiu sobre o meio—fio.

—Esta é a mensagem — gritou o atacante.

Dirigiu—se para ele a toda velocidade, preparando—se para lhe dar outro chute nas costelas.

Entretanto Adam o agarrou por uma perna da calça e puxou com todas suas forças.

—Filho de uma cadela.

O agressor cambaleou gesticulando furiosamente para permanecer em pé e soltar a perna.

Não o conseguiu. Caiu contra os paralelepípedos.

O primeiro homem se levantou. Adam o ouviu aproximar—se correndo por trás e se voltou para ele empunhando a faca.

O homem se deteve paralisado a uns passos de distância.

Com a arma requisitada na mão esquerda, Adam levou a direita ao interior do casaco.

O segundo homem ficou de pé trabalhosamente.

—O que você está esperando, Georgie? —gemeu— Fure—o.
Ele merece depois de tudo que nos fez.

—Tirou—me a faca, Bart.

—É verdade — disse Adam— mas prefiro usar a minha —
deslizou a folha fora da capa que levava oculta dentro da jaqueta,
de tal forma que os agressores pudessem ouvir o roçar do aço
contra o couro— Estou mais familiarizado com ela, sabem?

Um breve silêncio seguiu suas palavras.

—Ouça, não estamos aqui para brincar com facas.

Georgie se afastou pouco a pouco.

—Tem razão — apressou—se a lhe assegurar Bart— Aqui
houve um mal—entendido, acredito. Pagaram—nos para lhe dar
uma mensagem, isso é tudo.

—Então por que me atacou? —perguntou Adam.

—O tipo que nos encarregou que lhe déssemos a mensagem
nos disse que nos pagaria melhor caso lhe déssemos uma sacudida.

—Esse sujeito sobre o qual fala... Por acaso levava uma
barba espessa e andava coxeando?

Produziu—se outro breve silêncio.

—Como sabe? —perguntou—lhe Bart visivelmente inquieto.

—Tanto faz. Bom, agora que já tiveram tantos problemas,
por que não me comunicam essa mensagem?

Georgie tossiu.

—Tem que deixar de meter—se em certos assuntos
financeiros que não lhe concernem — Falava como recitando uma
lição escolar— E se seguir colocando o nariz nos negócios de
outras pessoas, certo diário será entregue à imprensa.

—Obrigado — disse Adam— Confirmou minhas suspeitas.
O assassino tem o diário.

—Que assassino? —inquiriu Georgie nervoso— Do que está falando?

—O homem que mandou comunicar essa mensagem assassinou recentemente uma pessoa, talvez duas.

—Você está enganado – disse Bart— O tipo que nos contratou não era um assassino. Era um homem de negócios.

—Eu também o sou — disse Adam.

Elevou ligeiramente a adaga. Embaixo daquela luz mortiça a folha resplandeceu ameaçadora.

Bart e Georgie deram meia volta e saíram disparados rua abaixo.

Capítulo 31

“—Edmund — sussurrou Lydia freneticamente— Não faça. Sabe que lamentará quando seu terrível arrebatamento de ira tenha passado e descobrir a verdade. Engana—se a meu respeito, juro.

Edmund respondeu com beijos desumanos, invadindo—lhe os sentidos com a determinação de um pirata ambicioso resolvido a arrancar de sua vítima uma abjeta rendição.

Presa debaixo dele, com as saias amassadas em delicada seda azul, elevou a vista para suas feições ferozmente crispadas. Em seguida compreendeu que não podia fazer nada para detê—lo. Ele estava entregue a tal ponto em sua fúria e desespero que provavelmente nem sequer notava sua débil resistência.

Quando recuperasse a prudência, seus próprios atos o horrorizariam. Mas até lá já seria muito tarde.

Ansiosa por salvar—se e por salvar Edmund também, posou suas delicadas mãos sobre os largos ombros dele em uma vã tentativa de frear seu impetuoso ataque.”

Caroline fez uma pausa e deixou a pluma sobre o escritório. Não estava totalmente satisfeita com o que acabava de escrever. Era uma cena muito emocionante, certamente, mas Edmund Drake parecia fora de controle. Isso não se encaixava com seu caráter.

Quando se dispunha a tomar a pluma novamente para reescrever a passagem, soaram umas batidas surdas. Emma e Milly voltaram cedo para casa. Evidentemente a representação teatral a

que tinham assistido essa noite não tinha estado à altura esperada. Sem dúvida tinham saído durante o intervalo.

A senhora Plummer estava em cima na cama, depois de tomar seu tônico para dormir, que consistia em uma mescla de láudano e genebra. A combinação garantia que dormiria como um tronco até a manhã seguinte.

Caroline escutou com atenção e se levantou ao não ouvir o ruído metálico da fechadura. Talvez suas tias tivessem se esquecido de levar a chave.

Cruzou o tapete e avançou pelo corredor até o saguão. Ali se deteve para dar uma olhada através dos pequenos cristais bizotados que havia aos lados da porta. Levou uma grande surpresa ao ver Adam. Estava apoiado na ombreira para evitar cair.

Rapidamente Caroline abriu o fecho e abriu a porta.

—O que faz aqui a esta hora?

—É uma longa história.

Equilibrou—se com a mão no marco da porta e cravou em Caroline um olhar divertido que não dissimulava a tensão que o agoniava por dentro.

De repente ela tomou consciência que só estava vestida com uma bata e umas pantufas.

—Aconteceu algum problema —disse escrutinando suas duras feições— Do que se trata?

—Posso entrar?

—Sim, claro.

Afastou—se para deixar que ele cruzasse a soleira.

Adam se separou da porta ajudando—se com um empurrão. Uma vez que estava no saguão, Caroline advertiu que ele não se movia com sua agilidade masculina habitual.

—Você está bem? —perguntou—lhe. Então percebeu a mancha arroxeadada que começava a aparecer debaixo do olho direito e respondeu a sua própria pergunta— Não, já vejo que não. Está ferido.

—Uma taça do xerez de suas tias me cairia muito bem — reconheceu ele jogando seu chapéu sobre a mesa do saguão— Melhor, que sejam dois.

Fez um gesto de dor quando começou a tirar o casaco.

—Deixa que o ajude — Pegou o objeto pelo pescoço e deslizou pelos ombros— Por favor, me conte o que aconteceu.

—Posso primeiro tomar o xerez?

Ela o guiou pelo corredor até o estúdio, indicou—lhe que se sentasse em uma poltrona e lhe serviu uma quantidade generosa de xerez.

Adam bebeu um gole longo, agradecido, e baixou a taça, emitindo um som que estava a meio caminho entre um suspiro e um grunhido.

—Hoje me dei conta de que já não sou tão jovem como antes — comentou— Agora entendo por que todo mundo insiste em que me case.

—Estou muito preocupada Adam. Por favor, me diga o que aconteceu.

Ele recostou a cabeça no respaldo e fechou os olhos.

—Faz uns minutos dois cavalheiros de baixos recursos me transmitiram uma mensagem. Deixaram—me claro que se não

renunciar a investigar a fraude dos investimentos e, presumivelmente dos assassinatos, o diário acabará na redação de um dos jornais mais sensacionalistas.

Horrorizada ela se inclinou e lhe tocou com suavidade o machucado incipiente.

—Poderiam tê—lo matado.

Adam abriu os olhos. Ela reconheceu o predador que havia nele e estremeceu.

—Pois acontece que não me mataram — replicou.

Caroline nunca o tinha visto em tal estado de ânimo, tão estranho e imprevisível. Algo perigoso e violento tinha acontecido, pensou.

—Notei que se esforçava para não tocar nas costelas enquanto tirava o casaco — observou— Você acha que tem algum osso quebrado?

—Não — Tocou seu lado com certa vacilação e logo sacudiu a cabeça com maior convicção— Nada quebrado. Só algumas contusões.

—Espere um momento — Ela pôs—se a andar com toda pressa para a porta— Vou procurar uma gaze limpa e o unguento que tia Emma utiliza para machucados.

Ele franziu o cenho.

—Não precisa...

Caroline fez caso omisso dele e se afastou pelo corredor para a cozinha para procurar o que necessitava.

Quando retornou ao cabo de uns minutos com a gaze e o unguento, descobriu que ele já não estava sentado na poltrona onde o tinha deixado. Na verdade achava—se em pé atrás da mesa, lendo

o capítulo em que ela estava trabalhando antes que ele chegasse. Ela percebeu que havia se servido de outra taça de xerez.

—Que diabos está acontecendo aqui? —Adam elevou a vista, carrancudo— Drake está atacando à senhorita Lydia?

—Houve um terrível mal—entendido — explicou ela abrindo o pote que continha o bálsamo— Edmund Drake acredita que a senhorita Lydia mentiu para ele. Preso de angústia e de raiva, ele perdeu o controle de suas paixões.

—Essa desculpa só vale para um selvagem ou um demente — disse Adam duramente.

Tomou outro gole de xerez.

Caroline que estava molhando a gaze no unguento deteve— se.

—Tem razão. Sabia que algo estava errado nessa cena. Teria que ter pensado em outro motivo para justificar sua conduta.

—Por quê? Pensei que era o vilão da obra. Os vilões são selvagens e dementes, não?

—Deixe—o. —Cortou uma parte da gaze empapada no bálsamo e o aplicou com delicadeza sobre a bochecha arroxeadada de Adam— Segure isto enquanto preparo outra atadura para suas costelas.

Com ar ausente ele sustentou a gaze contra seu rosto.

—Onde estão Emma e Milly?

—No teatro. A senhora Plummer está aqui, mas dorme em seu quarto, vamos — Embebeu outro pedaço de gaze no unguento— Isto é para suas costelas. Por favor, fica quieto enquanto tiro sua camisa.

Ele conteve o fôlego enquanto ela tirava suavemente sua camisa, mas não disse uma palavra.

Era a segunda vez que ela o via com o torso descoberto. A visão de seu peito nu, parcialmente recoberto com um pelo eriçado, distraiu—a por uns instantes. Ele era seu amante, pensou. Tinha direito a vê—lo assim.

Com um grande esforço conseguiu recuperar a concentração e em seguida enrolou a larga tira de tecido úmido em torno das costelas de Adam. Este fez uma careta de dor e terminou o que restava do xerez.

—Machuquei você? —perguntou ela angustiada.

—Não, o unguento está frio, isso é tudo.

—Essa é uma de suas virtudes curativas. —Atou os extremos da tira com supremo cuidado— O frio ajuda a temperar o machucado.

Ele baixou o olhar e observou as mãos de Caroline trabalharem.

—Sua tia não usa arnica em seu unguento, não é?

—Não. Diz que embora seja muito eficaz para as contusões, é muito perigosa. Se caso se introduzir no organismo através de um corte ou uma ferida aberta, age como um veneno. Adam, estes homens que lhe atacaram... Acredita que tenham algo a ver com o assassinato?

—Estou quase seguro que não. Disseram—me que quem os contratou era o nosso velho conhecido, o homem de negócios com barba muito densa que coxeia ao andar.

—Mas e se...?

De improviso ele jogou para o lado a gaze que estava contra sua bochecha, agachou à cabeça e a beijou com uma veemência que a sacudiu até a ponta dos pés.

Quando ele ergueu por fim a cabeça, ela teve que apoiar—se em seus robustos ombros para recuperar o equilíbrio.

—Adam?

—Não deveria ter vindo. Deveria ter partido diretamente para casa.

—Não, está tudo bem — Pigarreou— Você e eu estamos envolvidos, não? Tem todo o direito a estar aqui.

—Ah, sim? —Tomou seu rosto entre as mãos— É verdade que tenho todo o direito a estar aqui com você, a sós? Diga—me a verdade Caroline.

—Sim... Sim – Engoliu saliva insegura a respeito do humor de Adam— Agora somos amantes.

—Amantes — Repetiu a palavra como se não soubesse com certeza o que significava— Sim, certamente que sou seu amante.

Beijou—a de novo. Desta vez quando elevou à cabeça ela mal podia respirar.

—Adam, de verdade não deve fazer grandes esforços — conseguiu balbuciar— Você passou por uma experiência muito dura.

—Desejo você.

Ela perdeu o fôlego por completo.

—Aqui? —murmurou— Agora?

—Aqui. Agora.

Caroline umedeceu os lábios.

—Ah.

—Disse que somos amantes – Separou com suavidade sua bata do pescoço e lhe beijou a curva do ombro— E isso é o que fazem os amantes: amor.

Ela olhou as estantes da parede que se encontravam atrás dele.

—Em... Em um estúdio?

—Em qualquer lugar que se preste a isso — Desabotoou o primeiro botão da bata— Os amantes devem aproveitar qualquer ocasião.

—Sim, suponho que isso é verdade, não? — ela titubeou impressionada por essa afirmação— Mas e se entrar alguém e nos surpreender aqui?

—Nós nos preocuparemos com esse problema quando ele aparecer. Beije—me Caroline.

Rodeou—lhe o pescoço com o braço timidamente, com medo de machucá—lo.

—Já disse que me beije — insistiu ele com um sussurro áspero, muito perto de sua boca.

Adam despendia ainda o penetrante aroma masculino de sua recente briga. Antes que ela percebesse, suas mãos a seguravam pela cintura, estava presa.

Ela acreditou que a deitaria sobre o tapete. Parecia—lhe o único lugar apropriado naquele local. Porém, encontrou—se sentada na beira da mesa do estúdio.

Quando lhe separou os joelhos e se colocou entre suas coxas, Caroline estava muito sobressaltada para protestar. Segundos depois, suas mãos a exploravam, acariciavam—na, provocando que se umedecesse e se excitasse.

Ele destilava uma tensão selvagem essa noite, mas também uma sensação de controle. Ela sempre se sentiria a salvo com ele, por muito intensa que fosse a paixão que fluía entre os dois.

Era uma sensação embriagadora e deliciosa.

Ele se despojou de suas calças. Ela rodeou sua virilidade com as mãos, familiarizando—se com sua forma e tamanho fascinantes.

—Assombra—me — murmurou deslumbrada.

Ele riu com voz grave e estimulante. Logo lhe fez algo com os dedos, verdadeiramente surpreendente.

Ela se contraiu por dentro até um grau insuportável, até que não aguentasse mais. Apertou—lhe os ombros.

—Adam.

Sem aviso prévio a crescente tensão acumulada em seu interior se dissolveu em uma série de pulsações enérgicas e convulsivas que a encheram de um prazer quase violento.

Antes que começasse sequer a recuperar—se, Adam lhe pôs as mãos nas nádegas e a penetrou com força.

Seu êxtase o estremeceu. Ela o ouviu reprimir um gemido de júbilo e ela experimentou outro tipo de prazer ao comprovar que ele tinha encontrado tal satisfação entre seus braços. Sem dúvida era um pensamento mesquinho, mas esperava de todo coração que ele nunca repetisse essa experiência com outra mulher.

Abraçou—o, aferrando—se a ele com as coxas até que o mundo voltou à normalidade.

Uma eternidade depois, Adam se levantou com uma inapetência evidente e se aplicou à tarefa colocar a roupa.

—Devo ir — disse depois de dar uma olhada para o relógio— Suas tias não demorarão a chegar, e não estou nas melhores condições para saudá—las.

—Me prometa que irá procurar um carro de ponto. Não quero que vá andando até sua casa.

Ele sorriu de orelha a orelha, rodeou—lhe a cintura com os braços, levantou—a da mesa e a depositou no chão, de pé.

—Asseguro que depois de um tônico tão revigorante, sinto—me do mais energizado.

—Mas e se esses dois homens tentarem atacá—lo novamente?

—Não acredito que voltem a aproximar—se em um futuro próximo. —Plantou—lhe um beijo na ponta do nariz e estendeu a mão para pegar sua camisa— Boa noite, minha doce Caroline. Virei vê—la amanhã.

Ela surpreendeu—se com sua mudança de humor. Era como se ele tivesse tomado um potente tônico ou elixir. Realmente podia o sexo produzir esse efeito em um homem?

Adam se afastava a grandes passos para a porta. Ela pôs—se a andar apressadamente atrás dele.

—Tome cuidado — implorou.

—É obvio — respondeu ele.

Seu tom pareceu a Caroline muito despreocupado para seu gosto. Mas não podia fazer grande coisa a respeito. Seguiu—o e o acompanhou até a porta.

Uma vez que Adam partiu, ela fechou a porta e reclinou seu corpo contra ela, aferrando o pomo entre as mãos.

Decididamente os homens eram muito estranhos.

Ao fim de um momento, retornou ao estúdio e se sentou à mesa. Repassou o que tinha escrito antes que Adam chegasse. Gostou menos que nunca. Por alguma razão, não podia permitir que Edmund Drake perdesse o controle de seus impulsos até o ponto de fazer mal à senhorita Lydia, nem que acreditasse que ela o tinha traído.

«Essa desculpa só vale para um selvagem ou um demente.»

Então lhe veio à memória o que ele havia perguntado quando lhe tinha enfaixado as costelas com gaze empapada no unguento de Emma.

«Sua tia não coloca arnica em seu unguento, não é?»

E sua própria resposta: «Não. Pois caso se introduza no organismo... Age como um veneno».

Veneno.

Se Edmund Drake estivesse sob os efeitos de um veneno, talvez pudesse comportar—se de forma estranha.

Tomou a pluma, tachou alguns parágrafos, e escreveu outros em seu lugar.

“ —Edmund me escute — suplicou Lydia— Comporta—te de um modo estranho. Acredito que foi envenenado.

Edmund ficou quieto enquanto recuperava a prudência e o senso comum.

—Envenenado? Mas como é possível?

—Os biscoitos — disse ela dirigindo a vista à bandeja que descansava sobre a mesa— Esse estado negro de ânimo começou recentemente, depois de comer isso.

—Que o diabo me leve, tem razão — Edmund meneou a cabeça, para livrar—se da bruma que lhe nublava o cérebro— Algo está errado. Não me sinto bem — ficou em pé e baixou os olhos para ela com horror crescente— O que é o que fiz? Perdoe— me, Lydia. Eu jamais te faria mal.

—Sei — Levantou—se alisando a saia apressadamente— Houve um grande mal—entendido. Explicarei—lhe isso tudo.”

Muito melhor, pensou Caroline.

Entretanto não podia seguir negando o óbvio. Edmund Drake estava convertendo—se a passos largos em um personagem heroico. Isto representava um grave problema. Caroline teria que encontrar um novo vilão o quanto antes. Restavam poucos capítulos para terminar a novela.

Capítulo 32

Pouco depois das onze da noite seguinte, Adam saiu dissimuladamente do buliçoso salão de baile. Cortou caminho rapidamente pelo corredor de serviço para percorrer a enorme casa e chegar a sua biblioteca.

A música e o murmúrio das vozes se apagaram gradualmente a suas costas. Julia tinha colhido outro êxito com esse baile, pensou Adam. Todas as fontes funcionavam, não tinham vazado água e as ruínas em sua forma final, tinham um aspecto extraordinariamente realista. Sem dúvida todas as futuras anfitriãs da cidade imitariam sua decoração de estilo vila romana.

Mas o aspecto mais satisfatório daquela noite, ao menos para ele, era Caroline. Estava radiante com um vestido granada elegantemente drapeado. Umas diminutas flores douradas cintilavam em seu cabelo penteado para cima.

Adam estava satisfeito por Caroline ter triunfado imediatamente nesse ambiente, não devido a sua relação com esta poderosa família, mas sim por ser a autora do livro *O cavalheiro Misterioso*. Uma multidão se congregou ao redor dela assim que fez sua entrada no salão de baile. Parecia que virtualmente todos os presentes queriam saber que terrível destino ela tinha reservado a Edmund Drake.

Abriu a porta da biblioteca e entrou.

—Recebi sua mensagem, Harold.

Harold Filby deixou de caminhar nervosamente de um lado a outro da estadia e se voltou para ele. Atrás dos óculos, seus olhos tinham uma expressão de inquietação pouco habitual nele.

—Lamento interromper sua noitada, senhor, mas cheguei a Londres recentemente e vim lhe ver imediatamente. Pensei que devia lhe transmitir meu descobrimento o quanto antes.

—Não se preocupe pela interrupção — Adam fechou a porta da biblioteca e cruzou o tapete— Asseguro que ninguém sentirá minha falta. A senhora Fordyce é a atração principal no salão de baile esta noite.

—Droga — Harold o observou com uma maior atenção— O que aconteceu com seu olho, senhor? Sofreu um acidente?

—É uma história complicada. Conto mais tarde.

Harold pigarreou.

—Sim, bom, temo que o que tenho que lhe comunicar corresponde à senhora Fordyce. Assim que recebi seu telegrama, saí rumo ao povoado de Chillingham. Não foi fácil, mas finalmente consegui averiguar os pormenores do escândalo em que ela se viu envolvida.

—Verdade? Com tudo o que está acontecendo, quase não lembrava que tinha enviado você para investigá—la. —Adam se apoiou na beira de sua escrivaninha e cruzou os braços— Bem? O que soube?

—Lamento lhe informar que os fatos em questão não são absolutamente corriqueiros. Estamos falando de uma intenção de assassinato, uma demente, um suicídio, as repercussões de uma relação amorosa ilícita e a reputação de uma dama.

Um calafrio remoeu as vísceras de Adam.

—Já vejo que a senhora Fordyce não se conforma com minhas medidas.

—Inteirei—me de uma série de fatos alarmantes, mas o mais importante no momento, é que há um cavalheiro comprometido.

—Imaginava, dada a natureza dos escândalos.

—É obvio. O mais inquietante é que o cavalheiro se chama Ivybridge.

Adam ficou petrificado.

—Conheço—o.

—Com efeito, senhor. Mas o assunto fica tão mais urgente porque ele e sua esposa se encontram agora na cidade. Estão bem relacionados socialmente. Lembre—se que todo mundo que é alguém na sociedade figura na lista de convidados de lady Southwood esta noite?

—Maldição — Adam se endireitou e se dirigiu à porta— Ivybridge poderia estar no salão de baile neste preciso instante. Tenho que encontrar Caroline antes que ele a encontre.

«Não se deixe levar pelo pânico — pensou Caroline— Ele não a viu.»

Cruzou com toda pressa as portas envidraçadas ao fundo do salão, e escapou para um pequeno terraço de pedra. Estava deserto. Entre as sombras do local mais afastado vislumbrou uns blocos de pedras falsas artisticamente dispostas e tampadas com uma cortina de veludo azul. Atrás de uma cortina recolhida com uma fita dourada, saía um suave borbulhar.

Esta guarnição assinalava um dos muitos reservados que Julia tinha preparado para seus convidados. Estavam espalhados

pelos jardins iluminados com pequenas lanternas ou cravados em terraços exteriores, como essa. Aqueles espaços isolados estavam destinados para o uso de casais ou de grupos pequenos que queriam escapar do ruído e da atividade do deslumbrante salão de baile.

Tal como Caroline esperava, este rincão em particular tinha passado inadvertido naquele recôndito terracinho.

Abaixou—se para passar por baixo da cortina de veludo azul e se encontrou em uma réplica em miniatura de um jardim romano. Um banco de madeira esculpido e uma pequena fonte decoravam a cena.

Caroline se deixou cair sobre o banco e se deu o luxo de respirar de novo. Por enquanto estava a salvo. Por sorte tinha avistado Ivybridge assim que tinha entrado no salão de baile com sua esposa. Mesmo que ele tivesse ouvido alguém comentar que a senhora Fordyce, a escritora achava—se presente, não teria relacionado esse nome a ela. Caroline tinha adotado seu novo nome depois dos acontecimentos em Chillingham.

Emma e Milly se encerraram à uma hora no salão de cartas. Teria que encontrar um modo de alertá—las da presença de Ivybridge para que as três pudessem escapular do baile antes que ele tropeçasse com alguma delas.

Então lhe ocorreu que devia fechar a cortina de veludo azul, de modo que desatou a fita dourada. A cortina se soltou e a deixou totalmente oculta. Se alguém conseguisse descobrir o pequeno refúgio, suporia que estava ocupado e partiria para outro lugar.

Obrigou—se a concentrar—se. O que necessitava agora era um plano. Devia enviar uma mensagem a Emma e Milly por meio de um dos criados, lhes indicando que se escorressem por uma

porta lateral. A seguir teria que informar de algum modo Adam de que se viu obrigada a ir embora cedo. Explicaria tudo no dia seguinte.

Uns passos suaves que soaram no terraço interromperam seus pensamentos. Assustada tentou não mover—se nem respirar. Ivybridge a teria descoberto e a tinha seguido?

—Espero que você não esteja tão cansada de dançar que não possa me conceder uma peça de valsa, senhora Fordyce — Adam afastou a cortina de veludo azul. Sorria levemente, mas a expressão de seus olhos era inescrutável naquela penumbra— Sei que você está muito solicitada esta noite, mas somos bons amigos, depois de tudo.

—Adam. —A sensação de alívio mesclada com a ansiedade lhe aceleraram o pulso. Ficou em pé de um salto— Graças a Deus que está aqui. Estou a ponto de armar um escândalo desastroso.

—Outro? Acumulam—se com tanta rapidez que temo perder a conta.

—Comparado com este, os outros parecerão insignificantes. Confia em mim se eu disser que é essencial que encontremos Emma e Milly o quanto antes. Devemos nos preparar para sair desta casa o mais discretamente possível.

—Pelo que me diz, dá a impressão que aconteceu outro incidente extraordinário — Sacudiu a cabeça ligeiramente desconcertado— Juro que minha vida se converteu em um folhetim desde que a conheci.

—Não é momento para brincadeiras, asseguro—lhe — Percebeu que por causa da inquietação estava agitando furiosamente seu leque dobrado. Envergonhada fez um esforço por

ficar quieta— Deveria ter contado toda a história antes, mas estivemos tão ocupados com os assassinatos, as médiuns e as outras coisas que não entrei em detalhes sobre o desastre de Chillingham.

—Não, parece—me que não o fez.

—Foi espantoso Adam, de verdade. E certa pessoa que foi a causadora de tudo, está nesta casa. Acabo de vê—lo. Se encontrar com minhas tias ou comigo, o escândalo em que estamos envolvidos agora será mil vezes pior.

—Devo supor que estamos falando de Ivybridge?

Ela ficou gelada.

—Ouvii falar de Ivybridge?

—Não estou a par de todos os pormenores da situação, mas entendi que é o cavalheiro que manchou sua honra quando ainda era a senhorita Connor.

—Santo céu, isso é assombroso. Como pode inteirar—se?

—Não foi fácil, sobre tudo tendo em conta que você me enganou deliberadamente ao mencionar Bath.

Invadiu—a o sentimento de culpa.

—Ah, sim, tinha esquecido. Peço desculpas, mas é que naquele momento não queria correr o risco de proporcionar—lhe muitas pistas, se por acaso se desse ao trabalho de você...

—De que eu não fosse confiar?

Ela ruborizou.

—Há alguns dias eu não o conhecia muito bem, e tinha que andar com cuidado.

—Compreendo — Inclinou a cabeça— Toda precaução é pouca quando a gente tenta ocultar o passado. Não sei se recorda, mas eu mesmo tenho um pouco de experiência nesse campo.

—Sim, é obvio. Agora mesmo estava tentando urdir um estratagema para escapular da casa com minhas tias. Como perito nestes assuntos, você poderia nos ser de grande ajuda.

—O que tinha pensado?

—Contemplava a possibilidade de sair pelo corredor de serviço.

—Que estranho. Eu contemplava a possibilidade de dançar uma valsa.

Ela cravou nele o olhar.

—Você bebeu Adam?

—Ainda não, mas dado o rumo que tomaram os acontecimentos, não seria de todo mau que eu recorresse a algum reconstituente antes que termine a noite.

—Não consigo entender por que insiste em levar na brincadeira esta situação tão grave. Garanto que se Emma, Milly e eu não conseguirmos escapar sem que Ivybridge nos veja, sua família e você acabarão implicados no pior escândalo que possa imaginar.

Ele descruzou os braços e passou as gemas dos dedos nos lábios para sossegá—la.

—Mas primeiro, dancemos uma valsa — disse.

Pegou—a pelo braço e a conduziu para fora da imitação de jardim romano. Ela falou para si mesma que tinha feito o que podia. Tinha tentado pô—lo de sobreaviso. Agora o destino de Adam estava em suas próprias mãos.

Quando chegaram ao salão de baile, sentiu que o braço dele, forte e firme, rodeava—lhe a cintura. Antes que se desse conta estava deslizando pela sala ao compasso embriagador de uma valsa.

Oxalá fosse um sonho, pensou ela. O cenário era o mais romântico. Adam apresentava um aspecto sensual, perturbador e perigosamente fascinante com seu traje formal de gala. Gotejava virilidade e uma sensação de controle que avivavam a consciência de Caroline de sua própria feminilidade.

Mas na realidade, era um pesadelo. Estavam atraindo todos os olhares. As pessoas tinham reparado que o misterioso senhor Hardesty tinha saído à pista com sua boa amiga, a escritora. Ivybridge não demoraria em descobri-la.

Quando o encontro se produziu, tudo aconteceu tão depressa e com tal precisão que Caroline soube que Adam o tinha planejado até o último detalhe.

Arrastou-a dançando, até deixá-la justo diante de um surpreso Ivybridge. Este ficou olhando Caroline boquiaberto como se um espírito tivesse se materializado diante dele.

—Ivybridge — disse Adam com uma despreocupação enganosa— Pareceu-me lhe ver antes.

Ivybridge tragou saliva e afastou seus assombrados olhos de Caroline.

—Hardesty — Distraiu-se momentaneamente ao fixar-se no rosto de Adam—Ora, caiu contra uma porta, senhor?

—Não, não foi algo tão simples — O sorriso de Adam poderia gelar até o fogo do inferno. Voltou-se para Caroline— Querida, deixe que lhe apresente ao senhor Ivybridge. Sua família tem certas propriedades em um povoado chamado Chillingham, se não me engano. Talvez tenha ouvido falar dele. Está muito perto de Bath. Ivybridge, esta é minha boa amiga, a senhora Fordyce. É uma

escritora que escreve umas novelas por capítulos estupendas. Sem dúvida, já terá ouvido falar.

Caroline viu que Ivybridge apertava os cantos dos olhos.

—Senhor Ivybridge — disse esforçando—se por dar a sua voz o timbre frio e distante que tinha empregado Adam.

Saltava à vista que a apresentação tinha pegado Ivybridge de surpresa. Inseguro em relação ao que devia responder optou pela saída fácil e saudou Caroline com uma breve inclinação de cabeça.

—Senhora Fordyce — murmurou ele.

—Vamos querida — Adam lhe apertou o braço com mais força— Parece—me que vejo minha irmã na porta da sala de jantar. Acredito que está nos chamando por gestos.

A seguir a levou através da multidão com tal rapidez que nem ela nem Ivybridge tiveram que despedir—se.

—Que demônios pensava conseguir com essa manobra? — sussurrou—lhe Caroline.

—Quando enfrento o inimigo, prefiro fazê—lo em umas circunstâncias de minha escolha, não da sua.

—É outra de suas normas?

—Sim.

—Adam não sei o que planeja, mas estou muito preocupada —disse com uma angústia crescente— Não tem ideia da enormidade do escândalo que se abate sobre mim.

—Estou seguro de que me inteirarei muito em breve. Descobri que a ação acontece rapidamente nos folhetins. Deste modo, ninguém se aborrece.

Deteve—se em frente a Julia, que conversava com um reduzido grupo de convidados.

—Ah, está aqui Adam — Julia dedicou um sorriso esplendoroso à Caroline— Os dois formavam um casal tão encantador na pista de dança...

—Deixo Caroline com você durante um momento, se não se importar — disse Adam— Tenho uns assuntos de que me ocupar na biblioteca.

—O que? Esta noite? —Julia lhe lançou um olhar de desaprovação— Vamos Adam, certamente que poderá postergar esses assuntos para amanhã.

—Temo que se trate de uns assuntos extremamente urgentes — Levou a mão de Caroline aos lábios e lhe plantou um beijo— Encarregue—se que Wilson dance com minha boa amiga, de acordo?

Julia pareceu compreender imediatamente que algo corria errado. Não lhe fez mais perguntas.

—Estou convencida de que tio Wilson adorará dançar com ela.

Caroline limpou a garganta.

—Agradeço sua consideração, mas agora mesmo não estou com humor para dançar.

—É uma pena — Wilson apareceu a seu lado— Estava desejando dançar uma valsa. Espero que você repense.

—Mas...

Era muito tarde. Ele já tinha tirado o braço de Caroline e a guiava por entre a multidão de volta para a pista de dança.

—Não sei o que pretendem vocês três — disse ela em voz baixa enquanto Wilson lhe rodeava cerimoniosamente a cintura com o braço— Mas lhe asseguro que só estão piorando as coisas.

—Reconheço que não tenho ideia do que acontece, Julia tampouco — respondeu Wilson imperturbável— Mas é óbvio que Adam tem a situação sob controle.

—Certamente acredita que a tem. O problema é que tampouco sabe o que acontece, ao menos não totalmente — Notou que estava ficando sem fôlego ao tentar seguir o passo surpreendentemente enérgico de Wilson— Está se formando outra tormenta gigantesca.

—Ah, sim? Será interessante ver se consegue superar a que já está caindo.

—Mas se Adam me disse que tem por norma não implicar— se em escândalos públicos...

—Adam tem uma lista muito longa de normas — repôs Wilson— mas evidentemente não explicou a mais importante.

—Qual é?

—Que toda regra tem sua exceção.

Capítulo 33

—Lamento ser portador de más notícias camarada — disse Ivybridge. Acomodou—se em uma das poltronas estofadas em couro e dirigiu a Adam um olhar de homem a homem— Mas somos membros do mesmo clube e todas essas coisas. Faltaria a meu dever se não lhe desse um par de conselhos sobre sua relação com a mulher que se diz chamar senhora Fordyce.

Adam se recostou em sua poltrona contemplando sua visita. Depois de retornar à biblioteca, tinha mandado Filby à outra estadia com uma garrafa de clarete e uns sanduíches procedentes do bufê. Continuando, sentou—se para esperar Ivybridge. Sua intuição lhe havia dito que não teria que esperar muito. Estava certo.

—Já sabe qual é o destino dos portadores de más notícias — assinalou Adam sem inflexão na voz.

Ivybridge pestanejou com o cenho ligeiramente franzido. Logo relaxou e soltou uma risada.

—Me agradecerá por lhe comunicar esta notícia, Hardesty.

—Ah, sim?

—Certamente. Ninguém gosta de fazer papel de tolo.

—Vejo que está muito ansioso para me contar a intriga.

—Não se trata de uma intriga, senhor. O que estou a ponto de lhe contar são fatos. Para começar, a dama não se chama Fordyce — Ivybridge deu um olhar ávido à licoreira com brandy— Seu verdadeiro nome é Caroline Connor. Suspeito que inventou o pseudônimo de senhora Fordyce para ocultar seu passado.

Adam passou por cima a insinuação tão pouco sutil a respeito do brandy. Não tinha intenção de compartilhar seu excelente licor com um tipo como Ivybridge.

—Imagino que me revelará por que ela decidiu ocultar certos fatos — disse.

—Não lhe aborrecerei com todos os detalhes, mas posso lhe assegurar que a senhorita Connor se viu envolvida em um grande escândalo que deixou sua reputação no chão.

—Entendo.

—Devo dizer que me assombra saber que de algum modo conseguiu voltar para a vida com um nome novo. Por outra parte, sempre me pareceu uma mulher ardilosa.

Adam juntou os dedos.

—Eu a considero muito inteligente e cheia de recursos.

—Bom, essas são qualidades necessárias para uma aventureira de êxito, não? —Ivybridge riu— Reconheço que é uma criatura interessante, sempre e quando a gente esteja de humor para provar algo fora do normal. Mas não é precisamente um modelo de decoro feminino, né?

Adam meditou sobre os diversos métodos que poderia empregar para matar Ivybridge. Por desgraça, quase todos implicavam em deixar o tapete uma bagunça.

—Não é seu tipo? —perguntou em troca.

—Infelizmente temo que como resultado dos desafortunados sucessos de Chillingham ganhou uma reputação tal que nenhum cavalheiro pensaria sequer em apresentá-la a sua família — Ivybridge lhe dedicou uma piscada de cumplicidade— Certamente entende a que me refiro.

—Claro que entendo — respondeu Adam ponderando deixar—se tentar pela ponta extremamente afiada do abridor cartas de prata— Sugiro—lhe que voltemos para tema dos mensageiros mortos.

Ivybridge franziu o cenho, confuso.

—Como diz?

De repente a porta se abriu com tanta força que bateu na parede. Caroline entrou na sala com a saia cor vermelha viva ondeando atrás dela. Wilson a seguia aparentemente divertido.

—Querida — Adam ficou em pé— Que agradável surpresa.

Caroline fez caso omissso dele.

—Sabia que estaria aqui Ivybridge — Deteve—se em meio do tapete— O vi sair da sala de baile e adivinhei suas intenções. Estava morto de vontade de contar ao senhor Hardesty sua versão dos acontecimentos em Chillingham, não é verdade?

Ivybridge a escrutinou com um olhar zombador, sem incomodar—se em levantar—se. Logo se voltou para Adam.

—Como lhe dizia, não é precisamente um modelo de comportamento feminino.

Adam não prestou a menor atenção ao comentário.

—Por favor, sente—se, querida.

Ela não o ouviu, ou não queria sentar—se. Continuou olhando Ivybridge com uma expressão que gotejava raiva e desdém.

Adam fixou a vista em Wilson.

—Sinto muito — disse este animadamente. Não parecia muito preocupado— Não pude detê—la. Assim que viu que

Ivybridge abandonava o salão de baile, saiu correndo como um sabujo à caça de uma raposa.

«Devia ter imaginado», pensou Adam. Tão convencido como estava de ter a situação sob controle...

Rodeou a mesa lentamente até sua parte frontal e se apoiou nela. Colocou as mãos sobre as coxas e estudou seu reduzido público.

—Devo admitir que sinto certa curiosidade pelos acontecimentos que se produziram em Chillingham —disse com voz suave.

—Correram muitos rumores maliciosos, isso posso assegurar — comentou Ivybridge enigmaticamente.

Caroline se voltou rapidamente para Adam.

—Contarei com exatidão o que aconteceu.

A porta se abriu de novo antes que ela pudesse continuar. Julia e Richard entraram na biblioteca.

—Lady Southwood — Ivybridge ficou em pé de um salto em um grande alarde de deferência e fez uma profunda reverência a Julia— Senhora permita—me lhe sugerir que saia? Estou seguro de que não irá querer escutar esta conversa tão desagradável. Seus delicados nervos femininos...

—Não se preocupe com meus nervos, senhor Ivybridge — replicou Julia com frieza.

—Asseguro—lhe que minha esposa tem um excelente domínio de seus nervos, Ivybridge — Richard olhou Adam arqueando uma sobrancelha— Que demônios está acontecendo aqui?

—Caroline estava a ponto de nos dar os detalhes de um terrível escândalo em que se viu envolvida há três anos — explicou Adam.

—Que emocionante.

Julia se sentou e fixou o olhar nela, muito atenta.

—Não há nada como um bom escândalo — conveio Richard, e se postou perto do suporte da lareira.

A porta se abriu com brutalidade uma vez mais. Nesta ocasião Emma e Milly entraram como uma tempestade. Suas expressões passaram da preocupação à indignação quando repararam na presença de Ivybridge.

—O que faz aqui este filho de uma cadela? —perguntou Milly.

—Essa boca... — Ivybridge se mostrou extremamente indignado— Tentei lhe advertir, Hardesty — Acomodou—se de novo na poltrona— A família inteira carece do mínimo sentido de decoro.

Emma lhe lançou um olhar de puro ódio.

—Veio para tentar arruinar a vida de Caroline novamente, não é verdade?

—A senhora Fordyce se dispunha a nos contar toda a história — Richard incitou Caroline com um gesto— Por favor, continue.

Ivybridge apertou os lábios, irritado.

—Não sei o que pretende conseguir humilhando—se de forma tão brutal, senhorita Connor. Só conseguirá piorar as coisas.

Isto intrigou Julia.

—Esse é seu verdadeiro nome? Connor?

—Sim — respondeu Caroline.

—Prossiga — apressou— a Adam.

—Tentarei que meu relato do acontecido seja o mais breve possível — começou ela— O senhor Ivybridge tem um extenso imóvel nos subúrbios do povoado. Sua família possui terras na região há algum tempo.

—Seis gerações, para ser exatos — precisou Ivybridge com a arrogância de quem sabe que ocupa um dos degraus mais altos da escala social.

—Faz três anos, Ivybridge decidiu casar—se — continuou Caroline— Não era um segredo para ninguém do povoado que seu objetivo era encontrar uma esposa que lhe proporcionasse mais propriedades nos arredores de Chillingham. Assim, saiu em busca de uma esposa entre a aristocracia latifundiária local. Durante um tempo, cortejou a senhorita Aurora Kent, que pertencia à outra família bem situada da região. Entretanto por motivos pessoais, optou por não fazer uma proposta.

Ivybridge estalou a língua.

—As finanças da família não eram tão interessantes como pareciam — explicou em tom confidencial a Wilson e Adam.

—Em outras palavras, a herança da senhorita não estava à altura do que você esperava — disse Caroline glacialmente— Assim renunciou a ela e centrou seu interesse em outro objetivo.

—Minha preciosa Helen — conveyo Ivybridge sem dissimular sua satisfação— Resultou ser a mulher perfeita para mim.

—Não só era bonita, mas também, além disso, possuía uma propriedade que fazia limite com o imóvel de Ivybridge —disse

Caroline— Mas houve um pequeno problema com a senhorita Aurora Kent, que não gostou muito que a deixassem de lado.

Ivybridge fez uma careta.

—É evidente que minha mudança de planos afetou à dama de um modo bastante peculiar. Começou a mostrar um comportamento decididamente estranho. Inclusive chegou a apresentar—se em minha casa em duas ocasiões, e sozinha, além disso. Exigiu—me que dissesse a quem tinha elegido para substituí—la. Em sua segunda visita armou uma cena espantosa. Lançou—me ameaças.

Adam sentiu um nó no estômago.

—Aurora Kent estava desequilibrada mentalmente?

—Temo que sim — Ivybridge estremeceu— Salvei—me por um fio, asseguro. Quando penso no quão perto estive de me casar com essa mulher, ainda sinto calafrios.

—Ivybridge intuiu com bastante razão, que Aurora Kent não estava em seu juízo perfeito — disse Caroline— Quando ele retirou sua proposta, ela tornou—se obcecada. Ivybridge concluiu que seria um tanto imprudente lhe dizer o nome de sua prometida.

—Temia que fizesse algum mal a Helen — disse ele dirigindo—se de novo aos homens presentes na biblioteca para lhes pedir sua compreensão e sua aprovação— Não há dúvida de que meu dever era proteger minha futura esposa daquela alienada.

—De modo que deu meu nome a Aurora Kent em lugar do dela — As mãos enluvadas de Caroline se fecharam em punhos ao seu lado — Disse a essa pobre demente que tinha a intenção de casar—se comigo. E nem sequer teve a cortesia de me informar do que tinha feito.

O rosto de Ivybridge se crispou de ira.

—Como se atreve a me acusar de pô—la em perigo?

—Isso é precisamente o que fez — repôs Caroline— Queria vingar—se.

—Tolices — apressou—se a exclamar Ivybridge— Esta não é mais que outra de suas ficções.

Caroline permaneceu impassível.

—Você estava furioso porque eu tinha rechaçado suas insinuações lascivas. Assim que se apresentou a ocasião de me castigar por recusar sua repugnante oferta de me converter em sua amante, decidiu aproveitá—la.

—Como ousa me acusar de lhe fazer insinuações sem provocação prévia? —Ivybridge olhou Adam nervoso, e rapidamente afastou a vista— Você deu motivos para que eu lhe dispensasse meus cuidados com sua conduta tão pouco convencional. Sempre perambulava pela campina sozinha, sem a companhia de uma dama respeitável... O que ia pensar um cavalheiro?

Adam sentiu como se seus pulmões tivessem expulsado todo o oxigênio. Não se atrevia a mover—se. Sabia que se não mantivesse o controle nesse momento, certamente mataria Ivybridge.

—É certo que estava acostumada a dar longos passeios para pensar nas tramas e os detalhes de minhas histórias — admitiu Caroline. Apertou os lábios— No campo as coisas são diferentes. Os costumes são mais frouxos. Ninguém no povoado se fixava em mim, exceto você. E ficou furioso quando lhe cortei as asas. Mais tarde quando Aurora Kent deu amostras de estar convertendo—se em uma pessoa perigosa, colocou—me em seu ponto de mira.

—E o que aconteceu? —perguntou Julia.

—Aurora me seguiu uma tarde — disse Caroline — Juro, espreitava—me como se fosse uma caçadora e eu sua presa.

—Céu santo — sussurrou Julia.

Ivybridge pôs os olhos em branco.

—Que imaginação tão melodramática. Não é de espantar que a senhorita Connor chegasse a ser escritora de folhetins.

Caroline se voltou para Adam.

—Aurora aproximou—se de mim quando eu estava sentada ao pé de uma árvore tomando uns apontamentos. Imediatamente senti que algo ia terrivelmente mal. Ela ia vestida unicamente com uma camisola e um par de sapatos. Perguntei—lhe se estava bem. Ela não pareceu ouvir minha pergunta. Repetia as mesmas palavras uma e outra vez.

Adam não suportava o véu de terror com que a lembrança nublava os olhos de Caroline. Endireitou—se e se dirigiu onde ela estava de pé no centro da estadia. Posou as mãos com suavidade sobre seus ombros nus.

Ninguém se moveu nem falou. Inclusive Ivybridge parecia de repente embebido no relato.

—E o que dizia? —perguntou— Adam a Caroline lhe falando como se estivessem os dois sozinhos.

—Dizia: «Tem que desaparecer. Não vê? Ele voltará comigo se você desaparecer».

Ao repetir as palavras de Aurora, mudou a voz sutilmente convertendo—a em um sibilar horripilante. Adam se deu conta de que ela estava absorta na lembrança, revivendo um pesadelo. Notava a pele fria de seus ombros sob suas mãos. Com supremo

cuidado aumentou a pressão de seus dedos para que ela reparasse nele.

—O que ocorreu depois? —perguntou naquele silêncio cristalino.

Caroline o olhou como se ela estivesse presa em um torvelinho e ele tivesse uma corda que poderia tirá—la daí e pô—la a salvo.

—Trazia uma faca de trincar nas costas. De repente levantou—a e se equilibrou sobre mim. Tentou me matar Adam.

Ele a atraiu para si, abraçou—a e tentou lhe transmitir o calor de seu próprio corpo.

—Sobreviveu — murmurou—lhe ao ouvido balançando—a docemente— Sobreviveu. Está bem Caroline, tudo já passou.

—Dei meia volta e comecei a correr — sussurrou ela com a boca contra a jaqueta de Adam— Mas tropecei na bainha da saia e caí. Caí ao chão. Ela estava ali, quase em cima de mim. Aproximou a folha da faca à garganta, mas consegui rodar para um lado e me pôr de pé. Segui correndo.

—Caroline...

Emma começou a caminhar para ela, com o braço estendido.

Com a extremidade do olho Adam viu que Milly a segurava brandamente pelos ombros para detê—la.

Ivybridge soltou outro bufo de repugnância.

—Para informação de todos aqui presentes, jamais se encontrou faca alguma. Temo que se trate de outro produto da febril imaginação da senhorita Connor.

—Levantei a saia e fugi para o rio — prosseguiu Caroline como atordoada— Ela me seguia a todo momento. Muito perto. Eu

sabia que não poderia deixá—la para trás por causa do peso de meu vestido. Cheguei ao rio e comecei a cruzar a ponte. Mas ela estava a ponto de me alcançar.

Para Adam pareceu que Caroline estava muito tensa, como se ainda corresse para salvar a vida.

—E o que fez? —perguntou com severidade.

—Finalmente me lembrei da minha sombrinha. Ela estava presa na minha cintura por meio de uma trança ornamental que tia Emma e tia Milly haviam me presenteado no meu aniversário. Eu a soltei e parei no meio da ponte. Balancei a sombrinha como se fosse uma longa espada e dei um golpe no rosto de Aurora. Ela retrocedeu tentando proteger os olhos de forma instintiva suponho. Porém, perdeu o equilíbrio. A parte de trás de sua perna chocou—se com a mureta da ponte. Ela passou por cima da beirada da ponte e caiu no rio. A água era muito profunda, e ela não sabia nadar.

—Afogou—se? —perguntou Adam.

Ivybridge bufou.

—A coisa não terminou de maneira tão limpa e ordenada. Acontece que entre outras qualidades impróprias de uma dama, a senhorita Connor é uma excelente nadadora. Tirou a roupa até ficar de regata, deixando de lado todas as normas do decoro, meteu—se na água e arrastou à senhorita Kent até a beira. Um dos arrendatários de meu imóvel descobriu às duas mulheres ensopadas e em roupas íntimas. Um espetáculo escandaloso, asseguro. As pessoas falaram do episódio durante meses.

—E o que aconteceu com Aurora Kent? —perguntou Richard— Enviaram—na para um manicômio, não?

Caroline elevou a cabeça do ombro de Adam.

—Tirou sua vida nessa mesma tarde.

—Utilizou a pistola de seu pai para terminar o trabalho que o rio tinha deixado pela metade — disse Ivybridge com brutalidade— de maneira que o ridículo resgate da senhorita Connor revelou—se totalmente inútil.

—O que aconteceu com a faca? —inquiriu Adam.

—Aurora Kent a levava na mão quando caiu no rio — murmurou Caroline— Soltou debaixo da ponte onde a água é muito profunda. Suponho que continue ali, no limo do fundo.

—Isto causou um grande alvoroço, dou—lhes minha palavra — acrescentou Ivybridge— Por incrível que possa parecer, começaram a circular rumores de que a senhorita Connor e eu tínhamos mantido uma relação ilícita. Entre uma coisa e outra, a reputação da senhorita Connor acabou destroçada.

Richard retirou a mão do suporte da lareira e fez uma respeitosa reverência à Caroline.

—Seu heroísmo me comove profundamente, senhorita Connor.

Julia se levantou.

—E a mim também Caroline. Impressionou—me muito esta triste história. Em minha opinião não há indício de nobreza ou de honra nos atos de Ivybridge.

—Nunca gostei de você, Ivybridge —assinalou Wilson— Por favor, procure sua esposa no salão de baile e saia imediatamente. Já não é bem—vindo nesta casa.

O rosto de Ivybridge se contraiu em um gesto de incredulidade que logo deu lugar a uma preocupação crescente. Adam se precaveu de que o homem finalmente tinha compreendido

que seu papel naquele episódio de Chillingham não contava com a aprovação de nenhum dos presentes.

—Ei, espere um momento — Ivybridge ficou de pé atabalhoadamente— Eu tentava lhe fazer um favor, Hardesty. Se continuar a ofender à alta sociedade mantendo uma relação de caráter marcadamente pública com uma mulher implicada em um grande escândalo, isso é assunto dele.

—Tem razão — Adam soltou Caroline e pôs—se a andar para Ivybridge— É meu assunto. E há outro aspecto desta situação que faria bem ter em mente.

Ivybridge segurou nas costas da poltrona.

—A que se refere?

—Não só considero à senhorita Connor uma boa amiga, mas também espero que em seu devido momento, ela aceite minha proposta de matrimônio.

Ivybridge ficou boquiaberto. Adam ouviu Caroline soltar um leve chiado de estupefação. Achou interessante que ninguém mais na estadia se mostrasse absolutamente surpreso ante este anúncio.

Encarou Ivybridge.

—Estou seguro de que pode imaginar até que ponto me incomodaria que a senhorita Connor fosse objeto de comentários e fofocas humilhantes sobre os acontecimentos de Chillingham.

—Como se atreve a me ameaçar, senhor? — revidou Ivybridge.

—Incomodaria—me tanto, de fato, que não duvidaria em revelar a todos os repórteres intrépidos da cidade sua condição de investidor em certo estabelecimento.

Uma expressão de horror apareceu no rosto de Ivybridge.

—Não tenho ideia do que está falando.

—Uma coisa é um cavalheiro procurar distrações discretas em um bordel, e outra muito diferente que invista em um, não é verdade? Imagine o que pensarão seus amigos quando lerem na imprensa.

—Ouça, não sei o que insinua, mas lhe asseguro que não pode provar nada.

Adam estendeu as mãos.

—Isso é o mais surpreendente nos escândalos jornalísticos, não? Podem prejudicar seriamente a reputação de um cavalheiro e sua posição social sem necessidade de contribuir com provas ou dados concretos de nenhum tipo — Fez uma pausa— Mesmo assim, se for para ficar mais tranquilo, direi—lhe que posso proporcionar aos jornalistas provas suficientes.

—Não tenho intenção de falar com ninguém do passado da senhorita Connor — disse Ivybridge claramente alterado— Mas e minha esposa? Certamente que ela a reconheça.

—É altamente recomendável que não o faça — disse Adam— Se chegar até meus ouvidos o menor rumor sobre a relação da senhora Fordyce com o ocorrido em Chillingham há três anos, darei como certo que você é o responsável, e agirei em consequência disso.

—Não pode me culpar se alguém mais reconhecer à senhorita Connor e fizer correr o boato.

—Pelo contrário, não vacilarei em lhe culpar. Nem por um momento. Estou seguro de que pode convencer sua esposa da conveniência de não difundir rumores durante a hora do chá —

Adam deu uma olhada no relógio de pé— Tem cinco minutos para procurá—la e partir desta casa.

Aturdido Ivybridge se foi dando tropeções até a porta, abriu—a e saiu ao corredor com toda pressa.

O pequeno grupo que ficou na biblioteca caiu em um breve silêncio.

Milly o rompeu desdobrando o leque. Dedicou a Adam um sorriso de aprovação.

—Foi à cena mais interessante que vi em muito tempo, senhor — disse— Obrigado por fechar com chave de ouro uma noite tão agradável.

Emma deu um passo à frente.

—É verdade que possui informações comprometedoras sobre o investimento de Ivybridge em um bordel?

Foi Wilson quem respondeu depois de soltar uma risada.

—Tenho certeza, senhora. Adam conhece os segredos de todo mundo na alta sociedade.

—Certamente não me fará falta apagá—lo de nossa lista de convidados — disse Richard, e se dirigiu para a porta, de braço dado com Julia— Figurava nela só porque seu pai era um velho conhecido do meu. Mas como agora os dois cavalheiros estão mortos, não vejo necessidade de manter o contato com ele, e você, querida?

—Não, absolutamente — respondeu Julia.

—Vamos, devemos nos reunir com nossos convidados — Richard se deteve por uns instantes frente à porta e sorriu a Adam— Por certo, me permita desejar—lhe boa sorte com seus

planos de bodas, Hardesty. Já era hora de assentar a cabeça. Já não é um garotinho, sabe?

Adam inclinou a cabeça.

—Obrigado por me notificar de minha idade avançada, Southwood.

—Não tem importância. Considero meu dever como cunhado.

E saiu levando consigo Julia que estava rindo.

—Quero fazer minhas as palavras de Southwood a respeito do seu desejo de se casar Adam. —Wilson dedicou à Caroline um sorriso de gratidão— E devo acrescentar que fez uma excelente escolha no que se refere à noiva. Encaixará com perfeição na família.

Milly se abanava alegremente.

—É tudo tão romântico...

As sobrancelhas de Emma se juntaram em um gesto carrancudo.

—Falava a sério quando anunciou suas intenções a respeito da minha sobrinha, senhor Hardesty? Ou mencionou o tema do matrimônio só para intimidar Ivybridge?

—É obvio que falava a sério — Wilson tomou Emma pelo braço com uma mão, Milly com a outra, e se encaminhou à porta— Adam segue certas normas quando trata com uma dama. Acredite—me, não teria falado sobre matrimônio se suas intenções não fossem totalmente sérias.

Os três desapareceram pela porta.

Adam se encontrou a sós com Caroline.

—Adam...

Ela correu para ele e se jogou em seus braços. Estreitou—o contra si com tanta força que ele desejou que nunca o soltasse. Abraçou—a por sua vez, desfrutando com seu contato e seu calor vibrante e feminino.

—Não posso acreditar o que sua família e você acabam de fazer — sussurrou ela.

Ele sorriu lhe roçando o cabelo com os lábios. «Não sabe da missa a metade», pensou. As ameaças leves que tinham posto em fuga Ivybridge eram o de menos. Nos meses seguintes se faria justiça. Ivybridge descobriria lenta, mas seguramente, que já não figurava nas listas de algumas das anfitriãs mais importantes da alta sociedade. Já não o receberiam em alguns clubes. Finalmente pagaria muito caro o que tinha feito à Caroline. Mas não havia necessidade de afligi—la com os detalhes.

—Foi uma bobagem comparado com o que ele fez você passar — repôs em voz alta.

—Agradeço muito sua compreensão — Ela elevou a cabeça e se separou dele, a contra gosto— Por desgracia temo que em seu afã de sossegar Ivybridge, tenha levado as coisas muito longe.

—Maldição. Incomoda—me muito quando isso acontece.

Capítulo 34

Obviamente ele não estava entendendo a situação com a seriedade que merecia. Talvez, não tenha se dado conta das possíveis repercussões.

—Não tem graça Adam — reprovou—lhe— Sua família sabe quão sério é no cumprimento de suas normas.

Ele inclinou a cabeça.

—É verdade.

—Depois do que você acabou de dizer a Ivybridge, sem dúvida esperam nossa promessa de casamento. Sério, senhor, no que você estava pensando?

—Aparentemente estava pensando no matrimônio — Cruzou a estadia para a mesa e pegou a licoreira com brandy. As pequenas facetas de cristal esculpido cintilaram quando inclinou a garrafa sobre uma taça— Todo mundo, com a flagrante exceção de Ivybridge, parece acreditar que formamos um casal estupendo. — Fez uma pausa e levantou no alto a reluzente licoreira— Aceita um brandy?

—Não, obrigado. Um dos dois deve manter—se lúcido.

—Melhor que seja você. — Tomou uns quantos goles de brandy.

Ela girou sobre os saltos e começou a caminhar de um lado a outro da estadia lutando para pôr em ordem suas caóticas emoções.

—Por favor, não me interprete mal — disse atropeladamente— Estou muito agradecida pelo modo que lutou

com Ivybridge. De fato, não sei se um dia poderei pagá—lo por isso de algum jeito.

Pela primeira vez desde que Ivybridge partiu da biblioteca, Adam pareceu aborrecido.

—Não tem que me pagar nada – reagiu de maneira fria — Não me deve nada. Sou eu quem está em dívida com você por haver me proporcionado um álibi no caso do assassinato de Irene Toller.

—Tolices. Só disse a verdade.

Ele se encolheu de ombros.

—É o mesmo que eu acabo de fazer.

—Mas disse a Ivybridge que pensava em me propor matrimônio.

—Eu disse isso, não disse?

Ela suspirou.

—Sou consciente que tudo era parte de seu engenhoso plano para intimidá—lo. E não me cabe dúvida de que pensará duas vezes antes de fazer circular rumores sobre a suposta promessa do misterioso senhor Hardesty. Mas não tinha que chegar a esse extremo. Estou certa que estará de acordo comigo nisso. Ele já ficou trêmulo como uma folha quando mencionou seu vínculo com esse bordel.

Adam tomou outros goles de brandy pensativo.

—Obrigado. Tocar no assunto do seu vínculo com esse estabelecimento deu bom resultado, não é verdade?

—Foi uma jogada estratégica muito ardilosa — Deteve—se no fundo da estadia e começou a gesticular com o leque dobrado— Por outro lado, tudo o que faz está acostumado a ser

cuidadosamente planejado. Assim que demônios o impulsionou a dizer que pensava em pedir—me que casasse com você?

Adam apoiou—se na quina da mesa e bebeu mais brandy enquanto ruminava a pergunta.

—Provavelmente porque isso é justamente o que pretendo fazer — respondeu ao fim.

Ela sentiu como se alguém a tivesse colado ao chão. Não poderia mover—se mesmo que alguém gritasse «fogo!».

—Não o entendo — balbuciou enjoada— Pensava que nossa relação estivesse bem tal como estava.

—Questão de opinião, acredito.

Caroline sentiu seu coração apertado.

—Ah, entendo. Não tinha me dado conta de que não estava... Quer dizer, eu... Bom, suponho que minha falta de experiência prévia o tenha desiludido. Mas o asseguro que aprendo as coisas rapidamente.

Ele lançou—lhe um olhar enigmático.

—Diga—me a verdade Caroline. Está me utilizando só como fonte de inspiração para sua novela?

—Não — respondeu ela horrorizada— é obvio que não.

—Tem certeza?

—Absoluta.

—Então não sou apenas um brinquedo para você?

Ela notou que começava a inflamar—se. Seu rosto devia estar tão vermelho como seu vestido.

—Como pode insinuar sequer algo assim?

—Se for algo mais que um brinquedo ou uma fonte de inspiração para você, por que é tão contrária a falar de matrimônio?

«Porque você não parece capaz de me dizer que está perdidamente apaixonado por mim», pensou ela. Mas não se atrevia a expressá—lo em voz alta.

—Pois... —interrompeu—se tentando discorrer algum argumento que apelasse à faceta mais racional de Adam— O tempo é um fator importante, senhor. Estará de acordo comigo em que é muito cedo para nos expor esse tema. Afinal de contas, conhecemo—nos há poucos dias.

—Mas parece que nos damos muito bem... Ao menos é o que acreditam todos os outros.

«Damo—nos muito bem.» Não era precisamente uma declaração de amor eterno.

Ela pigarreou e tentou acalmar—se.

—Exatamente em que sentido nos damos muito bem?

Dedicou—lhe um sorriso sensual e pausado.

—Eu conheço seus segredos, e você os meus.

Isto a deixou aturdida por uns instantes, mas conseguiu aferrar—se aos últimos restos de pensamento lógico que restavam.

—Sim, bom, é possível que isso seja certo — admitiu— Mas acredita que isso seja motivo suficiente para nos casar?

—Neste caso concreto, sim, ao menos pelo que a mim diz respeito — Deixou a taça de brandy e se afastou da mesa — Mas asseguro que há outros aspectos nos quais também combinamos muito bem.

Deu um branco em Caroline.

—Como quais?

Ele aproximou—se com um aspecto ameaçador devido a seu olho arroxado e sua expressão séria e decidida.

—Neste sentido, por exemplo — sussurrou.

Colocou suas mãos com suma delicadeza em torno de seu pescoço nu e lhe inclinou a cabeça ligeiramente para beijá—la. Um estremecimento de emoção a percorreu. Este era sem dúvida o caminho para o desastre, recordou—se. Se tivesse querido conservar um mínimo de bom senso, teria se afastado dele nesse preciso momento, antes que os lábios dele roçassem os seus. Mas ela seguia sem poder separar os pés do chão. E depois foi muito tarde, porque ele se fundiu com ela em um beijo lento e abrasador que a derreteu por dentro e lhe acendeu o sangue.

Caroline não queria pensar na excessiva frieza de sua proposta de matrimônio. Preferia concentrar—se na sensação que lhe produzia estar entre seus braços.

Adam deslizou a língua pela beira de sua boca e muito levemente entre seus lábios. Ela se apertou contra ele e jogou os braços em seu pescoço. O excitante calor e a força de seu corpo a envolveram.

Ele aprofundou o beijo e o prolongou até que ela teve que segurar—se a ele para não cair.

Saber que ele a desejava com tal intensidade lhe infundia valor e esperança. Ela compreendia seu receio. Adam tinha aprendido a sobreviver por sua conta nas ruas e logo em um mundo luxuoso e superficial onde as pessoas tratavam o amor com irônico desdém, no melhor dos casos. Tinha aprendido bem a lição e tinha ditado suas próprias normas. Era de esperar que fosse extremamente cauteloso.

Ela era consciente de que corria um risco. Mas Adam valia à pena.

Soou uma batida discreta na porta.

Adam levantou a cabeça com o cenho levemente franzido.

—Deve ser Morton, e isso significa que se trata de algo importante. Desculpe—me, querida.

Aproximou—se da porta e a abriu. Caroline viu o imponente mordomo no corredor. Morton teve muito cuidado de não olhá—la. Ela o ouviu dizer algo a Adam em voz baixa e séria. Em resposta Adam lhe deu umas instruções diretas.

Quando se voltou para ela de novo e fechou a porta, ela soube imediatamente que algo tinha acontecido. A expressão de satisfação sensual se apagou por completo do rosto de Adam, que refletia em seu lugar a concentração própria de um caçador.

—O que aconteceu? —perguntou ela.

—Morton me trouxe uma mensagem de uma velha amiga minha chamada Florence Stotley. Graças a ela, tenho agora as pistas de Bess Whaley, a ajudante desaparecida de Irene Toller. Devo partir o quanto antes.

—Você vai ver Bess esta noite?

—Sim. — tirou a jaqueta com um movimento dos ombros— Não quero correr o risco de perdê—la de novo. Morton me trará outra jaqueta e um par de botas.

—Acredito que deveria ir com você para falar com a ajudante.

—Não há necessidade. O endereço que me deram corresponde a uma zona não muito recomendável da cidade.

—É óbvio que Bess fugiu por alguma razão. Certamente entrará em pânico quando o vir frente a sua porta a essa hora. Talvez minha presença a tranquilize um pouco.

Ele vacilou antes de assentir com a cabeça.

—Muito bem. Mandarei trazer seu xale.

Capítulo 35

O bairro que Bess Whaley tinha escolhido para esconder—se não estava na zona dos bordéis, mas tampouco era um lugar acolhedor àquela hora da noite. Adam indicou a Ned que detivesse a carruagem a certa distância da casa que procurava. Não queria arriscar—se a despertar Whaley antes do tempo com o estalo continuado das rodas e o tamborilar dos cascos do cavalo.

—Entendeu o que tem que fazer? —perguntou a Ned enquanto ajudava Caroline a desembarcar da carruagem.

—Sim, senhor.

Adam olhou Caroline.

—Tem certeza de que quer vir comigo?

—Já passamos por isso várias vezes Adam. Vou com você.

Abaixou—se para assegurar—se de que a longa saia de seu vestido estivesse grampeada e bem segura.

Ele esboçou um sorriso cheio de admiração por aquela mulher. Seu espírito o atraía do mesmo modo que o perfume caro atraía a outros. «O que não significa que ela não despeça também uma fragrância única e deliciosa», pensou ele divertido por seu próprio desconcerto.

Tal como tinha planejado apressadamente enquanto se dirigiam para o lugar onde estava morando Bess Whaley, guiou Caroline por uma passagem estreita até o beco que dava fundos ao edifício. Foi contando os pequenos jardins até chegar ao que se estendia frente à porta traseira do novo domicílio de Whaley.

Não foi difícil cruzar a grade. Ele e Caroline se ocultaram nas densas sombras, perto da porta de trás, e aguardaram.

Ao cabo de pouco tempo, a carruagem se aproximou com grande estrépito pela rua e parou frente à fachada principal. Ned tinha seguido as ordens ao pé da letra. Momentos depois Adam ouviu ao longe um golpe surdo que indicava que Ned tinha batido na porta dianteira.

Houve um longo silêncio. Adam se perguntou se tinha errado seus cálculos.

Uns passos apressados soaram no corredor traseiro. A porta da cozinha se abriu de repente. A luz da lua lhes permitiu distinguir uma mulher em bata e sapatilhas que saiu a toda pressa da casa para o jardim.

—Bess Whaley, suponho? —disse Adam cortando a sua frente.

Bess soltou um grito abafado e parou bruscamente.

—Afastes—se de mim. Por favor, não me faça mal. Não direi nenhuma só palavra.

—Calma Bess — disse Caroline com doçura— Sou a senhora Fordyce. Lembra—se de mim, não?

Bess se voltou para ela.

—Senhora Fordyce? De verdade é você?

—Sim. E este é meu ajudante, o senhor Grove. Assistiu comigo aquela sessão, recorda?

—O que fazem vocês aqui?

—Queremos ajudá—la — disse Caroline com voz tranquilizadora.

—Não entendo — Bess observou Adam com maior atenção— Quando ouvi a carruagem na rua, estava segura de que seria ele ou a polícia, e, para lhe ser totalmente sincera, não sei qual das duas possibilidades me parecia pior. Tinha tanto medo que um ou outro me encontrassem...

Caroline a tomou pela mão e a conduziu de retorno para a porta.

—Temos que falar. Faz frio, vamos para dentro.

Adam estava sentado em frente à pequena e limitada mesa de cozinha, junto a uma agitada Bess Whaley. Caroline tinha acendido um abajur e em seguida se pôs a transportar um bule e umas xícaras. Adam se perguntou se ela era consciente do espetáculo tão insólito que oferecia indo e vindo por aquela humilde cozinha com seu elegante vestido de baile e seus delicados sapatos. Em todo caso, não dava amostras de ter reparado nisso. Pelo contrário, parecia encontrar—se muito a vontade, como se o ato de preparar uma reconfortante xícara de chá a ex—governanta e ajudante de uma médium enganadora fosse a coisa mais normal do mundo.

—Diz você que esteve procurando à pessoa que matou a senhora Delmont e a senhora Toller?

As toscas feições de Bess adotaram uma expressão confusa.

—É uma pessoa muito perigosa, Bess —disse Adam— O melhor para todos os implicados é que alguém o descubra o quanto antes possível.

—Mas é que você não entende — repetiu Bess pela quinta ou sexta vez.

A frase começava a converter—se em uma ladainha.

—Então nos explique isso tudo, Bess. —Caroline pôs umas folhas de chá no bule— É importante que nos conte o que sabe sobre este assunto.

—Pode começar por nos esclarecer por que você fugiu quando mataram a senhora Toller — assinalou Adam— Você viu o assassino? Tem medo de que ele a tenha visto?

—Não — Bess titubeou— Não o vi. Não exatamente. Encontrei o corpo da senhora Toller muito cedo pela manhã, no dia seguinte quando cheguei para começar com minhas tarefas. A sala de espiritismo estava de pernas para o ar, mas me dei conta em seguida de que não a tinha matado um ladrão, pois não faltava nenhum de seus objetos de valor.

—Aguda observação — disse Adam.

—Sim, senhor. Obrigado, senhor. —Bess agarrou as lapelas da bata— Quando a encontrei, a senhora Toller ainda usava o vestido que pôs para dirigir a sessão. A porta principal não estava fechada com a chave.

—Ah, não? —perguntou Adam em voz baixa.

Bess o olhou com olhos angustiados.

—Ela tinha estado esperando por ele, sabe?

Caroline frente ao fogão ficou petrificada.

—A quem ela tinha estado esperando Bess?

—O seu amante, é claro — Bess encolheu os ombros— Nas noites em que esperava que ele fosse vê—la, sempre me pedia que partisse. Nas últimas semanas ele não apareceu muito por ali, mas essa noite, ela o esperava, disso estou segura.

—Quem é ele, Bess? —perguntou Adam.

O olhar de advertência que lhe lançou Caroline lhe deu a entender que tinha falado com muita brutalidade.

Bess abriu muito os olhos com renovada ansiedade.

—Já lhe disse que não sei senhor. Juro que não. Nunca o vi. Nem uma vez. Eram muito discretos. Segundo a senhora Toller, porque ele insistia nisso.

—Aqui tem seu chá, Bess. —Caroline deslizou para a mesa com a saia de seda ondeando ligeiramente e depositou a xícara cheia diante de Bess— Coloquei um pouco de açúcar e leite.

Distraída Bess soltou a bata e segurou a xícara com as duas mãos. Contemplou o chá como se nunca tivesse visto coisa parecida em sua vida.

—Obrigado, senhora — murmurou.

Caroline colocou uma xícara diante de Adam e se sentou em frente à Bess Whaley.

—Tome seu tempo, Bess, não há pressa. Diz que não conhece a identidade do amante da senhora Toller?

—Não, senhora — Bess tomou um tímido gole de chá. Isto pareceu serená—la— Para ele era muito importante que ela estivesse sozinha quando a visitava. Era muito exigente nesse aspecto.

—Como Toller sabia quando ele iria vê—la? —inquiriu Adam.

—Não sei senhor —respondeu Bess, perplexa— Mas de algum modo, ela sabia.

—Não enviava uma mensagem a sua casa para avisá—la? —perguntou Caroline.

Bess apertou os lábios e negou com a cabeça.

—Ao menos, nunca vi nenhuma mensagem.

—Mas você acredita que ele esteve ali na noite em que ela morreu e que foi ele quem a matou? —perguntou Adam.

—A única coisa que sei com certeza é que ela o esperava aquela noite — Bess tomou outro gole de chá— Estava zangada com ele. Suponho que brigaram e que ele a matou.

Adam se inclinou levemente para diante, observando o rosto de Bess a chamejante luz do abajur.

—Como sabe que a senhora Toller estava zangada com ele?

—Eu estava há anos trabalhando para ela. Cheguei a conhecê—la bastante bem. Comecei como sua governanta e ao final assumi as funções de sua assistente. Ela confiava muito em mim, sabe?

—Você a ajudava a preparar os truques criados para dar realismo a suas sessões — asseverou Adam.

Bess exalou um suspiro.

—Era um bom trabalho. Vou sentir saudade. Duvido muito que encontre outro tão bem pago.

Caroline deixou sua xícara de lado.

—Sabe por que a senhora Toller estava zangada com seu amante?

Bess soltou um bufo.

—Pelo motivo mais antigo do mundo.

Caroline arqueou as sobrancelhas.

—Descobriu que ele a enganava com outra?

—Sim, senhora — Bess bebeu um pouco mais de chá— E o pior de tudo, com sua competidora.

Adam bateu a xícara contra a mesa.

—Elizabeth Delmont.

—Sim, senhor — Bess sacudiu a cabeça com expressão triste— A senhora Toller passou chorando vários dias. Logo ficou muito séria e arisca. Eu sabia que tramava algo, mas acreditei que planejava encontrar—se com seu amante para lhe dizer que não ia aguentar suas infidelidades. Juro que nunca imaginei que pensasse fazer o que fez.

Adam novamente fez as conexões necessárias. Fixou a vista no rosto de Bess.

—Irene Toller assassinou Elizabeth Delmont, não é verdade? —disse.

—Sim, senhor — respondeu Bess, em uma voz apenas mais alta que um sussurro. Baixou o olhar para sua xícara meio vazia— Eu sempre fingi que não sabia. Tinha medo. Mantinha a boca fechada e me ocupava de meus afazeres como se nada tivesse acontecido.

—Como você chegou a essa conclusão? —perguntou Caroline.

—Aquela noite a senhora Toller me pediu que saísse. A princípio supus que seu amante lhe faria uma visita, mas quando cheguei a casa na manhã seguinte, me dei conta que ele não tinha estado ali.

—Como soube? —inquiriu Adam.

Bess encolheu os ombros para tirar importância de sua resposta.

—As governantas veem coisas que aos outros escapam. A senhora Toller e seu amigo levavam alguns meses reunindo—se de vez em quando para passar noites especiais. Tinham seus costumes.

—Como quais? —perguntou Caroline.

—Insignificâncias. Ela sempre tinha à mão uma garrafa do brandy preferido de seu amante. Estavam acostumados a beber antes de dedicar—se a questões mais pessoais. Sempre deixavam as taças que usavam na mesa do salão. Mas não havia nenhuma taça ali na manhã depois de que assassinaram a senhora Delmont.

—E que outras diferenças você notou? —perguntou Adam.

—A senhora Toller estava de camisola quando cheguei nesse dia, e se comportava de um modo muito estranho. Pensei que talvez tivesse sofrido um ataque de nervos ou algo assim. E sua cama estava feita. Ela era incapaz de fazer a cama. Duvido que tenha dormido aquela noite. Mas o que me deixou gelada foi o que observei em seu armário.

—O que viu? —quis saber Caroline.

—Não foi algo que vi, e sim, algo que não estava ali — Bess parecia muito consciente de sua própria sagacidade— Seu vestido novo tinha desaparecido. Era o seu favorito. E muito caro também. Tinha pagado por ele. Um vestido como esse não se desvanece no ar sem mais nem menos.

Caroline ficou tensa.

—O que aconteceu com ele?

—Fiz a ela exatamente a mesma pergunta — Bess dobrou as mãos sobre a mesa e abaixou a cabeça— A senhora Toller me respondeu que ele havia se danificado no dia anterior quando uma carruagem o salpicou de lodo. Disse que o tinha doado a uma casa de beneficência. Mas eu sabia que isso não era verdade. Ela nunca tinha doado um só níquel a uma organização benemerita desde que eu a conhecia. Dizia que eram todos uns farsantes.

—O que acredita que aconteceu ao vestido? —inquiriu Caroline.

—Ela o escondeu em um dos compartimentos secretos da sala de espiritismo — disse Bess contundentemente— Eu o encontrei por acaso quando estava ordenando a sala para a sessão que vocês assistiram. Não entendia o que o vestido estava fazendo no quarto secreto. Então vi as manchas de sangue seco na saia. Em seguida compreendi o que tinha feito à senhora Toller. Estava morta de medo, eu lhe asseguro.

—Não a culpo. —Caroline estremeceu.

—Sim, senhora. —Bess suspirou— Sabia que certamente teria que procurar um novo emprego.

—O que você fez com o vestido? —perguntou—lhe Adam.

—Eu o coloquei novamente no quarto secreto e depois fingi que nunca o tinha visto. —Bess encolheu os ombros— Duvido que ela tenha tido tempo de tirá—lo antes que a matassem. Certamente continua lá, a menos que a polícia o encontrou.

Ficaram sentados durante um momento, bebendo chá e olhando—se à luz do abajur.

Ele scrutinou o semblante da temerosa mulher.

—Você nos disse que fugiu na manhã que encontrou o corpo da senhora Toller porque tinha medo da polícia, tanto como do assassino.

—Sim, senhor — respondeu ela com desânimo— Aterrorizava—me que a polícia fosse pensar que eu tinha matado à senhora Toller depois de discutir com ela sobre meu salário. Os vizinhos nos ouviram. Mas também tinha medo que seu amante

decidisse que eu sabia muito sobre seus assuntos e viesse atrás de mim.

Adam segurou a xícara com mais força.

—Seus assuntos? Refere—se à trama fraudulenta de investimentos que dirigia a senhora Toller?

—Você já ouviu falar disso, não é verdade? —Bess parecia mais desgraçada que nunca— Tem razão, senhor. Por isso a senhora Toller e eu discutimos. Imaginei que ela tinha nas mãos um negócio rentável e que compartilhava parte dos benefícios com ele. Disse—lhe que como ajudante dela tinha direito a uma fatia do bolo. Ela me advertiu que mantivesse a boca fechada. Ameaçou despedir—me sem referências. Eu lhe respondi que se fizesse isso, divulgaria suas artimanhas. Foi uma discussão muito acalorada, assim suponho que algum vizinho tenha ouvido alguma coisa.

—Tenho mais algumas perguntas a fazer—lhe, Bess — anunciou Adam— E então, darei—lhe dinheiro suficiente para que tome um trem para onde quiser e se aloje ali até que encontremos o assassino da senhora Toller e o entreguemos à polícia.

Pela primeira vez Bess parecia cautelosamente esperançosa.

—Isso é muito amável de sua parte, senhor. Que mais quer saber?

—Tem ideia de por que o amante da senhora Toller a assassinou?

Bess titubeou.

—Estive remoendo sobre isso. Suponho que tenha sido por saber que ela havia matado a senhora Delmont e tinha medo de que pudesse fazer depois levada pela raiva. Talvez tivesse medo de que o pusesse em evidência e denunciasse a trama dos investimentos.

Como já lhe disse, o homem, quem quer que seja, era muito reservado.

—Poderia me dizer, por favor, o que foi exatamente que viu quando encontrou o corpo da senhora Toller? —pediu Adam.

Bess se esforçou por lembrar.

—Havia muito sangue. Ele esmagou o crânio dela, sabe? Estava deitada de costas. A seu lado havia um relógio de bolso no chão. A casa estava toda revirada. Lembro que pensei que era assim que os jornais haviam descrito a morte da senhora Delmont. Não entendia por que ele se preocupou tanto para que tudo parecesse igual.

—Viu algo próximo ou em cima do corpo que lhe parecesse fora do normal? —perguntou Adam— Alguma coisa como, por exemplo, joias de luto ou um véu?

Bess franziu o cenho.

—Não, senhor. Não vi nada semelhante.

—Uma última pergunta, Bess — disse Adam— Foi você quem enviou as mensagens à casa da senhora Fordyce, e a mim nos convocando à casa da senhora Toller na manhã seguinte ao assassinato?

Bess parecia perplexa.

—Não, senhor. Não mandei nenhuma mensagem. Estava muito ocupada fazendo as malas e tratando de encontrar um lugar onde me esconder.

Caroline subiu à carruagem e se sentou frente a Adam. Embargava—a uma sensação estranha, uma mistura inquietante de

emoção e esgotamento. Tentou pôr em ordem um torvelinho de pensamentos dispersos.

—Se Bess estiver certa, só resta concluir que a senhora Toller matou Elizabeth Delmont efetivamente, em um arrebatamento de raiva e ciúmes — disse— Mas o que a impulsionou não foi a inveja profissional, e sim um ciúmes de índole mais pessoal. Tinha descoberto que seu amante a enganava com outra mulher.

—Sim — Adam acomodou—se em seu assento taciturno— Deve ter sido Toller quem deixou o véu, o relógio quebrado e o broche de luto na cena do assassinato de Delmont. A pergunta é: por quê?

—Talvez esses objetos possuíssem um significado simbólico para ela. Mas nesse caso, quem os levou?

Adam a contemplou das sombras.

—O amante que era também seu sócio, talvez? Possivelmente tivesse um encontro com Delmont naquela mesma noite. Nesse caso, terá encontrado o véu e o broche sobre o cadáver, assim como eu os encontrei. Talvez temesse que se a polícia os descobrisse, fariam perguntas que não lhe conviria responder.

—Você quer dizer que talvez, essas respostas o teriam relacionado de algum modo com o crime?

—É a única possibilidade lógica que me ocorre, ao menos neste momento.

Caroline não pôde reprimir um bocejo.

—O que pensa fazer agora?

—Levá—la para casa e em seguida dormir um pouco. Foi uma noite muito longa.

Capítulo 36

Na última hora da tarde seguinte, chegou—lhe a mensagem de Bassingthorpe. O velho falsificador o recebeu em uma confortável casa encravada em uma ruela sem nome.

Bassingthorpe olhou Adam com os olhos entreabertos através de seus óculos e exalou um suspiro lento.

—Minha vista já não é o que era. Ultimamente deixo quase todos os trabalhos delicados nas mãos de meu neto. Tem talento, isso sim.

—Mas ainda fiscaliza o negócio, suponho — disse Adam.

—Certamente — Bassingthorpe soprou— Toda precaução é pouca nesta profissão. Estou ensinando a minha neta esse aspecto do negócio. Não é uma artista, mas tem cabeça para os números e o tipo de senso comum necessário para evitar as confusões.

—Então seu neto imprimiu os títulos de ações? —perguntou Adam.

—Sim. — afirmou Bassingthorpe com orgulho— Fez um trabalho magnífico em minha opinião. É tão bom como eu na sua idade.

—Quem me interessa é o cliente — disse Adam— Nos velhos tempos você sempre foi cuidadoso com suas transações.

Bassingthorpe elevou um dedo com um gesto didático.

—A primeira regra para alcançar o êxito nesta profissão é «Conheça seu cliente». Os que se deixam levar pela cobiça e

aceitam qualquer trabalho que lhes ofereçam só pelo dinheiro, são os que costumam acabar no cárcere.

—Tenho motivos para acreditar que a pessoa que lhe encomendou esses títulos de ações pode ter assassinado uma mulher, Irene Toller. A médium, para ser exato.

Bassingthorpe franziu o cenho.

—Ora. Está seguro disso?

—Não totalmente. Ainda estou na fase de investigação.

—Ah. —Bassingthorpe juntou os dedos com ar de sabedoria— Tenho muita experiência com os clientes, como bem sabe. Este não tinha pinta de assassino. Parecia mais um homem de negócios.

—Possivelmente tenha razão. De qualquer maneira, é um elo na cadeia que estou investigando. Interessa—me muito localizá—lo.

—Sabe que eu ficaria encantado em ajudá—lo. Devo a você um ou dois favores que me fez nos velhos tempos. Eu sempre saldo minhas dívidas.

—Eu agradeço muito, senhor —Adam apoiou os braços nas laterais da poltrona— Segundo a descrição que me proporcionaram, é um homem de barba cerrada e com uma claudicação pronunciada.

Bassingthorpe soltou uma risada.

—Sim, estava caracterizado assim quando se reuniu comigo, mas tomei minhas medidas habituais. Assegurei—me de que o encontro se produzisse em terreno neutro para que ele não se inteirasse de onde moro, e pedi a um dos ajudantes da oficina que o seguisse depois que chegamos a um acordo.

O rosto de Adam se iluminou com espera.

—O ajudante conseguiu cumprir com a tarefa?

—Claro. O jovem Harry procede de um bairro como aquele em que você cresceu Adam. Para seguir um homem pelas ruas, ninguém melhor que um moço que foi criado nelas, não acredita?

—O que descobriu o jovem Harry?

—Entre outras coisas, que seu homem é um ator consumado. Conservou seu disfarce até que entrou em sua casa pela porta traseira. Por outro lado, esse talento deve ser necessário para sua profissão.

—E a que se dedica exatamente? —perguntou Adam.

—Homem, pois ele trabalha no ramo da investigação psíquica. De fato, está lavrando uma reputação. Escutei que outra tarde fez uma atuação espetacular para a polícia. Assegurava que podia ajudá—los a identificar o criminoso que assassinou as médiuns.

—Entre, por favor, senhora Fordyce. — Durward Reed franqueou—lhe o acesso ao interior de seu escritório abarrotado e lhe indicou uma cadeira— Não tem ideia de quanto lhe agradeço que me dedique seu tempo hoje. Sou consciente de que você é uma pessoa extremamente ocupada por causa de suas novelas e... Isto... Em seus outros assuntos — Interrompeu—se ruborizado— Refiro—me às atividades sociais que sua relação com o senhor Hardesty lhe exige, é obvio.

—É obvio. —Caroline se sentou e arrumou as pesadas dobras de seu vestido verde. Fingiu não ter percebido a estupidez que tinha cometido Reed. Uma mulher envolvida em uma aventura amorosa com um cavalheiro rico e com fama de enigmático tinha que acostumar—se às indiscrições ocasionais de terceiros—

Agradou—me muito receber sua mensagem. Agradeço—lhe seu interesse por minhas novelas.

—Sim, é verdade. Sou um grande admirador de sua obra, tanto por minha condição de editor como de leitor. —Assinalou uma bandeja com um serviço de chá— Posso lhe servir uma xícara?

—Obrigado.

Enquanto ele se entretinha com o bule e duas xícaras, ela aproveitou a oportunidade para dar uma olhada no espaço. Não era muito diferente daquele que ocupava Spraggett, onde se viam esparramados papéis, livros e pastas. Uma prateleira estava completamente abarrotada de números velhos da New Dawn.

Uma fotografia da rainha ocupava lugar de destaque em uma parede.

—Minha esposa Sarah gostava muito de novelas. Estou seguro de que teria desfrutado com as suas — Reed depositou uma xícara de chá na mesa junto à Caroline— Era uma médium muito poderosa. Por desgraça, a perdi há vários anos. Um canalha assassino a atacou na manhã seguinte de nossa noite de bodas, enquanto ela passeava pelo parque do outro lado da rua.

—Lamento sua perda, senhor Reed.

—Obrigado. Meu desejo mais fervoroso é contatar—me com ela no Além. De fato, consagrei minha vida a esse projeto.

—Entendo — murmurou Caroline. Um calafrio lhe percorreu o corpo.

Com um movimento da mão ele assinalou o ambiente e a mansão gigantesca e lúgubre cujas paredes pareciam sufocá—los.

—Ela era a última sobrevivente de sua família. Esta casa era parte de sua herança. Permaneci aqui depois de sua morte porque estava seguro de que seria mais fácil a seu espírito retornar para onde havia sido o seu lar em vida.

—Compreendo.

—Como os anos passaram e não consegui me pôr em contato com ela, me lancei no estudo dos fenômenos psíquicos. Fundei a Sociedade e agora tento dar apoio aos médiuns e a outras pessoas interessadas nesse assunto. Tenho a esperança que alguém melhor dotado que eu me ajude a encontrar as respostas que procuro.

—Você fez uma grande contribuição à investigação psíquica de campo, senhor Reed. —Por cortesia tomou outro gole daquele chá tão forte. O leite e o açúcar o faziam palatável, mas com muita dificuldade.

Reed dobrou suas grossas mãos sobre a mesa. Caroline percebeu que usava abotoaduras de luto feitas de azeviche e prata.

—Tudo o que tenho feito desde a morte de Sarah foi motivado por minha esperança de me comunicar com ela — disse — Mas por enquanto, foi inútil.

—Talvez seja porque na realidade isso seja impossível — aventurou ela com o maior tato.

—Se fosse assim — repôs ele carrancudo — não existiriam os médiuns como a minha Sarah. Ela possuía realmente um dom assombroso, senhora Fordyce. Sei sem sombra de dúvida. Saber disso é o que me dá ânimo para seguir adiante afundando em todas as formas de investigação psíquica. Cedo ou tarde encontrarei um médium capaz de contatar—se com ela. Quando isso ocorrer, não

só poderei me comunicar com Sarah, mas também demonstrarei ao mundo que a investigação psíquica é um ramo legítimo da ciência.

—Sei que não está sozinho nesse convencimento, senhor — Fez uma pausa com delicadeza— E lhe desejo sucesso em seus estudos, mas entendi que me pediu que viesse aqui hoje para falar de assuntos mais mundanos, equivoco—me?

—Absolutamente mundanos senhora. Estive procurando uma maneira de ampliar o número de leitores da New Dawn, assim como dos membros da Sociedade. Tenho a firme crença que quanto mais pessoas estudando os fenômenos psíquicos, mais provável será que façamos um progresso importante.

—Isso parece razoável.

Ele se inclinou para diante com o semblante sério.

—Pensei que se New Dawn publicasse uma de suas novelas por capítulos, poderia atrair muitos leitores novos e possivelmente descobrir espíritas desconhecidos, mas com talento.

Ela tragou saliva e notou que tinha a garganta seca e irritada. Esperava não ter pegado um resfriado.

—Adula—me senhor Reed, mas acha que meu estilo de novela é apropriado para sua publicação?

—Você me disse que está documentando—se para sua próxima novela, em que aparecerão uma poderosa médium e diversos incidentes extraordinários relativos ao Além. Eu gostaria muito de lhe oferecer um contrato para publicar essa historia no New Dawn.

Ela tomou outro gole de chá para umedecer a boca e a língua que estavam estranhamente secas.

—É uma proposta interessante, senhor.

—Sou muito consciente de que seu editor atual lhe fará sem dúvida, uma oferta excelente para sua próxima novela. A única coisa que lhe peço é que me dê à oportunidade de lhe fazer uma oferta melhor. Confesso que não sei quanto pagam aos autores, mas não careço de recursos. Confio em que poderemos chegar a um acordo.

Soaram uns golpes discretos à porta.

Reed cortou sua exposição, irritado.

—Sim, Miller, o que acontece?

A porta se abriu. Um jovem de aspecto tímido saudou Caroline com uma inclinação de cabeça, como se desculpando, e logo pigarreou.

—Sinto lhe interromper, senhor, mas você me pediu que lhe avisasse quando chegasse o senhor Elsworth.

—Elsworth? —Reed se mostrou claramente aborrecido—
Está aqui?

—Sim, senhor. Diz que deseja falar—lhe dos preparativos para a recepção e a exibição desta noite. Ao que parece, quer introduzir algumas mudanças.

—Que inoportuno —Reed ficou em pé— São apenas pouco mais de três horas. Minha entrevista com Elsworth era às quatro.

—Quer que lhe peça que volte mais tarde?

—Não, não, mais vale não fazer nada que possa ofendê—lo. Esta instituição necessita de sua ilustre presença. Graças a ele gozamos de mais atenção e credibilidade que nunca — Reed rodeou seu escritório com pressa— Já sabe quão temperamental é.

—Sim, senhor. —Miller ficou quieto esperando instruções.

Reed se deteve junto à cadeira de Caroline.

—Senhora Fordyce, desculpa—me uns minutos? Elsworth às vezes é um homem de trato difícil.

—Compreendo — Uma leve sensação de náusea lhe revolveu o estômago. A pele ficou fria de repente— Talvez seja melhor que volte em outro momento.

—Não, por favor, espere aqui. Estarei de volta em seguida.

Reed se afastou pisando nos saltos de Miller, antes que ela pudesse inventar alguma desculpa para partir. A porta se fechou com firmeza.

Caroline ficou imóvel por uns instantes, respirando fundo e esperando que lhe assentasse o estômago. Baixou a vista para a xícara meio vazia de chá exageradamente doce e leitoso. Vieram—lhe à memória os artigos que tinha escrito a outra noite, depois que Adam partiu de seu estúdio: «*Comporta—se de um modo estranho...*”. *Acredito que foi envenenado*».

Impossível — pensou— Não deixe que sua imaginação de escritora se desboque. Reed não tem nenhum motivo para lhe fazer mal.

Mesmo assim, sentia—se estranha. Não desejava outra coisa que ir para casa, meter—se na cama, cobrir—se com as mantas e dormir.

Teve que lançar mão de todas as suas forças para levantar—se da cadeira. Durante uns poucos segundos permaneceu no centro da estadia desorientada, tentando manter o equilíbrio, tentando não sucumbir a seu mal—estar.

Fechou os olhos ao sofrer outra náusea. Quando a desagradável sensação melhorou, ela aspirou fundo, abriu os olhos e se voltou para a porta.

Ficou olhando uma fotografia. Não era a da rainha, e sim outra, pendurada na parede ao lado da porta. Até esse momento tinha estado sentada de costas para ela e não a tinha visto.

Era o retrato de uma jovem com um vestido elegante e um comprido véu branco. Seu formoso rosto tinha uma expressão de infelicidade, como se estivesse resignada a um destino desgraçado.

—Sarah Reed suponho — sussurrou Caroline— Foi uma médium de verdade? De verdade transpassava o véu para te comunicar com o Além?

O véu.

Havia algo nesse retrato...

A noiva levava o cabelo claro penteado na moda de uma década atrás.

Evidentemente Sarah Reed era loira, pensou Caroline. Por que lhe parecia importante isso?

Aproximou—se da fotografia como se algo externo a impulsionasse a isso. Custava—lhe um enorme esforço concentrar—se nos detalhes. Tanto o vestido como o véu de Sarah Reed era branco. Isso não tinha nada de estranho. Depois que a rainha decidiu vestir—se de branco para suas bodas com seu amado Albert, a cor se pôs bastante em moda entre as noivas. Muitas preferiam ainda outras cores, é obvio, mas o branco não era pouco comum.

Ao examinar o retrato com maior atenção, descobriu que Sarah Reed usava um broche no corpete de seu vestido. Parecia coberto de esmalte negro.

O medo se apropriou de Caroline. Embora seus pensamentos começassem a nublar ela conseguiu resgatar da bruma alguns dos

elementos que Adam tinha mencionado ao descrever o broche que tinha encontrado no corpete de Delmont. Era esmaltado em negro, disso não tinha dúvida. Ele havia dito que dentro havia uma fotografia de uma mulher vestida de branco... E uma mecha loira debaixo do cristal cinzelado.

Céu santo. O terror lhe gelou o sangue. Tinha que sair dali imediatamente.

A porta do gabinete se abriu antes que ela pudesse dar um só passo.

—Senhora Fordyce —Reed entrou na estadia com o cenho franzido de preocupação— Encontra—se bem?

—Não, estou indisposta. Por favor, desculpe—me — Pôs—se a andar para a saída lutando para não perder o equilíbrio— Devo ir para casa o quanto antes.

—Me permita que a ajude.

Reed fechou a porta e se aproximou dela com os braços estendidos.

—Não me toque — espetou tentando evitar suas mãos.

—Mas se não está bem, senhora Fordyce. Necessita ajuda.

—Não. Tenho que partir.

Mas agora a estadia dava voltas com mais violência. Uma escuridão densa e turva começava a ocultar todas as formas sólidas que lhe serviam para orientar—se. Tentou agarrar—se ao respaldo de uma cadeira, falhou e caiu de joelhos.

—Não se preocupe senhora Fordyce. Eu cuidarei de você.

Reed se agachou e a levantou nos braços. Seu corpo baixo, fornido e de costas largas tinha mais força do que ela imaginava.

Caroline abriu a boca para pedir ajuda aos gritos, mas aquela estranha névoa a envolveu por completo. De repente sentiu que flutuava à deriva em um vasto e desconhecido mar de vacuidade, não totalmente adormecida, mas tampouco acordada. Um mundo onírico.

Perguntou—se se esse seria Além.

Capítulo 37

Adam aguardou sua presa na quietude e na escuridão da estadia bem mobiliada. Ouviu que introduzia a chave na fechadura pouco depois das seis da tarde.

A porta se abriu. Elsworth passou ao interior e se dispôs a acender o abajur mais próximo.

Adam emergiu das sombras, agarrou—o pela parte de trás do casaco e o jogou contra a parede.

Elsworth soltou um grunhido profundo, ricocheteou nos painéis e caiu com força sobre um lado. Agitou—se freneticamente tentando ficar em pé.

—Se mover um só dedo, eu quebro você — Adam ameaçou.

Elsworth ficou petrificado, meio sentado e meio esparramado no chão.

—Hardesty? Qual a justificativa de tudo isso?

Adam acendeu o abajur.

—Em nome de dois assassinatos e um diário desaparecido.

—Perdeu o juízo, senhor? Como se atreve a invadir minha residência desta maneira e insinuar que estou comprometido em um assassinato?

—Quero respostas Elsworth, e as quero já! Diga—me tudo o que sabe sobre a morte de Irene Toller e Elizabeth Delmont.

—Apenas conhecia essas duas enganadoras. Não tive nada a ver com sua morte, e você não pode provar o contrário. Agora lhe recomendo que parta imediatamente ou chamarei um agente da

ordem. Tenho que preparar uma recepção e uma demonstração muito importantes para esta noite na Winterset House.

—Se não me disser o que quero saber, não só perderá a atuação desta noite, mas também me assegurarei de que sua carreira como o médium mais solicitado de Londres vá por água abaixo hoje mesmo.

Elsworth ficou olhando—o.

—Está ameaçando minha vida, senhor?

—No momento, só seu meio de vida. Mas posso mudar de ideia com facilidade.

—Ora — Elsworth relaxou visivelmente— Certamente você acredita que pode persuadir às pessoas de que não acredita em meus poderes? Nesse caso você é um néscio. As pessoas acreditam no que querem acreditar e no momento, quase toda Londres está encantada em acreditar que sou o parapsicólogo mais fenomenal que já existiu.

—Não me entendeu bem, Elsworth. Não tento pô—lo em evidência como espírita fraudulento, mas sim, como responsável por uma fraude financeira.

Adam pegou o envelope que tinha deixado em uma mesa há pouco tempo. Abriu, virou e deixou que os títulos de ações de Drexford & CO caíssem sobre o tapete.

Elsworth deu—lhes uma olhada incômodo.

—Onde conseguiu isto?

—Da gaveta inferior de seu escritório.

—Ouça, não sei o que lhe faz pensar que sei algo sobre esses títulos.

—O impressor que os confeccionou para você é um velho e confiável conhecido meu —explicou Adam— Além disso, é um tipo cauteloso. Mandou lhe seguir depois que vocês dois fecharam o acordo. Gosta de averiguar o melhor possível sobre seus clientes, sabe? Isto lhe dá certa margem de segurança.

Elsworth fez uma careta.

—Esse velho patife... Deveria ter imaginado que me faria uma jogada como esta. Pois não servirá a você de nada. Dificilmente o homem estará disposto a atestar contra mim. Ele mesmo tem muitos segredos para proteger.

—Não preciso de seu testemunho para acabar com sua carreira. Ao que parece, você não está consciente de que tenho certos poderes próprios.

Elsworth o olhou com receio.

—De que fala?

—Basta minha palavra sobre a autêntica natureza de suas operações comerciais Elsworth, para que todos os jornais da cidade se ecoem com entusiasmo da fraude financeira que você perpetrou com a ajuda das duas médiuns assassinadas.

—Não dispõe de provas — replicou Elsworth com voz débil.

—Você sabe tão bem como eu que as provas são ninharias quando se trata de vaziar um escândalo para a imprensa. Entretanto para lhe ser justo, o tumulto que levantarão essas revelações será a menor de suas preocupações.

—A que se refere?

—Me permita lhe recordar a posição que ocupo nos círculos elevados —disse Adam com suavidade— Não só administro uma fortuna, mas também sou o herdeiro de Wilson Grendon e tenho

uma relação estreita com o conde de Southwood. Prometo—lhe que antes que eu termine todas as portas importantes da alta sociedade lhe fecharão no nariz tão repentinamente e com tal força que as portadas retumbarão por toda a Inglaterra.

Elsworth refletiu sobre esta asseveração durante uns dois segundos.

—O que é exatamente o que quer saber? —perguntou com ar lento.

Adam elevou o diário que tinha achado oculto debaixo da cama.

—Só por curiosidade: onde encontrou isto? Registre a fundo a casa de Elizabeth Delmont aquela noite.

—Eu a revistei muito melhor que você, senhor. De fato, Delmont se considerava minha colega de profissão. Quando manifestei de passagem certo interesse em seus truques e artefatos, ela me revelou com orgulho seus segredos — Elsworth soltou um bufo típico de um cavalheiro— Queria me impressionar, e reconheço que era um pouco mais ardilosa que muitas de suas concorrentes. Tinha instalado vários armários e compartimentos ocultos. Um deles estava atrás de um candelabro de parede na sala de espiritismo. Foi aí onde encontrei o diário.

—Infelizmente passei por cima desse esconderijo em concreto — Adam baixou o diário— Se o tivesse encontrado nessa noite teria me economizado um montão de problemas. — Esquadrinhou o rosto de Elsworth— Como sabia onde encontrá-lo?

—Delmont havia me dito que acabava de cair em suas mãos um diário privado que se prestava para uma chantagem. Inclusive

se gabava disso. Como já lhe disse, queria que eu a tratasse de igual para igual, não como a uma humilde ajudante. Quando encontrei seu cadáver, decidi que talvez valesse à pena levar a cabo uma busca rápida em busca do diário. Reconheço que tinha despertado minha curiosidade em relação à possibilidade de fazer dinheiro fácil.

—E encontrou o diário.

—Sim, mas quando o li decidi que mais valia não utilizá-lo.

—O que o levou a essa conclusão?

—Ganho a vida com meu engenho —disse Elsworth com secura— Não sou tolo. Não queria correr o risco de extorquir um homem tão poderoso e perigoso como você, Hardesty. Mas você não me deixou alternativa quando decidiu investigar os assassinatos. Eu sabia que cedo ou tarde descobriria meu modesto, mas rentável plano de investimentos.

—Foi você quem enviou aqueles dois valentões para me ameaçar, não é verdade?

Elsworth encolheu os ombros.

—Estava desesperado. O diário era a única coisa que podia empregar contra você.

—Entendo que tenha ficado com o diário, mas por que levou o broche de luto e o véu?

Elsworth franziu o cenho com genuína confusão.

—Que broche? Que véu?

—O véu estava empapado de sangue da senhora Delmont. O broche estava decorado com esmalte negro e continha o retrato de uma jovem com um vestido e um véu brancos, além de uma mecha loira.

Elsworth ficou imóvel.

—Tem certeza?

—Sim. O véu e o broche estavam sobre o corpo de Delmont quando a encontrei. Estou seguro de que Toller os deixou lá de propósito, mas não sei por que nem onde os conseguiu.

—Conversei diversas vezes com Durward Reed em seu escritório de Winterset House — disse Elsworth com uma tensão patente na voz— Tem uma fotografia na parede junto à porta...

—Do que está falando?

—Temo que a situação seja muito pior do que você acredita.

Pouco tempo depois Adam estava batendo à porta do número 22 de Corley Lane. Recebeu—o a senhora Plummer. Quando lhe disse que queria ver Caroline, ela se mostrou desconcertada.

—Saiu esta tarde senhor. Recebeu uma nota do senhor Reed, da Sociedade de Investigações Psíquicas, em que dizia que queria lhe falar de um contrato para um de seus folhetins. Eu esperava que ela voltasse para casa mais cedo, mas não chegou. Deve ter se distraído.

Adam tentou conservar a calma.

—Alguma de suas tias está em casa?

—Não senhor. Foram jantar e jogar cartas com umas amigas. Não retornarão até mais tarde. Aconteceu alguma coisa, senhor Hardesty?

—Estou certo de que tudo vai bem, senhora Plummer.

Mas sabia que mentia. À senhora Plummer e a si mesmo.

Capítulo 38

Caroline recuperada por completo, tomou conhecimento que transcorreu um longo período de tempo.

Abriu os olhos e contemplou o teto escurecido pela noite, enquanto avaliava mentalmente seu estado físico.

Notou que a náusea tinha desaparecido.

Levantou—se com cautela e de repente recordou que Reed a tinha deitado em uma cama. Uma nova onda de medo a percorreu e lhe cortou a respiração. O que havia lhe ocorrido enquanto navegava por aquela bruma cinzenta?

Frenética apressou—se a ficar em pé junto à enorme cama. Experimentou um grande alívio ao notar o tato familiar de sua anágua e sua saia em torno das pernas. Seguia totalmente vestida. Suas meias estavam cuidadosamente seguras com as ligas, e os calções em seu lugar, tal como os usava ao sair de casa. Isto a reconfortou.

Esforçou—se para pensar atentamente em sua situação e evocar o acontecido enquanto flutuava naquele mundo espectral e nebuloso. Concluiu que se Reed tivesse abusado dela, ela lembraria. O chá adulterado com drogas não a tinha deixado totalmente inconsciente, certamente porque só tinha tomado uns goles. De fato guardava uma lembrança vaga do curioso decoro com que Reed a tinha estendido sobre a cama. Inclusive tinha tomado cuidado de lhe colocar a saia recatadamente ao redor dos tornozelos antes de deixá—la naquela estadia.

Girou sobre seus saltos examinando o quarto em penumbra. Tinha que sair dali antes que Reed retornasse.

Aproximou—se da porta e tentou abri—la com a ligeira esperança de que não estivesse fechada com chave. Naturalmente estava.

Uns ruídos tênues e surdos que denotavam grande atividade procediam de algum lugar situado muito a baixo. Ouvia—se música ao longe. A recepção organizada em honra de Julián Elsworth tinha começado.

Dirigiu—se rapidamente à janela e viu imediatamente que Reed tinha lacrado as janelas. Pelos pequenos cristais da vidraça chumbada conseguiu vislumbrar os vastos jardins desertos que se estendiam atrás do casarão. A luz da lua refletia—se na ligeira neblina.

Ela percebeu desalentada que se encontrava a grande distância do chão. A estadia em que estava presa se achava na planta superior da velha mansão.

Pedir ajuda aos gritos teria sido inútil, pois devido à grossura das paredes e ao ruído que reinava na planta baixa, ninguém a ouviria.

Virou—se devagar para estudar a estadia com maior atenção. A claridade que despendia a névoa iluminada pela luz do luar lhe permitiu ver a cama, um armário e uma cadeira. Não havia abajures, nem velas à vista.

Deu uns passos para o armário e o abriu supondo que estivesse vazio. Entretanto ficou muito impressionada quando posou o olhar no brilho inconfundível do cetim branco.

Tirou o vestido antiquado do armário e o sustentou no alto para inspecionar o corpete. E então com um estremecimento, reconheceu—o.

O vestido de noiva de Sarah Reed.

O véu comprido de encaixe descansava ordenadamente dobrado sobre uma das prateleiras do armário. Estava duro por causa das manchas de sangue seco. Caroline encontrou o broche de luto esmaltado de negro em uma gaveta junto a um par de luvas brancas.

Cedo ou tarde Reed retornaria. Teria que ter um plano. Então lhe veio à mente a palavra que Adam tinha empregado uma ou duas vezes para descrever os estranhos giros que tomava sua investigação. Havia dito algo como o que era o truque mais antigo e eficaz do mundo.

A distração.

Capítulo 39

Adam olhou Elsworth que estava sentado frente a ele na carruagem vestido com um traje formal de gala.

—Preciso criar uma distração — disse Adam— e você se encarregará disso. Duvido que haja alguém mais entendido que você nestas questões.

—Tomarei como um elogio — Elsworth arrumou a gravata borboleta branca— Mas tenha presente que inclusive o parapsicólogo mais afamado só tem êxito quando o público participa voluntariamente no jogo. Não me faço responsável pelo que possa ocorrer se Reed abandone minha atuação e descubra você bisbilhotando sua mansão.

—Você limite—se a desempenhar seu papel — Adam se deu umas batidinhas na jaqueta para apalpar a capa da adaga que levava por baixo, sua velha conhecida— Eu me ocuparei do meu.

—Muito bem. —Elsworth alisou as luvas, pegou seu casaco e desembarcou da carruagem. Titubeou por uns instantes— Embora não acredite desejo—lhe sorte, Hardesty. Devo reconhecer que fiquei aficionado com a obra da senhora Fordyce. Detestaria perder o final de *“O Cavalheiro Misterioso.”*

—Nesse caso assegure—se de realizar esta noite a atuação mais convincente de sua carreira Elsworth.

Este inclinou a cabeça, deu meia volta e se afastou para as luzes da grande mansão.

Adam pensou que se Caroline estava em poder de Reed, que era o mais provável, a teria escondida em algum lugar daquele edifício monumental.

Havia certamente outra possibilidade, mas se negava a contemplá—la. Levava meia hora tentando persuadir—se de que Reed não mataria Caroline, ao menos não antes de utilizá—la para seus estranhos fins, fossem quais fossem. Com toda a espera que suscitavam a recepção e a demonstração que Elsworth faria aquela noite, era de esperar que Reed não tivesse tempo para levar a cabo seu plano.

Adam aguardou até que viu o médium subir as escadas e desaparecer no vestíbulo bem iluminado da sede da Sociedade. Então desceu do carro de ponto, deu uma gorjeta ao chofer e se refugiou nas sombras de uma ruela próxima.

De sua posição deu outra olhada para Winterset House. O contraste entre as janelas bem iluminadas da planta baixa e a lúgubre escuridão sombria dos andares superiores lhe gelou a alma.

Caroline estava ali em cima, em algum lugar. Ele intuía.

Percorreu correndo à fria e úmida ruela.

Quando chegou ao outro extremo, o muro de pedras alto que rodeava os jardins da mansão se elevava bem acima dele na brumosa escuridão.

Há vários anos que não subia pelo muro de um jardim. Aliviou—lhe descobrir que não tinha perdido sua habilidade.

Sem estar engomada, o que daria a forma ampla e armada que tinha estado em moda há dez anos, a saia do vestido de bodas de Sarah Reed era leve e se enrugava no chão na sua parte inferior em torno dos pés de Caroline.

Entretanto umas anquinhas não só teria resultado perigosamente pesadas e difíceis de manejar, mas sim, teria ocupado muito espaço e teria delatado sua presença. Jamais lhe teria permitido esconder—se dentro do armário.

Tinha deixado entreabertas as portas do volumoso móvel. Através da estreita fresta via perfeitamente a porta do quarto e parte da cama com dossel. Quando Reed voltasse, ela teria que calcular o tempo de sua fuga com extremo cuidado para não estragar sua única possibilidade de escapar.

Tinha a impressão de que estava há séculos fechada no armário embora soubesse que na realidade, estava ali há apenas uma hora no máximo. Não se atrevia a mover—se. Não havia modo algum de saber quando Reed retornaria.

Permanecer de pé naquele espaço fechado começava a causar estragos tanto em seus nervos como em sua resistência. Recuperou—se dos piores efeitos da droga, mas seus sentidos não haviam voltado por completo à normalidade. Parecia—lhe que os sons distantes da concorrida recepção celebrada abaixo aumentavam e decresciam como uma maré horripilante e invisível. Uma sensação de irrealidade mórbida se apropriou dela. Perguntou—se se era consequência de estar usando o vestido de noiva de uma morta.

O ruído de ferro contra ferro a tirou de seu estranho sonho. O pulso acelerou e notou um suor frio na pele.

«Mantenha a calma – disse para si mesma — Não se esqueça de levantar a saia para que possa correr. Não deve tropeçar como há três anos. Não haverá uma segunda oportunidade.»

Através da estreita fresta entre os painéis do armário viu que a porta da estadia se abria. A luz de um abajur se derramou pelo chão.

—Já despertou minha querida senhora Fordyce? A recepção está em seu momento supremo lá embaixo. Elsworth é o centro da atenção, assim pude escapulir para ver como você está. Conforme me contaram essa droga que me vi obrigado a lhe dar pode resultar extremamente desagradável.

Reed entrou no quarto deixando a porta entreaberta a suas costas. Levava uma lâmpada a óleo em uma das mãos e uma pistola na outra.

—Vejo que ainda dorme. —aproximou—se da cama com o abajur no alto— Ou só está fingindo? De qualquer maneira não importa. Este desafortunado assunto logo terá acabado.

Virtualmente tinha chegado à cama. Por algum motivo se deteve. Caroline conteve o fôlego observando enquanto a luz da lâmpada iluminava as dobras de seu vestido verde. Fez o possível para acolchoar o corpete e a saia com o lençol amassado e uns travesseiros. Entretanto sabia que a artimanha não resistiria a um exame mais minucioso.

—É uma pena que você se deixasse seduzir por Hardesty até o extremo de acabar envolvida em um grande escândalo — comentou Reed avançando de novo— Acaso não lhe importa nada sua reputação? Sucumbiu a sua débil natureza feminina igual a Sarah, suponho. Não tenho palavras para lhe descrever à angústia e a raiva que me embargaram quando descobri em nossa noite de bodas que Sarah não era pura. Seu amante tinha morrido, sabe? Ela

jamais tinha falado dele. Mas o dia de nossas bodas levava um broche de luto sobre seu formoso vestido branco em honra a ele.

Chegou até a cama e parou.

—Quando compreendi até que ponto tinha me enganado, enlouqueci — prosseguiu— Estou convencido de que algum espírito tenebroso do Além me possuiu e me obrigou a enrolar o lenço em torno de seu precioso pescoço e a esticá—lo até que ela... —interrompeu—se de repente e recuperou a compostura— Mais tarde me invadiu uma enorme tristeza e me horrorizei pelo que tinha feito. Sabia que tinha que me desfazer do corpo para que ninguém se inteirasse do acontecido. Pouco depois da alvorada a vesti com seu melhor vestido de passeio e a levei nos braços ao parque do outro lado da rua. Tirei o broche e logo substituí a fotografia e a mecha de seu amante, por algumas dela. Mas já era muito tarde. Sua lembrança tinha começado a me atormentar.

Caroline viu que estendia o braço para o travesseiro que ela tinha colocado no lugar que teria ocupado sua cabeça quando ainda estava usando seu vestido.

—Mas é a você a quem estive esperando, a mulher que pode contatar com minha Sarah no Além. Agora sei. Quando você ultrapassar o véu, explicarei a ela que em nossa noite de bodas eu era outra pessoa, um homem possuído. Perdoará—me e me deixará em paz.

Afastou o travesseiro para o lado.

—Mas o que é isto?

Reed ficou olhando o vestido vazio. A incredulidade parecia havê—lo paralisado.

Não se apresentaria uma oportunidade melhor, pensou Caroline. Segurou as saias de cetim branco, abriu a porta do armário de um empurrão, saiu de um salto e correu para o corredor.

Reed se voltou lentamente confuso.

—Sarah? Não pode ser. Sarah!

Caroline cruzou a porta como uma exalação e se encontrou em um corredor sombrio. Um candelabro de parede emitia uma luz que iluminava duas fileiras de portas fechadas em cada lado do corredor.

Freneticamente olhou em ambas as direções procurando a escada principal, mas a única coisa que via era a interminável fileira de portas.

Ouviu uns passos atrás dela. Reed tinha saído de seu estupor e desorientação momentâneos e a estava perseguindo.

—Volte Sarah.

Ela tinha que escolher uma direção.

Guiando—se por seu instinto, girou à direita e começou a correr pelo corredor para a janela tenuemente iluminada que havia ao fundo. Se não desse com a escadaria principal, talvez encontrasse ao menos uma escada de serviço.

—Sarah pare. Tem que deixar que me explique. Não fui eu quem a matou. Estava possuído.

Caroline deu uma olhada por cima do ombro e viu Reed nas sombras, atrás dela.

—Me diga o que tenho que fazer para libertar—me de seu espírito — bramava ele— Está me deixando louco.

A pistola emitiu um estampido que retumbou no corredor. Caroline ouviu que um painel de madeira saltava feito pedaços em

algum lugar próximo. Já quase tinha chegado ao final do corredor e seguia sem ver o menor sinal de uma escada. Talvez fosse melhor abrir uma das portas para ver o que acontecia. Se conseguisse entrar em alguma dessas estadias e encontrar o modo de fechar a porta ganharia um pouco de tempo.

Por outro lado, voltaria a estar presa.

—Sarah!

Soou outro disparo. O cristal da janela que ela tinha diante partiu em mil pedaços.

Uma porta se abriu de repente no meio do corredor atrás de Caroline.

—Reed —gritou Adam— Pare ou será um homem morto.

—Hardesty.

Reed parou, girou sobre seus saltos e elevou a pistola para mirar Adam que estava só a uns passos dele.

—Não! —gritou Caroline.

Dessa distância Reed não podia errar o tiro.

Ela viu que o braço de Adam se movia rapidamente e com precisão como se estivesse jogando um objeto.

O aço resplandeceu por um instante à luz do farol.

Reed se contorceu violentamente. A pistola que empunhava disparou uma vez mais, mas o tiro deve ter saído muito desviado, pois Adam não se alterou.

Reed desabou de barriga para baixo e ficou inerte no frio chão.

Adam afastou a pistola com um chute e olhou Caroline.

—Está ferida? —perguntou com uma voz que parecia emanar das regiões mais gélidas do inferno.

—Não — Sem soltar saias nupciais ela retrocedeu deslizando devagar pelo corredor— Não, estou bem Adam. Ele não me machucou.

Estendeu—lhe a mão. Ela correu para ele em um torvelinho fantasmagórico de cetim branco. Quando chegou junto a Adam, ele a estreitou com força contra si.

Abraçou—a com veemência durante um longo momento. Logo a soltou e se agachou junto a Reed.

Caroline tinha acreditado que Reed estava morto, mas soltou um gemido quando Adam o virou de barriga para cima. Pela primeira vez Caroline viu o punho da faca que Reed tinha enterrado no peito.

Este abriu os olhos e elevou o olhar para Caroline.

—Sarah. Perseguiu—me durante todos estes anos. Agora por fim, reunirei—me contigo no Além.

Reed fechou os olhos. Já não voltou a abri—los.

Capítulo 40

Na tarde seguinte estavam sentados juntos na biblioteca de Laxton Square. Adam servia umas taças de brandy para Wilson, Richard, Elsworth e para si. Caroline, Julia, Emma e Milly se conformaram com um pouco de chá.

Adam examinou dissimuladamente o rosto de Caroline enquanto devolvia a licoreira a seu lugar. Embora ela tivesse os olhos escurecidos, e suas feições acusassem a tensão produzida pelos terríveis acontecimentos da noite anterior, ele notava que a chama de seu espírito forte e tenaz ainda brilhava com uma luz intensa. Estava repondo—se a passos largos.

Em troca, ele não estava tão convencido de seu próprio progresso nesse sentido. Suspeitava que os pesadelos desses últimos momentos no corredor de Winterset House o assaltariam durante anos.

Se tivesse chegado só uns segundos mais tarde, ou se não tivesse topado com esse lance da escada de serviço...

«Não pense nisso. Ficaré louco.»

Tomou uns goles do forte brandy e se sentou atrás de sua mesa.

—Foi o fato de que Toller e Delmont tivessem entendimentos com Reed e Elsworth o que complicou a situação — explicou aos outros— Parece que Elsworth tinha concordado em uma relação exclusivamente de negócios com várias médiuns, inclusive Toller e Delmont.

—Pois sim, meus acordos com elas jamais foram em frente — Elsworth bebeu um gole de brandy e baixou a taça— Por princípio não estou acostumado a manter idílios com minhas sócias. Sei por experiência que essas aventuras sempre acabam em desastres financeiros.

Caroline o olhou.

—Você sabia que o senhor Reed havia estabelecido um vínculo mais íntimo tanto com Delmont como com Toller?

—Tinha minhas suspeitas —admitiu Elsworth— Parecia— me que Reed era muito generoso ao permitir que Toller desse publicidade aos seus serviços de aficionada à essas ridículas demonstrações de escrita mediúnica na sede da Sociedade. Por outro lado, também suspeitava que sua relação estivesse chegando rapidamente ao fim. Reed prestava cada vez mais atenção à Delmont.

—Alguma vez pediu a você que dirigisse uma sessão para tentar ficar em contato com sua esposa morta? —perguntou Julia.

—Não. —Elsworth agitou o brandy em sua taça— Deixei muito claro desde o começo que não me comunico com os mortos. Meus poderes são de um tipo bem diferente.

Richard lhe dirigiu um olhar de ceticismo.

—Por pura curiosidade, com quantos outros espíritos de Londres se associou para levar a cabo seu plano de investimentos?

Elsworth arrumou—se para adotar um ar de inocente e ofendido.

—Não pode me pedir que revele um segredo profissional, senhor.

Adam se voltou para ele.

—Elsworth concordou, não obstante, a devolver aos clientes de Delmont e de Toller o dinheiro que lhe deram para investir. Estou correto, senhor?

Elsworth suspirou.

—Assim é.

Wilson tamborilou com os dedos sobre o braço de couro da sua poltrona.

—Se Toller e Delmont eram tão ineptas como espíritas, por que Reed as apoiava?

Elsworth enrugou seu elegante nariz em um gesto de repugnância.

—Reed era surpreendentemente obtuso nessas questões. O idiota não sabia reconhecer um farsante quando o via. Recordo—lhes que inclusive se casou com uma médium e acreditava de verdade em seus poderes.

Adam levantou o pesado volume que descansava sobre o escritório.

—Este é o diário pessoal de Reed. Encontrei—o em seu estúdio esta manhã quando me reuni ali com a polícia. Ao que parece para Reed interessavam muito pouco os homens espíritas. Tinha chegado à conclusão de que uma mulher teria melhores possibilidades de contatar com o espírito de sua esposa.

Elsworth encolheu os ombros.

—A maioria das pessoas do campo da investigação psíquica está convencida de que as mulheres possuem em geral, maior capacidade para comunicar—se com o Além.

Adam virou um par de páginas, detendo—se em nomes e datas.

—Pelo visto Reed se enredou com algumas médiuns atraentes nos últimos anos. Não oculta o fato de que estabelecia um vínculo íntimo com cada uma delas porque acreditava que essas relações intensificavam seus poderes de espírita.

Caroline estremeceu.

—É uma crença comum em certos círculos.

Adam virou outra página.

—Depois de um período adequado de sedução e avaliação, por assim dizê—lo, submetia a médium à prova final no quarto que antes era ocupado por Sarah. Estava convencido de que seu espírito morava nessa estadia. Se a médium não passasse na prova, ele se concentrava em outra candidata.

—Assassinou Sarah nesse mesmo quarto em sua noite de bodas — sussurrou Caroline.

Adam assentiu com a cabeça.

—Segundo o diário, ele vestiu o cadáver e o levou ao parque para que o encontrassem ali na manhã seguinte. Nenhum dos criados informou sobre seu desaparecimento na manhã seguinte, porque acreditavam que ela, como qualquer recém casada, estava tão afetada pelos acontecimentos traumáticos de sua noite de bodas que tinha dormido até tarde para recuperar—se. Depois deram por certo que tinha saído de casa inadvertidamente para dar um passeio.

Julia inclinou a cabeça ligeiramente.

—Reed não era certamente o mais bonito ou charmoso dos homens. Pergunto—me por que Toller, Delmont e as outras espíritas que contratava aceitavam de tão bom grado suas propostas?

—Havia certas vantagens indubitáveis para qualquer mulher médium que cercasse uma relação com Durward Reed — disse Elsworth com toda naturalidade— Quando alguma delas conseguia ganhar seu favor, beneficiava—se do patrocínio da Sociedade, o que por sua vez, aumentava sua reputação e seus ganhos.

—Sim, é obvio — murmurou Milly— Suponho que a motivação é compreensível.

—Trata—se de uma profissão muito competitiva — reconheceu Elsworth— Especialmente no degrau mais baixo.

—Mas Irene Toller cometeu o engano fatal de apaixonar—se por Reed — disse Caroline com voz suave— Quando descobriu que ele pensava deixá—la por Elizabeth Delmont, ficou destroçada e enfurecida.

—Suponho que a situação lhe parecia especialmente dolorosa porque havia algum tempo considerava Delmont uma rival profissional perigosa —observou Emma— Toller se sentiu despeitada.

—Conhecia bem Wintersett House, sobre tudo o quarto de Sarah Reed, já que tinha celebrado ali a sessão da prova final para Reed —prosseguiu Adam— Certamente subiu um dia sem que Reed se inteirasse e roubou o broche e o véu que ele guardava no armário.

Caroline assentiu com a cabeça.

—Os levou na noite em que assassinou Elizabeth Delmont e os deixou na cena do crime. É óbvio que tinham um significado para ela, pois tinham pertencido à defunta que Reed estava obcecado.

—E o relógio de bolso que apareceu junto ao corpo de Delmont? —perguntou Julia— Os jornais o mencionavam.

—Pertencia a Elizabeth Delmont — respondeu Adam— Era um presente de Reed. Sem dúvida Irene Toller sabia e o quebrou em um arrebatamento de fúria. Eu cheguei antes que todos na casa de Delmont nessa noite, depois que a assassina partiu. Quando a encontrei, o véu, o broche e o relógio ainda estavam ali.

—Reed foi o segundo a chegar —explicou Wilson— Sem dúvida lhe horrorizou encontrar o broche e o véu de sua esposa morta na cena do crime. Deve ter adivinhado imediatamente quem os roubou e assassinou Delmont. Levou o broche e o véu, mas deixou o relógio. Não significava nada para ele.

—Eu fui o último a chegar —interveio Elsworth— Ia visitá—la depois de passar uma longa vigília na cidade. Faltava pouco para o amanhecer.

—Por que diabos foi você a sua casa a essa hora tão inoportuna? —inquiriu Milly com evidente curiosidade.

—Eu tinha concluído que Delmont, a quem já tinha ensinado alguns truques, tivesse a intenção de pôr em marcha seu próprio plano financeiro sem minha ajuda. Eu queria que ela pensasse duas vezes. Pensava ameaçá—la levantando a lebre se ela tentasse montar um negócio por sua conta. Quando cheguei ali, a porta estava aberta. Entrei e topei com o cadáver.

—E com o diário de Maud — acrescentou Adam.

Elsworth agitou a mão como dizendo «e o que esperava?».

—Não acostumo desperdiçar as oportunidades que me apresentam. De todos os modos como já lhe disse, quando o li

decidi que não era um projeto que me interessasse levar adiante. Teria sido uma temeridade.

—Mas então já era muito tarde, não é verdade? —disse Milly alegremente— Você sabia que Adam estava em sua pista.

Elsworth fez uma careta.

—Quando o vi com a senhora Fordyce depois da exibição de Irene Toller, soube que estava exposto a uma situação desastrosa. Fiz o possível para desviar a atenção de todo o mundo e turvar as águas com aquela demonstração que orquestrei para a polícia. Estava convencido de que teria muita repercussão nos jornais. Quando a avistei entre o público aquele dia senhora Fordyce, tentei lhe advertir que corria perigo. Pensei que desse modo, conseguiria distraí—la, a você e também ao Hardesty. Ao ver que tudo fracassava, recorri a táticas mais radicais.

—Contratou dois malfeitores para que atacassem Adam — acusou Caroline.

—Sim, bom, o que posso dizer senhora? Estava desesperado.

—Reed estava ainda mais — continuou Adam— Segundo seu diário, apostava suas esperanças em que Elizabeth Delmont se revelasse como a médium capaz de contatar com o espírito de sua esposa. Mas antes que pudesse submetê—la à prova final no dormitório de Sarah, Toller a assassinou. Logo esta lhe enviou uma mensagem em que lhe ordenava que fosse vê—la. Ele suspeitava que Toller pretendesse extorqui—lo com a ameaça de divulgar a imprensa a história de suas sessões no quarto.

—Assim a matou — concluiu Julia— e fez com que a cena do crime se parecesse com a descrita nos jornais, consciente de que os jornalistas dariam muita importância às similitudes.

Adam assentiu.

—Após a morte de Delmont, Reed deduziu que o fato de que Caroline tivesse começado a frequentar recentemente a Winterset House não era uma mera coincidência. Acreditava que as forças psíquicas a tinham conduzido até ele com o fim de que pudesse utilizá-la para comunicar—se com Sarah. Ontem atraiu Caroline a sua armadilha.

Emma franziu o cenho.

—Não o entendo. Realmente esperava sequestrar Caroline, obrigá-la a participar de alguma espantosa sessão e sair—se bem? Certamente saberia que você investigaria seu desaparecimento, senhor Hardesty.

—Quando terminasse com Caroline pensava assassiná-la de forma parecida como tinham morrido as duas médiuns —disse Wilson apertando os lábios com raiva contida— Planejava deixar seu corpo junto com outro relógio de bolso quebrado na casa dela, com outras provas que incriminassem Adam.

Um calafrio sacudiu Julia.

—Certamente a notícia sobre o assassinato de uma escritora de folhetins nas mãos de seu amante teria tido muita repercussão na imprensa.

Milly estava horrorizada.

—De verdade esperava que semelhante artimanha desse resultado?

Elsworth negou com a cabeça.

—Você não entende como funciona a mente daqueles que estão dispostos a deixar de lado a lógica e o senso comum levados por seu desejo de acreditar na possibilidade de comunicar—se com

o Além. Confiem em mim se lhes disser que Reed era uma das pessoas mais crédulas que jamais conheci.

Caroline o olhou.

—Foi você quem enviou a Adam e a mim as mensagens que nos convocava à casa de Toller na manhã depois do seu assassinato?

—Não — Elsworth elevou ambas as mãos com as palmas para fora— Sou inocente desse pecado.

—Foi Reed quem os enviou — Adam fechou o diário — E também enviou um anônimo à polícia e a vários membros da imprensa. Queria causar um grande alvoroço.

—Sem dúvida esperava que lhe prendessem — disse Wilson— Ou no mínimo, que o convertessem em objeto de suspeitas e escândalos. Seu objetivo principal era abrir uma brecha entre Caroline e você. Supunha que ela se horrorizaria quando descobrisse que estava comprometido em um assassinato e que lhe voltaria às costas para proteger sua reputação.

Adam sorriu pausadamente a Caroline.

—É óbvio que o próprio Reed carecia de poderes psíquicos. Não previu que você me proporcionaria um álibi embora isso significasse expor—se a um escândalo ainda maior.

Pela primeira vez desde sua dura experiência em Winterset House, um brilho risonho apareceu nos olhos de Caroline.

—Evidentemente não sabia nada das escritoras de folhetins. Crescemos com esse tipo de coisas.

Capítulo 41

Um mês depois...

—Ora. —A estrepitosa exclamação de Wilson ressoou na sala de almoço. Jogou com força o exemplar do *Flying Intelligencer* sobre a mesa— Este é sem dúvida um giro inesperado dos acontecimentos.

Adam tirou um pouco de geleia de um pote com uma faca.

—É muito cedo para dar esses gritos. O que é o que lhe alarma tanto? Más notícias financeiras?

—Não estou interessado nas notícias financeiras. Trata—se de um assunto muito mais escandaloso — Wilson fincou o dedo indicador no jornal— Este é o último capítulo de “*O Cavalheiro Misterioso*.” Não vai acreditar nisso, mas Edmund Drake acabou sendo o herói.

Adam ficou rígido. Uma chama de esperança se avivou em seu interior. Baixou a faca com a qual se dispunha a passar a geleia em uma torrada.

—Pensava que Drake era o vilão da obra — disse com cautela.

—Eu também, como todos os que seguiam a história, suponho — Wilson esticou o braço para servir—se de café— Mas aí o tem. Acabo de ler o último capítulo, no qual Drake resgata à senhorita Lydia e desmascara esse dissimulado do Jonathan Saint Clare.

—Esse é o personagem que todo mundo acreditava que era o herói?

—Sim. Jamais gostei dele. É muito educado e insuportavelmente afetado. Um tipo muito aborrecido, em uma palavra. Deveria ter imaginado que Caroline nunca permitiria que se casasse com a senhorita Lydia. Drake era o homem ideal desde o começo.

—Edmund Drake se casa com a senhorita Lydia?

—Assim é —grunhiu Wilson— Realmente se apaixonam. Morro de curiosidade para saber o que Julia achou de tudo isso. Tenho certeza que todos os leitores de Londres ficaram surpresos e estupefatos esta manhã. Uma vez mais, a engenhosa senhora Fordyce nos emocionou com um incidente extraordinário, assim como inesperado. A mulher é brilhante, digo—lhe isso.

Adam tirou o guardanapo dos joelhos e o atirou em cima da mesa.

—Rogo—lhe que me desculpe senhor.

Ficou em pé e se encaminhou à porta.

—O que aconteceu? Aonde diabos vai Adam? Não acabou de tomar o café da manhã.

—Perdoe senhor, mas devo ir imediatamente. Reclama—me um assunto de vital importância que não posso demorar por mais tempo.

Wilson ficou piscando como uma coruja até que de repente sua expressão de perplexidade cedeu lugar a uma de satisfação.

Tomou o jornal de novo.

—Saúde Caroline por mim.

Ela se encontrava em seu estúdio desfrutando da cálida luz do sol que penetrava pela janela e tomando distraidamente algumas

notas para sua história seguinte quando Adam entrou na estadia. Elevou a vista cheia de interesse. Então se fixou em seu semblante. Seu olhar ardente lhe cortou a respiração.

—Aconteceu alguma coisa Adam? Parece um pouco febril.

Ele se aproximou com passos longos e decididos.

—Você converteu Edmund Drake no herói de sua história — disse.

—Sim. Por quê?

Ele se deteve frente a sua mesa, apoiou suas fortes mãos no tampo e se inclinou para frente.

—Por que o fez?

—Pensei que seria um giro surpreendente — respondeu ela prudentemente— Devo dizer que me surpreende que saiba como termina “*O Cavalheiro Misterioso.*” Pensava que tinha renunciado a segui—lo depois de ler aquele capítulo.

—Wilson me contou o último incidente extraordinário.

—Entendo. Posso perguntar—lhe por que tem tanto interesse no assunto? Digo principalmente porque você não lê esse tipo de romances.

Ele se endireitou e rodeou o escritório antes que ela adivinhasse o que se propunha. Agachou—se, tomou—a pelos ombros e a levantou da cadeira para pô—la de pé.

—Porque me dá a esperança de que você me ame tanto como eu amo você— disse.

O assombro e a alegria se apoderaram dela.

—Ama—me?

—Desde a primeira vez que a vi neste mesmo estúdio.

—Oh, Adam. Amo você com todo meu coração.

Jogou os braços no pescoço dele.

—Então acabará com meu sofrimento e casará comigo?

—Sim, é obvio. Não tinha certeza unicamente porque temia que tivesse me feito a proposta só porque suas normas lhe exigiam. Sei muito bem que sua nobreza o confere um estrito senso de responsabilidade.

—Caroline — disse ele sem alterar—se e com uma grande convicção— Amo você mais do que posso expressar com palavras, e a amarei pelo resto de minha vida e mais um pouco. Saber que conto com seu amor me converte no homem mais feliz do mundo. Mas devo dizer—lhe que não há nada de nobreza no que sinto por você. Eu a desejo desesperadamente. Mentiria, enganaria, roubaria e inclusive faria coisas piores para estar com você.

Ela riu.

—O que ocorre, senhor? Acaso lhe põe nervoso saber que tem alma de herói?

—Os heróis são para as novelas — Acariciou—lhe o lábio inferior com o polegar— Eu sou um homem. A única coisa que me importa é que me queira como uma mulher quer a um homem.

—Pelo resto de minha vida e mais um pouco — prometeu ela.

Adam a beijou ali debaixo da dourada luz do sol, estreitando—a com tanta força que todo o resto se apagou de sua mente.

O som de umas vozes conhecidas a devolveu à realidade.

—Bom dia, senhor Hardesty — disse Emma da porta— Um pouco cedo para esse tipo de coisas, não acredita?

Adam elevou a cabeça.

—Bom dia tenha você, senhora. Em resposta a sua pergunta, não, não é muito cedo para este tipo de coisas. Casualmente, tenho a intenção de me casar com Caroline e adquirir o costume de começar o dia de forma parecida.

—Que romântico.

Milly entrou a toda pressa na estadia com uma bandeja que depositou sobre uma mesa. Tomou o bule e olhou em torno de si curiosa.

—Alguém gostaria de um pouco de chá?

—Acredito que a todos viria bem uma xícara — disse Caroline do círculo que formavam os braços de Adam— Nesse momento Adam estava tentando me convencer de que não tem alma de herói.

—Bobagens. —Milly se sentou e serviu o chá em quatro xícaras — É óbvio que é um herói sem dúvida nenhuma.

—Essa é certamente a impressão que tenho — disse Emma aproximando uma cadeira.

O semblante de Adam denotava seu desconforto.

—Se trocassem de assunto estaria extremamente agradecido.

—Como quiser — disse Caroline— Na realidade, há outro assunto que me interessa de forma considerável. De fato, estava tomando umas notas para o primeiro capítulo de minha nova novela.

—A que trata dos fenômenos psíquicos? —perguntou Emma.

—Sim — Caroline deu um passo atrás e se dirigiu à sua mesa— Acredito que Adam voltará a me servir de fonte de inspiração.

—Por favor, querida... —grunhiu Adam.

—Tranquilize—se, senhor. Não são suas qualidades heróicas que pretendo elogiar desta vez.

—Minhas habilidades financeiras, talvez? —perguntou ele receoso.

Ela se sentou, tomou a pluma e deu umas batidinhas suaves no mata—borrão com a ponta.

—Não. Pensava mais em seus poderes psíquicos.

Adam ficou muito rígido.

—Meus o quê?

—Acredito que são evidentes.

—Evidentes para quem? Do que está falando?

—Pense nos fatos, senhor — Dedicou—lhe um sorriso tranquilizador— Em certos momentos críticos deste caso você se deixou guiar pela intuição de um modo que bem poderia qualificar—se de psíquico.

—Essa é a tolice mais...

Emma elevou um dedo.

—Acredito que Caroline tem razão, senhor.

—Certamente — conveyo Milly, assentindo com expressão de entendida.

—Desafio que mencione um só exemplo de meus supostos poderes psíquicos — resmungou ele.

—Desde o começo supôs que eu estava implicada neste assunto — disse Caroline— Se não tivesse chegado a essa conclusão, não teria vindo ver—me na manhã depois que assassinaram Elizabeth Delmont, e quem sabe o que teria sido de mim. Tudo aponta que Reed já via em mim como uma possível sucessora de Delmont.

—Um momento. Esse dia eu tinha uma razão perfeitamente lógica para vir — protestou Adam— Seu nome figurava na lista de assistentes na sessão de Delmont.

—Em seguida vem aquela noite que passamos juntos no quarto de Stone Street — prosseguiu Caroline— Se não tivesse escolhido essa noite para me seduzir...

—Maldita seja Caroline...

Adam olhou brevemente para Emma e para Milly horrorizado. Elas lhe sorriram. Notava um calor ardente nas maçãs do rosto.

—Há outros detalhes excelentes de seus poderes, senhor, mas o mais destacável é algo que você disse na noite que veio aqui após seu encontro com os rufiões enviados por Elsworth para que o atacassem.

Ele franziu o cenho.

—Não recordo haver dito nada de índole psíquica nessa noite.

—Você leu umas linhas que eu acabava de escrever — disse ela em voz baixa— Era a cena em que Edmund Drake se dispunha a forçar à senhorita Lydia. Expliquei que em um arrebatamento de fúria Drake tinha perdido o controle de suas paixões. Você disse que só um selvagem ou um demente usaria semelhante desculpa para agredir uma mulher.

—Bom, e o quê?

—Eu sabia que ao escrever essa cena, estava metida em um beco sem saída. Quando partiu a reescrevi. Não podia modificá—la por completo porque já tinha enviado o capítulo anterior ao senhor Spraggett — Fez uma pausa para dar mais peso a suas palavras—

Assim me via obrigada a idealizar outro motivo para justificar a conduta de Drake.

Adam a olhou desconcertado.

—O veneno — exclamou Emma.

—Claro, é obvio. —Milly estava encantada— Não sei como não tinha me ocorrido.

—Não lhe tinha ocorrido o quê? —quis saber Adam.

Ela soltou uma risada.

—Como resultado de seus agudos comentários sobre o texto senhor Hardesty, Caroline teve que pensar em outra explicação para os atos tão pouco cavalheirescos de Drake: os biscoitos envenenados.

—E que diabos tem a ver isso com todo o resto? —perguntou ele confuso.

—O dia que Reed me ofereceu uma xícara de chá em seu escritório, intuí que algo estava errado — disse Caroline— Graças a essa cena, passou—me pela cabeça a possibilidade de que Reed estivesse me envenenando, assim deixei a xícara depois de tomar um par de goles. Isso bastou para produzir uma sensação muito estranha durante um momento, mas ao menos não caí por completo sob os efeitos da droga. Pude correr para salvar a vida quando se apresentou a ocasião.

—O que proporcionou a você, senhor Hardesty, a oportunidade de matar Reed— finalizou Emma— Só Deus sabe como teria terminado tudo se ele tivesse podido usar Caroline como refém.

Ele cruzou os braços.

—E essa pequena coincidência a levou a concluir que tenho poderes psíquicos?

—A investigação psíquica está engatinhando — recordou— lhe Caroline muito séria— Ainda é muito pouco o que sabemos, e não podemos nem imaginar que descobrimentos se farão nesse campo.

—Esse é o raciocínio mais ilógico e fantasioso que ouvi em minha vida. —Em seus lábios se desenhou um de seus sorrisos característicos, pausados e surpreendentes— Mas dado que tenho a intenção de me casar com uma escritora de folhetins, suponho que mais vale que comece a me acostumar a esse tipo de coisas.

Ela sentiu uns calafrios familiares que lhe estimularam todos os sentidos.

—Certamente — assentiu— Mas não tema: acredito firmemente nos finais felizes.

Epílogo

O senhor Hardesty se casa com célebre escritora

Por Gilbert Otford

Correspondente do

The Flying Intelligencer

A senhora Fordyce renomada escritora, e o senhor Hardesty contraíram matrimônio em uma cerimônia luxuosa a que assistiram muitos dos membros mais destacados da alta sociedade.

Os fiéis leitores recordarão que os recém casados se viram envolvidos recentemente em um caso muito divulgado, relacionado com uma série de mortes violentas atribuídas por alguns, a causas sobrenaturais. De fato, durante um tempo as negras nuvens do escândalo e o assassinato pareciam concentrar—se sobre o casal, pondo em perigo sua felicidade futura.

Este correspondente sente prazer em informar, não obstante, de que o dia das bodas o sol brilhava esplendoroso para sublinhar o fato de que as sinistras ameaças do passado ficaram para trás, para sempre vencidas.

Todos os presentes concordaram que uma aura inconfundível de amor sincero e duradouro rodeava a radiante noiva e o orgulhoso e distinto noivo. Salta à vista que uma vida inteira de felicidade conjugal aguarda o casal.

—Assombroso. Este sim é um incidente extraordinário. —
Adam jogou o exemplar do Flying Intelligencer sobre a mesa de

noite, subiu a enorme e sombreada cama e tomou a uma risonha Caroline entre seus braços— Por uma vez, os jornais estão certos.

Fim

*Ebooks distribuídos sem fins lucrativos e de fãs
para fãs.*

*A comercialização deste produto é estritamente
proibida.*

